

Mariluci Cardoso de Vargas

DESAPARECIMENTO FORÇADO E JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO NA AMÉRICA LATINA: JUDICIALIZAÇÃO E ARQUIVOS

VERSIÓN BILINGUE

DESAPARICIÓN FORZADA Y
JUSTICIA DE TRANSICIÓN
EN AMÉRICA LATINA:
JUDICIALIZACIÓN Y ARCHIVOS



MEMORIAL DA ANISTIA

REDE LATINO-AMERICANA DE
Justiça de Transição





**Ministério da Justiça e Cidadania
Comissão de Anistia**

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Justiça e Cidadania
Alexandre de Moraes

Presidente da Comissão de Anistia
Almino Monteiro Álvares Afonso

Vice-Presidente da Comissão de Anistia
Grace Maria Fernandes Mendonça

Coordenadora-Geral do Memorial da Anistia Política do Brasil
Magally Dato Rodrigues

Conselheiros da Comissão de Anistia

Alberto Goldman	Henrique de Almeida Cardoso
Almino Monteiro Álvares Afonso	José Francisco Rezek
Amanda Flávio de Oliveira	José Rogério Cruz e Tucci
Ana Maria Lima de Oliveira Baia	Kaline Ferreira Davi
Arlindo Fernandes de Oliveira	Luiz Alberto Gurjão Sampaio de Cavalcante Rocha
Carlos Bastide Horbach	Marina da Silva Steinbruch
Carolina Cardoso Guimarães Lisboa	Mário Miranda de Albuquerque
Eneá de Stutz e Almeida	Marlon Alberto Weichert
Eunice Aparecida De Jesus Prudente	Nina Beatriz Stocco Ranieri
Fabiano Menke	Otavio Brito Lopes
Fernando Dias Menezes de Almeida	Paulo Lopo Saraiva
Floriano Peixoto de Azevedo Marques Neto	Rita Maria de Miranda Sipahi
George Rodrigo Bandeira Galindo	Rodrigo Gonçalves dos Santos
Gilda Portugal Gouveia	Vanda Davi Fernandes de Oliveira
Grace Maria Fernandes Mendonça	

Mariluci Cardoso de Vargas

DESAPARECIMENTO FORÇADO E JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO NA AMÉRICA LATINA: JUDICIALIZAÇÃO E ARQUIVOS



Florianópolis-SC, 2016



REDE LATINO-AMERICANA DE JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO 2016

Membros plenos

Centro de Análisis Forense y Ciencias Aplicadas (CAFCA) – Guatemala
Centro de Estudios Legales y Sociales (CELS) – Argentina
Centro de Estudos sobre Justiça de Transição (CTJ) – Brasil
Comissão de Anistia – Brasil
Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos – México
Facultad de Derecho de la Universidad del Rosario – Colômbia
Universidad del Rosario – Colômbia
Grupo de Estudos sobre Internacionalização do Direito e Justiça de Transição (IDEJUST) – Brasil
Instituto de Democracia y Derechos Humanos de la Pontificia Universidad Católica del Perú – Peru
Instituto de Derechos Humanos de la Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (IDHUCA) – El Salvador
Instituto de Pesquisas e Estudos Jurídicos do Centro de Estudos Superiores de Santa Catarina – Brasil
Memoria Abierta – Argentina
Núcleo de Preservação da Memória Política – Brasil
Observatorio de Justiça Transicional de la Universidad Diego Portales – Chile
Observatorio Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica – Uruguai
Observatorio Luz Ibarburu – Uruguai
Secretaria-Executiva da RLAJT (UnB/UFGM) – Brasil
Universidad de Lanus – Argentina

Membros afiliados

Antonio Coelho Pereira – Uruguai
Andres Del Rio Roldan – Universidade Federal Fluminense (Brasil)
Catalina Vallejo – CRITICTJ – Universidad de Los Andes (Colômbia)
Carlos Bravo Ramírez – CRITCTJ – Comisión Nacional de Derechos Humanos (México)
Eric Wiebelhaus-Brahm – University of Arkansas at Little Rock (Estados Unidos)
Francesca Lessa – University of Oxford (Reino Unido)
George Radics – CRITICTJ – National University of Singapore (Singapura)
Jo-Marie Burt – George Mason University (Estados Unidos) e Washigton Office on Latin America – WOLA (EUA e Peru)
José Benjamin Cuéllar Martínez – Universidad Centroamerica José Simeón Cañas (El Salvador)
Nina Schneider – Universität Konstanz (Alemanha)
Noemi Perez Vasquez – CRITICTJ – SOAS (Inglaterra/Venezuela)
Olga Prado Carcovich – Consultora da Comissão Nacional da Verdade, 2013-2014 (Brasil)
Ram Natarajan – CRITICTJ – University of Arkansas (Estados Unidos)
Rogelio Agustín Goiburú – Oficina de Memoria Histórica y Reparación (Paraguai)
Rosely A. Stefanos Pacheco – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Brasil)
Simone Rodrigues Pinto – Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade, UnB (Brasil)
Vanessa Dorneles Schinke – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (Brasil)

SECRETARIA-EXECUTIVA DA RLAJT (2016-2017)

Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Minas Gerais (CJT/UFGM)

Coordenação

Camila Prando (UnB)
Emílio Peluso Neder Meyer (UFGM)

Professores Pesquisadores

Cristiano Paixão (UnB)
José Otávio Nogueira Guimarães (UnB)
Liziane Guazina (UnB)
Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira (UFGM)

Pesquisadoras Reladoras

Claudia Paiva Carvalho (UnB)
Mariluci Cardoso Vargas (UFRGS)

Bolsistas

Ana Paula Duque (UnB)
Camilla Cristina Silva (UFOP)
Maria Pia Guerra (UnB)
Patrícia Cunegundes (UnB)
Vanuza Nunes (UFGM)

Estagiários

Felipe Guimarães Assis Tirado (UFGM)
Raquel Cristina Possolo Gonçalves (UFGM)

V297d Vargas, Mariluci Cardoso de

Desaparecimento forçado e justiça de transição na América Latina : judicialização e arquivos = Desaparición Forzada y justicia transicional em América Latina : judicialización y archivos / Mariluci Cardoso de Vargas; tradução Paula Zawadzki. – Florianópolis : Tribo da Ilha; Belo Horizonte: Projeto Memorial da Anistia; Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT); Centro de Estudos sobre Justiça de Transição, Universidade Federal de Minas Gerais (CJT/UFMG), Universidade de Brasília (UnB), 2016.
319p.

Versión bilingue
Inclui referências
ISBN: 978-85-62946-76-9

1. Desaparecimento forçado. 2. Justiça de transição – América Latina.
3. Judicialização. 4. Direitos Humanos – América Latina. 5. Direito Internacional.
6. Arquivos e arquivamento (Documentos). I. Zawadzki, Paula. II. Título.

CDU: 342.7(100)

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Esta publicação teve o apoio da Secretaria Executiva da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição, inserida no Projeto Memorial da Anistia (projeto Fundep 17.076), da Comissão de Anistia e da Universidade Federal de Minas Gerais, bem como da Fapemig (projeto OET-00610-16). A Secretaria Executiva da RLAJT tem sua sede, nos anos de 2016 e 2017, no Centro de Estudos sobre Justiça de Transição da UFMG e na UnB. As opiniões e dados contidos na obra são de responsabilidade das autores e não traduzem opiniões do Governo Federal.

Revisão

Emilio Peluso Neder Meyer

Lucía Guadalupe Chávez Vargas (equipe da Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos)

Tradução

Paula Zawadzki

Diagramação

Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha



EDITORA TRIBO DA ILHA

Rod. Virgílio Várzea, 1991 – Saco Grande

Florianópolis-SC – CEP 88032-001

e-mail: editoratribodailha@gmail.com

Fone: (48) 3238 1262 | 9122-3860

www.editoratribo.blogspot.com

Lista de siglas

ADIVIMA *Asociación para el Desarrollo Integral de las Víctimas de la violencia en las Verapaces*

ADPF Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

AG Assembleia Geral

ALN Ação Libertadora Nacional

APRODEH *Asociación Pro Derechos Humanos*

ASFADDES *Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos*

BNDG *Banco Nacional de Datos Genéticos*

CADHAC *Ciudadanos en Apoyo a los Derechos Humanos, A.C.*

CCAJAR *Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo*

CCJ *Comisión Colombiana de Juristas*

CEPAZ *Centro de Estudios y Acción para la Paz*

CEH *Comisión de Esclarecimiento Histórico*

CEJIL *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional*

CELS *Centro de Estudios Legales y Sociales*

CEMDP *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*

CICIG *Comisión Internacional contra la Impunidad en Guatemala*

CICR *Comité Internacional da Cruz Vermelha*

CICV *Comité Internacional de la Cruz Roja*

CIDFP/OEA *Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas*

CIDH *Comissão Interamericana de Direitos Humanos*

CIPPDF/ONU *Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados*

CJT *Centro de Estudos sobre Justiça de Transição*

CMDPDH *Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos*

CNB *Comisión Nacional de Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos durante el Conflicto Armado Interno*

CNMH *Centro Nacional de Memoria Histórica*

CNV *Comissão Nacional da Verdade*

COMISEDH *Comisión de Derechos Humanos*

COMPAZ *Comisión para la Paz*

CONADEP *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*

CONAVIP *Coordinadora Nacional de Víctimas de la Violencia*

COPACHI *Comité de Cooperación por la Paz en Chile*

Corte IDH *Corte Interamericana de Derechos Humanos*

CREOMPAZ *Comando Regional de Entrenamiento de Operaciones de Mantenimiento de Paz das Nações Unidas*

CS *Conselho de Segurança*

CVR *Comisión de la Verdad y Reconciliación*

DIDH *Direito Internacional dos Direitos Humanos*

DIH *Direito Internacional Humanitário*

DINA *Direção de Inteligência Internacional*

DPCDF *Declaração Sobre a Proteção de Todas as Pessoas Contra o Desaparecimento Forçado*

DPI *Direito Penal Internacional*

EAAF *Equipo Argentino de Antropología Forense*

EPAF *Equipo Peruano de Antropología Forense*

ER *Estatuto de Roma*

ESMA *Escuela Mecánica de la Armada*

FAFG *Fundación de Antropología Forense de Guatemala*

FAMDEGUA *Asociación Familiares de Detenidos Desaparecidos de Guatemala*

FARC-EP *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo*

FEDEFAM *Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos*

FEDEFAM *Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos*

FEMOSPP *Fiscalía Especial sobre los Movimientos Sociales y políticos del pasado*

GAM *Grupo de Apoyo Mutuo*

GIDH *Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos*

GTDFI *Grupo de Trabalho sobre os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de Pessoas das Nações Unidas*

GTNM/RJ *Grupo Tortura Nunca Mais no Rio de Janeiro*

IAIP *Instituto de Acceso a la Información Pública*

ICAED *International Coalition Against Enforced Disappearances*

IDHUCA *Instituto de Derechos Humanos de la Universidad Centroamericana José Simeón Cañas*

IDL *Instituto de Defensa Legal*

INDH *Instituto Nacional de DDHH*

OEA *Organização dos Estados Americanos*

OJTUDP *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales*

OLAP *Observatório Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica*

ONU *Organização das Nações Unidas*

PC do B *Partido Comunista do Brasil*

PCP-SL *Partido Comunista del Peru-Sendero Luminoso*

PNUD *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*

REMHI *Recuperación de la Memoria Histórica*

RLAJT *Rede Latino Americana de Justiça de Transição*

SML *Servicio Médico Legal*

TPI *Tribunal Penal Internacional*

UFMG *Universidade Federal de Minas Gerais*

UNB *Universidade de Brasília*

Desde el momento del secuestro, la víctima perdía todos los derechos; privada de toda comunicación con el mundo exterior, confinada en lugares desconocidos, sometida a suplicios infernales, ignorante de su destino, mediato o inmediato, susceptible de ser arrojada al río o al mar, con bloques de cemento en sus pies, o reducida a cenizas; seres que sin embargo no eran cosas, sino que conservaban atributos de la criatura humana: la sensibilidad para el tormento, la memoria de su madre o de su hijo o de su mujer, la infinita vergüenza por la violación en público; seres no sólo poseídos por esa infinita angustia y ese supremo pavor, sino, y quizás por eso mismo, guardando en algún rincón de su alma alguna descabellada esperanza.

(Prólogo Nunca Más, 1984)

Paz sin Desaparecidos, Paz con Verdad.

(Comisión de Búsqueda de Personas Desaparecidas,
Semana del detenido desaparecido, Colômbia, 2016)

*A todas as pessoas afetadas pelo desaparecimento
forçado, seus familiares e amigos*

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
PRÓLOGO	13
NOTA INTRODUTÓRIA	15
O desenvolvimento do desaparecimento forçado como um fenômeno de extermínio na América Latina	21
CAPÍTULO 1	
DESAPARECIMENTO FORÇADO E SUA CONCEITUAÇÃO JURÍDICA: CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO, A CARACTERIZAÇÃO, A PUNIÇÃO E A NÃO REPETIÇÃO	28
1.1 O crime de desaparecimento forçado no Direito Internacional	33
1.2 O desaparecimento forçado no Direito Internacional Humanitário.....	35
1.3 O desaparecimento forçado no Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH)	46
1.4 Direito Penal Internacional	59
1.5 Considerações finais	63
CAPÍTULO 2	
OS CASOS DE DESAPARECIMENTOS FORÇADOS NA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS E A RECEPÇÃO DAS SENTENÇAS CONDENATÓRIAS PELOS PAÍSES ESTUDADOS PELA RLAJT	65
2.1 Dos caminhos deste estudo e dos trâmites de uma ação até a admissibilidade da Corte IDH.....	65
2.2 O trabalho empírico com as sentenças condenatórias da Corte IDH.....	67
2.3 Peru, Guatemala e Colômbia: judicialização e arquivos	73
2.4 El Salvador, Argentina e México – judicialização e arquivos	93
2.5 Brasil e Uruguai – judicialização e arquivos	111
2.6 Chile – judicialização e arquivos.....	122
2.7 Considerações Finais	125
NOTA CONCLUSIVA SOBRE A PESQUISA RELATORIAL DESAPARECIMENTO FORÇADO: JUSTIÇA E ARQUIVOS	128
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS I	
Questionário desaparecimento forçado: judicialização	138
ANEXO II	
Questionário desaparecimento forçado: arquivos	146
ANEXO III	
Roteiro base de uma das entrevistas brasileiras: Victória Grabois	149
Roteiro base de uma das entrevistas em espanhol: José Pablo Baraybar	149
ANEXO IV	
Quadro de Resoluções de Supervisão de Cumprimento de Sentença para os casos de desaparecimentos forçados julgados pela Corte IDH dos países membros da RLAJT	151

Apresentação

O livro/relatório “Desaparecimento Forçado e justiça de transição na América Latina: judicialização e arquivos” é mais um importante fruto do trabalho desenvolvido no âmbito da Secretaria da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT). Durante o ano de 2015, a Secretaria da RLAJT teve sua sede dividida entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Duas consultorias foram contratadas com vistas a produzir estudos sobre dois temas escolhidos pelos membros da RLAJT: judicialização e arquivos. Carla Osimo e Shana Santos, publicaram, então, os trabalhos “Judicialização da Justiça de Transição na América Latina” e “Tratamento de Arquivos de Direitos Humanos na América Latina”, ambos em 2016. Os trabalhos fazem parte do acervo da RLAJT disponível em seu website (<http://rlajt.com/publicacoes/>).

Entretanto, durante a assembleia da RLAJT de 2015, decidiram as organizações que dela fazem parte que as temáticas de investigação para o ano de 2016 ainda teriam enfoque nas questões de judicialização e arquivos. Ainda que esta lente fosse mantida, entretanto, dois temas deveriam atravessá-las: os crimes sexuais e os crimes de desaparecimento forçado. Foi daí que a Secretaria da RLAJT, mediante edital público, selecionou a pesquisadora e doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mariluci Cardoso de Vargas, para que elaborasse o trabalho voltado ao crime de desaparecimento forçado.

Reconhecido pela normativa internacional como um crime contra a humanidade, o desaparecimento forçado consolidou-se na América Latina justamente nos períodos ditatoriais que a assolaram. A questão é que os aparatos de segurança (poucos deles, de fato, não mais aparatos repressivos) perpetuaram nos períodos democráticos a prática de tais crimes. Em uma situação como a atual, em que a instabilidade política e institucional parece ter retornado à cena em diversos contextos latino-americanos, uma rigorosa investigação sobre o desaparecimento forçado ganha mais importância.

O trabalho é dividido em dois capítulos. No primeiro deles, uma abordagem mais conceitual procura apresentar a categorização jurídica do crime de desaparecimento forçado e a crescente necessidade de sua investigação e punição. No segundo capítulo, a pesquisadora

adota uma perspectiva transnacional para tratar do modo como o Sistema Interamericano de Direitos Humanos enfrenta o crime. Nesse mesmo espaço, ela dialoga com todos os contextos latino-americanos representados na RLAJT: Peru, Guatemala, Colômbia, El Salvador, Argentina, México, Brasil, Uruguai e Chile. O trabalho é ainda integrado por anexos documentais que subsidiaram a pesquisa: questionários e entrevistas, assim como resoluções de supervisão de cumprimento de sentenças da Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Em 2016, a Secretaria da RLAJT foi abrigada dentro do projeto do Memorial da Anistia Política (projeto FUNDEP 17.076), conduzido pela Reitoria da UFMG e pela Comissão de Anistia. Como atesta o plano de trabalho do referido projeto, “O objeto do plano de trabalho do Memorial consiste na geração de conteúdos, produção e instalação de projeto museográfico completo, exposição de longa duração de alta interação com os visitantes, produção de conteúdos para o acervo do Memorial e ações de articulação com instituições atuantes em justiça de transição e memorialização. Seus produtos compreendem: ações de articulação e cooperação institucional com entidades que atuam na área de justiça de transição e memorialização, especialmente por meio da RLAJT, dando apoio a suas atividades, de modo a gerar subsídios (pesquisas, relatórios, seminários, publicações e outros produtos) que venham a integrar o acervo do Memorial da Anistia Política do Brasil e que orientem o processo de formulação dos projetos museográfico e pedagógico”.

Dessa forma, boa parte da atividade desempenhada no âmbito da Secretaria da RLAJT visou a produção de insumos para o futuro Memorial da Anistia Política, cuja construção vem se tornando, também, objeto de luta por parte de atores políticos envolvidos com a justiça de transição no Brasil. Entende-se que, além dos destinatários diretos das pesquisas RLAJT – as organizações que a integram (<http://rlajt.com/quem-somos/membros-permanentes/>) – o trabalho deve ser direcionado ao grande público que tem o direito de conhecer o passado ditatorial latino-americano e buscar, cada vez mais, garantias de não repetição.

Esperamos que o leitor possa usufruir e compartilhar mais esta fonte de pesquisa que enriquece ainda mais o acervo da RLAJT.

Emilio Peluso Neder Meyer (UFMG)
Camila Cardoso de Melo Prado (UnB)

Coordenadores da Secretaria da RLAJT (2016-2017)

[Volta ao Sumário]

Prólogo

A região da América Latina têm documentada a existência de conflitos armados e ditaduras que propiciaram graves violações aos direitos humanos. Em muitos casos, esses crimes foram qualificados como crimes de lesa humanidade por cortes nacionais ou internacionais.

Os regimes autoritários que geraram períodos de violência na América Latina tiveram como resultado comum a comissão de um grande número de crimes atrozes, entre eles o desaparecimento forçado. O relatório elaborado pela Secretaria da Rede Latino-Americana de Justiça Transicional abona um apartado teórico que parte da importância do reconhecimento, caracterização, sanção e garantias de não repetição do grave crime que constitui o desaparecimento forçado de pessoas nos contextos da justiça transicional. Além disso, ressalta a gravidade deste crime quando faz parte de um padrão sistemático e generalizado, cuja comissão está diretamente vinculada à estruturas estatais.

O relatório considera o desaparecimento forçado como um crime gerador de um estado de terror social. Essa condição é evidenciada pelo grande número de vítimas e impunidade que rodeia esse crime atroz.

Países membros da Rede Latino-Americana de Justiça Transicional no decorrer dos anos, após a ditadura ou depois de assinados os acordos de paz, conseguiram investigar e julgar os responsáveis por esses crimes atrozes, inclusive os de pessoas que ocupam cargos superiores. Outros países se depararam com contextos de impunidade onde, além de tudo, intervêm a violência provocada pelo crime organizado e que agora apresentam desafios complexos para a consecução da justiça.

Diante destes cenários, o relatório da Secretaria da Rede trata a questão dos arquivos e seu vínculo com a judicialização e relevância no tema do desaparecimento forçado de pessoas, com particular atenção aos avanços, que em matéria de justiça transicional, provocaram as sentenças da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o desenvolvimento jurisprudencial que essa Corte formou desde o caso *Velásquez Rodríguez Vs. Honduras* (1987).

No estudo apresentado, assim como no Terceiro Congresso Internacional da Rede (2016) se verificou o importante esforço, principalmente das vítimas, acompanhadas por organizações da

sociedade civil, para a recuperação, sistematização e análise de arquivos e judicialização dos casos.

Nas experiências comparadas na América Latina, no impulso das causas penais, os processos de busca e exigência da verdade se evidenciam como denominador comum às vítimas como propulsores dos processos, sendo chave sua participação ativa em diversos âmbitos de exigência política, jurídica e comunitária.

O papel da sociedade civil, especialista em direitos humanos, foi também um fator que impulsionou alguns países da região através novas estratégias, para levar a julgamento os funcionários superiores responsáveis por crimes graves.

A Região da América Latina ainda apresenta sérios desafios para a implementação dos elementos que compõem a justiça transicional: verdade e memória, justiça, reparação integral e garantias de não repetição, relacionada com crimes do passado, práticas que em algumas ocasiões infelizmente continuam sendo suscitadas em alguns países. Por essa e muitas outras razões, o presente livro constitui uma valiosa contribuição, apresentando experiências comuns e diferenciadas dos nove países que formam a Rede. A utilidade disso se consiste no intercâmbio de experiências entre os países sobre esses processos da justiça transicional para a melhora de suas instituições, sobretudo da procuração de justiça, erradicação da impunidade, processos de busca da verdade e de atenção integral às vítimas.

María Eugenia Carrera Chávez

Centro de Análises Forense e Ciências Aplicadas

Lucía Guadalupe Chávez Vargas

Comissão Mexicana de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos

[Volta ao Sumário]

Nota introdutória

Este estudo é produto de uma consultoria sobre o *Desaparecimento Forçado: justiça e arquivos*, vinculada às atividades da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), rede que surgiu a partir da aproximação da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça do Brasil com importantes entidades de estudo e inserção política sobre a temática na região. A RLAJT conta, atualmente, com a participação de grupos engajados em observar as realidades locais na perspectiva de pautar políticas em termos de verdade, memória, justiça e reformas institucionais, parte do processo de superação de regimes autoritários ou conflitos armados internos. Esse esforço vem sendo compartilhado por grupos de nove países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Guatemala, México, Peru e Uruguai. Tais representantes, em sua última Assembleia Geral, realizada na capital federal Brasília, em novembro de 2015, indicaram o tema do desaparecimento forçado como norteador dos trabalhos do biênio 2016-2017.

O Relatório *Desaparecimento Forçado: justiça e arquivos* contém resultados da pesquisa realizada pela consultora Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Mariluci Cardoso de Vargas, com orientação do Professor Doutor em Direito Emilio Peluso Neder Meyer, um dos coordenadores da Secretaria Executiva da RLAJT (2016-2017), também coordenador do Centro de Estudos sobre Justiça de Transição (CJT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Salienta-se que a Secretaria Executiva é partilhada com a Universidade de Brasília, sob a coordenação da Professora Doutora em Direito Camila Prando. As consultorias inserem-se em um dos projetos abrigados pela Política Nacional de Promoção da Justiça de Transição e da Anistia Política,¹ o Memorial da Anistia Política do Brasil, em fase de implementação, gerido pela

1. Informações sobre a Política em 2016 podem ser encontradas em <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulga-principais-acoes-da-politica-nacional-de-anistia-politica>, acesso 1/10/2016.

Comissão de Anistia do Ministério da Justiça e implementado pela Reitoria da UFMG.²

Os dados levantados para o estudo são fruto de intercâmbio de conhecimentos, os quais foram disponibilizados por meio de questionários elaborados pela autora deste relatório e respondidos por representantes dos países membros, concomitantemente à realização de entrevistas com especialistas na matéria.³ A experiência empírica moldou o direcionamento dos enfoques que serão trabalhados adiante, os quais contaram com o suporte de diversos estudos provenientes das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, além de jurisprudência e normativas sobre o desaparecimento forçado.

Antes de analisar a conceituação jurídica do crime do desaparecimento forçado, faz-se necessário salientar que esta é uma prática que não foi inaugurada na América Latina, nem mesmo no século XX. Registros sobre o crime do desaparecimento forçado, embora não fosse conceituado assim, foram encontrados como um dos horrores utilizados pelos nazistas durante da Segunda Guerra Mundial.

Na América Latina esta prática atingiu e atinge variados grupos políticos, étnicos, raciais e ainda mulheres e homens de diversas faixas etárias, sendo o caso das crianças vitimadas ao desaparecimento forçado uma das complexidades deste tipo de crime, cujo destino em alguns casos não é a morte física, mas a anulação da identidade original.

Assim, essa prática possui uma temporalidade desde o passado até o presente, por duas situações: 1) delitos ocorridos durante regimes autoritários ou conflitos armados internos e que após transição para a democracia, não foram resolvidos pelo fato de os Estados não se desfazerem do “entulho” de graves violações. Logo, ainda se apresentam casos inconclusos, entre os

2. A consultoria teve início em abril de 2016. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, o Brasil passou por grave instabilidade política, a partir do processo de *impeachment* votado pelo Congresso Nacional contra a Presidenta eleita em 2014, Dilma Rousseff. Com isso, em maio de 2016, Michel Temer assumiu a presidência de forma interina e, em 1º de setembro, de forma permanente. Desde o processo de afastamento temporário de Dilma Rousseff, houve modificações no quadro ministerial, sendo que o Ministério da Justiça passou a ser Ministério da Justiça e Cidadania. A Comissão de Anistia, por ser uma comissão de Estado e não de governo, amparada na Lei nº 10.559/2002, mantém seus trabalhos. Contudo, a composição do quadro de membros e conselheiros da Comissão de Anistia foi reconfigurada em 02 de setembro de 2016, a partir da exoneração de conselheiros pelo Ministério da Justiça, a renúncia por parte de alguns deles e a indicação de nova composição. Ver publicação no Diário Oficial da União, disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=2&pagina=36&data=02/09/2016> acesso 5/9/2016.

3. Agradeço a todas as pessoas que colaboraram ao responder questionários e ceder entrevistas, materiais que ficarão depositados no banco de dados da Secretaria Executiva da RLAJT.

quais surgem, ao menos, um dos problemas a seguir por resolver: precários esclarecimentos sobre a morte e o desaparecimento; falta de localização e identificação para a entrega dos corpos aos familiares ou restituição em vida no caso das crianças apropriadas; inexistência ou incompletude de julgamentos dos envolvidos com a punição prevista para crimes dessa natureza; inexistência de reconhecimento público dos Estados para a reconstituição ética e moral da sociedade em geral; 2) delitos que seguem ocorrendo na vigência de regimes democráticos, a depender da qualidade do exercício institucional deste conceito, em que os Estados de Direito se tornam responsáveis por graves violações de direitos humanos. Tais crimes sob estes regimes políticos, além de colocarem em risco a confiabilidade nos processos transicionais, bem como nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, acabam por gerar, com isso, a permanente apreensão sobre a estabilidade política e social.

Tal apreensão se dissemina pela América Latina quando nos deparamos com as centenas de iniciativas de denúncias sobre crimes contra a humanidade, requerimentos para o reconhecimento dessas práticas, apelações para o rompimento da impunidade e ações para promover políticas públicas que estimulem a reconstrução de Estados livres das heranças de terror e de violência.

Por conseguinte, este estudo tem por objetivo propor uma leitura crítica sobre como os países com legados autoritários e situações pós-conflito estão lidando com os crimes do desaparecimento forçado no que tange à judicialização e ao acesso à informação. A negação de crimes dessa natureza por instituições estatais é uma prática que se repete entre os países latino-americanos.

Nesse sentido, para esclarecer as abordagens evocadas, compreende-se que a judicialização atrelada à noção de justiça de transição tem como ponto central o Poder Judiciário, “em primeiro lugar, na esfera penal, ou seja, em ações voltadas à responsabilização (punição) criminal dos autores de graves violações de direitos humanos; e, em segundo lugar, na esfera cível, isto é, nas diversas ações não penais relativas a outras medidas ou políticas públicas de justiça de transição.” (OSMO, 2016, p. 23). Todavia, a fim de compreender o desenvolvimento das políticas para essa pauta, não serão desconsideradas as iniciativas que tangenciam e impulsionam práticas no âmbito do Legislativo e do Executivo, muito fortemente demandados

pela sociedade civil sob a égide da justiça de transição, sobretudo para traçar o panorama sobre os arquivos, preservação e acesso.

A partir da constatação de que a esfera do Judiciário é fundamental para os desdobramentos acerca da justiça, esta investigação privilegiará, de forma geral, o manejo do Direito Internacional dos Direitos Humanos para responder ao desaparecimento forçado nos países membros da RLAJT. Em específico, será valorizada a interlocução entre a esfera regional e doméstica, qual seja: o Sistema Interamericano de Direitos Humanos. Este será debatido a partir de análise da Jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH) e as repercussões destas decisões no campo interno dos países condenados em casos de desaparecimentos forçados, tanto no que se refere à justiça, ao direito à verdade, aos arquivos e ao acesso à informação. Dessa forma, objetiva-se evidenciar os efeitos gerados pelas condenações nas práticas dos diversos segmentos envolvidos com a justiça de transição destes países.

Destaque-se que as fontes exemplares para verificar de que forma a jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos impacta nas decisões dos tribunais domésticos dos Estados e nas políticas do direito à verdade, além das sentenças de mérito para os casos de desaparecimentos forçados, serão as resoluções de supervisão de cumprimento de sentença elaboradas pela Corte IDH. O arcabouço conceitual do crime de desaparecimento forçado será explorado, logicamente, por meio de declarações, convenções e tratados internacionais. Logo, a partir deste *corpus normativo* buscar-se-á compreender alguns pontos que se desdobram em uma escala que vai do regional ao local:

1. a dimensão do desaparecimento forçado como conceito jurídico para a Corte IDH e como a sua caracterização tem incorporado novas leituras ao longo das sentenças de mérito, de modo a adensar o grau de violações alcançadas a partir das especificidades e complexidades dos casos;
2. as obrigações dirigidas aos Estados condenados pela Corte IDH, como reflexo de suas responsabilidades para com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e as variáveis integradas aos pontos de reparação, no que tange aos aspectos econômico, jurídico, político, ético-moral e pedagógico;
3. a disposição dos Estados em cumprir com as medidas de reparação, morosamente ou não, além das condutas de descumprimento frente ao processo de supervisão da sentença;

4. as leis de anistia ou medidas de impunidade e a responsabilização para o crime de desaparecimento forçado nos países que o tipificaram, bem como as estratégias de judicialização para os países que desconsideram o desaparecimento forçado como um tipo penal na sua legislação interna;
5. as práticas e iniciativas institucionais e da sociedade civil para o controle e enfrentamento do crime, bem como para a promoção dos termos fundamentais para o avanço da justiça de transição, em especial o direito à verdade.

A apresentação deste relatório de pesquisa divide-se em duas partes. A primeira dedica-se à compreensão da conceituação do desaparecimento forçado como instituto jurídico, ou seja, como a noção foi e vem sendo definida por documentos, declarações e convenções do Direito Internacional Humanitário, Direito Internacional dos Direitos Humanos e Direito Penal Internacional. Destaque-se que serão salientados os aspectos da responsabilização e do acesso à informação nesses documentos, a fim de privilegiar as abordagens supracitadas. A proposta da segunda parte é ampliar a escala de análise para o Sistema Interamericano de Direitos Humanos. O foco serão casos julgados pela Corte Interamericana de Direitos Humanos que levaram à condenação dos Estados denunciados pelos crimes de desaparecimento forçado, crimes estes praticados ao longo de períodos ditatoriais ou de conflitos armados internos, assim como suas repercussões nas práticas nacionais. Na medida em que os casos forem explorados, serão apresentadas as iniciativas para a constituição, preservação e acesso de arquivos que contribuam para o esclarecimento dos fatos sobre os casos de desaparecimento forçado.

As problematizações em destaque serão exploradas ao longo dos próximos capítulos, no intuito de aproximar o/a leitor/a da conjuntura atual sobre as posições da Corte Interamericana de Direitos Humanos sobre os desaparecimentos forçados. Será também buscada uma verificação do papel da Comissão Interamericana – que participa das resoluções de supervisões das condenações – junto às condutas dos Estados alvos das sentenças, como também a relação dos maiores interessados em concluir os casos à luz da Justiça: os familiares das pessoas vitimadas pelo crime. Todavia, é fundamental destacar que uma análise dos encaminhamentos que os países têm dado internamente sobre a justiça de transição, a partir da ótica do Direito Internacional dos Direitos Humanos, não é e não deve

ser o único caminho para a compreensão destes desdobramentos. Ou seja, o método nos ajudará a verificar as repercussões das sentenças, porém ele não retrata de forma totalizante os processos de judicialização nos Estados e nem mesmo esgota as variadas possibilidades de leitura da matéria.

Tratar de países pertencentes ao bloco latino-americano, além de desafiador, significa lidar com a sua pluralidade cultural e com a disparidade dos estágios de construção ou consolidação democrática destes regimes. Outra questão de fundo, e não consensual, é a dialética entre o jurídico e o político nesta conjuntura e o dever de que esta relação ocorra sob o signo da ética. Sendo assim, as seleções e recortes realizados pela autora da pesquisa tenderão a gerar um panorama parcial o qual, de forma não menos importante, soma-se às investigações já desenvolvidas. Destarte, este estudo visa estimular outros trabalhos com abordagens tangenciais sobre o desaparecimento forçado nos processos de justiça de transição.

Note-se, contudo, que a justiça de transição não deve ser compreendida, na sua aplicabilidade, como instantânea e modelar, a fim de enquadrar ou resolver de forma imediata quaisquer realidades, haja vista os contextos que demandam esta noção e suas particularidades. Por isso é necessário não perder de vista as especificidades que caracterizam as relações sociais que compõem cada país, pois ainda há muita incerteza sobre o destino que se pretende trilhar à luz da justiça de transição. Estas vias são compostas por demandas de realidades que vão desde democracias limitadas até sociedades que buscam efetivas emancipações, das mais distintas ordens, e que lidam cotidianamente com violações dos direitos mais básicos, além das graves violações de direitos humanos. Tais preocupações estão na pauta das discussões sobre a justiça de transição desde que o conceito passou a ser elaborado. Estas críticas legitimam-se na medida em que se constatam dívidas históricas, jurídicas e políticas, sobretudo abaixo da América do Norte:

os exemplos incluem o legado da escravidão aos afro-americanos e o colonialismo de populações indígenas. Está longe de ser esquecido, entretanto, dado que o ímpeto inicial para o campo da justiça de transição esteve historicamente localizado nas transições latino-americanas saídas do período autoritário, quais reivindicações para a correção das injustiças históricas em democracias maduras seriam mais bem satisfeitas por meio de medidas de justiça transicional “padronizadas”. De fato, muitos pesquisadores do campo da justiça histórica rejeitaram categoricamente a relevância de algo tão limitado como a justiça de transição. Para estes críticos, a justiça de transição está profundamente ligada a medidas elaboradas especificamente para a curta duração de uma transição política. Eles enfatizam a importância de esforços de longo

prazo para as transformações, os quais envolvem alguns elementos de reestruturação social como as ações afirmativas ou reformas agrárias, que eles veem como fundamentalmente diferentes dos objetivos limitados dos processos judiciais, reparações e similares. (ARTHUR, 2011, pp. 123-124)

Tecer a crítica ao alcance da justiça de transição não significa rechaçá-la ou desacreditá-la em sua efetividade. Experiências de alguns países indicam avanços em pelo menos três pontos: a) reconhecimento público dos horrores cometidos por agentes públicos e a punição aos mesmos; b) verificação identitária de crianças sequestradas e desaparecidas e restituição do seu círculo social; c) localização de restos mortais e identificação de seus familiares, permitindo um digno enterramento.⁴ Com isso, a crítica à noção da justiça transicional expressa proposições para que os Estados, com amplo apoio social, renovem sua capacidade de alavancar medidas que ultrapassem ações paliativas, para que os direitos humanos sejam incorporados como inderrogáveis e efetivos.

O desenvolvimento do desaparecimento forçado como um fenômeno de extermínio na América Latina

Em 1983, logo após o retorno de um governo civil ao Poder Executivo na Argentina, foi constituída a *Comisión Nacional sobre la Desaparición*

4. Esse relatório é parte de uma série de estudos já desenvolvidos pela RLAJT, ao longo dos anos 2014 e 2015, cujos produtos embasaram essa investigação no que tange ao panorama da justiça de transição nos países que possuem organizações na Rede. Os quatro relatórios já publicados encontram-se disponíveis virtualmente na página da RLAJT: <http://rlajt.com/> E dispõe das seguintes referências: PAIXÃO, Cristiano [et al]. *Relatório 2014*. Brasília: Ministério da Justiça / Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2015. OSMO, Carla. *Judicialização da Justiça de Transição na América Latina* (versão bilíngue). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Tradução para o espanhol: Nathaly Mancilla Órdenes. SANTOS, Shana Marques Prado dos. *Tratamento de arquivos de Direitos Humanos na América Latina* (versão bilíngue). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Tradução para o espanhol: Guillermo Oscar Abraham. CARVALHO, Cláudia; GUIMARÃES, José Otávio Nogueira; GUERRA, Maria Pia. *Justiça de Transição na América Latina. Panorama 2015* (versão bilíngue). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Revisão do português e espanhol: Laetícia Jensen Eble & Paulo César Thomaz.

de Personas (CONADEP).⁵ Em setembro de 1984, foi divulgado o produto das investigações da Comissão, o relatório *Nunca Más*, marco para as

5. Ruti Teitel, referência para os estudos sobre justiça de transição, propôs uma genealogia para essa noção classificando-a em três fases. As comissões da verdade aparecem como mecanismos institucionais pertencentes à segunda fase da justiça transicional, a qual se localiza aproximadamente entre o final e após a guerra fria. A CONADEP, por se constituir em meados dos anos oitenta, antecede o processo do final da guerra fria, nas palavras de Teitel “uma comissão da verdade é um organismo oficial, normalmente criado por um governo nacional para investigar, documentar e divulgar abusos aos direitos humanos ocorridos em um país durante um período de tempo específico. Este novo mecanismo institucional foi usado pela primeira vez na Argentina.” (TEITEL, 2003, p. 148). Isabelle Chehab (2016), em estudo de consultoria para a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça no Brasil, analisou as comissões da verdade criadas pelos países que possuem organizações membros na RLAJT, destacando-se que o México é o único país que ainda não adotou esta medida. Importante salientar que aqui não estão elencadas as comissões constituídas no âmbito da sociedade civil. Na Argentina, a *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP) foi criada por meio do Decreto nº 187, em 15 de dezembro de 1983, para esclarecer os fatos relacionados ao desaparecimento de pessoas durante a ditadura militar na Argentina. No Brasil a *Comissão Nacional da Verdade* (CNV), por meio da Lei nº. 12.528/2011, instalada em 16 de maio de 2012, teve como finalidade examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos ocorridas de setembro de 1946 a outubro de 1988; no Chile, a *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación* (*Informe Rettig*) foi criada pelo Decreto Supremo nº 355, em 25 de abril de 1990, para examinar as graves violações de direitos humanos perpetradas entre 11 de setembro de 1973 e 11 de março de 1990. Posteriormente, em 11 de novembro de 2003, por meio do Decreto Supremo nº 1.040, foi criada a *Comisión sobre Prisión Política y Tortura*, também conhecida como *Comisión Valech*. Na Colômbia, criou-se a *Comisión de la Verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia*, pela Lei nº 975, de 25 de julho de 2005, especificamente para tratar do episódio traumático de violações ocorrido em 1985 durante retomada de posse do Palácio da Justiça, ocupada por guerrilheiros de oposição ao governo. Em El Salvador, a *Comisión de la Verdad para El Salvador* (*relatório Da Loucura à Esperança: a guerra dos Doze Anos em El Salvador*) foi criada por Decreto Legislativo nº 147, em 23 de janeiro de 1992, iniciou seus trabalhos em 13 de junho de 1992 para investigar as graves violações desde 1980. Na Guatemala, a *Comisión para el esclarecimiento Histórico* (*Informe Memoria del Silencio*), de 23 de junho de 1994, objetivou investigar as graves violações de direitos humanos ocorridas entre 1962 e 1996. No Peru, a *Comisión de la Verdad y Reconciliación* (CVR) se fez por meio da Resolução Suprema nº 314, de 27 de fevereiro de 2001, sendo posteriormente instalada pelo Decreto Supremo nº 065, de 04 de junho de 2001 e complementada pelo Decreto Supremo nº 101, de 4 de setembro de 2001, para tratar das violações de direitos humanos ocorridas desde maio de 1980 a novembro de 2000. No Uruguai a *Comisión para la Paz* (COMPAZ), criada pela *Resolución de la Presidencia de la República* nº 858, de 9 de agosto de 2000, visou investigar os desaparecimentos durante a ditadura militar uruguaia, que perdurou de 27 de junho de 1973 a 28 de fevereiro de 1985. Recentemente, em 19 de maio de 2015, por meio do Decreto nº. 118, o Uruguai criou o *Grupo de Trabajo por Verdad y Justicia*, sucessor dos trabalhos implementados pela *Comisión para la Paz*, que se propõe, nos termos do seu art. 1º, a investigar os crimes de lesa humanidade cometidos pelos agentes do Estado – ou por aqueles que em seu nome ou sob sua aquiescência agiram – no período entre 13 de junho de 1973 a 26 de junho de 1973 e 27 de junho de 1973 a 28 de fevereiro de 1985.

comissões análogas instituídas posteriormente. A CONADEP concluiu que o desaparecimento forçado foi uma prática repressiva implementada de forma generalizada pelo poder estatal nos anos de terror de Estado e recomendou que o delito fosse tratado judicialmente naquele país como um crime contra a humanidade. Desde então, um longo percurso passou a ser percorrido por familiares e algumas instituições latino-americanas para que haja reconhecimento por parte dos Estados, ampla reparação para os entes de desaparecidos, punição para os perpetradores das violações e, acima de tudo, esclarecimento, identificação e restituição da pessoa desaparecida ou dos restos mortais para o núcleo social do qual esta foi privada.⁶

O desaparecimento forçado revela o status limítrofe da condição desumana em prática exercida por grupos civis ou militares, que em nome do Estado ou com a aquiescência deste, coloca o indivíduo em privação de liberdade por meio de sequestro ou prisão clandestina, cerceando-o de direitos e garantias durante e posteriormente ao delito. Observe-se que este crime injustificável se coloca contra as regras de toda e qualquer situação de crise social, mesmo em momentos de guerra. A prática do desaparecimento forçado adotada como recurso de terror de Estado por ditaduras civil-militares ou em conflitos armados internos inseriu os países da América Latina em uma dramática realidade na qual agentes públicos passaram a combinar, de forma clandestina, dinâmicas abusivas de um Estado de exceção permanente, cujos reflexos e heranças geram desafios e dificuldades de uma adequada transição democrática para as gerações

6. Junto ao marco da CONADEP, o país argentino também possui destaque mundial com o trabalho desenvolvido pelas associações não governamentais de familiares de mortos e desaparecidos políticos de amplo reconhecimento social, quais sejam: *Madres e Abuelas da Plaza de Mayo*, mobilizadas desde 1977, ainda no período da última ditadura argentina. Esses grupos geraram protocolos de buscas sem precedentes, com a mobilização de parte da comunidade científica internacional e a criação do “índice de abuelidad”, que permite a comparação de dados genéticos entre avós e netas e netos. Em 1987, o *Congreso de la Nación* aprovou por lei a criação do *Banco Nacional de Datos Genéticos* (BNDG); assim, exames de DNA passaram a ser considerados como prova com valor jurídico. A busca de cerca de 500 crianças desaparecidas junto aos seus progenitores ou nascidas em cativeiro resultam em 121 identificações e restituições até 2016, com o caso do hijo de Ana María Lanzillotto y de Domingo “El Gringo” Menna. Sobre os julgamentos de responsáveis pelo terrorismo de Estado e a prática do sequestro de bebês, as Associações também promoveram processos. Entre os casos mais emblemáticos, ajuizado pela Associação das *Abuelas*, está a causa conhecida como *Plan sistemático de apropiación de menores*, concluída em 2012, que investigou 35 casos de netas e netos (dos quais 25 foram restituídos), com a participação de 200 testemunhas e que levou à condenação por 50 anos de detenção do ex-ditador Jorge Rafael Videla, por permitir o roubo de crianças. Videla faleceu em 2013 aos 88 anos. Ver mais informações sobre as associações em <https://www.abuelas.org.ar/>; <http://madres.org/>, acesso 3/10/2016.

posteriores. As graves violações de direitos humanos, realizadas em nome da “segurança interna”, foram acompanhadas também de violações às próprias normativas que caracterizam estados de sítio, situações instituídas de forma abusiva que configuraram políticas de terror e violência de forma estendida a vários dos países participantes da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição.

Ao refletir sobre a “epidêmica” utilização de estados de exceção, o descumprimento de suas regras e a deformidade com que se moldaram nos países da América Latina (considerando que por volta dos anos setenta do século XX, mais de dois terços dos países da região recorreram a expediente análogo), a pesquisadora da Rede Franco-Brasileira de Internacionalização do Direito, Kathia Martin-Chenut (2009), chamou atenção para as graves violações de direitos humanos ocorridas sob um falso manto de estado de sítio, alerta, urgência, emergência etc. O Estado, mesmo em situação de exceção, deve seguir normativas do direito interno, bem como respeitar as exigências do Direito Internacional dos Direitos Humanos. Assim, o direito à vida, a proibição da tortura e da escravidão estão entre os “direitos intocáveis, que não podem ser derogados em nenhuma circunstância, mesmo diante de casos de guerra ou de perigo público que ameaçam a vida da nação.” (MARTIN-CHENUT, 2009, p. 230)

O crescimento de denúncias, sobretudo nos países latino-americanos, sobre o crime gerador de um estado de terror social e a verificação de que a prática passou a ser sistemática fez com que o desaparecimento forçado se tornasse objeto dos instrumentos internacionais, os quais visam a criar parâmetros normativos para a sua conceituação jurídica, a fim de estimular a punição para os seus autores e a sua não repetição. Esses esforços passaram a ocorrer, não casualmente, após a Revolução Cubana de 1959, no contexto da guerra fria e do desencadeamento de ditaduras civil-militares que qualificaram, ainda mais, os métodos de repressão.

Os regimes políticos vigentes nos países do continente americano que experimentaram golpes, rompimentos institucionais ou instabilidades políticas por meio de ditaduras e conflitos armados internos, desenvolveram mecanismos para o controle político e social contra o ideário de libertação nacional ou inspiradas no marxismo, no leninismo ou no maoísmo. À frente dos ensinamentos destas práticas repressivas estiveram estrangeiros experientes em guerras convencionais e clássicas, cujo alvo é o inimigo

externo, que por meio de manuais e cursos aos militares latino-americanos disseminaram tratamentos cruéis aos futuros prisioneiros da “subversão”.

Martins Filho (2008) enfatizou em seus estudos a influência da doutrina francesa de *guerre révolutionnaire* nas ideias que fundamentaram a Doutrina de Segurança Nacional, noção que esteve por alguns anos estritamente atrelada aos norte-americanos. O *anticomunismo* militar, marca da guerra fria, foi, segundo o cientista político brasileiro supracitado, a ideologia que possibilitou a absorção de condutas já aplicadas pelos franceses na Argélia, a qual contou com a tortura como método privilegiado para a obtenção de informações e onde “se inaugurou a prática do desaparecimento de pessoas destinada a aterrorizar a população” (ABRAMOVICI, 2006, p. 1). No início dos anos sessenta, cursos de guerras contrarrevolucionárias e métodos para o combate à subversão reforçaram a tradição intervencionista que proporcionou o protagonismo dos militares na política. De acordo com um jornalista investigativo francês:

En 1961, con motivo de una misión de la Escuela de Guerra argentina en Perú, uno de los miembros de la misión militar francesa, que participaba del viaje, imagina un curso de lucha anticomunista destinado al conjunto de las fuerzas armadas americanas. Ya existe, por iniciativa de los Estado Unidos, desde un año antes, instalada una estructura, en Fuerte Amador (Panamá): la Conferencia de los Ejércitos Americanos (CEA). Esta organización típica de la Guerra fría, reúne secretamente cada año a los responsables militares latinoamericanos, con sus homólogos del Pentágono. Allí trabajan juntos con un único objetivo: la interconexión de los servicios de información y la formación homogénea de las fuerzas armadas del continente.⁷ (ABRAMOVICI, 2006, p. 2)

Assim, o *inimigo interno* passou a ser combatido com o emprego da *guerra psicológica* em torturas físicas e psicológicas, as quais possuíam grande rentabilidade para as ditaduras, pelos seus efeitos multiplicadores do terror que atingiram a sociedade como um todo (BAUER, 2012, p. 76). A extensão de uma formação militarizada antimarxista gerou as condições para a eficácia institucional transnacional, a qual fez sucumbir grupos envolvidos na resistência às ditaduras americanas, sendo emblemático o

7. ABRAMOVICI analisa a trajetória de diversos militares franceses e suas relações com militares latino-americanos, sobretudo os argentinos.

caso da Operação Condor.⁸ Da década de oitenta em diante, morosamente, os países latino-americanos passaram a fazer a travessia de ditaduras comandadas por militares para democracias presidencialistas, com o retorno de civis aos cargos executivos, crescendo em consequência as mobilizações em torno da proteção e garantia dos direitos humanos. Além de denúncias dos instrumentos repressivos e dossiês com testemunhos e documentos sobre as violações ocorridas nos períodos anteriores, ativistas e pesquisadores de diversos países do continente passaram a aprimorar a noção de justiça de transição, sobretudo no que tange a uma transição para a democracia, a qual prescrevia a urgência que os países implementassem reformas jurídico-institucionais da política (ARTHUR, 2011).

Simultaneamente aos inúmeros intercâmbios repressivos formaram-se sistemas de resistência que também elaboram mecanismos e práticas para denunciar os crimes contra a humanidade e exigir castigo e punição dos autores das graves violações de direitos humanos. A conexão transnacional contrarrevolucionária provocou o nascimento de redes de solidariedade e de troca de saberes e iniciativas para além das fronteiras, buscando exigir o cumprimento do Direito Internacional dos Direitos Humanos, o avanço na justiça de transição e a consolidação de valores republicanos

8. A Operação Condor foi um acordo entre autoridades da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai que, em 1975, instituiu, de forma clandestina, uma rede de inteligência interinstitucional para práticas de sequestros, torturas, assassinatos ou desaparecimentos forçados. Desde 1992, no "Archivo del Terror" do Paraguai, foi descoberta a documentação que comprova o objetivo da operação. A assinatura do chamado *Plan Cóndor*/Operação Condor completou 40 anos em novembro de 2015 e, até maio deste ano, não havia nenhum avanço judicial que permitisse reconhecê-lo como um plano institucional para desaparecimento forçado. O processo iniciado em 1999 levou 17 anos até o julgamento final e contou com mais de 200 testemunhas dos países envolvidos e com 25 pessoas acusadas. Em maio, na Argentina, com as penas mais altas, de 25 anos de cárcere, a sentença condenou Reynaldo Bignone, Santiago Riveros, Manuel Cordero, Miguel Ángel Furci. Em registro contabilizam-se 105 pessoas desaparecidas durante o *Plan Cóndor*: 45 uruguaios, 22 chilenos, 14 argentinos, 13 paraguaios e 11 bolivianos. Ver: CELS. *Plan Cóndor una asociación ilícita para la desaparición forzada de personas*. Disponível em: <http://www.cels.org.ar/especiales/plancondor/#el-veredicto-por-primera-vez-el-poder-judicial-de-un-pais-dio-por-probada-la-asociacion-ilicita> acesso em 1/8/2016. Centro Internacional para a Promoção dos Direitos Humanos *Operación Cóndor: 40 años después*. Disponível em: http://www.cipdh.gov.ar/wp-content/uploads/2015/11/Operacion_Condor.pdf acesso em 1/8/2016. Relatório da Procuradoria de Crimes Contra a Humanidade do Ministério Público Fiscal da Argentina. *La Judicialización de la Operación Cóndor*. Disponível em: <http://www.fiscales.gob.ar/wp-content/uploads/2015/11/Informe-ProcuLesas-Op-C%C3%B3ndor-Final.pdf> acesso em 1/8/2016. IPPDH. *Julgamento do Plano Condor na Argentina: marco na história jurídica do MERCOSUL. 23 de maio de 2016*. Disponível em: <http://www.ippdh.mercosur.int/pt-br/julgamento-do-plano-condor-na-argentina-marco-na-historia-juridica-do-mercosul/> acesso em 1/8/2016. *El País*. Argentina, primer país que condena a los jefes del Plan Cóndor. 28 de mayo de 2016. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2016/05/27/argentina/1464377638_258435.html?id_externo_rsoc=FB_CC, acesso 1/8/2016.

em instituições verdadeiramente democráticas. É nessa conjuntura que a RLAJT se insere e inscreve na agenda política dos países membros a importância da judicialização dos crimes contra a humanidade e da preservação dos arquivos de direitos humanos, em especial para os casos de desaparecimentos forçados.

[Volta ao Sumário]

CAPÍTULO 1

DESAPARECIMENTO FORÇADO E SUA CONCEITUAÇÃO JURÍDICA: CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO, A CARACTERIZAÇÃO, A PUNIÇÃO E A NÃO REPETIÇÃO

Os representantes de organizações na RLAJT afirmaram que seus países realizaram, por meio de decretos ou leis, a ratificação das principais convenções internacionais sobre o desaparecimento forçado.⁹ Tal ação indica, inicialmente, que os Estados reconhecem a presença do crime nos seus territórios, bem como afirmam o seu comprometimento com iniciativas para a não repetição. Contudo, a incorporação das normativas internacionais, as quais visam criar parâmetros para proteger a população do delito, não se deu sem reclames e exigências de milhares de familiares das pessoas afetadas pelo desaparecimento forçado. Assim, torna-se necessário apresentar um panorama sobre as ações de reconhecimento, caracterização, punição e não repetição do desaparecimento forçado ou involuntário na região, bem como a adesão dos Estados aos principais documentos sobre a temática, demandados pela mobilização dos grupos de familiares e afetados por tal condição.

Organizações mais estruturadas ou pequenos coletivos que envidam esforços para o esclarecimento dos casos de desaparecimentos forçados, isolados ou não, foram, na maioria dos países, os precursores em denunciar os Estados aos sistemas de proteção de direitos humanos e “exigir da comunidade internacional uma reação institucional que pusesse fim a barbárie e a promoção da justiça, verdade e reparação aos afetados” (SFERRAZA, 2014, p. 57). Uma das associações mais agregadoras no sentido de cruzar informações, criar instrumentos de lutas coletivas e prestar apoio humanitário mútuo é a *Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos* (FEDEFAM), uma organização não governamental fundada em 1981 em São José (Costa Rica), cujos objetivos giram em torno das seguintes ações:

Rescatar con vida a las víctimas de la desaparición forzada de los lugares de reclusión clandestina donde son mantenidos y

9. Os dados foram retirados dos questionários endereçados aos representantes das organizações que compõem a RLAJT, todos os países responderam, embora nem todas as questões tenham sido respondidas. O questionário possui perguntas fechadas com abertura para contribuições e comentários. O modelo encontra-se em anexo. O conteúdo elaborado é de responsabilidade da consultora e o material levantado por essa pesquisa passará a ser de responsabilidade da Secretaria Executiva da RLAJT.

obtener la devolución de niños de padres sometidos a desaparición forzada a sus familias de origen y legítimos hogares.

La investigación de cada caso de desaparición forzada y el juicio y el castigo de los responsables de estos crímenes.

La promoción de normas jurídicas nacionales e internacionales que tipificando a la desaparición forzada como un crimen contra la humanidad constituyan medidas de justicia y prevención de este delito. (Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/fedefam/>, acesso 1/9/2016)

As associações que compõe a FEDEFAM são originárias dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru e Uruguai.¹⁰ Interessante observar que a FEDEFAM foi criada logo após o advento de alguns mecanismos do Direito Internacional dos Direitos Humanos impulsionados pelas Nações Unidas, a saber, a Resolução nº 33/173, de 20 de dezembro de 1978, e o Grupo de Trabalho sobre os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de Pessoas das Nações Unidas (GTDFI), em 1980. Uma vez que o debate sobre o crime de desaparecimento forçado se expandia no âmbito internacional, considera-se que grupos e organizações de países da América Latina e do Caribe, naquele momento, se sentiram estimulados a socializar suas dramáticas realidades.

Destarte, a partir do intercâmbio de experiências, empenharam-se em criar possibilidades e estratégias conjuntas para exigir das autoridades competentes ações efetivas que gerem a responsabilização individual dos autores de delitos, para que a punição contribua para o controle desse crime. Com isso, a FEDEFAM trabalha na vertente de elaboração de denúncias formais para órgãos da Organização das Nações Unidas (ONU), contribuindo com os levantamentos realizados pelo GTDFI em informes e relatórios. Além de encaminhar ações no âmbito da justiça e da difusão de estratégias para a judicialização dos casos de desaparecimentos forçados, a FEDEFAM estimula os grupos membros a realizarem ações no âmbito da memória, com destaque para a Semana Mundial do *Detenido Desaparecido*, que ocorre anualmente no final do mês de maio.

Sobre esse marco memorial, em nível internacional reserva-se não somente a última semana de maio para homenagear os *Detenidos Desaparecidos*, mas desde 2010 a Resolução nº 65/209 da ONU “decidiu declarar el 30 de agosto Día Internacional de las Víctimas de Desapariciones Forzadas, que comenzará a observarse en 2011, y exhorta a los Estados Miembros, el sistema de las Naciones Unidas y otras organizaciones internacionales y regionales, así como a la sociedad civil, a que observen este Día”

10. As informações foram retiradas do endereço virtual da FEDEFAM e, portanto, não há detalhes quanto à sua atualidade. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/fedefam/#pa>, acesso 1/9/2016.

(A/RES/65/209).¹¹ A fim de verificar como os “atos-homenagens” se aplicam nos países que possuem organizações na RLAJT, os questionários respondidos pelos representantes apontaram que, em alguns casos, seus países possuem uma data específica no calendário oficial para render homenagens às pessoas afetadas pelos desaparecimentos forçados, como no caso de Argentina, Chile, Colômbia, El Salvador e Guatemala.

Na Argentina, o dia 24 de março, *Día Nacional de la Memoria por la Verdad y la Justicia*, foi instituído em 2002 através da Lei nº 25.633, de 31 de março de 2006.¹² A data de 24 de março argentina é conhecida na região sul, pois relembra o golpe de Estado em 1976 que deu início a ditadura, a qual gerou 30 mil mortos e desaparecidos.¹³ No Chile, o dia 30 de agosto, *Día Nacional del Detenido Desaparecido*, foi instituído por meio do Decreto 121 de 30/08/2006.¹⁴ O 11 de setembro chileno, data que marca o golpe de Estado em 1973, é conhecido na região sul-americana por atividades oficiais ou extraoficiais organizadas por grupos por verdade, memória e justiça.¹⁵ Na Colômbia, a Lei nº 1408 de 2010 homenageia as pessoas expostas ao crime de desaparecimento forçado e também dita medidas para a sua localização e identificação e, no seu artigo 14º, dispõe sobre “*la memoria histórica de las víctimas del conflicto colombiano desaparecidas forzadamente será objeto de conmemoración la última semana de mayo, em el marco de la semana de los detenidos-desaparecidos, y el treinta (30) de agosto día internacional de los desaparecidos*”.¹⁶ Em El Salvador o Decreto nº 197, de 5 de fevereiro de 2007, preceitua, no seu artigo 1º, que “*Declárese el día 29 de marzo de cada año, “Día dedicado a los niños*

11. Disponível em: http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/65/209&referer=http://www.un.org/depts/dhl/resguide/r65_resolutions_table_eng.htm&Lang=S acesso 1/9/2016.

12. Disponível em: http://www.lapampa.gov.ar/images/stories/Archivos/AsesoriaLetrada/Leyes/2006/Ley_2243.pdf acesso 1/9/2016.

13. Em 24 de março de 2016 completaram-se 40 anos do golpe na Argentina, milhares de pessoas e organizações de Direitos Humanos manifestaram homenagens aos mortos e desaparecidos do terrorismo de Estado em frente ao Palácio do governo, na *Plaza de Mayo*. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-295409-2016-03-25.html> ; <http://www.lavaca.org/notas/24-de-marzo-la-mayor-marcha-por-los-derechos-humanos/> ; <http://www.diariolasamericas.com/americas-latina/multitudinaria-marcha-40-anos-del-golpe-militar-argentina-n3709115>, acesso 1/9/2016.

14. Disponível em: <https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=253912&idParte>, acesso 1/9/2016.

15. Ver sobre intervenção nas águas do chafariz em frente ao Palácio La Moneda, em 30 de agosto de 2016, dia internacional das vítimas de desaparecimento forçado, disponível em: <http://peru21.pe/mundo/chile-tinen-rojo-piletas-moneda-dia-detenido-desaparecido-2255909>, acesso 1/9/2016. Ver sobre as atividades em 11 de setembro de 2016, disponível em: <http://www.elmundo.es/internacional/2016/09/11/57d59585ca4741561f8b465d.html> ; <http://www.telesurtv.net/news/Chile-rinde-homenaje-a-Allende-a-43-anos-del-golpe-de-Estado-20160911-0019.html> ; <http://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2016/09/10/ministros-visitacion-sitios-de-memoria-a-43-anos-del-golpe-de-pinochet/> ; <http://www.t13.cl/noticia/nacional/presidenta-bachelet-encabeza-actividades-conmemorativas-de-este-11-de-septiembre>, acesso 1/9/2016.

16. Disponível em: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_1408_2010.html acesso em 01/09/2016.

*y niñas desaparecidos durante el conflicto armado.*¹⁷ Na Guatemala, o dia 21 de junho foi decretado pelo Congresso, em 2004, como *Día Nacional contra la Desaparición Forzada*, passando a reunir diversas organizações de direitos humanos para lembrar as 45 mil pessoas vitimadas por esse crime durante o conflito armado interno, entre os anos de 1960 e 1996.¹⁸

Dentre os países que não possuem datas no calendário oficial, encontram-se: Brasil, México, Peru e Uruguai. O Brasil não possui data específica, por decreto ou lei, em memória dos desaparecidos políticos; no entanto, grupos e coletivos que empunham a bandeira costumam realizar atos de “descomemoração” ao golpe de 1964, geralmente na data de 31 de março ou 1º de abril.¹⁹ Nos últimos anos, nesse período de final de março e início de abril, algumas atividades, em caráter oficial, foram propostas pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, em parceria com a antiga Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.²⁰

No México, onde também não há uma lei ou decreto de dia de homenagem, desde 2010 coletivos e comitês passaram a concentrar familiares de detidos desaparecidos em torno da “*Campaña Nacional contra la Desaparición Forzada en México: por una Ley General contra la Desaparición Forzada*”; sua data de reforço da ação é o 30 de agosto, *Día Internacional del Detenido Desaparecido*.²¹ O Peru também demarca o 30 de agosto com atividades extra-oficiais, mas não há legislação ou decretos próprios.²² No Uruguai, os movimentos da sociedade civil, por meio de convocação pública em 1996, demarcaram o 20 de maio como o dia da

17. Disponível em: http://www.asamblea.gob.sv/eparlamento/indice-legislativo/buscador-de-documentos-legislativos/declarase-el-29-de-marzo-de-cada-ano-dia-dedicado-a-los-ninos-y-ninas-desaparecidos-durante-el-conflicto-armado/archivo_documento_legislativo acesso em 01/09/2016.

18. Disponível em: <http://latino.foxnews.com/latino/espanol/2016/06/21/guatemala> acesso em 01/09/2016.

19. Em entrevista realizada em 17/09/2016 para esse estudo, Suzana Lisboa, familiar de desaparecido político no Brasil, comentou que muitos dias do ano são especiais para homenagear mortos e desaparecidos, que não há um dia unificado e que, nos anos 1980, os grupos brasileiros acompanhavam o calendário da FEDEFAM. (LISBOA & VARGAS, 2016).

20. Homenagem aos mortos e desaparecidos e a ex-perseguidos políticos de 2016, disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/solenidade-em-memoria-dos-52-anos-do-golpe-ditatorial>, acesso 1/9/2016; atividades da Comissão de Anistia em 2015, disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/89a-caravana-de-anistia-comeca-nesta-terca-feira-em-belo-horizonte> acesso 1/9/2016; ato de diversos coletivos contra o esquecimento e a impunidade nos 50 anos do golpe civil militar, disponível em <http://jornalggn.com.br/noticia/o-ato-ditadura-nunca-mais-50-anos-do-golpe-militar>, acesso 1/9/2016.

21. Disponível em: <http://hastaencontrarlos.org/spip.php?article1962> acesso em setembro de 2016.

22. Vídeo Podemos llevarles flores – Las personas desaparecidas en Perú do CICV sobre a cerimônia de enterramento de 80 pessoas desaparecidas que foram restituídas depois de 30 anos do conflito armado interno. Disponível em: <https://www.icrc.org/es/document/podemos-llevarles-flores-las-personas-desaparecidas-en-peru> acesso em setembro de 2016. Campanha Reúne, alerta para a busca de desaparecidos. Disponível em: <https://www.icrc.org/es/document/peru-asociaciones-de-familiares-lanzan-campana-mediatica-en-favor-de-las-personas> acesso em setembro de 2016.

Marcha del Silencio. Apesar de o dia de homenagens não constar na agenda oficial, a mobilização popular deu vida à caminhada silenciosa que há duas décadas faz parte do calendário de memória, verdade e justiça entre os países do cone sul.²³

Desta sistematização inicial, observa-se que as demarcações anuais sobre lembrar (e não esquecer!) as desapareições forçadas com participação de agentes estatais está muito concatenada com a organização dos grupos afetados pelo desaparecimento forçado de seus entes ou conhecidos. Mesmo com os trabalhos de difusão de denúncias em larga escala, os avanços sobre essa temática não estão garantidos no âmbito institucional. Apesar dos Estados cumprirem com reparações ainda que simbólicas, como as citadas leis aprovadas em homenagem aos desaparecidos, os projetos sobre essa agenda, na maioria das vezes, não estão incorporados em um plano de ação estatal. Esse fator gera instabilidades nos desdobramentos dos avanços em termos de responsabilização estatal e individual, pois na medida em que há modificações de governo, também aparecem dificuldades para a concretização da agenda política em matéria de justiça de transição. Ruti Teitel analisa a justiça transicional ao longo do tempo explorando as lacunas deixadas pelo Estado e suas instituições para enfrentar os crimes cometidos por esses mesmos segmentos. Considerando os custos políticos do passado para o presente e futuro,

com frequência há resistência à própria ideia de transição, na medida em que levanta a possibilidade de mudanças políticas. O problema diz respeito à adequação de um maior comprometimento após uma catástrofe em massa, seja mediante testemunho, uma ação política ou contribuindo financeiramente para pesquisa. (TEITEL, 2003, p. 161)

Em consequência, com a disposição dos agentes envolvidos em promoverem mais ou menos transformações no decorrer desse processo, ascendem alternativas de caminhos para a justiça transicional, como decisões de ordem internacional, transnacional, nacional e no âmbito privado, as quais criam, segundo Teitel, um problema normativo de absorção da interação entre justiça transicional, globalização e soberania. Por isso, na segunda fase da genealogia da justiça transicional, proposta por Teitel, algumas das ações empenhadas ocorreram à revelia das instituições estatais, gerando um alto grau de privatização destes mecanismos.

23. Em 2016, como já era esperado, a Marcha del Silencio reuniu milhares de pessoas na capital Montevideo, disponível em: <http://www.web.ellibertador.hn/index.php/noticias/internacionales/56-uruguay-marcha-de-silencio-exige-justicia-por-los-desaparecidos> acesso em setembro de 2016. O dia internacional das vítimas de desaparecimento forçado, 30 de agosto, também é marcado por atividades, ver em: <https://www.presidencia.gub.uy/comunicacion/comunicacionnoticias/dia-internacional-del-detenido-desaparecido> acesso em setembro de 2016.

Ao longo da espera em investimentos políticos e jurídicos do Estado na resolução de problemas advindos dos crimes contra a humanidade, familiares e amigos de pessoas desaparecidas impulsionaram a elaboração, por órgãos competentes na matéria de direitos humanos, de mecanismos e instrumentos que determinassem os Estados a cumprir sob a normativa internacional. Verificar como as normativas foram implementadas, quais as suas determinações sobre o crime de desaparecimento forçado, e como deve operar a responsabilização e o direito à verdade para crimes dessa natureza são tarefas do tópico a seguir.²⁴

1.1 O crime de desaparecimento forçado no Direito Internacional

O desaparecimento forçado de pessoas é uma violação particularmente *grave e complexa* de múltiplos direitos humanos, inclusive de *caráter inderrogável* – a exemplo do próprio direito fundamental à vida -, protegidos pelos tratados e convenções tanto de direitos humanos como do Direito Internacional Humanitário. Trata-se, ademais, de uma *violação continuada ou permanente*, até que se estabeleça o destino ou paradeiro da vítima desaparecida. (PRE-FÁCIO CANÇADO TRINDADE in JARDIM, 1999, p. 12)

A fim de evitar a reincidência de uma prática que, em tempos de governos autoritários ou conflitos armados internos, foi usual e sistemática, as normativas internacionais qualificaram o crime de desaparecimento forçado e passaram a indicar medidas para responsabilizar os Estados e autores individuais. Para tanto, e na tentativa de evitar a sua continuidade, as normativas possuem um conteúdo punitivo, às quais devem servir de base para regulamentar o delito como um tipo específico no âmbito do Direito doméstico dos nove países contemplados por esta investigação. Como já dito, infelizmente, as ratificações não garantem a consolidação de todo o processo pelos Estados latino-americanos que ora e outra são denunciados perante o Sistema Interamericano de Direitos Humanos por não esboçarem avanços nos tribunais internos. Além das especificidades enfrentadas por cada país no que diz respeito aos obstáculos para a judicialização dos casos de desaparecimento forçado do passado, as sociedades atuais ainda se deparam com o desafio de erradicarem tais crimes cometidos em períodos pós ditatoriais ou de conflitos armados internos.

24. De acordo com OSMO (2014), o direito à verdade é um termo técnico-jurídico recente e em formação e, portanto, carece de uma definição objetiva pela pluralidade de sentidos advindos do seu uso político. O direito à verdade nasce a partir do fenômeno da privação de informações que compõe o crime de desaparecimento forçado e passa a ser requerido juridicamente a partir da negação, ocultação, destruição ou dissimulação das versões de crimes dessa natureza.

Dentre os países observados contamos com realidades que se encontram em etapas bem distintas no que tange à superação de situações de conflito. Se, por um lado, há o processo da Colômbia que, em setembro de 2016, com a assinatura do *Acuerdo General para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera* entre o governo nacional e as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo (FARC-EP)*, pareceu avançar – ainda que com o resultado do plebiscito de 02 de outubro de 2016, de outro lado temos a Argentina, que desde meados dos anos oitenta do século XX notabilizou-se pelos marcos em termos de judicialização, identificação e restituição de desaparecidos.²⁵ Todavia, o crime do desaparecimento forçado continua sendo uma realidade, mesmo no país argentino, que teve grandes avanços em variados aspectos da justiça de transição. Embora não seja possível afirmar que a prática se desenvolva com a mesma frequência, sistematicidade ou se direcione contra os mesmos grupos dos regimes anteriores, as denúncias

25. Sobre a Colômbia, em 24 de agosto de 2016 foi firmado o Acordo de Paz em Havana, Cuba, entre o governo colombiano e as FARC. O acordo conta com testemunhas dos governos de Cuba e Noruega e contém pontos que consideram os seguintes aspectos para a consolidação do processo: 1) política de desenvolvimento agrário integral; 2) participação política: abertura democrática para construir a paz; 3) garantias de segurança e luta contra as organizações criminosas; 4) solução do problema de drogas ilícitas; 5) vítimas; 6) mecanismos de implementação e verificação. No que tange às vítimas: *“El acuerdo crea el Sistema Integral de Verdad, Justicia, Reparación y No Repetición, que contribuye a la lucha contra la impunidad combinando mecanismos judiciales que permiten la investigación y sanción de las graves violaciones a los derechos humanos y las graves infracciones al Derecho Internacional Humanitario, con mecanismos extrajudiciales complementarios que contribuyan al esclarecimiento de la verdad de lo ocurrido, la búsqueda de los seres queridos desaparecidos y la reparación del daño causado a personas, a colectivos y a territorios enteros”* (ACUERDO, 2016, p. 6). As cifras levantadas pelo *Alto Comisionado para la Paz* das vítimas do conflito de meio século de duração apontam para 45 mil desaparecidos. Ver o conteúdo do *Acuerdo*, disponível em: https://www.mesadeconversaciones.com.co/sites/default/files/24_08_2016acuerdofinalfinalfinal-1472094587.pdf, acesso 1/9/2016. Ver vídeo produzido pelo *Alto Comisionado para la Paz*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLPSpb4o8nQ>, acesso 1/9/2016. Sobre a Argentina: o documento datado de 25 de julho de 2016 expedido do *Ministerio Público de la Defensa da provincia de Santa Fe* e apresentado durante a 117ª sessão do Comitê de Direitos Humanos das Nações Unidas em Genebra, Suíça denuncia casos de desaparecimentos forçados no país argentino. A delegação bonarense *“[...] insistió en que existe un déficit concreto y dificultades del Estado en prevenir la violencia institucional y las desapariciones forzadas. [...] concretamente de los casos “Roberto Irusta”, “Franco Casco” y “Gerardo Escobar”, solicitando se investiguen estos hechos.* (MINISTERIO PÚBLICO DE LA DEFENSA, 2016, p. 2). Em um dos casos citados, o de Roberto “Irusta” ou “Yrusta”, este cumpria pena em um presídio de Córdoba e após denúncia de que sofria com torturas nos últimos três anos foi transferido para uma prisão em Santa Fé. Durante o período de transferência, em janeiro de 2013, sua família não foi informada de seu paradeiro. No reencontro com a família já no cárcere de Santa Fé, expressou queixas de maus tratos e um mês após a sua transferência ele foi encontrado morto na sua cela. O caso foi acompanhado pelo Comitê das Nações Unidas contra o Desaparecimento Forçado (CED) que, por meio de seus membros, afirmou: *“Na opinião do Comitê, um desaparecimento forçado não tem que começar necessariamente com uma prisão arbitrária ou ilegal, nem precisa ter funcionários (públicos) envolvidos com a intenção de cometê-la, mas uma detenção legal de uma pessoa pode se tornar ilegal e, como nesse caso, se tornar um desaparecimento forçado”* (ONU BRASIL, 24/03/2016).

atuais atestam a existência do desaparecimento forçado em todos os países que compõe a RLAJT, afirmação compartilhada em nível internacional.

Com o propósito de compreender como o crime de desaparecimento forçado passou a ser definido e as implicações que decorrem deste delito, serão explorados os principais atos normativos internacionais, os quais estão atrelados ao Direito Internacional Humanitário (DIH), ao Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH) e ao Direito Penal Internacional (DPI). No que tange à matéria, apresentar-se-ão os documentos a seguir: as Convenções de Genebra de 1949 e seus protocolos adicionais, pelo DIH; a Declaração sobre a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de 1992, a Convenção Internacional para a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados de 2006 e a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas de 1994, pelo DIDH; o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional de 1998, pelo DPI.

1.2 O desaparecimento forçado no Direito Internacional Humanitário

O Direito Internacional Humanitário (DIH) surge a partir de iniciativas que deram origem ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), ainda no século XIX.²⁶ As Convenções de Genebra, junto às Convenções de Haia, são um marco para o desenvolvimento de normativas para situações de guerras e conflitos armados internos, sobretudo ao longo do século XX, marcado por guerras mundiais e seus legados devastadores. Como consequência das realidades de violações de direitos em massa e a fim de cobrar dos países envolvidos o cumprimento de regras para situações específicas de violência, medidas internacionais passaram a ser criadas para assegurar, independentemente das circunstâncias, critérios de humanidade em meio aos conflitos (NAÇÕES UNIDAS, 2001).

Para tratar do DIH na matéria do desaparecimento forçado, serão consideradas as Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos I e II, adicionados às resoluções devido às particularidades dos conflitos armados internacionais e internos, observados após a II Guerra Mundial.²⁷

26. Criado em 1863, o CICR tem a missão estritamente humanitária de proteger a vida e a dignidade das vítimas da guerra e da violência interna, assim como de prestar-lhes assistência. (UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICV, 2009, p. 103)

27. As Convenções de Genebra são produtos de conferência diplomática internacional, realizadas em Genebra, Suíça, entre os meses de abril a agosto de 1949. As normativas destinam-se a conter abusos e regular as ações em estados de guerra, buscando atenção, respectivamente, aos doentes e feridos em campanha (primeira convenção), doentes, feridos e náufragos no mar (segunda convenção), os prisioneiros de guerra (terceira convenção) e as vítimas de carácter civil (quarta convenção). (NAÇÕES UNIDAS, 2002, p. 8)

O Protocolo I dedica a sua seção III às pessoas desaparecidas e falecidas e destaca no seu princípio geral o direito das famílias a conhecerem a sorte dos seus membros (PROTOCOLO I, 1977). Com isso, o direito à verdade passou a ser evocado (BRASIL, 2014, p. 34), pois diante da negação ou omissão de informações por parte de países beligerantes, as famílias são, também, afetadas por uma série de violações.²⁸ Nesta perspectiva, o DIH busca esclarecer os fatos que envolvem os desaparecimentos forçados de forma a atender os anseios das famílias e, na medida do possível, envolvê-las em todas as etapas do processo de busca, identificação e restituição das pessoas ou de restos mortais; tais ações se dão paralelamente à exigência de cumprimento de responsabilidades dos Estados.

De acordo com o artigo 33º do Protocolo I, que trata de conflitos armados internacionais, é obrigação das partes do conflito realizar buscas e fornecer todas as informações sobre as pessoas desaparecidas tão logo tenham cessado as hostilidades; logo, é dever dos países:

- a) Registrar as informações previstas no artigo 138 da Convenção IV sobre as pessoas que tiverem sido detidas, presas ou de qualquer outra forma mantidas em cativeiro durante mais de duas semanas devido às hostilidades ou à ocupação, ou que tenham morrido durante um período de detenção;
- b) Na medida do possível, facilitar e, se necessário, efetuar a procura e registro de informações sobre essas pessoas se tiverem morrido noutras circunstâncias devido a hostilidades ou ocupação. (PROTOCOLO II, 1977)

O destino destas informações, indicado pelo Protocolo I, deve ser a Agência Central de Buscas do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, a qual presta assistência aos familiares e pessoas próximas ao desaparecido. Observe-se que a definição normativa do tratamento das pessoas desaparecidas nestas situações é considerada complexa e morosa, uma vez que foi registrada logo a seguir das Convenções de Genebra, em 1952, em uma *Convenção sobre a Morte das Pessoas Desaparecidas*, que mesmo após entrar em vigor deixou de ser aplicada em 1967, depois de sofrer com prorrogações para sua fixação (NAÇÕES UNIDAS, 2002, p. 17). Assim, as Convenções de Genebra de 1949, seus Protocolos I e II e o exercício do CICV traçam o panorama do tratamento de desaparecidos para o DIH.

Em estudo sobre o Direito Internacional Humanitário Consuetudinário, especialistas do CICR sistematizaram informações de diversas fontes na tentativa de traçar um panorama sobre como opera o direito costumeiro.

28. Ver mais em OSMO, 2014, pp. 78-79.

Em um volume intitulado *El Derecho Internacional Humanitario Consuetudinario* de 2007 apresentam-se normas que classificam o desaparecimento forçado como ato proibido²⁹. De acordo com o pesquisador chileno Sferrazza o crime aparece como parte de ações reprovadas nas práticas do Conselho de Segurança (CS), na Assembleia Geral (AG) e no Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) (SFERRAZZA, 2014, p. 72).

Compreende-se que o conceito de desaparecimento para os órgãos que exercem funções na perspectiva do DIH é mais amplo que a definição de desaparecimento forçado, sendo esta uma condição particular do conceito de desaparecido, cuja caracterização engloba as mais diversas circunstâncias, como colocado pelo CICV, a saber:

- Es frecuente que las personas pierdan el rastro de los familiares que forman parte de las fuerzas armadas o de los grupos armados, porque no se les brinda ningún medio para mantener el contacto con ellos.
- Los miembros de las fuerzas armadas o de grupos armados pueden ser declarados desaparecidos en combate cuando mueren y no se les han dado los medios necesarios para identificarlos, como las tarjetas de identidad.
- Las personas capturadas, arrestadas, secuestradas, pueden desaparecer mientras se las mantiene en la clandestinidad o en un lugar desconocido, y morir durante la detención. En muchos casos, sus familiares no saben dónde están, o no tienen autorización para visitarlos ni intercambiar correspondencia con ellas. Con frecuencia, la información sobre las personas privadas de libertad no es registrada (fecha y lugar del arresto, la detención, el deceso o la inhumación) o los registros que contienen esa información han sido ocultados o destruidos.
- Numerosas personas son dadas por desaparecidas tras un exterminio colectivo. Con frecuencia, los cadáveres son abandonados en el lugar, enterrados a toda prisa, desplazados o incluso destruidos.
- Las personas desplazadas o refugiadas, las poblaciones aisladas a causa del conflicto o las que viven en zonas ocupadas tal vez no puedan estar en contacto con sus familiares. Esas situaciones pueden dar lugar a largas separaciones.

29. As práticas do direito interacional humanitário consuetudinário devem ser aplicadas pelos Estados tanto em situações de conflitos internacionais como não internacionais. As normas citadas pelas especialistas convidadas pela CICR especificam as seguintes condições: Norma 98. Quedan prohibidas las desapariciones forzadas. Norma 105. Em la medida de lo posible, se respetará la vida familiar. Norma 117. Las partes en conflicto armado y transmitirán a los familiares de éstas toda la información de que dispogan al respecto. (HENCKAERTS; BECK, 2007).

- Los niños también pueden ser víctimas de las desapariciones: separados de sus familiares cuando huyen de una zona de combate, enrolados a la fuerza, arrestados o incluso adoptados sin seguir las formalidades correspondientes.
- Por último, cuando se efectúan exhumaciones o exámenes *post mortem*, la información que permite confirmar la identidad de una persona fallecida no siempre se conserva ni se administra de manera adecuada. (UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICR, 2009, p. 14)

Adequar-se às especificidades dos conflitos é um desafio à comunidade internacional humanitária que se depara com o desaparecimento como uma das consequências. Contudo, é necessário distinguir as circunstâncias que levam à figura jurídica do desaparecido, visto que “uma coisa é o desaparecimento forçado como ilícito internacional e outra coisa é a pessoa desaparecida em um conflito armado como categoria de pessoa vulnerável protegida pelo Direito Internacional humanitário”. (SFERRAZZA, 2014, p. 73). O CICR entende que as buscas devem contemplar todas as formas de desaparecimento, não distinguindo se as situações se deram por meio de desastres naturais, em consequências de guerras ou conflitos armados ou ainda em caráter sistemático com um fim de dominar socialmente determinados grupos ou comunidades.³⁰

Cleber Kemper, responsável pelo programa de pessoas desaparecidas do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, coordena a prestação de serviços técnicos para autoridades locais competentes no assunto. Seu trabalho busca possibilitar uma perspectiva que responda de uma forma holística à necessidade dos familiares dos desaparecidos; em vídeo institucional ele dá seu testemunho sobre esse trabalho:³¹

Uma das coisas mais importantes é que o CICV entende que quem define o momento do desaparecimento, o ponto de partida, é sempre

30. Para maiores detalhes consultar: *Guiding principles / Model law on the missing* (2009) <https://www.icrc.org/en/document/guiding-principles-model-law-missing-model-law#.VBcUW1Oa4wo> e *Missing persons and their families* (2015) <https://www.icrc.org/en/document/missing-persons-and-their-families-factsheet>, acesso 1/9/2016.

31. Dados do CICV relativos aos trabalhos desenvolvidos ao longo de 2015, em mais de 50 países, para ajudar as pessoas desaparecidas e suas famílias mostram que: 1.000 crianças foram reunificadas com seus familiares; 3.650 famílias com entes queridos desaparecidos receberam apoio psicossocial e psicológico em 21 países; 479 mil puderam restabelecer o contato por meio de telefonemas gratuitos; 25,7 mil detidos foram visitados e monitorados individualmente; 53 países receberam serviços forenses humanitários; 19 Estados receberam apoio na formulação de leis e medidas nacionais relacionadas a pessoas desaparecidas e as suas famílias. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/dia-internacional-pessoas-desaparecidos-relat%C3%B3rio-2016>, acesso 1/9/2016. O CICV desenvolve trabalhos em todos os países que possuem organizações na RLAJT.

a família. As pessoas desaparecem por diversas razões. [...] A gente trabalha muito com familiares que muitas vezes buscam o seu desaparecido, o seu ente querido, por dez, vinte, trinta, quarenta anos. São encontros com pessoas que às vezes nutrem a esperança de um reencontro, um reencontro com a pessoa que desapareceu. [...] Com muita frequência os familiares compartilham comigo e com meus colegas experiências que viraram tabus na família, algumas vezes as experiências dos tabus são ruins, eles pela primeira vez depois de vinte ou trinta anos, sofrendo calados, eles compartilham as histórias com alguém. De outras vezes os tabus ou as histórias são engraçadas, eles falam sobre as piadas que o familiar desaparecido costumavam contar. (CICR, 2016, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=egdvmToVoaw>, acesso 1/8/2016.)

Diante das variadas circunstâncias, destaca-se que o desaparecimento, tal como entendido pelo CICV, não dissocia a necessidade de prestar assistência ao entorno familiar da necessidade de buscar a pessoa desaparecida ou os restos mortais, compreendendo tanto a vítima direta do crime quanto sua família como afetados. De forma a problematizar o reconhecimento e o tratamento desses casos pelo Estado, o CICV, na perspectiva humanitária, busca atender às famílias em situações de vulnerabilidade a partir dos desaparecimentos como sujeitos violados em seus direitos de forma complexa.³² Assim, tais violações suscitam demandas que não são facilmente sanadas, nem parcial nem integralmente, tendo em vista especificidades da natureza da judicialização ou responsabilização penal, para exemplificar algumas das demandas em aberto.

As dificuldades que giram em torno da assistência ou reparação aos familiares de pessoas expostas ao desaparecimento forçado foram suscitadas em entrevista para esta investigação pelo membro do *Equipo Peruano de Antropología Forense* (EPAF), o antropólogo forense José Pablo Baraybar, que atualmente presta serviço ao CICR. O pesquisador, que já atuou em diversos países que possuem organizações na RLAJT, destacou alguns paradoxos que envolvem o complexo crime de desaparecimento:

32. Sobre essa temática ver protocolos de assistência às famílias nas seguintes publicações: *Consenso mundial de principios y normas mínimas sobre trabajo psicosocial em procesos búsqueda e investigaciones forenses para casos de desapariciones forzadas, ejecuciones arbitrarias o extrajudiciales*, resultado do I Congreso Mundial de Trabajo Psicosocial en Desaparición Forzada, Procesos de Búsqueda, Exhumación, Justicia y Verdad, Antigua, Guatemala, 2007 e II Congreso Mundial de Trabajo Psicosocial en Desaparición Forzada, Procesos de Búsqueda, Exhumación, Justicia y Verdad, Bogotá, Colombia, 2010. Disponível em http://equitas.org.co/sites/default/files/biblioteca/Consenso_mundial_principios_normas_minimas_trabajo_psicosocial_desaparicion_forzada.pdf, acesso 1/9/2016; Comité Internacional de la Cruz Roja - CICR. *Acompañar a los familiares de las personas desaparecidas – Guía Práctica*. Ginebra/Suiza, 2014.

Tem uma confusão aí, é uma fricção muito grande que existe entre o aspecto humanitário e o aspecto judicial. [...] É clara a contradição que existe porque a intervenção humanitária pode incluir o aspecto judicial, mas o aspecto judicial não pode incluir o aspecto humanitário. O aspecto judicial está procurando só provas, porque o proceso judiciário é um proceso formal de busca de provas, não é uma coisa da família, de falar com ela, explicar o que aconteceu [...] a coisa não é assim, você está procurando provas, tem que demonstrar além de dúvida [inaudível], que uma coisa aconteceu ou não, não o que você acha. (BARAYBAR & VARGAS, 2016).

Sobre a experiência de trabalho do EPAF com as famílias de pessoas afetadas pelo desaparecimento forçado, cuja perspectiva é a do Direito Internacional Humanitário, José Pablo Baraybar afirma que:

É uma perspectiva mais ampla, ainda e acho que lá (no EPAF) a coisa começa a se transformar em uma coisa mais complexa ainda, a pergunta perspectiva é integral, com uma visão de como o Direito Internacional Humanitário tem que entender também outras coisas que não ficam no âmbito do Direito. Então, uma dessas coisas é a construção da vítima, não tem vítimas naturais, você tem que tentar uma explicação ainda mais sociológica, mais holística, você tem que integrar direitos econômicos, sociais, culturais, (inaudível), políticos, não dá para se centrar só nos direitos políticos. Porque as vítimas são sempre as mesmas pessoas? Os mesmos suspeitos? Porque é possível, porque é um exercício de poder dos grupos hegemônicos sempre, porque você pode, você sequestra as pessoas porque você pode, mata porque você pode. Então, as formas mais (inaudível) de (inaudível) direitos às pessoas para que as pessoas se transformem em vítimas é uma coisa que ninguém está olhando. O marco legal do Direito Internacional Humanitário do Direitos Internacionais dos Direitos Humanos é muito centrado também em princípio de política. (BARAYBAR & VARGAS, 2016).

O processo de construção da noção de vítima não é consensual e insere-se nas particularidades referentes de regiões e dinâmicas locais. Há situações dentre os casos de desaparecimentos forçados, perpetrados de forma sistemática, em que o compartilhamento social do ocorrido se dá quase que instantaneamente e há casos em que o processo de incorporação do desaparecimento leva um longo tempo. No Chile e em outros países golpeados por ditaduras:

El término “detenido-desaparecido”, DD, representa una categoría de victimización construída discursiva y conceptualmente por familiares de víctimas y organizaciones defensoras de los DDHH.

Estos insistían tanto en la existência de la práctica como en la responsabilidad directa del Estado por ella, constrañiendo la negación, propaganda y desinformación practicada por el régimen sobre la suerte corrida por personas detenidas clandestinamente, por agentes vestidos de civil, sin mediar orden judicial y sin procedimiento policial o judicial posterior. (COLLINS, 2016, p. 7).³³

Realizar buscas de um familiar sem muitas informações, com a negação pelo Estado ou dissimulação de pistas sobre o crime, gerou e pode gerar, em alguns casos, insegurança sobre a configuração do crime a qual a pessoa foi submetida. Diante de tantas situações que não demonstram as circunstâncias do desaparecimento forçado como evidentes é importante ter cautela ao concluir sobre a morte ou não em decorrência do crime. Não é possível supor ou afirmar, previamente, que todos os familiares entendem o seu ente desaparecido como vítima fatal, pois a esperança do seu retorno liga-se às subjetividades inerentes a cada caso.

A classificação de todo o desaparecido como vítima também é discutível para alguns grupos que entendem que ao optar pela luta de oposição a um regime autoritário, a pessoa se expôs, por livre decisão, a uma condição de risco, uma vez que a tortura e as execuções eram práticas utilizadas pelos Estados e conhecidas pelos envolvidos na resistência. Embora a brutalidade dos crimes contra a humanidade seja inquestionável e indiscutível, ser enquadrado na condição de vítima por ser afetado por uma série de violações não é consenso entre familiares de desaparecidos e nem mesmo algo partilhado posteriormente ao crime, ou seja, na trajetória de luta por verdade, memória e justiça.

Convém destacar que essa posição apareceu em duas das entrevistas realizadas durante esta pesquisa. A primeira delas foi feita com Victória Lavínia Grabois Olímpio, filha de Maurício Grabois, irmã de André Grabois

33. O papel das vítimas de graves violações nos processos penais como testemunhas para efeito de prova e como acompanhantes nos desdobramentos das ações é de fundamental importância, tanto nos tribunais domésticos como nos tribunais internacionais de direitos humanos. Nos países em que a justiça não avançou para os casos de crimes contra a humanidade, familiares e afetados pelo desaparecimento forçado enfrentam dificuldade para alcançar o deslocamento do lugar de vítima para o de acusador. No caso do Brasil, por exemplo, na Lei nº 9.140/95 o ônus da prova recaiu sobre os familiares, ou seja, criou uma nova demanda para o grupo do entorno da pessoa morta ou desaparecida, situação que pode induzi-las a reviverem a experiência do trauma. Sobre isso ver: SILVA-SELLIGMAN, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, jan-jun, 2010. p. 3-20. Sobre a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos e o ônus da prova ver BAUER, 2012. A fim de evitar tais situações julga-se necessário seguir protocolos elaborados com profissionais da área da saúde psicossocial, mencionados tangencialmente na nota anterior. Sobre os direitos das vítimas e familiares de participarem dos processos nos países que possuem representantes na RLAJT, ver OSMO, 2016, pp. 54-58.

e viúva de Gilberto Olímpio Maria. Victória e seus familiares pertenciam ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) no período da ditadura civil-militar. Os homens da família são desaparecidos políticos desde 1973, em decorrência da repressão à Guerrilha do Araguaia. A segunda entrevista foi realizada com Suzana Keniger Lisboa, viúva de Luiz Eurico Tejera Lisboa, ambos ex-militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN); seu marido foi assassinado em São Paulo, enterrado com nome falso de Nelson Bueno e ficou desaparecido de 1972 até 1979, quando seus restos mortais foram localizados no Cemitério Dom Bosco, em Perus/SP, em decorrência das buscas realizadas por ela, ainda no período ditatorial.³⁴

Essas duas mulheres representam, no Brasil, a luta dos familiares de mortos e desaparecidos durante a última ditadura civil-militar. Victória fundou em 1985 o *Grupo Tortura Nunca Mais no Rio de Janeiro* (GTNM/RJ), cujo trabalho é reconhecido nacionalmente até os dias de hoje. Suzana acompanhou a criação da *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos* (CEMDP) em 1995, através da Lei nº 9.140/1995 e foi a representante dos familiares na CEMDP durante 10 anos. Em entrevista para esta pesquisa, as duas familiares de pessoas afetadas pela experiência do desaparecimento forçado relataram as dificuldades da aceitação da situação e a construção social da condição desse grupo:

No ano de 1973, eu fiquei sabendo, através do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, que o André havia sido assassinado no dia 14 de outubro de 1973. Não me disseram onde e perguntaram para mim se eu contaria para a minha mãe, eu disse que não porque nós vivíamos na clandestinidade. Minha mãe nada poderia fazer vivendo em uma casa de um aparelho que era do partido, eu segurei essa notícia durante sete anos da minha vida. [...] Nunca mais me falaram nada, porque talvez viram, pela minha reação, que seria muito difícil saber que meu pai e o Gilberto também teriam morrido, e você sempre tem uma esperança porque se não tem notícias você acha que as pessoas estão vivas. [...] Até que no

34. O caso do extermínio do grupo do PC do B na região do Araguaia, durante a tentativa de levante de uma guerrilha rural no período da ditadura civil militar, é emblemático pelos milhares de homens (entre três e dez mil) de diversas forças armadas do Brasil, as quais em operações na região realizaram o desmonte da organização de esquerda, o que resultou no desaparecimento de setenta militantes de esquerda e na disseminação do terror de Estado entre os camponeses da região. Sobre esse evento consultar mais detalhadamente no capítulo 14 do relatório da Comissão Nacional da Verdade, disponível em: <http://www.cnv.gov.br/> acesso em setembro de 2016 e a sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos, em que o Brasil foi condenado, em 24 de novembro de 2010, caso *Gomes Lund e outros ("Guerrilha do Araguaia") vs. Brasil*. Sentença traduzida para o português na íntegra em: SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. COMISSÃO DE ANISTIA. CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, 2014.

feriado de 1º de novembro [de 1979] eu vim ao Rio de Janeiro e quando eu voltei a minha mãe estava abaladíssima porque ela tinha lido no jornal o *Estado de São Paulo* que tinha havido um encontro de familiares em Salvador e que meu pai era considerado desaparecido e o André era considerado morto. Ainda assim eu segurei, disse a ela que a gente tinha que aguardar. [...] Em janeiro de 1980, o José Genoíno deu uma entrevista para o *Jornal da Tarde*, que era o jornal *light* do *Estadão*, e lá ele falou da morte do André e eu acabei falando para ela que eu sabia que o André havia morrido em outubro de 1973. Aí ela ficou abaladíssima, a gente morava em uma casa e como meu filho Igor era adolescente, tinha 12 anos, era uma casa que vivia cheia de crianças, as crianças entravam, a vizinha entrava, e ela entrou e viu minha mãe chorando, ela perguntou por que minha mãe chorava e eu não podia dizer o que era, eu disse pra ela que eu havia brigado com a minha mãe. [...] Para nós do Grupo Tortura Nunca Mais (RJ) nós não somos vítimas, nós nos consideramos sobreviventes, nós nos consideramos sobreviventes dessa ditadura. (GRABOIS & VARGAS, 2016)

Eu fiquei clandestina até 1978, desde 1969, e me envolvi na luta da anistia a partir do começo de 1979. Na época, nós localizamos o corpo do Luiz Eurico através de diversas coincidências de pesquisas em março e nós só fizemos a denúncia no dia da votação da Anistia, que enquanto o projeto do Figueiredo nos dava um atestado de morte presumida a gente apresentava à nação um atestado de óbito verdadeiro de um desaparecido enterrado com um nome falso. A partir daí eu não fiz outra coisa da vida a não ser militar em torno desse assunto, junto à Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, que era uma parte do Comitê Brasileiro pela Anistia. Eu me mudei para São Paulo na época e fiquei vivendo em função disso. E do ponto de vista pessoal tenho uma frustração enorme por nunca ter conseguido levar para frente judicialmente a história do meu marido, fiz muito por outros e pelo dele acho que eu sempre fiquei para trás. Existe uma versão oficial de suicídio [...] e por incrível que pareça até hoje eu tenho um atestado de óbito com a versão de suicídio, é um acinte para mim isso, porque eu fiz uma representação no Ministério Público de São Paulo há alguns anos atrás pedindo a retificação etc. e tal, pedindo providências e isso foi arquivado, infelizmente, sem nem dar qualquer tipo de andamento, sem nem... quando eu soube já estava arquivado, eu estou tentando desarquivar, claro que eu entendo que tem casos muito mais fortes para ter andamento por parte do Ministério Público Federal, mas o meu caso também é um caso e eu gostaria que pelo menos o atestado de óbito fosse retificado porque até hoje não foi. [...] Eu não me sinto vítima. Eu não gosto dessa história de vítima, porque eu não me sinto vítima, eu acho que eu participei

de um processo, eu me posicionei em um processo e acho que o Estado me deve em função disso, sobre tais e tais direitos que me foram tomados. Mas eu acho essa coisa da vitimização, não sei, me incomoda um pouco, como se a gente estivesse só com a coisa da dor. Era uma das críticas que nós fazíamos a Lei nº 9.140/95, que a lei tratava a questão dos mortos e desaparecidos como uma coisa individual, de cada familiar, e esse assunto não deveria ser tratado como cada familiar, era uma obrigação do Estado e é uma coisa que pertence a sociedade, a sociedade foi vítima, então, não fui eu que fui vítima. [...] Eu como vítima não, eu me sinto testemunha dessa época. (LISBOA & VARGAS, 2016).³⁵

As contradições acerca da construção social da categoria vítima também foram verificadas em uma pesquisa de Doutorado em Psicologia concluída em 2013 sobre a Colômbia, cuja análise foi realizada a partir do testemunho de familiares de pessoas afetadas pelo crime do desaparecimento forçado.³⁶ No país colombiano, a Lei nº 1.448 de 2011, que disciplina medidas de atenção, assistência e reparação integral às vítimas do conflito armado interno e outras disposições, aponta em seu artigo 3º a definição de vítimas:

Se consideran víctimas, para los efectos de esta ley, aquellas personas que individual o colectivamente hayan sufrido un daño por hechos ocurridos a partir del 1º de enero de 1985, como consecuencia de infracciones al Derecho Internacional Humanitario o de violaciones graves y manifiestas a las normas internacionales de Derechos Humanos, *ocurridas con ocasión del conflicto armado interno*.

También son víctimas el cónyuge, compañero o compañera permanente, parejas del mismo sexo y familiar en primer grado de consanguinidad, primero civil de la víctima directa, cuando a esta se le hubiere dado muerte o estuviere desaparecida. A falta de estas, lo serán los que se encuentren en el segundo grado de consanguinidad ascendente.

De la misma forma, se consideran víctimas las personas que hayan sufrido un daño al intervenir para asistir a la víctima en peligro o para prevenir la victimización.

35. No perfil de Luiz Eurico Tejera Lisboa no Volume III do Relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), dedicado aos mortos e desaparecidos, a conclusão do caso afirma que a morte do militante se deu em decorrência de ação perpetrada por agentes do Estado brasileiro. Assim, a CNV recomendou que a retificação da certidão de óbito seja realizada, bem como a continuidade das investigações das circunstâncias do caso, para a identificação e responsabilização dos demais agentes envolvidos (2014, p. 1.016).

36. Ver mais detalhes em PATINO OROZCO, Rafael Andrés. *Configurações subjetivas de familiares de vítimas de desaparecimento forçado na Colômbia*. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. Salvador, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/12360> acesso em setembro de 2016.

La condición de víctima se adquiere con independencia de que se individualice, aprehenda, procese o condene al autor de la conducta punible y de la relación familiar que pueda existir entre el autor y la víctima. (LEY N° 1448 DE 2011. Disponível em: <http://www.alcaldiabogota.gov.co/sisjur/normas/Norma1.jsp?i=43043> acesso em setembro de 2016).

A lei colombiana serve para demonstrar a importância de órgãos do DIH e DIDH na atenção aos afetados pelo desaparecimento forçado e seus entes e a complexa amarração dos avanços no campo da justiça de transição, pois nem sempre as políticas públicas de memória e reparação implementadas correspondem às expectativas dos familiares. Nesse sentido, instituições reguladas no âmbito do DIH se tornam fundamentais, na medida em que mediam os anseios dos grupos afetados proporcionando a elaboração coletiva do trauma através do diálogo entre tais organismos e as pessoas que viveram a experiência do crime. Some-se a isto outras iniciativas dentro do DIDH que serão apresentadas adiante. No bloco do DIH, o CICV se destaca por criar instrumentos de diálogo também entre parlamentares e as comunidades locais para que os legisladores não percam de vista a situação dos familiares ou do núcleo social do desaparecido nos encaminhamentos da implementação de políticas:

No saber qué ha sido de un cónyuge, un hijo, un padre, una madre, un hermano, una hermana es un sufrimiento insoportable para numerosas familias afectadas por un conflicto armado o una situación de violencia interna, en todo el mundo. Las familias, e incluso comunidades enteras, que desconocen si alguno de sus miembros está vivo o muerto no pueden dar vuelta la página, olvidar los hechos violentos que han perturbado su vida. Los problemas que surgen son de orden psicológico, jurídico, administrativo, social y económico. Las profundas heridas infligidas continúan fragilizando las relaciones entre grupos y naciones, en algunos casos incluso décadas después de ocurridos los hechos, lo que se convierte en un obstáculo para la cicatrización del tejido social. (UNIÓN INTER-PARLAMENTARIA/CICR, 2009, p. 13)

Observe-se que o DIH e o DIDH operam de forma convergente, uma vez que as normativas do DIH reforçam o direito à verdade e a proteção dos restos mortais das vítimas (SFERRAZA, 2014, p. 79), assim como o DIDH fornece outras possibilidades de compreensão ao crime de desaparecimento forçado. Os avanços em termos mais variados para o desenvolvimento de ações no impulso de aspectos da justiça de transição, como a responsabilização estatal e individual e acesso à informação para estimular práticas de não repetição serão apresentados no ítem abaixo.

1.3 O desaparecimento forçado no Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH)

O DIDH sublinha o desaparecimento forçado como um delito específico de extrema gravidade em duas normativas elaboradas nos anos noventa do século XX, que representam os marcos que passaram a reger as condições para prevenir, combater e punir o crime em nível continental e mundial. Para tanto, considera-se os dois órgãos que visam regular e promover os direitos humanos na América, ONU desde 1945 e OEA desde 1948, as quais por meio de suas assembleias gerais aprovaram os “principais instrumentos internacionais referentes à matéria” (JARDIM, 1999, p. 43): a Declaração sobre a Proteção de Todas as Pessoas contra o Desaparecimento Forçado ou Involuntário (DPCDF) e a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas (CIDFP).

Previamente a esses documentos, a Resolução nº 33/173, da Assembleia Geral (AG) das Nações Unidas em 20 de dezembro de 1978, introduziu a temática ao manifestar para a comunidade internacional a sua preocupação com a ascendência do desaparecimento forçado e involuntário de pessoas em diversas partes do mundo. Embora a Resolução nº 33/173 não tivesse a força de tratado e tenha colocado suas disposições à margem de apreciação dos Estados, não obrigando o seu cumprimento como normativa do Direito Internacional, pela importância do seu conteúdo, ela indicava potencialidade em suas diretrizes, as quais tinham pretensão de passar do costume à convencionalidade (JARDIM, 1999, p. 41). O desdobramento dessa resolução destinada pela AG à Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas resultou, em 1980, no Grupo de Trabalho sobre os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de Pessoas das Nações Unidas (GTDFI). A justificativa de um grupo de trabalho sobre essa temática em diversos países pode ser reforçada quando verificada a extensão do mandato de atividades do GTDFI. Não sendo um grupo permanente, periodicamente as circunstâncias impõem sua renovação; note-se que ele se encontra em atividade atualmente.³⁷

Assim, desde o seu estabelecimento o GTDFI coloca-se em uma posição de mediar a comunicação entre as famílias e os governos, para que se alcance o esclarecimento do paradeiro das vítimas de pessoas desaparecidas. Com o avanço dos anos e o desenvolvimento de instrumentos

37. De acordo com a Resolução 27/1, aprovada pelo Conselho de Direitos Humanos, durante a 39ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 de setembro de 2014, a prorrogação do mandato do Grupo de Trabalho foi prorrogada por outro período de três anos, com liquidação ao disposto na resolução 7/12 do Conselho de Direitos Humanos. Ver A/HRC/RES/27/1 disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/Issues/Disappearances/Pages/DisappearancesIndex.aspx> acesso em 01/09/2016.

normativos aprovados pela AG das Nações Unidas, o GTDFI também passou a fortalecer as demandas acerca da temática para que as autoridades nacionais ratifiquem os acordos e apliquem as medidas previstas na Declaração sobre a Proteção de Todas as Pessoas contra o Desaparecimento Forçado ou Involuntário e nos demais acordos internacionais. As atribuições do GTDFI possuem determinados limites e não cabe a ele as seguintes atividades:

Investigar diretamente os casos individuais; adotar diretamente medidas de proteção contra as represálias; estabelecer a responsabilidade de pessoas ou do Estado em casos de desaparecimento forçado; julgar nem condenar; realizar exumações; proporcionar reparação ou satisfação; cuidar de desaparecimentos perpetrados por agentes não estatais (por exemplo, grupos rebeldes). (OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS DERECHOS HUMANOS, s.d., pp. 29-30).

O GTDFI possui um protocolo próprio, através de formulário disponível virtualmente para o recebimento de casos de desaparecimento forçado de qualquer lugar do mundo. Dentre os instrumentos utilizados para enunciar as situações referentes às denúncias recebidas estão os informes anuais destinados ao Conselho de Direitos Humanos da ONU.³⁸

A fim de compreender como o GTDFI opera nos países que possuem organizações na RLAJT, faz-se importante visualizar um panorama atualizado acerca das denúncias realizadas ao GTDFI e suas ações destinadas aos Estados. Considerando que os países não consolidaram o processo de justiça de transição após os legados autoritários, os dados reforçam a importância do GTDFI como uma alternativa para a acolhida de denúncias e repasse aos Estados, em uma prestação de serviços na

38. Em folheto informativo publicado em 2010 sobre a Convenção Internacional contra o desaparecimento forçado, que ainda não havia entrado em vigor, a Oficina do Alto Comissionado para os Direitos Humanos e a Oficina Regional para a América do Sul (ACNUDH-OHCHR), trazia os seguintes dados: "O relatório de 2009 do Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre Desaparecimentos Forçados ou Involuntários registrou um total de 53.232 casos examinados e comunicados pelo grupo aos governos, desde sua criação em 1980, abrangendo 82 Estados. Desde 2004, o Grupo de Trabalho tem conseguido elucidar 1.776 casos. O número de casos ainda em investigação, fechados ou interrompidos, ascendeu a 42.600." Disponível em: <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2010/12/Carta-desaparecimentos-PORTUGUES-FINAL.pdf> acesso 1/9/2016. Em mensagem pelo Día Internacional de las Víctimas de Desapariciones Forzadas, 30 de agosto de 2016, o Secretario Geral afirmou que no último ano, ou seja, em 2015, o *Comité contra la Desaparición Forzada y el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias* receberam 246 denúncias de familiares em todo o mundo, e que "esta cifra representa tan solo una mínima parte de los miles de casos que nunca se denuncia por las condiciones de seguridad o porque se desconoce la existencia de mecanismos internacionales que pueden servir de ayuda." Disponível em: <http://onu.org.pe/dias-internacionales/dia-internacional-de-las-victimas-de-desapariciones-forzadas/> acesso 1/9/2016.

perspectiva do DIDH. Considera-se que tais dados não representam a totalidade dos casos, pois nem todas as ocorrências são apresentadas ao GTDFI.

No documento *Comunicaciones, casos examinados, observaciones y otras actividades realizadas por el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias*, expedido pelo GTDFI, durante o 108º período de sessões (8 a 12 de fevereiro de 2016), destacam-se os seguintes países:

Países	Informe expedido pelo GTDFI em fevereiro de 2016*
Argentina	Relato expedido pelo GTDFI ao governo daquele país sobre um menor que havia desaparecido na cidade de Rosario, em novembro de 2015. Devido às informações prestadas o caso foi esclarecido pelo fato de o menor ter regressado para a casa.
Brasil	O governo emitiu informações sobre quatro casos que estavam pendentes, essas, segundo o GTDFI, foram consideradas insuficientes para esclarecer os fatos.
Colômbia	Registro do sequestro de Borja Lázaro Herrero, em janeiro de 2014, por paramilitares com aquiescência de funcionários do Estado, o caso foi encaminhado pelo GTDFI para o Governo da Colômbia e também da Espanha.
El Salvador	Há três casos pendentes, cujas informações têm sido fornecidas por algumas fontes em análise.
México	Três casos foram destinados pelo GTDFI ao Governo daquele país, Raúl Colugna Ibarra e Rodolfo Guajardo González, foram vistos pela última vez em um presídio da <i>Dirección de Seguridad Pública</i> (Policía Preventiva) entre 18 e 20 de julho de 2014, e Emmanuel Ahmed Avalos Zelaya, sequestrado em outubro de 2013 por encapuzados vestidos à paisana, supostamente com aquiescência do Estado. O governo mexicano emitiu informações para o GTDFI, em outubro de 2015, sobre 21 casos pendentes, os quais foram avaliados como insuficientes para os esclarecimentos dos fatos. Também no mesmo período o governo respondeu sobre a alegação de 12 detenções arbitrarias com torturas e maus tratos de pessoas acusadas pelo caso dos 43 estudantes de Ayotzinapa, vitimados pelo crime de desaparecimento forçado. Além do informe sobre o caso das prisões, as autoridades mexicanas relataram sobre as investigações realizadas, em nível estadual e municipal, sobre os responsáveis pelos fatos ocorridos com os 43 estudantes desaparecidos em Iguala em setembro de 2014. Outras fontes complementam informações sobre os casos pendentes.
Peru	Peru, 3 casos pendentes, embora o governo peruano tenha prestado informações em janeiro de 2016, estas foram consideradas insuficientes para esclarecer os fatos. Outras fontes colaboram para complementar as investigações.

VARGAS, 2016.

*Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis no documento, A/HRC/WGEID/108/1, observa-se que nem todos os países que possuem organizações na RLAIJ foram citados por este documento do GTDFI.

Para acompanhar os casos de desaparecimento forçado de países de variados continentes o GTDFI considera a definição do crime disposto na Declaração sobre a Proteção de todas as Pessoas contra o

Desaparecimento Forçado (DPCDF), Resolução nº 47/133 da Assembleia Geral, de 18 de dezembro de 1992. Embora o GTDFI seja anterior à aprovação da DPCDF, as atividades do grupo na década de 1980 acabaram por influenciar o conceito jurídico do documento da ONU anos depois. Para tanto, o crime de desaparecimento forçado é considerado quando ocorrem as seguintes condições:

se arreste, detenga o traslade contra su voluntad a las personas, o que éstas resulten privadas de su libertad de alguna otra forma por agentes gubernamentales de cualquier sector o nivel, por grupos organizados o por particulares que actúan en nombre del gobierno o con su apoyo directo o indirecto, su autorización o su asentimiento, y que luego se niegan a revelar la suerte o el paradero de esas personas o a reconocer que están privadas de la libertad, sustrayéndolas así a la protección de la ley. (ONU, A/RES/47/133, 1992)

A DPCDF é uma declaração internacional, ou seja, não é um tratado (JARDIM, 1999, p. 86; SFERRAZZA, 2014, p. 62). Ela tem, assim, efeitos jurídicos limitados, pois é a primeira manifestação normativa dedicada exclusiva e especificamente ao tema do desaparecimento forçado (JARDIM, 1999, p. 49; SFERRAZZA, 2014, p. 61).

A DPCDF inicia sua resolução evocando os princípios sobre a dignidade humana fundamentados na liberdade, justiça e paz, proclamados na Carta das Nações Unidas, e destaca no quarto parágrafo introdutório que o desaparecimento forçado afeta todos esses valores, o que torna sua prática sistemática um crime contra a humanidade. Remete à Resolução nº 33/173 de 1978 quando aquela chamou atenção dos governos para que os envolvidos em crimes dessa natureza fossem responsabilizados juridicamente.³⁹ Considera, ainda na sua introdução, que o delito de desaparecimento forçado é de extrema gravidade e estabelece normas destinadas para o castigo e prevenção (ONU, A/RES/47/133, 1992).

Uma das questões sem precedentes levantadas pela DPCDF, em termos de conceituar a figura jurídica da pessoa exposta ao desaparecimento

39. No Preâmbulo da Declaração há menção a todos os tratados que de forma indireta protegem os variados direitos que são violados na conduta do desaparecimento forçado, quais sejam: Convênios de Genebra e os Protocolos Adicionais (direito das vítimas de conflitos armados); Declaração Universal de Direitos Humanos e o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal, o direito a não ser submetido à tortura, e o reconhecimento da personalidade jurídica); Convenção contra a Tortura e outros Tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes (prevenção e repressão à atos de tortura); Código de Conduta para os Funcionários Responsáveis pela Aplicação da Lei e do Conjunto de Princípios para a Proteção de Todas as Pessoas Sujeitas a Qualquer Forma de Detenção ou Prisão, adotadas pela AG em 1979 e 1988, e as Regras Mínimas para o Tratamentos de Reclusos, aprovadas pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em 1957. (ONU, A/RES/47/133, 1992)

forçado, está no seu artigo 20º, o qual sugere que há pessoas prejudicadas por esse delito cujo destino não se associa necessariamente ao fim da vida, mas ao desconhecimento ou apagamento da identidade social, sobretudo no caso de crianças e adolescentes. Assim, recomenda-se que:

Los Estados prevendrán y reprimirán la apropiación de hijos de padres de víctimas de una desaparición forzada o de niños nacidos durante el cautiverio de sus madres víctimas de la desaparición forzada y se esforzarán por buscar e identificar a esos niños para restituirlos a su familia de origen.

[...] La apropiación de niños de padres víctimas de desaparición forzada o de niños nacidos durante el cautiverio de una madre víctima de una desaparición forzada, así como la falsificación o supresión de documentos que atestigüen su verdadera identidad, constituyen delitos de naturaleza sumamente grave que deberán ser castigados como tales. (ONU, A/RES/47/133, 1992).

Designar um artigo específico para o caso das crianças e adolescentes apropriadas e vitimadas pelo desaparecimento forçado, revela a realidade de denúncias de vários países da América do Sul e da América Central. Em pesquisa intitulada *La responsabilidad internacional del Estado por desapariciones forzadas de personas*, Pietro Sferrazza, aponta que o desaparecimento forçado assume aspectos particulares quando os afetados são pessoas em situação de vulnerabilidade, como crianças e adolescentes, mulheres e indígenas (2014, p. 45). Considera-se, portanto, que nos acordos referentes à matéria, as crianças foram mencionadas com especificidades no tratamento de buscas, identificação e restituição, diferentemente dos demais grupos em situação de vulnerabilidade.⁴⁰ Importante notar que o

40. Para o pesquisador citado, as crianças ficam expostas ao desaparecimento forçado em pelo menos três situações: 1) quando possuem mãe ou pai em desaparecimento forçado; 2) quando as crianças mesmas são vitimadas pelo desaparecimento forçado; 3) quando são apropriadas ou sequestradas em idade que não identificam seu entorno social, o que gera mudança identitária. Nesse caso, existe a possibilidade dos apropriadores compactuarem com o crime e ocultarem as informações referentes aos pais biológicos e existem ainda as famílias que realizam a adoção de alguma criança ou adolescente que vivenciou a experiência do crime sem saber a sua origem (SFERRAZZA, 2014, p. 45). A questão das crianças e adolescentes envolvidas em casos de desaparecimentos forçados será desenvolvida mais adiante a partir de casos julgados pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, os quais impulsionaram modificações legislativas no que tange ao direito das crianças e adolescentes no âmbito interno de alguns países. As especificidades das torturas às mulheres e como o gênero foi utilizado pode ser conferido na pesquisa realizada paralelamente a esse estudo por Cláudia Paiva Carvalho, que trata de "*crimes sexuais: judicialização e arquivos*" em períodos ditatoriais ou de conflitos armados internos. Para maiores informações sobre graves violações de direitos humanos, como desaparecimentos forçados, o uso de trabalhos ou deslocamentos forçados envolvendo indígenas, sugiro pesquisa direcionada nos relatórios e informes das comissões da verdade dos países que possuem representantes na RLAJT já citados neste trabalho.

artigo 20º da DPCDF indica que tanto a apropriação como a falsificação da verdadeira identidade da criança vitimada pelo desaparecimento forçado do pai ou da mãe são indicadas como um crime grave. Com isso, sugere-se que o Estado, ao negar o acontecido, também se expõe à conivência e viola, com isso, o direito à verdade.

Destaque-se que embora a DPCDF seja um instrumento importante no sistema global, fortalecendo as lutas de familiares e grupos afetados pelo desaparecimento forçado, o documento não foi elaborado de forma isolada. Dois anos após a sua aprovação pela AG da ONU, outro instrumento normativo de diretrizes análogas, que já vinha sendo elaborado desde 1988, foi acrescentado no sistema regional para os países membros da OEA: a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas (CIDFP). Este possui o caráter de Convenção e por tratar-se de um documento regional para o continente americano, será explorado mais adiante.

Voltando ao sistema internacional, a DPCDF serviu como um impulso para o que veio a ser a Convenção Internacional para a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados (CIPPDF). Esta foi adotada pela Assembleia Geral em sua Resolução nº 61/177, de 20 de dezembro de 2006, entrando em vigor em 23 de dezembro de 2010, ao cumprir o artigo 39º que exigia a ratificação de vinte países.⁴¹ Ao verificar o tempo decorrente da aprovação da DPCDF até o início da aplicabilidade da CIPPDF, percebe-se o quão morosa foi a incorporação da noção de desaparecimento forçado para o DIDH e o quão recente é esta consolidação de maneira a tratar juridicamente esse crime.

O CIPPDF, portanto, como toda Convenção da ONU, considera primeiramente a obrigação dos Estados para com os princípios da Carta das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em seu preâmbulo, relembra os instrumentos internacionais do DIH, DIDH e DPI, reiterando o desaparecimento forçado como crime contra a humanidade. Acrescenta a necessidade de combater a impunidade para os casos dessa natureza, reforça o direito das vítimas à justiça, reparação e o conhecimento da verdade sobre as circunstâncias do fato, e a liberdade de buscar, receber e difundir informações acerca do crime. Em seu artigo 2º, define que o desaparecimento forçado quando ocorre quando há:

a prisão, a detenção, o sequestro ou qualquer forma de privação de liberdade que seja perpetrada por agentes do Estado ou por pessoas ou grupos de pessoas agindo com a autorização, apoio

41. É possível acompanhar a situação dos Estados-partes dessa Convenção no endereço virtual: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsq_no=IV-16&chapter=4&clang=_en

ou aquiescência do Estado, e a subsequente recusa em admitir a privação de liberdade ou a ocultação do destino ou do paradeiro da pessoa desaparecida, privando-a assim da proteção da lei. (ONU, A/RES/61/177, 2006)

A definição do crime de desaparecimento forçado indica sua autoria como parte específica a ser considerada neste delito. Para tanto, considera que tais práticas, quando realizadas de forma sistemática e generalizada, são efeitos da ação de agentes estatais ou não, uma vez que contem com qualquer tipo de consentimento do Estado. A observação recai sobre indivíduos que possuem vínculo com o serviço público, uma vez que por óbvio são estas as responsáveis por privação de liberdade legal (SFERRAZZA, 2014, p. 40)⁴². Todavia é dever do Estado investigar quaisquer casos de desaparecimentos forçados, acionada por todas as possibilidades de autoria. Com o tratado regulamenta-se que toda a pessoa tem o direito e o dever de se recusar a obedecer ordens e participar de qualquer circunstância deste crime.

A punição é contemplada em boa parte dos artigos e enfatizada entre os artigos 6º e 11º. Esse fator deve ser notado levando em consideração o Estatuto de Roma, em vigência desde 1998, o qual será tratado adiante. No artigo 24º, o termo *vítima* recebe atenção quanto à sua ampliação, uma vez que se refere tanto à pessoa desaparecida como a todo o indivíduo que tiver sofrido dano como resultado direto do crime, ou seja, para além do vínculo familiar. Complementa-se que cabe ao Estado efetivar o direito à verdade sobre as circunstâncias do fato e o andamento das investigações às vítimas do desaparecimento forçado; em caso de vida, isto deve ocorrer identificando-se o paradeiro da pessoa e, em caso de morte, de seus restos mortais. Para o caso de crianças apropriadas, o artigo 25º também convida o Estado a tomar as medidas cabíveis para a responsabilização penal de todos que falsificarem, ocultarem ou destruïrem documentação que ateste a identidade de origem de crianças que tiveram seus progenitores vitimados pelo desaparecimento forçado.

Em 2010, quando a lista dos vinte países que ratificaram a CIPPDF se completou para a aplicação do instrumento, o Conselho de Direitos Humanos da ONU constituiu o Comitê contra os Desaparecimentos Forçados, previsto no artigo 26º da CIPPDF. Seu objetivo é auxiliar o Grupo de Trabalho da ONU já atuante por décadas na prevenção e combate aos crimes e, mais especificamente, no monitoramento do cumprimento

42. O pesquisador trata dos sujeitos ativos envolvidos na ação do desaparecimento forçado que podem ser estatais e não estatais e das dificuldades de interpretação para esta delimitação nos documentos do Direitos Internacional. Ver Sferrazza, 2014.

das obrigações dos Estados-partes com relação à DPCDF e à CIPPDF. O funcionamento do Comitê e do Grupo de Trabalho atende a requisitos distintos, pois enquanto o GTDFI não exige que o Estado tenha ratificado a Convenção para o acompanhamento dos desaparecimentos forçados no país, o Comitê pode realizar trabalhos sobre a temática apenas nos países membro da Convenção. Assim, o Comitê desempenha suas atribuições em condições mais limitadas que o GTDFI, o qual possui mais autonomia perante aos Estados.⁴³ Ambos elaboram informes que contribuem para a denúncia e divulgação da situação em diversos países, proporcionando, assim, um debate que ultrapassa fronteiras e estabelece maior exposição dos Estados que não estão a cumprir com os tratados, tendo-os ratificado ou não.

A CIPPDF, portanto, é um instrumento internacional juridicamente vinculativo. Seu artigo 1º é categórico em estabelecer que toda a pessoa tem o direito de não ser submetida ao desaparecimento forçado, classificando-o como uma violação *in si*. Isto denota uma *grande inovação*, uma vez que consagra, mesmo que tardiamente, o reconhecimento desse direito (SFERRAZZA, 2014, p. 140 e 205), pois, até então, os demais documentos reconheciam apenas a condição pluriofensiva do crime.⁴⁴

A CIPPDF obriga os Estados-partes a se comprometerem com a proteção das pessoas do desaparecimento forçado atribuindo-lhes responsabilidades para que: a) em nenhuma circunstância essa prática seja acionada; b) nenhum agente de Estado descumpra essa proibição; c) haja uso rigoroso de um protocolo que garanta os direitos de todas as pessoas em privação de liberdade; d) e, em havendo o crime, que o Estado arque, no âmbito do direito interno, com a responsabilização penal, seguindo o rito da punição do desaparecimento forçado como crime contra a humanidade. Os Estados também precisam reconhecer o direito à verdade, além de facilitarem o esclarecimento das circunstâncias da morte e combaterem a negação, fornecendo meios para indenizar as pessoas que são do núcleo social e afetadas pelo desaparecimento forçado. Esta Convenção, por fim, “representa grande avanço para a prevenção e erradicação da prática do desaparecimento forçado” no sistema global (PERRUSO, 2010, p. 38).

43. The Working Group and the Committee on Enforced Disappearance. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/Issues/Disappearances/Pages/WGInternationalConvention.aspx>, acesso 1/9/2016.

44. Um dos estudos que analisa de forma aprofundada, crítica e comparativa as diretrizes da CIPPDF com os demais documentos sobre a matéria é a supracitada Tese de Doutorado de SFERRAZZA (2014), a qual contribuiu muito para esse relatório.

Os países que possuem representantes na RLAJT estão na lista de signatários da Convenção, sendo El Salvador o único Estado que não possui informação nem de assinatura nem de ratificação. De acordo as ratificações apresentadas na página da internet do Alto Comissariado das Nações Unidas, a situação é a seguinte:

País	Assinatura*	Ratificação*	Legislação nacional de acordo com a CPPDF**
Argentina	6 de fevereiro de 2007	14 de dezembro de 2007	Lei nº 26.298 (2007)
Brasil	6 de fevereiro de 2007	29 de novembro de 2010	Decreto nº 8.767 (2016)
Chile	6 de fevereiro de 2007	8 de dezembro de 2009	Decreto nº 280 (2010)
Colômbia	27 de setembro de 2007	11 de julho de 2012	Lei nº 1.418 (2010)
El Salvador	Não consta*	Não consta*	Não identificado**
Guatemala	6 de fevereiro de 2007	Não consta*	Não identificado**
México	6 de fevereiro de 2007	18 de março de 2008	Entrada em vigor no México em 2010
Peru	Não consta*	26 de setembro de 2012	Não identificado**
Uruguai	6 de fevereiro de 2007	4 de março de 2009	Lei nº 18.420 (2008)

VARGAS, 2016.

* Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis na página virtual da ONU, onde algumas encontram-se incompletas.⁴⁵

** As informações para esta coluna foram retiradas dos questionários respondidos pelos representantes das organizações na RLAJT ou foram pesquisados pela consultora.

Nesta tabela, foram adicionadas as regulamentações internas, por meio de decretos e leis, para a aplicabilidade da CIPPDF nos países analisados por esse estudo. A Convenção só se torna um instrumento efetivo de combate ao crime quando implementada. Porém, sabe-se que entre a adoção pela ONU e sua efetiva aplicação, há um longo percurso. Em termos mobilizadores, um dos fatores que faz notar a importância que teve essa aprovação para familiares e outras organizações não governamentais ativas há décadas na matéria, é a criação do *International Coalition Against Enforced Disappearances* (ICAED), que se colocou, desde 2007, na tarefa de impulsionar os Estados a ratificarem a CIPPDF. Vinculam-se ao ICAED mais de 40 organizações-membros de diversas regiões do mundo que, após as 20 ratificações necessárias para legitimar a aplicação da CIPPDF

45. Ver a listagem completa dos países que assinaram a Convenção Internacional em *Ratification Status for CED - Convention for the Protection of All Persons from Enforced Disappearance*, disponível em: http://tbinternet.ohchr.org/_layouts/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?Treaty=CED&Lang=en acesso em setembro de 2016.

em 2010, seguem em um trabalho para que seja implementada de forma efetiva pelos Estados-partes a fim de combater o desaparecimento forçado.⁴⁶

Ao sistema global do Direito Internacional dos Direitos Humanos são adicionados os sistemas regionais, por exemplo, os Sistemas Europeu e Africano de Proteção aos Direitos Humanos.⁴⁷ Para o caso americano, prevalece o Sistema Interamericano de Proteção aos Direitos Humanos, o qual abrange a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e a Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH), todos em consonância com as diretrizes da Convenção Americana de Direitos Humanos, adotada pela OEA em 1969.⁴⁸ Para o desaparecimento forçado, o tratado mais importante em nível continental é a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas (CIDFP), aprovada pela Assembleia Geral da OEA em 09 de junho de 1994.

Note-se que a CIDFP foi sancionada anteriormente à adoção da CIPPDF pela AG da ONU, influenciando-a naturalmente, uma vez que todos os instrumentos são atravessados pelo monitoramento dos grupos interessados em alcançar avanços na matéria. Assim como as demais normativas análogas, a CIDFP não se estabeleceu de forma consensual e sem resistências. Foi acompanhada pelos Estados-partes, os quais emitiram suas avaliações e ocasionaram uma apreciação em processo moroso por parte da OEA, a qual se estendeu ao longo de seis anos para consolidar a aprovação do projeto, apresentado inicialmente em 1988. No estudo intitulado *Crime do Desaparecimento Forçado de Pessoas*, Tarciso Dal Maso Jardim analisou as resoluções expedidas pela Assembleia Geral da OEA, previamente à aprovação da CIDFP, e assim notou que:

a elaboração de um projeto sobre a temática dos direitos humanos, geralmente, é algo que envolve descasos e silêncios propositais

46. Mais informações sobre o ICAED disponíveis em <http://www.icaed.org/home/> acesso setembro de 2016.

47. Ver sobre o continente europeu, na abrangência da Convenção Europeia dos Direitos do Homem (1950), os trabalhos da Comissão Europeia dos Direitos do Homem (1954) e do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (1959); sobre o continente africano, ver Organização de Unidade Africana / União Africana (2002), Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos (1981), Carta Africana sobre os Direitos das Mulheres em África (2003), Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar das Crianças (1990).

48. O SIDH se consolidou com a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, em 1948. A partir desse instrumento, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos foi criada em 1959 a fim de observar a situação dos direitos humanos nos países membros e investigar situações específicas. A Corte Interamericana de Direitos Humanos foi criada pela Convenção Americana sobre Direitos Humanos, de 1969, a qual passou a vigorar em 1978. A CIDH e a Corte IDH se amparam nas definições de atribuições previstas na Convenção. Ver mais sobre o assunto em: <http://www.oas.org/es/default.asp>

por parte dos governos, o que inviabiliza ou adia a adoção de um instrumento convencional, sem mencionar os entraves de direito interno para posterior ratificação e aplicação. Entretanto, apesar de todos os obstáculos, foi aprovada, finalmente, a Convenção Interamericana sobre Desaparecimento Forçado de Pessoas, em resolução adotada na sétima sessão plenária, realizada em 9 de junho de 1994 – AG/RES. N° 1256 (XXIV – 0/94). (JARDIM, 1999, p. 47)

A entrada em vigor da CIDFP aconteceu ainda depois, em 28 de março de 1996, convertendo-se no primeiro tratado internacional sobre o desaparecimento forçado (SFERRAZA, p. 63). Esta Convenção passou a ser utilizada como sustentação jurídica para casos referentes a este delito julgados pela Corte IDH, a qual detém jurisdição sobre um conjunto extraordinário de decisões, as quais impactam de alguma maneira nas decisões dos tribunais domésticos dos países do continente americano, sobretudo os latino-americanos que possuem histórico de ditaduras e conflitos armados internos. Destarte, a jurisprudência regional reconhece a urgência para a responsabilização do crime antes da Declaração de 1992 e das Convenções interamericana e internacional sobre o crime de desaparecimento forçado, pois o primeiro caso julgado sobre desaparecimento forçado pela Corte IDH que gerou condenação foi o de *Velásquez Rodríguez vs. Honduras*, em 1988.⁴⁹

Antes ainda da Corte IDH ser criada, a CIDH emitiu seu primeiro relatório sobre o desaparecimento forçado em observação a situação dos direitos humanos no Chile, em 25 de outubro de 1974, ou seja, um ano e dois meses após o golpe de 11 de setembro de 1973. O Capítulo IX do documento intitulado *Detenciones por tempo indeterminado y personas desaparecidas*, aponta preocupação sobre o alto número de pessoas desaparecidas após a sua detenção e cujo paradeiro se ignorava, colocando a família chilena em inquietação e angústia (OEA/Ser.L/V/II.34).⁵⁰

Sublinhe-se que dos anos 1970 até o final dos anos 1990, todos os países que possuem organizações na RLAJT aderiram à Convenção Americana da OEA e também reconheceram a competência contenciosa da Corte IDH, afirmação sempre presente nas sentenças que serão tratadas no capítulo 2. A tabela demonstra a cronologia dessas adesões:

49. A jurisprudência da Corte IDH para casos de desaparecimento forçado será explorada no capítulo 2 deste estudo.

50. O documento citado por SFERRAZZA (2014) pode ser encontrado na versão *online*, tanto o sumário do informe como todos os seus capítulos: <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/indice.htm>; o capítulo IX está disponível em <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/cap.9.htm>, acesso 1/9/2016.

País	Convenção Americana (Pacto San José da Costa Rica - 1969)*	Reconhecimento da competência contenciosa da Corte*
Argentina	Estado parte desde 5 de setembro de 1984	Desde 5 de setembro de 1984
Brasil	Estado parte desde 25 de setembro de 1992	Desde 10 de dezembro de 1998
Chile	Estado parte desde 21 de agosto de 1990	Desde 21 de agosto de 1990
Colômbia	Estado parte desde 31 de julho de 1973	Desde 21 de junho de 1985
El Salvador	Estado parte desde 23 de junho de 1978	Desde 6 de junho de 1995
Guatemala	Estado parte desde 25 de maio de 1978	Desde 9 de março de 1987
México	Estado parte desde 24 de março de 1981	Desde 16 de dezembro de 1998
Peru	Estado parte desde 28 de julho de 1978	Desde 21 de janeiro de 1981
Uruguai	Estado parte desde 19 de abril de 1985	Desde 19 de abril de 1985

VARGAS, 2016.

*Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis nas sentenças da Corte IDH, em casos dos países envolvidos na RLAIJ.

A partir das experiências supracitadas, a AG da OEA aprovou, em 1994, a CIDFP, convocando os Estados a se comprometerem com as diretrizes desta Convenção, a qual tem por objetivo contribuir para a prevenção, punição e eliminação do desaparecimento forçado, a partir do entendimento de que este crime se define pelos seguintes componentes:

Privação de liberdade de uma pessoa ou mais pessoas, seja de que forma for, praticada por agentes do Estado ou por pessoas ou grupos de pessoas que atuem com autorização, apoio ou consentimento do Estado, seguida de falta de informação ou da recusa a reconhecer a privação de liberdade ou a informar sobre o paradeiro da pessoa, impedindo assim o exercício dos recursos legais e das garantias processuais pertinentes. (OEA, CIDFP, 1994)

Os componentes que definem o crime de desaparecimento forçado se assemelham aos demais documentos supracitados, embora esta Convenção seja a primeira a dar conta da matéria em nível internacional.⁵¹ No artigo 8º a norma reforça a condição dos participantes ativos que conduzem a prática do desaparecimento forçado, e expressa que toda a pessoa assediada a participar do delito deve recorrer à desobediência. É dever dos Estados prestarem capacitação aos seus funcionários públicos para impedirem o crime.

No tocante às responsabilidades dos Estados-membros, a CIDFP dedica-se a interpretação do crime para fins jurídicos nos seus artigos 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 9º. Tais resoluções orientam os países a seguirem algumas

51. Lembre-se que a Declaração da ONU não tem caráter de tratado e a Convenção da ONU é posterior à Convenção Interamericana.

diretrizes: a) medidas legislativas para incorporar o desaparecimento forçado como um tipo penal, levando em consideração a sua extrema gravidade, além de caracterizá-lo como um delito continuado ou permanente até a identificação do paradeiro da vítima. Há permissão para que os Estados-partes adotem elementos atenuantes em troca de esclarecimentos sobre os fatos do delito; b) soluções para perpetradores que cometeram delitos, agentes, portanto, da figura jurídica do desaparecimento forçado e que possam enfrentar processos de extradição, ou seja, os Estados-partes devem adequar suas jurisdições internas para atender a essas possibilidades; a ação penal sobre o delito e a pena imposta são imprescritíveis; os julgamentos para os casos de desaparecimentos forçados só poderão ocorrer em justiça comum, excluindo-se outros tribunais, particularmente o militar.⁵²

Sobre o direito à informação, o artigo 11º indica que os Estados-partes devem cumprir rigorosamente os protocolos para que todo o percurso da pessoa em privação de liberdade seja documentado, a fim de que seus direitos sejam plenamente assegurados, e também:

Estabelecerão e manterão registros oficiais atualizados sobre seus detidos e, de conformidade com sua legislação interna, os colocarão à disposição dos familiares dos detidos, bem como dos juízes, advogados, qualquer pessoa com interesse legítimo e outras autoridades. (OEA, CIDFP, 1994)

Para complementar a caracterização do desaparecimento forçado e o direito à verdade sobre o delito, a CIDFP também destaca em seu artigo 12º a situação das crianças vítimas do desaparecimento forçado, convocando os Estados a prestarem:

Cooperação recíproca na busca, identificação, localização e restituição de menores que tenham sido transportados para outro Estado ou retidos neste em consequência do desaparecimento forçado de seus pais, tutores ou guardiães. (OEA, CIDFP, 1994)

A CIDFP passa a ser evocada nas sentenças sobre casos de desaparecimento forçado, sobretudo nos julgamentos realizados pela Corte IDH como um instrumento a ser respeitado pelos Estados-partes. Tal

52. SFERRAZZA (2014, p. 63) demarca que embora a CIDFP seja de grande importância, ela não esgota todas as demandas. O pesquisador se ampara nas críticas de Scovazzi e Citroni (2007), que apontam as lacunas deixadas pela convenção: falta de objetividade nas obrigações internacionais sobre a prevenção do desaparecimento forçado; falhas no regulamento do direito de recurso das vítimas e permissão que os Estados possam formular reservas; falta de medidas de proteção para as pessoas afetadas ou profissionais que lidam com o desaparecimento e podem estar sob riscos sofrem ameaças.

Convenção reforçou a caracterização “pluriofensiva quanto aos direitos afetados, e continuada ou permanente do desaparecimento forçado”.⁵³

Os países que possuem representantes na RLAJT estão na lista de signatários da Convenção Interamericana, sendo El Salvador o único Estado que não possui informação nem de assinatura nem de ratificação. De acordo com a situação de ratificações apresentadas na página da internet da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), a situação é a seguinte:

Países	Assinatura	Ratificação, Aceitação ou Adesão*	Depósito	Lei nacional a partir da Ratificação**
Argentina	10/06/1994	31/10/1995	28/02/1996	Lei nº 24.556 (1997) y Lei nº 24.820 (1997)
Brasil	10/06/1994	* não consta	* não consta	Decreto nº 8.766 (2016)
Chile	10/06/1994	* não consta	* não consta	Decreto nº 12 (2010)
Colômbia	05/08/1994	01/04/2005	12/04/2005	Lei nº 707 (2001)
El Salvador	Não consta*	Não consta*	Não consta*	Não identificado**
Guatemala	24/06/1994	27/07/1999	25/02/2000	Não identificado**
México	04/05/2001	28/02/2002	09/04/2002	Entrada em vigor no México em 2002
Peru	08/01/2001	08/02/2002	13/02/2002	Não identificado**
Uruguai	30/06/1994	06/02/1996	02/04/1996	Ley nº 16.724 (1995)

VARGAS, 2016.

* Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis na página virtual da OEA, em que algumas estão incompletas.⁵⁴

** As informações para esta coluna foram retiradas dos questionários respondidos pelos representantes das organizações na RLAJT ou foram pesquisados pela consultora.

1.4 Direito Penal Internacional

O fenômeno do desaparecimento forçado foi constituído como parte dos crimes contra a humanidade ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. A prática de apropriação ou sequestro de pessoas, consideradas opositoras ao nazismo em territórios ocupados pela Alemanha, foi desenvolvida por agentes do terceiro Reich. Realizaram-se o deslocamento e o assassinato de resistentes sem elaborar nenhum

53. Corte IDH. Caso Gomes Lund e outros (“Guerrilha do Araguaia”) vs. Brasil. 2010.

54. Listagem completa dos países que assinaram e posteriormente ratificaram, aceitaram ou adotaram a Convenção Americana/Interamericana sobre o Desaparecimento Forçado de Pessoas, aprovada pela Assembleia Geral da OEA em Belém do Pará, no Brasil, em 09 de junho de 1994. Disponível em: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/I.Desaparecimento.Rati.htm>, acesso 1/9/2016.

registro ou dar condições de qualquer informação. Tal conduta está no decreto de extermínio nazista *Noite e neblina* (*Nacht und Nebel*), de 7 de dezembro de 1941 (OSMO, 2014; PERRUSO, 2010; SFERRAZZA, 2014). Em testemunho durante o julgamento de Nuremberg, em 1º de outubro de 1946, o marechal nazista Wilhelm Keitel, relatou que o crime foi uma solução dada para uma “intimidação eficiente e duradoura”, para que os familiares e a população “fiquem sem saber o destino do criminoso” (OSMO apud NUREMBERG, 2014, pp. 81-82). O agente Keitel foi condenado à morte por crimes de guerra, devido a responsabilidade sobre o decreto que assinou e a sua implementação. Embora o desaparecimento forçado não fosse classificado, à época, como crime contra a humanidade pelo Estatuto do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, esta pode ser considerada a primeira condenação para este tipo de crime sob à luz do Direito Internacional (SFERRAZZA, 2014, pp. 51-52).⁵⁵

O Tribunal de Nuremberg é considerado por Ruti Teitel o símbolo do início do internacionalismo da justiça transicional, que se localiza na primeira fase, logo após a II Guerra Mundial. As práticas para a consolidação desta noção colocam em embate diferentes ações nas três fases: a primeira, mais apegada à responsabilização e uma justiça mais universalizante; a segunda, mais inclinada à paz, anistia, reconciliação e uma justiça local; e a terceira fase, a qual pertence à contemporaneidade, retomando parte do modelo da fase I. De acordo com Teitel, o símbolo da “normalização da jurisprudência de transição” o é o Tribunal Penal Internacional (TPI), pois este:

Foi precedido pelos tribunais penais internacionais *had hoc* convocados para responder os conflitos genocidas nos Balcãs e em Ruanda. Meio século depois da Segunda Guerra Mundial, o TPI simboliza a consolidação do modelo de Nuremberg: a criação de um tribunal internacional permanente designado para submeter a julgamento os autores dos crimes de guerra, genocídio e crimes contra a humanidade, como uma matéria de rotina sob o Direito Internacional. (TEITEL, 2003, pp. 164-165)

O Estatuto de Roma (ER) do Tribunal Penal Internacional (TPI), de 1998, no seu preâmbulo, afirma sua preocupação com atrocidades de crimes de grande gravidade e, portanto, decide “por fim à impunidade dos autores desses crimes e a contribuir para a prevenção” da seguinte tipologia de crimes: genocídio, crimes contra a humanidade, crimes de guerra e

55. SFERRAZZA ainda destaca que esta condenação de Nuremberg foi um marco para embasar outra sentença no caso *Justice Trial* ou *Judge’s Trial*, pelo Tribunal Militar dos Estados Unidos. Ver mais em SFERRAZZA, 2014, p. 52.

crime de agressão. Para tanto, o ER criou o TPI, como uma instituição de “caráter permanente e independente, no âmbito das Nações Unidas”, de alcance internacional, que possa criar parâmetros de punição de forma a “complementar as jurisdições penais nacionais” dos Estados-partes que, através de ratificação, aceitação ou aprovação ao Estatuto, foram chamados ao depósito junto à ONU.

O ER define, em seu artigo 7º, os crimes contra a humanidade, entendendo-os assim quando estes forem cometidos de forma sistemática e generalizada contra qualquer população civil. Dentre tais crimes estão: homicídio, extermínio, escravidão, deportação ou transferência forçada, prisão ou outra forma de privação da liberdade física grave, tortura, agressão sexual de variada natureza, perseguição de um grupo ou coletividade que possa ser identificado por motivações variadas, desaparecimento forçado de pessoas, crime de *apartheid*, outros atos desumanos de caráter semelhante. Dentre a definição dos crimes citados está o de desaparecimento forçado de pessoas, que compreende:

A detenção, a prisão ou o sequestro de pessoas por um Estado ou uma organização política ou com a autorização, o apoio ou a concordância destes, seguidos de recusa a reconhecer tal estado de privação de liberdade ou a prestar qualquer informação sobre a situação ou localização dessas pessoas, com o propósito de lhes negar proteção da lei por um prolongado período de tempo. (ONU, ER, 1998)

Ao conceituar o desaparecimento forçado como crime contra a humanidade, o ER reforça o disposto na DPCDF e CIDFP, ambas anteriores a 1998. Embora o ER esteja preocupado em punir e combater a impunidade, e no seu artigo 29º declare que todos os crimes de natureza grave, citados anteriormente, são imprescritíveis, alguns limites são indicados pelo ER para a punição destes: o artigo 11º, que dispõe da competência *ratione temporis* do TPI, afirma que este Tribunal só pode julgar crimes cometidos pelos Estados-membros após a entrada em vigor do Estatuto nos países; o artigo 24º trata da não retroatividade *ratione personae*, indicando que de acordo com o ER a responsabilização penal por uma conduta anterior à entrada em vigor do Estatuto não poderá ser objeto da jurisdição do Tribunal; no artigo seguinte, o ER esclarece que o TPI possui competência para julgar somente pessoas físicas.

Para o Estatuto de Roma, todos os países que possuem representantes na RLAJT encontram-se na lista de signatários. Apresenta-se a cronologia das ratificações de acordo com a página da internet do Tribunal Penal Internacional, bem como as legislações internas para regulamentar o tratado:

Países	Estatuto de Roma*	Legislação interna para sua regulamentação**
Argentina	08 de fevereiro de 2001	Lei nº 26.200 (2006)
Brasil	20 de junho de 2002	Decreto nº 4.388 (2002)
Chile	29 de junho de 2009	Decreto nº 104 (2009)
Colômbia	05 de outubro de 2002	Ato legislativo de 2001, adição do artigo 93 à Constituição
El Salvador	03 de março de 2016	Não identificado**
Guatemala	02 de abril de 2012	Não identificado**
México	28 de outubro de 2005	Entrada em vigor no México em 2006
Peru	10 de novembro de 2001	Resolução Legislativa nº 27.517 (2001)
Uruguai	28 de junho de 2002	Lei nº 18.026 (2006)

VARGAS, 2016.

* Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis na página virtual do TPI.⁵⁶

** As informações para esta coluna foram retiradas dos questionários respondidos pelos representantes das organizações na RLAJT ou foram pesquisados pela consultora.

Após verificar a cronologia das adesões dos países que possuem organizações na RLAJT às diretrizes postas pelo ER do TPI, foram levantadas as ratificações destes países à *Convenção sobre a imprescritibilidade dos crimes de guerra e dos crimes contra a humanidade*, aprovada em 26 de novembro de 1968. O objetivo é verificar o grau de coerência dos países que se comprometem com o ER do TPI com um tratado anterior sobre um assunto transversal, a imprescritibilidade. Pelo disposto na listagem do tratado apenas quatro dos nove países analisados possuem firma: Argentina, ratificação em 26 de agosto de 2003; Peru, 11 de agosto de 2003; México, ratificação em 15 de março de 2002; Uruguai, 21 de setembro de 2001; Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador e Guatemala não constam nas ratificações.⁵⁷

Importante destacar que a Convenção sobre a imprescritibilidade supracitada é anterior aos tratados sobre desaparecimento forçado, e ainda que não houvesse um tribunal internacional permanente na época, o descaso de alguns países para a convenção que trata da imprescritibilidade para crimes de extrema gravidade é notável. Uma das hipóteses para a falta de

56. Listagem completa dos Estados-partes do Estatuto de Roma, link para os Estados Latino-Americanos e Caribe, disponível em: https://asp.icc-cpi.int/EN_Menu/asp/states%20parties/latin%20american%20and%20caribbean%20states/pages/latin%20american%20and%20caribbean%20states.aspx, acesso 1/9/2016.

57. A lista de depositários na ONU para assinar ou ratificar a *Convention on the non-applicability of statutory limitations to war crimes and crimes against humanity* encontra-se disponível em: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=IV-6&chapter=4&clang=_en acesso 1/9/2016.

comprometimento dos países com a questão da imprescritibilidade está no desinteresse em tornar os crimes contra a humanidade ocorridos anteriormente às convenções sobre a matéria e à implementação do TPI, objeto de condenações. Tal ideia pode ser comprovada quando se identificam as iniciativas dos Estados que possuem organizações na RLAJT para edição de leis de anistia ou outras medidas de punibilidade, as quais podem ser verificadas em Osimo (2016, pp. 37-40).

É preciso também avaliar como os países que integram a RLAJT tratam de outras medidas despenalizadoras para o crime de desaparecimento forçado. El Salvador, apesar de ser o único país que não possui indicativo de assinaturas ou ratificações tanto na CIDFP como na CIPPDF, é o único que modificou a situação recentemente para a questão da anistia. Através de sua *Corte Suprema de Justicia*, em 13 de julho de 2016, os magistrados firmaram a declaração da inconstitucionalidade da *Ley de Amnistía General para la Consolidación de la Paz de 1993*.⁵⁸ Juridicamente, a posição da Corte certamente gerará avanços em casos de desaparecimentos forçados nos tribunais domésticos, uma vez que foi derrubado um dos grandes obstáculos para a responsabilização penal. Ainda se espera que esta iniciativa seja seguida pelas Cortes Supremas dos países que seguem considerando anistias como impeditivos para a punição de pessoas acusadas do cometimento de crimes de desaparecimentos forçados.

1.5 Considerações finais

A primeira parte deste relatório julgou necessário compreender a conceituação jurídica do desaparecimento forçado e os caminhos para o seu reconhecimento, caracterização, punição e não repetição, a partir dos instrumentos normativos do Direito Internacional Humanitário, do Direito Internacional dos Direitos Humanos e do Direito Penal Internacional. Os documentos e tratados foram analisados em vários aspectos, mas especificamente a partir do enfoque nas diretrizes para a punição deste crime considerado contra a humanidade. Esta qualificação induz ao segmento da justiça, cuja abordagem será aprofundada na parte 2 deste estudo.

A definição do crime de desaparecimento forçado para os principais documentos do Direito Internacional indica que o crime aplicado de forma sistemática a generalizada é produto das ações de agentes estatais ou de indivíduos com a aquiescência ou qualquer outro tipo de conivência por parte do Estado. É difícil limitar a autoria, uma vez que todo o Estado é o

58. Ver mais em Comunicado de prensa de la Sala de lo Constitucional. Disponível em: http://www.csj.gob.sv/Comunicaciones/2016/07_JULIO/COMUNICADOS/20.%20Comunicado%2013-VII-2016%20Ley%20de%20amnist%C3%ADa.pdf, acesso 1/9/2016.

gerenciador da situação da pessoa privada de liberdade, logo, por óbvio, em casos de encarceramento sem a condução do Estado é obrigação deste realizar a investigação. Entretanto, é dever dos países instruírem seus funcionários públicos para impedirem o delito e tomarem as medidas cabíveis para a sua resolução e punição. O delito do desaparecimento forçado passou a ser considerado com a Convenção Internacional mais recente, uma violação em si, ou seja, um crime que se valida de forma específica, autônoma, embora se constitua de uma multiplicidade de violações. Também destacou-se o caráter permanente deste delito, ou seja, ele segue em curso até que sejam identificadas e restituídas as pessoas afetadas pelo desaparecimento forçado ou seus restos mortais.

Conclui-se, para tanto, que para a configuração deste crime é necessária a composição de, ao menos, três condições: a) privação de liberdade; b) participação de agentes estatais, ou de indivíduos ou grupos que contem com qualquer aquiescência do Estado; e c) negativa de reconhecer a detenção e revelar a sorte ou o paradeiro da pessoa submetida à condição. No próprio crime está implicada a violação do direito à verdade, a qual também foi destacada nas normativas e receberá tratamento ao longo do capítulo 2.

Destarte, buscou-se sistematizar os principais aspectos dos acordos internacionais sobre a matéria junto à elaboração de um panorama sobre a recepção destes instrumentos jurídicos nas legislações internas dos países analisados por esta pesquisa. A partir dessa síntese e de iniciativas de grupos de familiares afetados pelo desaparecimento forçado, os quais impulsionaram as medidas no âmbito nacional ou internacional, verificou-se que todos os Estados reconhecem a figura do desaparecido por agentes estatais ou com o consentimento destes, seja em documentos produzidos em comissões da verdade ou através de outras leis de reparação. Por fim, muitas questões precisam ser sanadas, políticas e jurídicas, pois mesmo que a justiça de transição, de forma mais ou menos avançada, não esteja sendo ignorada pelas legislações internas, há muito que ser envidado para consolidar a não repetição e cumprir as determinações dos órgãos de direitos humanos. A aplicabilidade de sentenças da Corte IDH para os casos de desaparecimentos forçados nos países estudados será objeto do capítulo a seguir, a fim de verificar as práticas desenvolvidas pelos Estados para a resolução dos casos que os colocam na condição de condenados frente aos países latino-americanos.

[Volta ao Sumário]

CAPÍTULO 2

OS CASOS DE DESAPARECIMENTOS FORÇADOS NA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS E A RECEPÇÃO DAS SENTENÇAS CONDENATÓRIAS PELOS PAÍSES ESTUDADOS PELA RLAJT

2.1 Dos caminhos deste estudo e dos trâmites de uma ação até a admissibilidade da Corte IDH

Dentre os desafios desta pesquisa esteve o exercício de arquitetar uma síntese do tratamento do crime de desaparecimento forçado pelos órgãos judiciários e arquivos dos países que possuem representantes na RLAJT. Sem a possibilidade de realizar um trabalho de campo, e com isso aprofundar a análise de dados sobre as situações locais, investiu-se em algumas estratégias metodológicas a fim de acompanhar a atenção dada pela justiça dos países analisados aos crimes dessa natureza paralelamente às alternativas para a constituição, preservação e o acesso aos arquivos sobre esse tema.⁵⁹ Devido à importância do Sistema Interamericano de Direitos Humanos e ao fácil acesso às decisões nos casos de desaparecimento forçado da Corte IDH, disponíveis na *internet*, julgou-se pertinente explorar algumas dessas decisões, mais precisamente a primeira sentença condenatória sobre a matéria e a mais recente de cada país, já que a questão temporal é importante para a judicialização dos casos. A sistematização se deu, portanto, com base nas informações dos casos contenciosos e resoluções de supervisão de cumprimento de sentença, nos dados cedidos pelos representantes por meio de questionários, como também nas entrevistas, informações de grande valor não apenas para essa investigação, mas para compor o banco de dados da RLAJT.

O objetivo da segunda parte desse relatório concentra-se em esboçar um panorama de como os Estados englobados por este

59. Para falar de arquivos e acesso à informação sobre o desaparecimento forçado, esta investigação utiliza como parâmetro o estudo de Santos (2016) que se refere aos “arquivos de direitos humanos” como aqueles que contribuem à efetivação, esclarecimento e memória de violações de direitos humanos. [...] Entende-se que o acesso a esses documentos possibilita a obtenção de informações essenciais ao aprimoramento democrático. Eles tornam direitos operacionalizáveis e ajudam a sociedade a entender determinados cursos de sua história e identidade, auxiliando na educação e construção de uma memória.” (p. 19). Ver como as normativas internacionais de direitos humanos referem-se às diretrizes do direito ao acesso à informação em Santos (2016, p. 75-78).

estudo estão sendo cobrados pelas sentenças condenatórias da Corte IDH sobre os casos de desaparecimento forçado. Como mencionado na introdução deste relatório, a judicialização da justiça de transição tem o *locus* privilegiado para a implementação de medidas transicionais pelo Poder Judiciário (MEYER, 2016, p. 106). O Sistema Interamericano de Direitos Humanos da OEA, composto pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos e pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, tem, em certos casos, impulsionado a aplicação do Direito Internacional dos Direitos Humanos nos tribunais domésticos. Para efetivar as obrigações do Estado, de competência da Corte IDH pela sua atribuição contenciosa, em um processo de responsabilização individual, é necessário um judiciário que se instrumentalize das decisões do tribunal interamericano. Para o pesquisador Bruno Bernardi:

o posicionamento dos atores judiciais domésticos torna-se central, já que o impacto do sistema interamericano depende da judicialização de casos concretos e das estratégias, escolhas e decisões jurídico-legais de juízes e promotores durante a tramitação dos processos. Ainda que o Executivo e o Legislativo sejam favoráveis às decisões do sistema interamericano, o âmbito privilegiado para diminuir as controvérsias que elas implicam está reservado ao Judiciário e à esfera do Direito. (BERNARDI, 2016, p. 416)

Todavia, até que o caminho da consolidação doméstica das normativas do Direito Internacional seja trilhado, é necessária a abertura do Poder Judiciário para a força das normas globais. No caso do continente americano, tais decisões da Corte IDH podem se tornar imprescindíveis. No que tange à responsabilização criminal, afirma-se que a América Latina está na vanguarda da “justiça em cascata”, de acordo com Ellen Lutz e Kathryn Sikkink (BURT, 2011, p. 308). Os desdobramentos em cadeia se dão em etapas que envolvem a validação das normas por variados segmentos sociais. Nesta mesma linha, Marcelo Torelly destaca que a proposta de Kathryn Sikkink e Martha Finemore está em acompanhar as etapas do “ciclo de vida” de uma norma, a qual passa pelos seguintes estágios: 1) a norma é incorporada pelo núcleo jurídico a partir da persuasão de movimentos sociais e políticos; 2) a comunidade jurídica e política admite a existência da norma, legitimando sua aplicabilidade em práticas locais ou regionais; 3) a norma se internacionaliza tornando-se habitual e, portanto, institucionalizada em nível global (TORELLY, 2013, p. 488-489).

Se é possível afirmar que a justiça em cascata está presente nas práticas jurídicas da América Latina, embora haja tantos obstáculos para a responsabilização criminal sobre o desaparecimento forçado, então a Corte

IDH é certamente um dos mais importantes agentes. Uma vez provocada pelos grupos afetados pelo crime, ela concentra em suas decisões possibilidades para que os países avancem na matéria de justiça de transição. Sublinhe-se que a competência contenciosa da Corte IDH centra-se nos Estados, nos casos em que estes sejam signatários da Convenção Americana de Direitos Humanos e reconheçam a atribuição deste tribunal.

As denúncias dos casos de desaparecimentos forçados, no sistema interamericano, ocorrem nas circunstâncias em que as ações tenham esgotado os recursos jurisdicionais internos ou em situações que os processos penais enfrentem impeditivos nos tribunais domésticos, com obstáculos como leis de anistias, por exemplo. Destinadas para a Comissão IDH os casos passam por um processo de apreciação por este órgão que, após diálogo com o Estado acusado, avalia sua argumentação de defesa. Diante de argumentações insatisfatórias para a resolução do caso, este passa pela admissibilidade da Corte IDH e, após devido processo legal, torna-se objeto de julgamento.⁶⁰ As partes envolvidas nesse processo são: a) a Corte como instância decisória; b) os autores, que podem ser familiares da pessoa vitimada representados por advogados particulares, organizações não governamentais ou entidades jurídicas que prestam serviços aos afetados por crimes dessa natureza; c) a Comissão IDH como observadora; d) o Estado como réu.

Da denúncia para a Comissão IDH até o seu julgamento e sentença pela Corte IDH o tempo pode transcorrer em muitos anos ou mesmo décadas. Após a decisão, que é inapelável, há um processo estendido de observação para a supervisão de cumprimento de sentença, o que faz com que todas as partes se mobilizem para averiguar se o Estado está envidando esforços para cumprir com os pontos resolutivos da decisão. São estes pontos indicados pela Corte IDH, os quais visam responsabilizar os Estados para a proteção e promoção dos Direitos Humanos, que serão explorados a seguir, no que tange à judicialização e ao acesso e preservação de arquivos.

2.2 O trabalho empírico com as sentenças condenatórias da Corte IDH

O produto apresentado é um exercício de verificação das obrigações dos Estados responsáveis pelos crimes de desaparecimento forçado e suas iniciativas para o cumprimento dos pontos resolutivos das sentenças para a responsabilização individual e direito à verdade. O cruzamento de

60. Ver o esquema de procedimento frente à Corte IDH, disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/index.php/es/acerca-de/como-acceder-al-sistema-interamericano/procedimiento> acesso em 01/10/2016.

informações se deu a partir de dados das decisões da Corte IDH. Realizou-se um levantamento da jurisprudência da Corte IDH, a qual resultou em sentenças condenatórias por desaparecimento forçado dos países deste estudo. Posteriormente, foram listadas as resoluções de supervisão de cumprimento de sentença (tabela disponível no Anexo IV).

Como visto na primeira parte deste relatório, desde a década de 1980, são realizadas ações para a visibilidade do crime de desaparecimento forçado e sua proibição, tanto por órgãos do Direito Internacional Humanitário e Direito Internacional dos Direitos Humanos, como através do Direito Penal Internacional.⁶¹ Salienta-se que a Corte IDH não é um tribunal penal. Ela possui competências contenciosa e consultiva, busca determinar aos Estados-membros da OEA que reconhecem sua competência na proteção dos direitos humanos. Cabe a ela, como instância decisória, reforçar a força normativa da Convenção Americana de Direitos Humanos de 1969. Como complemento à Convenção citada, as declarações e tratados sobre o desaparecimento forçado, sobretudo a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas, passaram a fazer parte das decisões da Corte IDH ao longo dos anos.

Para a análise que se propõe, foram listadas 30 decisões condenatórias por crime de desaparecimento forçado para os países que possuem representantes na RLAJT, ordenadas de forma cronológica na tabela a seguir.⁶² A leitura da tabela pode ser feita de modo a considerar três fases da normativa sobre o desaparecimento forçado, quais sejam: 1) período da década de 1990, no qual é aprovada, pela Assembleia-Geral da ONU, a Declaração sobre a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários e, pela Assembleia da OEA, a Convenção Interamericana sobre Desaparecimento Forçado de Pessoas, indo até a instalação do Tribunal Penal Internacional em 1998; 2) de 1998 em diante, com o TPI, até a aprovação pela Assembleia-Geral da ONU da Convenção Internacional para a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, que passa a vigorar em 2010; 3) após a última Convenção entrar em vigor, alcançando as sentenças mais recentes.

61. Pelo DIH, as Convenções de Genebra (1949) e Protocolos Adicionais (1977); pelo DIDH, no sistema universal, a Declaração sobre a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de 1992, a Convenção Internacional para a Proteção de todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados de 2006 (vigência de 2010); no sistema regional, a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas de 1994 (vigência de 1996); pelo DPI, o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional de 1998.

62. O processo de busca foi realizado por palavras como "desaparición" e "forzada" e em combinação com o nome dos casos apontados pelos questionários de cada país, observando-se que nem todos os representantes apontaram os casos de desaparecimento forçado contra seus países levados à Corte IDH. Assim, foi de responsabilidade da consultora o levantamento e a elaboração da listagem dos casos, atenta-se, portanto, para o fato de que é possível que alguma sentença não esteja citada por alguma falha no método de buscas.

Data das Sentenças por ordem cronológica	Casos de desaparecimentos forçados julgados pela Corte IDH*	Países condenados
Sentença em 08/12/1995	Caso <i>Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentenças em 02/02/1996 e 27/8/1998	Caso <i>Garrido y Baigorria Vs. Argentina</i>	Argentina
Sentenças em 02/07/1996 24/1/1998, 22/01/1999	Caso <i>Blake Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentenças em 30/01/1996, 03/11/1997 e 27/11/1998	Caso <i>Castillo Paéz Vs. Perú</i>	Peru
Sentenças em 25/11/2000 e 22/02/2002	Caso <i>Bámaca Velásquez Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentença em 03/12/2001	Caso <i>Durand y Ugarte Vs. Perú</i>	Peru
Sentenças em 12/6/2002 e 05/07/2004	Caso <i>19 Comerciantes Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentença em 04/05/2004	Caso <i>Molina Theissen Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentença em 01/03/2005	Caso <i>de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentença em 15/9/2005	Caso <i>de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentença em 22/11/2005	Caso <i>Gómez Palomino Vs. Perú</i>	Peru
Sentença em 31/1/2006	Caso <i>de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentença em 01/07/2006	Caso <i>de las Masacres de Ituango Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentença em 29/11/2006	Caso <i>La Cantuta Vs. Perú</i>	Peru
Sentença em 10/07/2007	Caso <i>Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú</i>	Peru
Sentença em 26/11/2008	Caso <i>Tiu Tojin Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentença em 22/09/2009	Caso <i>Anzualdo Castro Vs. Perú</i>	Peru
Sentença em 16/11/2009	Caso <i>González y otras ("Campo Algodonero") Vs. México</i>	México
Sentença em 23/11/2009	Caso <i>Radilla Pacheco Vs. México</i>	México
Sentença em 25/5/2010	Caso <i>Chitay Nech y otros Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentença em 24/11/2010	Caso <i>Gomes Lund y otros ("Guerrilha do Araguaia") Vs. Brasil</i>	Brasil
Sentença em 24/02/2011	Caso <i>Gelman Vs. Uruguay</i>	Uruguai
Sentença em 26/8/2011	Caso <i>Torres Millacura y otros Vs. Argentina</i>	Argentina
Sentença em 31/8/2011	Caso <i>Contreras y otros Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentença em 29/11/2012	Caso <i>García y familiares Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentenças em 04/09/2012, 20/11/2012 e 19/09/2013	Casos <i>Masacres de Río Negro y Gudiel Álvarez y otros Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentença em 14/11/2014	Caso <i>Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia</i>	Colômbia
Sentença em 20/11/2014	Caso <i>Osorio Rivera y familiares Vs. Perú</i>	Peru
Sentença em 14/10/2014	Caso <i>Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentencia em 01/09/2015	Caso <i>Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú</i>	Peru

VARGAS, 2016.

* Tabela construída pela consultora com base nas informações da Jurisprudência da Corte IDH, ver buscador de Jurisprudência, disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/cf/Jurisprudencia2/index.cfm?lang=es> acesso em 1/10/2016.

Para os países analisados, a lista revela que houve condenações para casos de desaparecimentos forçados nas últimas duas décadas em

praticamente todos os anos. Guatemala, Peru e Colômbia ocupam os primeiros lugares na contagem de casos julgados e, por óbvio, o maior número de resoluções de supervisão de cumprimento de sentença, como poderá ser conferido mais adiante. El Salvador, Argentina e México aparecem na sequência e, por fim, Brasil e Uruguai cada país com um caso. O Chile, como já informado anteriormente, não foi condenado pela Corte IDH por caso específico de desaparecimento forçado. Os países serão analisados em blocos, como elencados pelo número de condenações referidas, no próximo tópico.

Contudo, antes de traçar um panorama descentralizado dos países, apresenta-se na tabela a seguir as resoluções de supervisão de cumprimento de sentença. O objetivo deste segundo quadro está em contabilizar não apenas as decisões para cada país, mas também demonstrar a quantidade de advertências posteriores à sentença. A observância reiterada sobre o cumprimento ou o descumprimento dos pontos resolutivos de condenações objetiva verificar a relevância que esta temática tem para os Estados-partes da Convenção Americana de Direitos Humanos, os quais reconhecem a competência contenciosa da Corte IDH.

Países	Número de supervisões de cumprimento de sentença por desaparecimento forçado na Corte IDH e sentença ainda por ser supervisionada*
Argentina	Supervisões: 2 Sentenças: 2 (1 caso ainda por ser supervisionado)
Brasil	Supervisão: 1 Sentença: 1
Chile	Não há casos específicos de desaparecimentos forçados julgados pela Corte IDH
Colômbia	Supervisões: 26 Sentenças: 6 (1 caso ainda por ser supervisionado)
El Salvador	Supervisões: 7 Sentenças: 3 (1 caso ainda por ser supervisionado)
Guatemala	Supervisões: 21 Sentenças: 7 (1 caso ainda por ser supervisionado)
México	Supervisões: 6 Sentenças: 2
Peru	Supervisões: 18 Sentenças: 8 (2 casos ainda por serem supervisionados)
Uruguai	Supervisão: 1 Sentença: 1

VARGAS, 2016.

* Tabela construída pela consultora com base nas informações das decisões da Corte IDH, cuja sistematização pode ser visualizada no Anexo IV deste relatório.

Observa-se que os casos disponíveis no *site* da Corte IDH resultam de denúncias que passaram pela admissibilidade da CIDH. Assim, este

panorama não revela a totalidade das denúncias e, tampouco, está em consonância com o número de casos de desaparecimento forçado nos países observados. A realização de contabilização de desaparecimentos forçados é dificultosa, haja vista a falta de registros sobre as privações de liberdade, a negação do crime por autoridades estatais e as especificidades relativas aos deslocamentos das vítimas. Logo, os apontamentos realizados por comissões da verdade geralmente expressam números por aproximação, os quais podem ser contestados por grupos de afetados por violações de direitos humanos.⁶³

63. Na Argentina, a CONADEP (1984) apontou quase 9.000 casos de desaparecimentos forçados durante os anos de terrorismo de Estado (1976-1983). Contudo, os movimentos de *madres* e *abuelas*, que se constituíram nas maiores autoridades de denúncia, busca e restituição de pessoas desaparecidas, apontam 30.000 vítimas. No Brasil, a CNV (2014) apontou em torno de 200 casos de pessoas vítimas do desaparecimento forçado, sublinhando-se que grupos como camponeses e indígenas não estão integrados a este número. No relatório da CNV, há referências dos grupos temáticos de trabalho, os quais não indicaram caso a caso as situações de desaparecimento forçado entre 1946 a 1988, período determinado pela Lei nº 12.528/11. No Chile, de acordo com os levantamentos do relatório CNRR (1996), de 1973 a 1990, registrou-se mais de 1.000 casos de desaparecimentos forçados. Na Colômbia, pelo fato de a *Comisión de la Verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia* se restringir a uma situação específica que não permitiu um panorama mais geral, utiliza-se dados do *Alto Comisionado para la Paz* que apontam cerca de 45.000 desaparecimentos forçados durante o conflito armado interno. A partir de dados da *Fiscalía General de La Nación* e o *Sirdec* para o período de 1970-2012, presume-se 19.254 vítimas de desaparecimento forçado em paralelo a uma contabilização sobre os anos de 2005-2012 de 21.900 desaparecimentos forçados. Em El Salvador, o informe da *Comisión de la Verdad para El Salvador, De la Locura a la Esperanza* (1992-1993), reproduziu em parte a lista de casos elaborada pelo Grupo de Trabalho sobre Desaparecimentos Forçados e Involuntários da ONU, em que se aponta cerca de 2.400 pessoas vitimadas pelo crime durante o período investigado pela Comisión, de 1980 até 1991. Na Guatemala, o informe *Memoria del Silencio* da *Comisión para el Esclarecimiento Histórico* aponta mais de 40.000 vítimas de desaparecimento forçado entre os anos 1978 a 1996. No México, não há levantamentos realizados por uma comissão da verdade nacional; porém, dados fornecidos pela CMDPDH indicam os informes da *Comisión Nacional de los Derechos Humanos México*, que apontam mais de 500 denúncias sobre desaparecimentos forçados. A *Fiscalía Especial sobre los Movimientos Sociales y políticos del pasado* (FEMOSPP), em informe, apontou mais de 700 casos de desaparecimento forçado entre os anos 1970 e 1980. Após 2006, o número de denúncias de desaparecimentos forçados vem aumentando no México. Em publicação da *Amnistía Internacional*, *“Um trato de indolência:” La respuesta del Estado frente a la desaparición de personas en México* (2016), registra-se, através de dados fornecidos pelo governo, mais de 27.000 vítimas de desaparecimentos (não se especifica qual número se enquadra em desaparecimentos forçados). Em 2014, o caso dos 43 estudantes repercutiu nos países latino-americanos. No Peru, a CVR (2001) apontou que, de 1980 a 2000, mais de 69.000 pessoas foram expostas a mortes ou desaparecimento forçado. Os números de desaparecimentos forçados são demonstrados ao longo do relatório por meio de gráficos que traçam o perfil das vítimas e a região em que ocorreram os delitos. No Uruguai, o informe final da *Comisión para la paz* (2003), criada para fazer um diagnóstico dos *detenidos desaparecidos* durante a ditadura de 1973 até 1985, apontam mais de 200 denúncias.

Para acionar a Corte IDH, são necessários esforços de vários atores jurídicos e políticos. Ainda assim, os encaminhamentos dependem do grau de informação e inserção jurídica das pessoas afetadas pelos crimes de desaparecimento forçado. Por conseguinte, a iniciativa de encaminhar uma denúncia à Corte IDH não é natural. A importância das organizações não governamentais ou de coletivos de direitos humanos que prestam assistência jurídica aos afetados por graves violações ou crimes contra a humanidade está tanto no processo de judicialização como na constituição, organização de arquivos e elaboração de provas testemunhais.

Entende-se que as decisões de condenação deveriam estimular os Estados a investirem em políticas públicas para a promoção de direitos humanos e não repetição de situações de extrema gravidade. As resoluções da Corte IDH indicam uma série de demandas que muitas vezes não são consideradas urgentes pelos governos. Desprovidos de habilidades e interesses políticos para com a pauta de combate às graves violações de direitos humanos, os Estados são condenados repetidamente com resoluções provenientes das decisões do órgão de maior prestígio para o tema dos direitos humanos na região. Os efeitos poderiam possibilitar medidas sólidas que atendam não apenas a situações de responsabilização estatal e reparação aos danos cometidos em períodos ditatoriais ou de conflito armado interno, mas também para a não repetição. As reiteradas resoluções visam apontar, portanto, pontos que avançam ou seguem estagnados, seja por falta de ações efetivas do Estado para solucioná-los ou por impossibilidades concernentes ao próprio crime. Combater o crime de desaparecimento forçado requer eliminar a negação do Estado sobre esse delito para, assim, possibilitar a localização, identificação e restituição da pessoa desaparecida forçadamente em vida ou de seus restos mortais.

As dificuldades em anular as falsas versões emitidas pelos Estados sobre os desaparecimentos forçados ou a negação pública sobre os crimes, se refletem na insuficiência de arquivos ou acesso à informação sobre os crimes contra a humanidade. Verifica-se nas sentenças da Corte IDH que a violação do direito à verdade é um dos impeditivos para uma eficaz responsabilização individual. Os Estados seguem ocultando, de uma maneira mais ou menos rigorosa, provas do envolvimento de seus agentes militares ou civis nos crimes. Assim, este estudo também apresenta um panorama limitado sobre os arquivos que contribuem para esclarecer a sistemática do desaparecimento forçado, bem como detalhes sobre os fatos de cada caso. As entrevistas e os questionários indicam que o esforço em compor

uma versão aproximada das circunstâncias do crime é uma luta histórica da sociedade civil, de familiares e do grupo social afetado pelos desaparecimentos forçados. As representações da sociedade civil em defesa das vítimas afetadas pelo desaparecimento forçado, as quais serão descritas a seguir, são fundamentais na constituição de arquivos em alternativa aos acervos disponibilizados pelos Estados, que muitas vezes passam por uma “limpeza” de indícios previamente a consulta pública.⁶⁴ Enquanto os Estados resistem no cumprimento das sentenças para aprofundar o direito à verdade tais grupos resistem à ocultação e insistente silêncio.

2.3 Peru, Guatemala e Colômbia: judicialização e arquivos

O Peru foi condenado por sentenças da Corte IDH em, ao menos, oito vezes, em casos de desaparecimentos forçados. O primeiro deles apresentado à CIDH foi em 1987, *Durand y Ugarte Vs. Peru*, embora o caso *Castillo Páez Vs. Perú*, em 1996, tenha sido o primeiro a obter uma decisão. Os demais foram apresentados na década de 1990.

As representações das vítimas nos processos recebidos pela Corte IDH atrelam-se às seguintes organizações da sociedade civil peruana: Caso *Castillo Páez Vs. Perú*: indivíduos; Caso *Durand y Ugarte Vs. Perú*: *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL) e *Instituto de Defensa Legal* (IDL); Caso *Gómez Palomino Vs. Perú*: *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH); Caso *La Cantuta Vs. Perú*: *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH), *Centro de Estudios y Acción para la Paz* (CEAPAZ); *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Cantoral Huamani y García Santa Cruz Vs. Perú*: *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH); Caso *Anzualdo Castro Vs. Perú*: *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH) e *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Osorio Rivera y familiares Vs. Perú*: *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH); Caso *Comunidad Campesina de Santa Bárbara*

64. Suzana Lisboa, em entrevista para esta pesquisa, relatou sobre as dificuldades para o acesso aos arquivos que possam conter informações sobre vítimas dos desaparecimentos forçados do período ditatorial. Uma das situações que ela, junto ao grupo de familiares de mortos e desaparecidos políticos, acompanhou foi a transição do acervo da Polícia Federal de Foz do Iguaçu para o Arquivo Nacional. Suzana afirma que há dúvidas sobre a disponibilidade deste acervo e que os documentos dispostos no Arquivo Nacional possuem um conteúdo mais limitado que o acervo original que já havia sido consultado por outros integrantes do grupo de familiares de mortos e desaparecidos políticos. O acervo pessoal de Suzana, construído ao longo dos anos, vem sendo organizado e catalogado por um grupo de pesquisadores do curso de História da UFRGS, vinculados a um projeto do Professor Enrique Serra Padrós.

*Vs. Perú: Centro de Estudios y Acción para la Paz (CEAPAZ) e Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL).*⁶⁵

Em análise às decisões observa-se que a Corte IDH recorreu aos tratados internacionais e interamericanos para sustentar suas argumentações acerca dos direitos violados pelo Estado peruano. Em um primeiro momento, somente a Convenção Americana de Direitos Humanos foi invocada. Posteriormente, recorreu-se ao embasamento de instrumentos específicos sobre o crime, como a Declaração sobre a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados (ONU), a Convenção Interamericana sobre Desaparecimentos Forçados de Pessoas, o Estatuto de Roma da Corte Penal Internacional (ONU), a Convenção Internacional para a Proteção de todas as pessoas contra os desaparecimentos forçados (ONU), entre outros tratados.⁶⁶

No tocante à responsabilização penal sobre a primeira decisão da Corte IDH em que o Estado peruano passou a ser réu em matéria de desaparecimento forçado, há registro de recomendações elaboradas pela CIDH destinadas ao Peru, sobre o caso *Castillo Páez*, de 26 de setembro de 1994, ou seja, antes do julgamento.⁶⁷ Em acordo aprovado pela CIDH, expresso no Informe 19/94, foi recomendado ao Estado peruano que, em um prazo de 45 dias, fossem tomadas providências para a resolução das seguintes questões em torno dos fatos: “*realice una nueva investigación sobre los hechos denunciados, determine el paradero de la víctima, y proceda a identificar y sancionar a los responsables de la desaparición de Ernesto Castillo Páez.*” (CORTE IDH, *Caso Castillo Páez vs. Perú (Excepciones Preliminares)*, 1996, p. 5)

No que se refere ao direito à verdade, em sua sentença de fundo, proferida em 3 de novembro de 1997, a Corte IDH, reitera que “*la Comisión considera infringido el que llama derecho a la verdad y a la información debido al desinterés del Estado para esclarecer los hechos que dan lugar a este caso.*” (CORTE IDH, *Caso Castillo Páez vs. Perú (Fondo)*, 1997, p. 22)

65. Consulta realizada nos casos contenciosos, busca de decisões judiciais, disponível no endereço eletrônico da Corte IDH, em 01/10/2016.

66. Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados – ONU, Protocolo II Adicional aos Convênios de Genebra de 1949 relativo a proteção das vítimas de conflitos armados sem caráter internacional, Convenção Interamericana para prevenir e sancionar a tortura, Princípios relativos a uma eficaz prevenção e investigação de execuções extralegais, arbitrárias ou sumárias da ONU.

67. Ernesto Rafael Castillo Páez, estudante universitário de 22 anos, desapareceu forçadamente em 21 de outubro de 1990 ao ser detido por agentes da Polícia Geral do distrito de *Villa El Salvador*, em Lima. Informações de CORTE IDH, *Caso Castillo Páez vs. Perú*, 1996.

Na última resolução de supervisão de cumprimento de sentença, a Corte IDH reforçou a importância de o Estado do Peru cumprir com as medidas para os esclarecimentos que levaram ao desaparecimento forçado de Ernesto Castillo Páez, ainda que tenha havido condenações individuais.⁶⁸ Atrela-se a necessidade da restituição dos restos mortais ou de seu esclarecimento efetivo para uma reparação integral, a fim de prestar assistência moral aos familiares, pois:

Permanece vigente a cargo del Estado la obligación de adoptar las medidas que estén a su alcance para determinar el paradero de Ernesto Rafael Castillo Páez. Al respecto, si bien el Perú manifestó que solicitó información del Ministerio Público y del Poder Judicial sobre su paradero, este Tribunal considera pertinente recordar al Estado que la investigación penal no es incompatible con la adopción de diferentes mecanismos adecuados y efectivos para localizar el paradero de las personas desaparecidas. [...] Durante la audiencia pública sobre el fondo del caso celebrada ante la Corte el 6 y 7 de febrero de 1997, se señaló que “el Comandante Juan Carlos Mejía León era el oficial responsable de la muerte del señor Castillo Páez”, y que fue quien informó “que sus restos fueron llevados a una playa al sur de Lima y hechos volar con explosivos. Posteriormente, durante la supervisión de cumplimiento de las Sentencias de fondo y reparaciones, se informó que el 16 de marzo de 2006 la Sala Penal Nacional del Perú falló condenando a Juan Carlos Mejía León, Manuel Santiago Arotuna Valdivia, Carlos Manuel Briones y Juan Fernando Aragón Guibovich a penas privativas de la libertad “por el delito contra la Humanidad – Desaparición Forzada en agravio de Ernesto Castillo Páez” y al pago de un monto por concepto de reparación civil. (CORTE IDH, Caso Castillo Páez (supervisión de cumplimiento de sentencia), 2013, p. 4)

Com isso, percebe-se que, dentre as medidas referentes à judicialização do caso, as quais abarcam as responsabilizações penais nos tribunais internos, a Corte IDH exige que o Estado avance em outros aspectos que auxiliem no aprofundamento das investigações para a restituição dos restos mortais. Em sentença principal de outro caso, quase 20 anos depois da primeira sentença sobre o tema para este país e 22 anos após o desaparecimento forçado de Osorio Rivera⁶⁹, a decisão estabeleceu que:

68. Artigos apresentados em seminário *La desaparición forzada en el Perú: a propósito del caso Ernesto Castillo Páez*, em fevereiro de 2007, podem ser consultados na página virtual: <http://derechovirtual.com/index.php?id=88> acesso em 01/10/2016.

69. Jeremías Osorio Rivera tinha de 28 pra 29 anos entre abril de 1991 e maio de 1992, período em que ele e mais duas pessoas da comunidade de *Nunumia*, Distrito de *Gorgor*, foram detidas e levadas a *Base Contrasubversiva de Cajatambo* e nunca mais foram vistas. Informações de CORTE IDH, *Caso Osorio Rivera y Familiares Vs. Peru*, 2013.

toda vez que haya motivos razonables para sospechar que una persona ha sido sometida a desaparición forzada debe iniciarse una investigación penal [...] la investigación debe ser realizada por todos los medios legales disponibles y orientada a la determinación de la verdad y la persecución, captura, enjuiciamiento y, eventual castigo de todos los responsables intelectuales y materiales de los hechos, especialmente cuando están o puedan estar involucrados agentes estatales. Igualmente, la impunidad debe ser erradicada mediante la determinación de las responsabilidades tanto generales – del Estado – como individuales – penales y de otra índole de sus agentes o de particulares.” (CORTE IDH, Caso Osorio Rivera y familiares Vs. Peru, 2013, p. 67)

Observe-se que a decisão procura orientar os Estados a eliminarem possíveis obstáculos para a não realização de avanços tanto para o andamento das investigações criminais, como em relação à persecução penal e às eventuais punições. As considerações da Corte para o caso *Osorio Rivera vs. Peru* detalham pontos da legislação penal interna ou da atuação dos foros ordinários que não levaram a investigação de “*forma seria, efectiva y exhaustiva*” (CORTE IDH, Caso *Osorio Rivera y familiares Vs. Peru*, 2013, p. 69). Tais limites, para a Corte IDH, provocam uma parcial responsabilização penal ou mesmo a impunidade, as quais podem ser ocasionadas por fatores como delegar o caso a um tribunal militar quando há envolvimento de militares no crime. De acordo com esta sentença do caso *Osorio Rivera*, essa jurisdição especial penal militar não poderia ser exercida, pois não cabe a ela a competência para julgar casos de violações de direitos humanos, algo que compete à jurisdição ordinária. Soma-se a este apontamento a falta de colaboração das autoridades estatais em fornecer informações para o esclarecimento do caso; o descumprimento de um prazo razoável para que a ação do tempo não prejudique as investigações; a ausência de uma tipificação autônoma do delito de desaparecimento forçado, tendo seus elementos típicos restritos a funcionários públicos, não abrangendo todo e qualquer indivíduo ou grupo; e as leis de anistia, incompatíveis com a Convenção Americana de Direitos Humanos.⁷⁰ Por fim, a Corte dispõe que ao Estado cabe a condução para a resolução de todos os pontos resolutivos da sentença de forma eficaz, completa e imparcial.

70. Ver sobre a tipificação do desaparecimento forçado como crime contra a humanidade no Código Penal, Libro Segundo, Título XIV A, Capítulo II, artigo 320, disponível em: <http://spij.minjus.gob.pe/CLP/contenidos.d11?f=templates&fn=default-codpenal.htm&vid=Ciclope:CLPdemo> acesso em 01/11/2016. O marco sobre a lei de anistia peruana ser incompatível com a Convenção Americana de Direitos Humanos está na sentença do caso *Barrios Altos vs. Perú*. Ver mais em: CORTE IDH, Caso *Barrios Altos vs. Perú* (Sentencia de fondo reparaciones y costas). 14 de marzo de 2001 e 30 de noviembre de 2001.

A causa mais recente julgada pela Corte IDH que condenou o Peru por crime de desaparecimento forçado foi em 2015, caso *Comunidad Campesina Vs. Perú*.⁷¹ A decisão também critica as primeiras diligências de investigação realizadas pelo Estado no início dos anos 1990, assim como registra que as autoridades competentes receberam denúncias sobre o caso e não as incluíram em seu expediente para o devido encaminhamento jurídico. Sobre os obstáculos para o andamento do processo penal, a Corte IDH levanta pontos que orbitam em torno das seguintes questões: a) a falta de participação de possíveis testemunhas por insegurança ou medo de sofrerem ameaças ou represálias de pessoas ou grupos envolvidos nos crimes; b) a negação do crime por parte de instituições estatais; c) o uso de anistia para crimes dessa natureza; d) a intervenção da jurisdição militar em casos de competência da justiça ordinária. As críticas sobre a localização e prisões dos acusados também são destacadas na sentença, considerando insuficientes as resoluções sobre as investigações dos foros domésticos e da reabertura do caso. Sendo assim, o Tribunal considerou que o Estado:

71. A complexidade do caso requer a transcrição dos fatos disposto na Corte IDH embasado no Informe Final da CVR do Peru: *“El 4 de julio de 1991 la patrulla del Ejército “Escorpio”, acompañada de algunos elementos civiles, llegó al caderío de Rodeopampa en la comunidad campesina de Santa Bárbara, en donde los efectivos militares ingresaron a las viviendas de las presuntas víctimas, sacaron a quienes estaban allí y prendieron fuego a dichas viviendas para horas más tarde apoderarse de una gran cantidad de ganado, animales menores y pertenencias de los detenidos. Los efectivos militares detuvieron a 14 pobladores, entre los que se encontraban tres niñas, cuatro niños, un hombre adulto mayor de 60 años, cinco mujeres adultas, una de ellas en el sexto mês de embarazo y un hombre adulto, a saber: Yesenia Osnayo Hilario, Miriam Osnayo Hilario, Edith Osnayo Hilario, Wilmer Hilario Carthupoma, Alex Jorge Hilario, Raúl Hilario Guillén y Héctor Hilario Guillén (de 6 años, 3 años, 8 meses, 3 años, 6 años, 1 año y 6 años de edad, respectivamente); Francisco Hilario Torres (de 60 años de edad); Mercedes Carhuapoma de la Cruz con seis meses de embarazo (de 20 años de edad); Dionicia Quispe Mallqui, Antonia Hilario Quispe, Magdalena Hilario Quispe y Dionicia Guillén Riveros (de 57 años, 31 años, 26 años y 24 años, respectivamente); y Ramón Hilario Morán (de 26 años de edad). A dichos pobladores se les infligieron diversos maltratos, conduciéndolos hacia una mina abandonada llamada “Misteriosa” o “Vallarón”, ubicada en el paraje Hornoranra, comunidad de Chunomayo, Distrito de Huachocolpa, Departamento de Huancavelica, en la falda del cerro Huaroto y a unos cuatrocientos metros del río Chulumayo. Esse mismo día Elihoref Huamani Vergara, de 22 años de edad, quien era licenciado del Ejército y había servido en esa institución entre los años 1988 y 1990, junto con su padre Alejandro Huamani Robles y Elías Pumacahua Huamani, nieto de este último y quien tenía entre 12 y 13 años de edad, fueron interceptados por efectivos militares en el camino hacia Rodeopampa. Los efectivos militares obligaron a Elihoref Huamani Vergara a acompañarlos y lo sumaron al grupo de los 14 pobladores que trasladaban. Durante el trayecto, los detenidos fueron golpeados y obligado a caminar varias horas amarrados y sin alimentos ni agua. Cuando llegaron a la mina abandonada llamada “Misteriosa” o “Vallarón”, los efectivos militares introdujeron a los 15 detenidos al interior del socavón, acribillándolos con Fusiles Ametralladoras Ligeras (FAL). Posteriormente, se hizo detonar en la mina cargas de dinamita, provocando el fraccionamiento de los cuerpos.”* (CORTE IDH, Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú, 2015, p. 32-33)

i) incurrió en una falta de debida diligencia en las primeras diligencias de la investigación; ii) obstaculizó la debida investigación del caso en al menos seis formas distintas; iii) incurrió en faltas de debida diligencia en la recaudación de prueba y la ubicación y captura de reos prófugos, así como en una demora prolongada en el esclarecimiento de todos los hechos del caso y la determinación del paradero de las víctimas desaparecidas tras la reapertura de la investigación del caso en la jurisdicción ordinaria, y iv) violó el derecho a conocer la verdad de los familiares de las quince víctimas desaparecidas del caso. (CORTE IDH, Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara VS. Perú, 2015, p. 90)

Por ser recente, este caso ainda não contou com resolução de supervisão de cumprimento de sentença e, em 2015, o tempo transcorrido após os fatos já completava 25 anos. Além de alguns dos casos de desaparecimento forçado sentenciados pela Corte IDH seguirem na justiça ordinária, outros que não chegaram até este tribunal estão correndo em foros domésticos e ainda carecem de resoluções, tanto para responsabilizações penais, como para a identificação e restituição dos restos mortais.⁷²

A fim de compreender com mais detalhes como opera o sistema da judicialização e da constituição e preservação arquivística sobre o tema,

72. O questionário respondido pela pesquisadora Iris Jave indica um levantamento dos casos que estão tramitando na justiça interna: 1) Caso *La Cantuta - Julio Salazar Monroe y ex integrantes del Destacamento Colina. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponível em: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/jurisprudencia/sentencia_cantuta_segunda_instancia.pdf; Caso *Los Laureles. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponível em: http://www.idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/jurisprudencia/caso_los_laureles-sentencia_segunda_instancia.pdf; Caso *Chuschi. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*; Caso *Ernesto Castillo Páez. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponível em: http://www.justiciaviva.org.pe/nuevos/2008/agosto/21/sentencia_castillo_paez.pdf; Caso *Constantino Saavedra. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponível em: <https://es.scribd.com/document/54058521/Caso-Constantino-Saavedra-Segunda-Instancia>; Caso *Samuel Reynaldo Ramos Diego, Jesús Licetti Mego y Esaú Cajas Julca. Sala Penal Nacional*, disponível em: <https://www.pj.gob.pe/wps/wcm/connect/905ade804997622b8abbfbcc4f0b1cf5/16+-+06.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=905ade804997622b8abbfbcc4f0b1cf5>; Caso *Mancilla Salle. Sala Penal Nacional*; disponível em: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_mancilla_calle.pdf; Caso *Pedro Haro y César Mautino. Sala Penal Nacional*, disponível em: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_pedro_haro_y_cesar_mautino.pdf; Caso *Matero. Sala Penal Nacional*; disponível em: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_matero.pdf; Caso *La Cantuta - Alberto Pinto y otros. Primera Sala Penal Especial de la Corte Superior de Justicia de Lima*, disponível em: http://www.justiciaviva.org.pe/nuevos/2008/julio/10/sentencia_cantuta.pdf; Caso *Villanueva Toro. Sala Penal Especial*; disponível em: <http://www.justiciaviva.org.pe/notihome/notihome01.php?noti=1169>, posteriormente, *la Corte Suprema anuló el fallo y ordenó la liberación de los acusados*; Caso *“Los Cabitos” Caso seguido contra Carlos Arnaldo Briceño y otros (Exp. 035-06- SPN)*; disponível em: <http://idehpucp.pucp.edu.pe/violaciones-de-derechos-humanos-en-el-cuartel-los-cabitos-51-1983-1985-2-procesos/> acesso em 01/10/2016. Osma (2016, p. 50-51) tratou da judicialização dos delitos cometidos durante o conflito armado interno.

foram realizadas entrevistas com dois especialistas peruanos na matéria, José Carlos Agüero e José Pablo Baraybar (mencionado no Capítulo 1).

José Carlos Agüero é historiador, poeta e ativista de direitos humanos, foi pesquisador da *Comisión de la Verdad y Reconciliación* (CVR) e possui a experiência de trabalhar com a temática do conflito armado interno e a justiça de transição peruana. Seus pais foram executados extrajudicialmente durante este conflito por serem militantes do *Partido Comunista del Peru-Sendero Luminoso* (PCP-SL).⁷³ Em conversa conosco, Agüero destacou o papel das organizações não governamentais no Peru para judicialização e constituição de arquivos, reforçando a importância de grupos como a *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH), o *Centro de Estudios y Acción para la Paz* (CEAPAZ) e a *Comisión de Derechos Humanos* (COMISEDH). Enquanto as primeiras associações possuem um perfil de atuação mais jurídico, com a experiência em elaborar representações frente à Corte IDH, a terceira estimula avanços internos por meio de propostas de normas e políticas públicas.⁷⁴

De acordo com Agüero, anteriormente ao processo do conflito armado interno cessar e, portanto, da possibilidade de obter sucesso no andamento de ações penais nos tribunais internos, as associações supracitadas, entre outras organizações, receberam denúncias de familiares afetados pelo desaparecimento forçado em diversas regiões do país. Estas denúncias foram endereçadas para serem judicializadas nos órgãos competentes. Entretanto, elas fracassavam diante do contexto de negligência do Estado, que impedia julgamentos de crimes contra a humanidade contra seus funcionários ou indivíduos sem vínculo com o serviço público. Após o acordo de paz, os grupos que acumularam denúncias ao longo dos anos sistematizaram os dados para auxiliar na criação de um arquivo de provas, assim como na constituição de um panorama de graves violações e crimes contra a humanidade, ocorridas no passado recente. Embora a documentação física seja de custódia das associações, a digitalização desse amplo material subsidiou os trabalhos da Comissão da Verdade e Reconciliação, que teve seu relatório

73. No livro publicado em 2015, *Los Rendidos – Sobre el don de perdonar*, Agüero apresenta sua leitura do Sendero Luminoso, tal como definido pela CVR: “*El PCP-SL cometió actos terroristas, fue el principal causante de la guerra interna, el perpetrador de la mayor cantidad de crímenes contra los derechos humanos y tenía un potencial genocida*” (AGÜERO, 2015, p. 15).

74. Site do COMISEDH, disponível em: <http://www.comisedh.org.pe/comisedh.php>, acesso em 01/10/2016.

publicado em 2003.⁷⁵ Esse acervo, assim como outros que auxiliam nas investigações sobre os desaparecimentos forçados, estão submetidos à Lei nº 27.806, de 2002, conhecida como *Ley de Transparencia y Acceso a la Información Pública*.⁷⁶

Outro tipo de acervo constituído para fins jurídicos e que pode fornecer um diagnóstico da recorrência à justiça para delitos da natureza do desaparecimento forçado foi o acumulado pelas promotorias locais. A organização material das denúncias se deu no final da década de 1990 com a constituição da Defensoria Pública, a qual, junto às organizações de direitos humanos, formou o primeiro banco de dados de desaparecidos forçados.⁷⁷ Para o período recente, Agüero avalia que a possibilidade de

75. Ver detalhes sobre a constituição e guarda do acervo da CVR, entre outros arquivos de direitos humanos no Peru em SANTOS, 2016, p. 66-68. O informe final da *Comisión de la Verdad y Reconciliación*, disponível em: <http://cverdad.org.pe/> acesso em 01/10/16. Acesso ao arquivo da *Comisión de la Verdad y Reconciliación* através do *Centro de Información para la Memoria Colectiva y los Derechos Humanos*, disponível em: <http://www.defensoria.gob.pe/cinfo.php>; *Testimonios de las Audiencias Públicas de la CVR*, disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLxWwNVWh7uyZ0D-DN6wmy-fQ18fhNeng4> acesso em 01/10/2016. Levantamento sobre os casos referenciados pela CVR, em um balanço realizado após uma década da publicação do seu informe final, revelou que as ações de graves violações de direitos humanos (abrangem casos que não são de desaparecimentos forçados) que passaram pelos tribunais domésticos, foram: *A setiembre de 2012, el número de sentencias emitidas por el Poder Judicial en el Perú durante el periodo 2005-2012, eran las siguientes: 28 sentencias absolutorias, 9 sentencias condenatorias y 11 sentencias mixtas. También, en este mismo período, el número de imputados sentenciados en casos graves de violaciones a los derechos humanos fueron: 113 absueltos, 66 condenados y 12 ausentes. Las 28 sentencias absolutorias corresponden a los casos: 1) Luis Manrique Escobar, 2) Chavín de Huantar, 3) Constantino Saavedra 2, 4) Santa Bárbara 2, 5) Gualberto Chipana Wuayra, 6) Walter Castillo Cisneros, 7) Jeremías Osorio 2, 8) Felipe Huamán Palomino, 9) Adrián Medina, 10) Cantuta 2 (09-2008), 11) UNCP, 12) Matero 2, 13) Parcco Pomatambo, 14) Marcos Barrantes 2, 15) Marcelino Valencia y Zacarías Pasca, 16) Constantino Saavedra, 17) Los Laureles, 18) Matero 1, 19) Pedro Haro, 20) Jeremías Osorio, 21) Julio César Alcides y Abraham Sandoval Flores, 22) Eladio Mancilla Calle, 23) Benito Céspedes y otros 2, 24) Marco Barrantes 1, 25) Benito Céspedes y otros 1, 26) Rafael Salgado, 27) Moisés Carvajal Quispe, 28) Ramírez Hinostraza. Las 9 sentencias condenatorias se refieren a los casos: 1) Bernabé Baldeón García, 2) Pucayacu 2, 3) Chillutira, 4) Barrios Altos, La Cantuta y Sótanos SIE (A. Fujimori), 5) Cantuta 1 (EXP Nº 003-2003), 6) Zulema Tarazona, 7) Efraín Aponte Ruiz, 8) Hugo Bustíos, 9) Delta Pichanaki. Las 11 sentencias mixtas tiene los siguientes casos: 1) Efraín Aponte Ortiz 2, 2) Jorge Gutiérrez Quintero, 3) Indalecio Pomatanta 2, 4) Barrios Altos, Campesinos del Santa y Pedro Yauri, 5) Pucará, 6) Desaparición Autoridades de Acocro, 7) Indalecio Pomatanta, 8) Cantuta 2 (09-2008), 9) Santa Bárbara, 10) Chushi, 11) Ernesto Castillo Páez. Disponível em: <http://derechoshumanos.pe/2013/08/a-diez-anos-de-la-cvr-no-puede-haber-reconciliacion-sin-justicia-ni-reparacion/> acesso em 01/10/2016.*

76. Ver mais sobre a Lei nº 27806 em Santos, 2016, p. 64-67. Para acesso ao conteúdo da lei ver em: http://www.peru.gob.pe/normas/docs/LEY_27806.pdf a regulamentação pode ser consultada em http://www.mef.gob.pe/index.php?option=com_content&view=article&id=833%3Adecreto-supremo-nd-072-2003-pcm&catid=298%3Anormas-legales&Itemid=100143&lang=es acesso em 01/10/2016.

77. De acordo com Agüero o informe elaborado pela Defensoria Pública apontou mais de 8.000 casos de desaparecimentos forçados. *Centro de Información para la Memoria Colectiva y los Derechos Humanos de la Defensoría del Pueblo*, disponível em: <http://www.defensoria.gob.pe/cinfo.php> e <http://www.defensoria.gob.pe/informes-publicaciones.php> acesso em 01/10/2016. Ver mais sobre o delito de desaparecimento forçado no Peru em: <http://www.derechocambiosocial.com/revista012/desaparacion%20forzada.htm> acesso em 01/10/2016.

avançar nas investigações e nos processos penais sobre os desaparecimentos forçados esteja em uma política pública nacional em que a justiça possua uma normativa que dê conta de avaliar os casos dentro de um plano sistemático de graves violações de forma conjunta e não buscar soluções caso a caso.

No ano de 2016, foi promulgada pelo governo peruano a Lei nº 30.470, *Ley de Búsqueda de Personas Desaparecidas*.⁷⁸ De acordo com o questionário respondido pelo *Instituto de Democracia y Derechos Humanos de la Pontificia Universidad Católica del Perú* para este estudo e também das entrevistas realizadas, a aprovação da lei é resultado da mobilização de grupos de direitos humanos, familiares de pessoas vitimadas pelo desaparecimento forçado, organizações não governamentais e o grande braço do Direito Internacional Humanitário, a CICR.⁷⁹ A campanha Reúne concentrou todos os esforços em uma ampla divulgação sobre a necessidade da aprovação da lei nas redes sociais e em atos públicos.⁸⁰

Uma das organizações não governamentais que trabalham fortemente nas investigações de desaparecimentos forçados e na constituição de arquivos, citados pelos entrevistados e questionários, é a Equipo Peruano de Antropología Forense.⁸¹ O antropólogo forense membro do EPAF, José Pablo Baraybar, em entrevista para este estudo, destacou a perspectiva humanitária do EPAF para prestar assistência aos familiares afetados pelo desaparecimento forçado.

De acordo com José Pablo Baraybar e José Agüero, há duas frentes sobre a busca massiva de desaparecidos forçados no Peru, uma que defende um plano de buscas que priorize o caráter penal e outra que priorize o caráter humanitário. Tais perspectivas geram tensões sobre as práticas de buscas implementadas, pois em alguns casos as investigações ficam limitadas ao processo penal, ou seja, caso não haja ação jurídica em andamento a investigação se esvazia. Segundo Baraybar, o processo de busca deve considerar não apenas o trabalho técnico, embora ele seja fundamental para a identificação e restituição. É preciso também levar em conta os efeitos da sistemática do desaparecimento forçado nos familiares e no núcleo social afetado.

Destarte, para Baraybar, a Lei nº 30.470/2016 é confusa na proposta de sua aplicabilidade, de modo que pode ser considerado mais um

78. Ver sobre a lei em <http://www.elperuano.com.pe/NormasElperuano/2016/06/22/1395654-1.html>, acesso em 01/10/2016.

79. Entre os grupos citados estão a *Coordinadora Nacional de Víctimas de la Violencia* (CONAVIP), *Movimiento Ciudadano para que no se Repita* e *Coordinadora Nacional de Derechos Humanos*.

80. Ver mais sobre a Campanha Reúne em <https://reune.pe/>, acesso em 01/10/16.

81. Sobre o EPAF ver <http://epafperu.org/>, acesso em 01/10/2016.

regramento preocupado em indicar a condição operativa sem prever a necessidade de instrução inerente ao processo de buscas. Um exemplo que o pesquisador cita sobre as problemáticas de um plano de investigação dos casos nacionais sem um panorama prévio da sistemática que gerou as vítimas, está na imprecisão numérica de desaparecimentos forçados. Dessa forma, para o pesquisador, o Estado confundiu os trabalhos forenses com o processo de busca, que são duas coisas diferentes.

O trabalho para o esclarecimento dos crimes às famílias deve considerar a impossibilidade da localização e restituição dos restos mortais e, mesmo assim, o Estado deve prestar respostas e explicações sobre o fato. Outra via são as questões ligadas à exumação, perícia, identificação de DNA, operações mais técnicas, para os casos em que há materialidade da morte. Para tanto, é preciso um diagnóstico de compreensão sobre o *modus operandi* dos grupos militares, envolvidos, lugares suspeitos para o desaparecimento, relação entre a autoria dos desaparecimentos forçados e os afetados pelo crime etc. Diante das avaliações dos pesquisadores citados, verifica-se que tanto as investigações advindas dos processos penais quanto aquelas focadas na vertente humanitária carecem de avanços significativos para as resoluções dos casos de desaparecimento forçado no Peru.

A situação da Guatemala para condenações sobre desaparecimentos forçados pela Corte IDH é de, ao menos, sete casos.⁸² Das petições destinadas à CIDH, e posteriormente julgadas pela Corte IDH, quatro foram apresentados na década de 1990 e três nos anos 2000. O trâmite da CIDH à Corte IDH, até que se profira uma sentença, é longo, com casos que tramitaram por mais de quase duas décadas. Por essa razão, a primeira ação pertinente à matéria na Guatemala apresentada à CIDH não foi o primeiro caso a ser julgado. *Tiu Tojín Vs. Guatemala* foi apresentado em 17 de outubro de 1990 e teve sua audiência na Corte IDH somente em 30 de abril de 2008. O caso *Blake Vs. Guatemala*, apresentado posteriormente, teve a sua sentença em 02 de julho de 1996, portanto, foi a primeira decisão acerca do delito.

Os núcleos de apoio da sociedade civil foram fundamentais neste processo. As representações dos processos guatemaltecas são as seguintes:

82. Na avaliação da CIDH, as instabilidades econômicas, políticas e sociais continuam a gerar desaparecimentos forçados, que ocorrem novamente de forma alarmante. Destaque-se os trabalhos da *Comisión Internacional contra la Impunidad en Guatemala* (CICIG) e do *Ministerio Público* para o combate à impunidade dos crimes cometidos durante o conflito armado interno de 1960 e 1996. Entretanto, a CIDH demarca que os operadores da justiça necessitam de independência e autonomia para superar o legado autoritário. A publicação sobre o contexto atual na perspectiva da CIDH pode ser conferida em *Situación de Derechos Humanos en Guatemala: Diversidad, Desigualdad y Exclusión*. Ver em: <http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2016/033.asp>, acesso em 01/10/2016.

Caso *Blake Vs. Guatemala*: indivíduos; Caso *Bámaca Velásquez Vs. Guatemala: Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Molina Theissen Vs. Guatemala: Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Tiu Tojín Vs. Guatemala: Centro para la Acción Legal de Derechos Humanos*; Caso *Chitay Nech y otros Vs. Guatemala*: indivíduos; Caso *Masacres de Río Negro Vs. Guatemala: Asociación para el Desarrollo Integral de las Víctimas de la violencia en las Verapaces* (ADIVIMA); Caso *García y familiares Vs. Guatemala: Grupo de Apoyo Mutuo* (GAM).

A base normativa utilizada pela Corte IDH nas decisões é, primeiramente, a Convenção Americana de Direitos Humanos, seguida dos demais instrumentos regionais e globais. Para tanto, as primeiras sentenças recorreram à Convenção Interamericana sobre Desaparecimento Forçado de Pessoas e à Declaração sobre a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados (ONU), entre outros tratados a depender dos crimes perpetrados. Após 2006, a Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados também passou a ser invocada. Para os variados casos apresentados pelos requerentes contra a Guatemala, encontram-se múltiplas violações às convenções e tratados internacionais, as quais acompanham o desaparecimento forçado, considerando o caráter complexo do delito por si só.⁸³

Dentre as obrigações relativas à responsabilização direcionada ao Estado, a Corte IDH decidiu no primeiro julgamento sobre a temática, *Blake vs. Guatemala*, em 1999:⁸⁴

Ordenar que el Estado de Guatemala investigue los hechos del presente caso, identifique y sancione a los responsables y adopte las disposiciones en su derecho interno que sean necesarias para asegurar el cumplimiento de esta obligación (conforme lo estipulado en el punto resolutivo 3 de la sentencia sobre el fondo), lo que informará a la Corte, semestralmente, hasta la terminación de los procesos correspondientes (CORTE IDH, Caso Blake Vs. Guatemala (Reparaciones Y costas), 1999, p. 19).

83. *Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura; Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer (“Convención de Belém do Pará”); Convención sobre los Derechos del Niño (ONU); Principios rectores de los desplazados internos – Naciones Unidas; Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos – Naciones Unidas; Convenio 169 sobre Pueblos Indígenas y Tribales en Países Independientes – Organización Internacional del Trabajo; Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional – Naciones Unidas; Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas; Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados – Naciones Unidas.*

84. Nicholas Blake, jornalista, e Griffith Davis, fotógrafo, ambos de origem norte americana, foram detidos, em março de 1985, na aldeia *El Llano* pela Patrulha de Autodefesa Civil da região. Após serem assassinados foram jogados em um descampado, seus restos mortais foram localizados e identificados em 1992. Informações de CORTE IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 1999.

Observe-se o direcionamento à responsabilização penal, indicado pela decisão, o qual, ao mesmo tempo em que se limita a ultrapassar a normativa do direito interno, o induz a respeitar os mecanismos de resolução para tal crime. Na última supervisão de cumprimento de sentença do *Caso Blake vs. Guatemala*, “*la Corte constató que el Estado condenó a 28 años de prisión al señor Vicente Cifuentes López como uno de los responsables de la desaparición y asesinato de Nicholas Chapman Blake*” (Corte IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 2009, p. 3). Todavia, o Estado não cumpriu integralmente com todos os pontos resolutivos da sentença e, na falta de detalhes sobre ordens de prisão dos demais envolvidos no caso, “*el Tribunal observa con preocupación que, de la información aportada por Guatemala, no se desprende que haya adoptado las medidas necesarias para dar cabal cumplimiento a lo dispuesto*”. (Corte IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 2009, p. 4).

Ángela Méndez, advogada do CEJIL da Guatemala, em entrevista para este estudo, questionou uma possível aceleração da judicialização para os crimes de desaparecimento forçado após as sentenças da Corte IDH pela justiça ordinária guatemalteca. Para ela, a recepção das decisões do tribunal interamericano nos tribunais internos está mais em impulsionar e fortalecer as obrigações do Estado, e não acelerar a judicialização, uma vez que as sentenças reforçam a responsabilização da Guatemala com as investigações de crimes dessa natureza. De acordo com a advogada, as sentenças passaram a serem referenciadas por operadores da justiça doméstica como juízes, promotores, advogados e também pelas próprias pessoas afetadas indiretamente pelo desaparecimento forçado. A especialista discorda que haja um processo de aceleração ao considerar o tempo transcorrido entre os eventos que geraram os desaparecimentos forçados, muitos durante a década de oitenta, até a judicialização dos casos. Esses ainda se encontram em fase de julgamento, após anos de impunidade que ainda carece ser superada.⁸⁵

A partir da fala da Advogada do CEJIL e dos demais dados levantados durante a pesquisa, dois exemplos podem ser destacados acerca da repercussão das decisões da Corte IDH nos tribunais ou nas práticas domésticas sobre o conflito armado interno. O primeiro exemplo diz respeito às investigações que resultaram em detenções e condenações de militares por delitos de desaparecimento forçado e crimes contra a humanidade pelos tribunais domésticos no ano de 2016, o que confirma uma mudança na

85. O Projeto de Lei nº 3.590 é a iniciativa que propõe *Comisión Nacional de Búsqueda de Personas Víctimas de Desaparición Forzada y otras formas de Desaparición*. Ele está disponível em: <http://www.lexglobal.com/documentos/1178817803.pdf>, acesso em 01/10/2016.

postura dos juízes tal como apontado anteriormente.⁸⁶ O segundo exemplo corresponde à iniciativa da promotoria geral e de organizações de direitos humanos para que a Corte IDH emitisse as resoluções de supervisão de cumprimento das sentenças dos casos sobre o conflito armado interno de forma integrada, em um só documento; assim tem-se a resolução geral chamada *12 casos guatemaltecos*, emitida em 24 de novembro de 2015.⁸⁷ Esta resolução conjunta permite que os grupos interessados possam ter um maior controle sobre as iniciativas do Estado para cumprir com as obrigações referentes ao período de graves violações de direitos humanos e crimes contra a humanidade.

Sobre o direito à verdade para a questão guatemalteca, os casos que se referem objetivamente ao fato de que o Estado violou este direito, são

86. Em agosto de 2009 o ex-militar Felipe Cusanero Coj foi condenado a 150 anos de prisão por envolvimento no desaparecimento forçado de seis pessoas entre 1982 e 1984 na aldeia de Choatalúm. Foi o primeiro caso de condenação para este tipo de crime contra a humanidade na Guatemala. Em dezembro de 2009 foram considerados culpados os militares Marco Antonio Sanchez Samayoa, José Domingo Ríos Martínez, Gabriel Álvarez Ramos, Salomón Maldonado Ríos, condenados a mais de 53 anos de prisão, pelo delito de desaparecimento forçado de oito pessoas, em 1981. Ver sobre isso em: http://www.caldh.org/index.php?option=com_content&view=article&id=60&Itemid=79&lang=es acesso 01/10/2016; Disponível em: <https://acoguate.org/2012/11/01/vozes-de-el-jute-despues-de-la-sentencia-por-desaparicion-forzada/> acesso em 01/10/2016. Em janeiro de 2016 as autoridades guatemaltecas levaram ao cárcere militar 18 investigados por crimes envolvendo delitos de desaparecimento forçado, tortura e violações sexuais. As detenções se relacionam com a exumação de 558 civis indígenas (comunidades Q'eqchi, Achi y Pocomochi), mulheres, homens, crianças e idosos, não combatentes e enterrados em 4 fossas em um acampamento militar em Alta Verapaz. Os acusados podem ter envolvimento nos casos "*Plan de Sánchez*", Río Negro e de Marco Antônio Molina Theissen. Tal investigação, acerca do antigo quartel militar transformado em *Comando Regional de Entrenamiento de Operaciones de Mantenimiento de Paz das Nações Unidas* (Creompaz), é considerada pela *Fiscalía General y el Jefe de la Fiscalía de Derechos Humanos*, "uno de los casos de desaparición forzada más grandes de América Latina" (<http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2016/001.asp> acesso em 01/10/2016). Sobre o caso Molina Theissen, disponível em: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/01/14/casomolinatheissenjujeaenviaalacarcelamilitarylosligaaproceso/> acesso em 01/10/2016. Caso Creompaz, disponível em: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/05/03/militares> acesso em 01/10/2016. Disponível em: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/01/11/caso> acesso em 01/10/2016.

87. A resolução da supervisão de cumprimento de sentença dos 12 casos guatemaltecos, dizem respeito às decisões da Corte IDH referentes aos seguintes casos: *caso Blake*; *caso Panel Blanca*; *caso Villagrán Morales y otros*; *caso Bámaca Velásquez*; *caso Mack Chang*; *caso Maritza Urrutia*; *caso Molina Theissen*; *caso Masacre Plán de Sánchez*; *caso Carpio Nicolle y otros*; *caso Tiu Tojín*; *caso Masacre de las Dos Erres*; *caso Chitay Nech y otros*. Observe-se quem nem todos os casos abarcam crimes de desaparecimentos forçados, por isso só alguns aparecem na tabela supracitada.

Resolução geral. Corte IDH, *12 casos guatemaltecos. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias respecto de la obligación de investigar, juzgar y, de ser el caso, sancionar a los responsables de las violaciones a los derechos humanos. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 24 de noviembre de 2015*. Disponível em: http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/12_casos_24_11_15.pdf acesso em 01/10/2016.

*Bámaca Velásquez Vs. Guatemala, Chitay Nech y otros e García y familiares Vs. Guatemala.*⁸⁸ Neste último caso, de sentença mais recente, e ainda sem supervisão de cumprimento emitida, faz-se referência à importância dos encontros fortuitos extraoficiais do Diário Militar, em 1999, e do Arquivo Histórico da Polícia, em 2005, os quais atestam o envolvimento de servidores públicos nos crimes.⁸⁹ Essa situação já havia sido enfrentada durante a vigência da *Comisión de Esclarecimiento Histórico* (CEH). A própria sentença faz referência ao informe da CEH:

174. La propia CEH “calific[ó] como precaria y no satisfactoria la colaboración brindada por parte del Ejército Nacional” y “también [por el] Ministerio de Gobernación”. Indicó que “[d]urante el período de trabajo de la Comisión, el Ejecutivo —a través de diversas dependencias, entre las cuales se encuentran el Ejército Nacional y la Secretaría Privada del Presidente de la República— dio diversas justificaciones para no entregar la documentación requerida. [...] El Tribunal recuerda que el Ministerio de la Defensa negó a la CEH la existencia de documentos como el Diario Militar, el cual apareció por vías extraoficiales tres meses después de que dicha comisión publicara su informe final (supra párrs. 55 y 56). Igualmente, la Policía Nacional, adscrita al Ministerio de Gobernación, no entregó a la CEH información que posteriormente apareció en el Archivo Histórico de la Policía, lo cual confirma que “no se indag[ó] activamente en busca de antecedentes respecto” de la información solicitada por dicha Comisión. (CORTE IDH, Caso García y Familiares Vs. Guatemala, 2012, p. 59)

Para a questão da constituição e preservação de arquivos, Méndez destacou na entrevista que, para além da documentação sistematizada para os informes da *Comisión para El Esclarecimiento Histórico*⁹⁰ e do *Recuperación de la Memoria Histórica* (REMHI)⁹¹, os acervos documentais e testemunhais arquitetados para subsidiar as audiências demandadas por ações penais sobre desaparecimentos forçados são reunidos por variados segmentos interessados nas investigações. Desde os grupos jurídicos, como

88. Edgar Fernando García tinha 26 anos, era professor, profissional administrativo, secretario do sindicato de trabalhadores e militante do *Partido Guatemalteco del Trabajo*. Foi detido por agentes militares em 18 de fevereiro de 1984 e sua família nunca mais obteve notícias de seu paradeiro. Informações de CORTE IDH, *Caso García y Familiares Vs. Guatemala*, 2012.

89. Sobre a localização em 2005 do Arquivo da extinta Polícia Nacional (1881-1997), a qual foi substituída após o conflito armado interno pela Polícia Nacional Civil, ver em: <http://www.prensalibre.com/hemeroteca/desapariciones-forzadas-en-guatemala> acesso em 01/10/2016.

90. Informe *Memoria del Silencio*, disponível em: http://www.undp.org/content/dam/guatemala/docs/publications/UNDP_gt_PrevyRecu_MemoriadelSilencio.pdf, acesso em 01/10/2016.

91. Informe REMHI, disponível em: <http://www.odhag.org.gt/html/Default.htm>, acesso em 01/10/2016.

o próprio CEJIL e o Ministério Público, como também as organizações da sociedade civil: *Grupo de Apoyo Mutuo (GAM)*⁹², *Asociación Familiares de Detenidos Desaparecidos de Guatemala (FAMDEGUA)*⁹³, *Fundación de Antropología Forense de Guatemala (FAFG)*.⁹⁴

A Colômbia foi o primeiro país, dos investigados por este estudo, a ser condenado pelo crime de desaparecimento forçado pela Corte IDH.⁹⁵ Até 2016, as sentenças pelo delito ocorreram, no mínimo, seis vezes. Dentre as denúncias, a primeira realizada foi em 04 de abril de 1989, caso *Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia*, sendo também o primeiro a ser julgado.⁹⁶ Todos os demais casos foram apresentados à CIDH ao longo da década de 1990.

Os representantes das vítimas para ações que foram admitidas pela Corte IDH são: Caso *Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia*: não informado; Caso *19 Comerciantes Vs. Colombia: Comisión Colombiana de Juristas e Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia: Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo e Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia: Comisión Colombiana de Juristas, Asociación de Familiares de Detenidos y Desaparecidos (ASFADDES), Centro por la justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de las Masacres de Ituango Vs. Colombia: Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos (GIDH) e Comisión Colombiana de Juristas (CCJ)*; Caso *Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia: Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo (CCAJAR), Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL), abogados particulares e Comisión Intereclesial de Justicia y Paz*.

Os tratados e as convenções invocadas pelas decisões, além da Convenção Americana de Direitos Humanos, foram a Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados, a *Declaración de Naciones Unidas sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*, as

92. Disponível em <http://www.worldcoalition.org/Grupo-de-Apoyo-Mutuo.html>, acesso em 01/10/2016.

93. Sobre a FAMDEGUA, ver: <http://famdeguagt.blogspot.com.br/>, acesso em 01/10/2016.

94. Sobre a FAFG, o site ainda está em construção: <https://www.fafg.org/>, acesso em 01/10/2016.

95. Antes da primeira condenação pela Corte IDH foi realizada uma denúncia por desaparecimento forçado à CIDH contra a Colômbia, em abril de 1980. A denúncia não chegou a ser julgada por desistência do peticionário (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2014, p. 77).

96. Isidro Caballero Delgado e María del Carmen Santana eram membros do *Movimiento 19 de abril* no Município de *San Alberto*. Em 7 de fevereiro de 1989 foram detidos por membros do exército e civis que eram seus colegas de trabalho. Informações de CORTE IDH, *Caso García y Familiares Vs. Guatemala*, 2012.

Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais, a *Convención sobre los derechos del Niño*, o *Convenio Europeo de Derechos Humanos y Libertades Fundamentales* os *Principios Rectores de los Desplazamientos Internos de las Naciones Unidas*, o *Manual de las Naciones Unidas sobre La Prevención e Investigación de Ejecuciones Extrajudiciales, Arbitrarias y Sumarias*, o *Convenio nº 29 de La Organización Internacional del Trabajo sobre el Trabajo Forzoso*, a *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas* e a *Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura*.

As obrigações da Colômbia para a responsabilização penal em casos de desaparecimentos forçados começaram a ser pontuadas de forma crítica pela Corte IDH ainda no caso *Caballero Delgado*, que em análise de fundo indicou:

57. *En el caso que se examina, Colombia ha realizado una investigación prolongada, no extenta de deficiencias, para encontrar y sancionar a los responsables de la detención y desaparición de Isidro Caballero Delgado y María del Carmen Santana y este proceso no ha terminado.*
58. (...) *sin embargo, para garantizar plenamente los derechos reconocidos por la Convención, no es suficiente que el Gobierno emprenda una investigación y trate de sancionar a los culpables, sino que es necesario, además, que toda esta actividad del Gobierno culmine con la reparación a la parte lesionada, lo que en este caso no ha ocurrido.*
(CORTE IDH, *Caso Caballero Delgado Vs. Colombia*, 1995, p. 21)

Na última supervisão de cumprimento de sentença de 27 de fevereiro de 2012 sobre o caso, a Corte IDH declarou que o Estado colombiano vem descumprindo as obrigações ditadas nos pontos resolutivos das decisões proferidas em dezembro de 1995 e janeiro de 1997. As insatisfações giram em torno tanto das investigações acerca da localização das vítimas do crime ou de seus restos mortais, assim como assim como da impunidade aos responsáveis pelos desaparecimentos forçados.

A legislação penal colombiana reconhece o desaparecimento forçado como tipo autônomo desde 2000, através da Lei nº 589.⁹⁷ Um dos desdobramentos problemáticos para os tribunais internos, referentes a esta tipificação, está no debate sobre a retroatividade para os crimes cometidos

97. *Ley nº 589 de 2000 "Por medio de la cual se tipifica el genocidio, la desaparición forzada, el desplazamiento forzado y la tortura; y se dictan otras disposiciones"*. Diario Oficial 44073 de julio 7 de 2000. Disponível em: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0589_2000.html acesso em 01/10/2016. Ver também: *Ley nº 599 de 2000 "Por la cual se expide el Código Penal"*. Diario Oficial No. 44.097 de 24 de julio del 2000. Disponível em: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0599_2000.html acesso em 01/10/2016.

antes do advento da referida lei. De acordo com o questionário aplicado para este estudo, as posições sustentadas nesta discussão são:

- i) la teoría que señala que se debe aplicar la figura del secuestro;*
- ii) la teoría que señala que se aplica secuestro hasta la entrada en vigor de la ley que tipificó el delito de desaparición;*
- iii) la teoría que aplica la tesis relacionada con los efectos retrospectivos del delito de desaparición forzada.*

A Corte IDH se posiciona sobre a retroatividade da sanção penal para casos de desaparecimento forçado na sentença mais recente que se refere aos crimes decorrentes do evento do Palácio de Justiça, caso *Rodríguez Vera Vs. Colombia*.⁹⁸ Em 14 de novembro de 2014, o Tribunal estabeleceu que:

- b) por tratarse de violaciones graves a los derechos humanos, incluyendo desapariciones forzadas, ejecuciones extrajudiciales y torturas, el Estado deberá abstenerse de recurrir a la aplicación de leyes de amnistía ni argumentar prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ni el principio non bis in idem o cualquier eximente similar de responsabilidad, con el fin de excusarse de la obligación de investigar y enjuiciar a los responsables;*
- c) asegurarse que las autoridades competentes realicen las investigaciones correspondientes ex officio, y que para tal efecto tengan a su alcance y utilicen todos los recursos logísticos y científicos necesarios para recabar y procesar las pruebas y, en particular, tengan facultades para acceder plenamente a la documentación e información pertinente para investigar los hechos denunciados y llevar a cabo con prontitud aquellas actuaciones y averiguaciones esenciales para esclarecer lo sucedido a las personas desaparecidas en el presente caso, a las víctimas de torturas y otras formas de tratos crueles y degradantes, y a la víctima de desaparición y posterior ejecución extrajudicial;*
- d) identificar e individualizar a los autores de las violaciones referidas en la presente Sentencia, y e) garantizar que las investigaciones por los hechos constitutivos de las violaciones a derechos humanos declaradas en el presente caso se mantengan, en todo momento, bajo conocimiento de la jurisdicción ordinaria. (CORTE IDH, Caso Rodríguez Vera Vs. Colombia, 2014, p. 192)*

98. Em 6 e 7 de novembro de 1985 o Palácio da Justiça, sede da Corte Suprema de Justiça e do Conselho de Estado colombiano, foi tomado violentamente pelo grupo guerrilheiro M-19. As forças de segurança do Estado realizaram a reintegração do Palácio de Justiça com o uso da força excessiva, situação que gerou o desaparecimento forçado de doze pessoas que haviam sobrevivido a invasão do palácio por responsabilidade do Estado: Carlos Augusto Rodríguez Vera, Irma Franco Pineda, Cristina del Pilar Guarín Cortés, Gloria Anzola de Lanao, Norma Constanza Esguerra Forero, Bernardo Beltrán Hernández, Héctor Jaime Beltrán Fuentes, Gloria Stella Lizarazo Figueroa, Luz Mary Portela León, David Suspes Celis, Lucy Amparo Oviedo Bonilla e Ana Rosa Castiblanco Torres. Informações de CORTE IDH, Caso *Rodríguez Vera Vs. Colombia*, 2014.

A fim de obter informações mais atualizadas acerca da judicialização de casos e do tratamento de arquivos durante o levantamento de dados para este estudo, foi solicitada uma entrevista à *Comisión de Búsqueda de Personas Desaparecidas*, entidade estatal encarregada de encaminhar resoluções sobre requerimentos de desaparecimento forçado de pessoas, criada por meio da Lei nº 589/2000.⁹⁹ A comissão se prontificou a avaliar o pedido, mas não apresentou resposta definitiva.

Os questionários apresentados pelo representante membro da RLAJT, *Facultad de Derecho de la Universidad del Rosario*, contaram com a colaboração do Professor Pesquisador e Doutor em Direito Carlos Mauricio López Cárdenas.¹⁰⁰ O pesquisador apontou as dificuldades na sistematização de ações penais nos tribunais internos sobre a matéria, uma vez que há dezenas de processos em trâmite na *Fiscalía General de La Nación*.¹⁰¹

Em informe de avaliação dos resultados dos projetos executados de 2008 a 2015, o *Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo* (PNUD), através do Fundo de Justiça Transicional, buscou articular entre a comunidade internacional e as instituições do Estado colombiano meios de fortalecer o direito das vítimas do conflito armado interno. Entre os pontos destacados pelo PNUD, para o interesse deste relatório, estão:

Promoción al acceso a la justicia y la reparación de manera integral aproximadamente a 100.000 víctimas en el país, a través de su participación en versiones libres, brigadas, incidentes de reparación y jornadas de atención interinstitucional en los que además recibieron apoyo psicojurídico.

99. Ver as normativas Ley 971 de 2005 "Por medio de la cual se reglamenta el mecanismo de búsqueda urgente y se dictan otras disposiciones". Diario Oficial No. 45.970 de 15 de julio de 2005. Link: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0971_2005.html mais sobre a comissão em <http://www.comisiondebusqueda.gov.co/> CONPES 3590 "consolidación de los mecanismos de búsqueda e identificación de personas desaparecidas en Colombia". Link http://www.comisiondebusqueda.gov.co/images/PDF/CONPES_3590.pdf Ley 1408 de 2010 "por la cual se rinde homenaje a las víctimas del delito de desaparición forzada y se dictan medidas para su localización e identificación". Diario Oficial No. 47.807 de 20 de agosto de 2010. Link: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_1408_2010.html

100. Cárdenas é autor da tese de doutorado *La desaparición forzada de personas en el Derecho Internacional de los Derechos Humanos: Estudio de su evolución, concepto y reparación a las víctimas*. Universidad Complutense de Madrid: Facultad de Derecho, 2016. Possui artigo que discute as diferentes bases de dados acerca dos registros sobre desaparecimentos forçados na Colômbia e as dificuldades em apontar um número aproximado. Ver mais em: *Dificultades para estimar el número de personas desaparecidas en Colombia*. Disponível em: https://www.academia.edu/22113266/Dificultades_para_estimar_el_n%C3%BAmero_de_personas_desaparecidas_en_Colombia_-_Difficulties_in_estimating_the_number_of_missing_persons_in_Colombia acesso em 01/10/2016.

101. De acordo com o questionário, as informações repousam a cada um dos promotores responsáveis pelo caso.

Como aporte a la futura Comisión de la Verdad en el marco de los acuerdos de paz, diseño e implementación de la Política pública de archivos de Derechos Humanos y Derecho Internacional Humanitario -DIH-, contribuyendo con la puesta en marcha de ejercicios para la preservación y gestión de los archivos relacionados con el conflicto armado. Apoyo a las víctimas de desaparición forzada con la búsqueda, identificación y entrega de sus familiares desaparecidos, logrando el esclarecimiento de 4.727 casos, 364 diligencias de exhumación, 248 cuerpos encontrados y la plena identificación de 72 cadáveres a través de la intervención en cementerios (caso piloto Cimitarra). (PNUD, 2016, p. 39-40)

Além das iniciativas oriundas do PNUD, um dos grandes articuladores para acúmulo de esforços para resolução de casos de desaparecimentos as desapareições forçados é a organização não governamental *Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos* (ASFADDES),¹⁰² citada pelo questionário como uma referência em arquivos para um diagnóstico mais amplo sobre as vítimas do crime entre os anos 1980 e 1990. Na promoção de ações para a pesquisa e acumulação de informações sobre a justiça de transição, o destaque é para as iniciativas do *Centro Nacional de Memoria Histórica* (CNMH).¹⁰³

O *Centro Nacional de Memoria Histórica* publicou, em 2014, quatro tomos de estudos sobre o desaparecimento forçado. Como colaboradores estão os grupos da sociedade civil, entre os quais alguns representantes autores de casos destinados à CIDH:

Asociación de Familiares de Detenidos - Desaparecidos (ASFADDES); Corporación para la Defensa y Promoción de los Derechos Humanos (Reiniciar); Corporación Madres de La Candelaria – Línea fundadora; Asociación Caminos de Esperanza Madres de la Candelaria; Asociación de Familias Unidas por un Solo Dolor (AFUSODO); Colectivo Madres de Soacha; Familiares de Desaparecidos Forzadamente por el Apoyo Mutuo (Familiares Colombia); Madres por la vida

102. A *Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos* realiza atividades desde os anos 1980 no trabalho coletivo de denúncias e demandas por justiça e localização das vítimas de desaparecimento forçado. Ver mais em: <http://www.asfaddes.org/>, acesso em 01/10/2016.

103. Ver sobre os trabalhos do CNMH em: <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/> e <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/iniciativas-de-memoria/proyectos-destacados> acesso em 01/10/2016. A iniciativa de um acervo elaborado pela mãe de uma vítima de crime contra a humanidade indicado pelos questionários podem ser consultadas em: <http://www.eltiempo.com/politica/justicia/unesco-reconoce-archivos-de-fabiola-lalinde-como-patrimonio-del-mundo/16416141?ts=41> acesso em 01/10/2016. <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/antioquia/operacion-siriri> acesso em 01/10/2016.

(Buenaventura); Ruta Pacifica de las Mujeres y el Movimiento Nacional de Víctimas de Crímenes de Estado (MOVICE); Comisión Colombiana de Juristas; al Centro de Investigación y Educación Popular/ Programa por la Paz (CINEP/PPP); Escuela Nacional Sindical; Corporación Regional para la Defensa de los Derechos Humanos (CREDHOS); Coordinación Colombia Europa Estados Unidos (CCEEU); Colectivo de Abogados Luis Carlos Pérez; Corporación AVRE; Corporación Jurídica Libertad; Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos; Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo; Equipo Colombiano Interdisciplinario de Trabajo Forense y Asistencia Psicosocial (EQUITAS); Equipo Colombiano de Investigaciones Antropológico Forenses (ECIAF); Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses; Hermanas Lauritas y la Oficina de la Alta Comisionada de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos en Colombia. (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTORICA, 2014, p. 7-8)

Ainda que haja todas essas organizações que envidem esforços para a verdade e justiça sobre os fatos que geraram milhares de desaparecimentos forçados na Colômbia, há que considerar que tratar da responsabilidade penal em um processo de acordo de paz em vigência é, ao menos, um assunto delicado. Em resistência às medidas de justiça de transição há uma parcela da sociedade que segue atuando clandestinamente para impossibilitar a justiça para casos do presente e do passado recente. Sobre os desaparecidos do Palácio de Justiça, ocorridos há mais de 30 anos, o advogado Jorge Molano, em entrevista para o CNMH, denunciou perseguições aos operadores da justiça que trabalham para o fortalecimento da penalização de crimes contra a humanidade e criticou a posição do Estado colombiano:

Aquí no ha habido una voluntad institucional. Lo que se ha dado es el ataque a quienes han buscado intervenir actuando en pro del desarrollo de la investigación. Lo que sucedió con la fiscal Ángela María Buitrago, que fue sacada de la fiscalía argumentando supuestas razones de deficiencia en su trabajo, raya con la estupidez. Lo que sucedió con la jueza Maria Estela Jara, que se vio obligada a salir del país, es evidencia de que este es un aparato criminal que actúa en impunidad. Lo que hoy queda claro es que el Estado resultó respondiendo cuando está a 15 días de rendir un informe a la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CIDH). Es un Estado al que le interesa la imagen y no le interesa la justicia.¹⁰⁴

104. Entrevista na íntegra disponível em: <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/palacio-de-justicia-30-anos/entrevista-jorge-molano.html#sthash.PMgLOtdr.dpuf> acesso em 01/10/2016.

2.4 El Salvador, Argentina e México – judicialização e arquivos

O Estado de El Salvador foi condenado pela Corte IDH pelo crime de desaparecimento forçado em três casos. A primeira decisão, em 2005, foi sobre o caso *Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador*, cujos representantes foram o *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL) e a Asociación Pró-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos*. A segunda sentença foi proferida em 2011, sobre o caso *Contreras y otros Vs. El Salvador* que contou com as mesmas organizações da primeira causa como representantes. Por último, o Caso *Rochac Hernández y otros, peticionado pela Asociación Pró-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos* que gerou mais uma condenação ao Estado salvadoreño, em 14 de outubro de 2014.

O caso *Hermanas* foi apresentado para a CIDH em 1999, os demais nos anos 2000. O Estado foi condenado pela Corte por violar diversos artigos da *Convención Americana sobre Derechos Humanos* e outros instrumentos internacionais como a *Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados*, *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*, *Convención sobre los Derechos del Niño*, *Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*, *Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional*, *Protocolo Adicional II a los Convenios de Ginebra de 1949*.

Todos os casos julgados pela Corte IDH sobre crime de desaparecimento forçado tratam de situações envolvendo crianças. A sistemática foi colocada em prática por agentes do Estado que cometeram crimes contra a humanidade visando atingir grupos comunitários durante o conflito armado interno de El Salvador entre 1980 e 1992. A Corte IDH definiu as possíveis situações a que estão submetidas as crianças expostas ao desaparecimento forçado. A partir das contribuições do denunciante, *Asociación Pro-Búsqueda*, na última decisão que condenou o Estado salvadoreño em caso referente à matéria, *Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador*,¹⁰⁵ a prática de desaparecimentos forçados direcionada às crianças foi definida do seguinte modo:

Los posibles destinos de las niñas y los niños después de la separación de su familia y de su desaparición, pueden clasificarse de la siguiente forma: 1) adopciones en las que existe un proceso formal

105. O caso engloba o desaparecimento forçado de José Adrián Rochac Hernández, 5 anos; Santos Ernesto Salinas, 9 anos; Emelinda Lorena Hernández, bebê de 10 meses; Manuel Antonio Bonilla y Ricardo Abarca Ayala, 10 e 13 anos. Todas as crianças foram capturadas por militares em situação de busca por apoiadores da guerrilha durante o conflito armado interno no início da década de 1980.

dentro del sistema judicial, siendo que la mayoría se asignaron a familias extranjeras, principalmente de Estados Unidos, Francia e Italia; 2) adopciones “de hecho” o “apropiaciones”, consistentes en casos en que familias salvadoreñas se hicieron cargo de los niños y niñas pero jamás formalizaron la adopción del niño o niña; 3) casos de “apropiación” por parte de militares, quienes los incluyeron en sus familias como hijos, aunque en la mayoría de casos los niños y niñas fueron utilizados para trabajos domésticos o agrícolas; 4) niños y niñas que crecieron en orfanatos sin acompañamiento, en los cuales los encargados no intentaron encontrar a los parientes; y 5) niños y niñas que crecieron en instalaciones militares. Por otra parte, se ha recopilado evidencias que indicarían que algunos niños y niñas desaparecidos fueron víctimas del tráfico ilegal. Por último, se habían localizado casos de niños y niñas fallecidos. f) Existió una práctica de alteración de las identidades de los menores de edad, siendo que muchos fueron registrados de hecho como hijas e hijos, es decir, sin necesidad de la alteración de registros, mientras que en otros casos se cambió el nombre o los apellidos y se alteró la edad de las niñas y niños. (CORTE IDH, Caso Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador, sentencia 2014, p. 20)

Diante deste panorama sobre o desaparecimento forçado destinado fortemente às crianças mesmo após o acordo de paz no início da década de 1990, foram muitos os desafios que se apresentaram aos familiares. Logo, o primeiro caso sobre o drama das crianças vitimadas pelo desaparecimento forçado foi encaminhado à CIDH somente em 1999.

O caso julgado pela Corte IDH sobre as hermanas Serrano teve como representantes de seus familiares os grupos o *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)* e a *Asociación Pró-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos*. Familiares e testemunhas atestam que quando Ernestina e Erlinda Serrano Cruz foram capturadas por patrulhas militares, em 1982, elas tinham sete e três anos.¹⁰⁶ A Corte IDH determinou, entre outras medidas,

Ordenar a El Salvador que, en el cumplimiento de su obligación de investigar los hechos denunciados, identificar y sancionar a los

106. Ernestina e Erlinda foram descobertas por militares ao chorarem. Em junho de 1982, o município onde elas viviam, San Antonio de La Cruz, foi ocupado pelos militares do *Batallón Atlacatl* do exército salvadorenho na “operación limpeza”. A fim de se proteger a família se deslocou, a mãe das meninas e um irmão conseguiram atravessar o cerco militar. O pai de Ernestina e Erlinda e outro irmão, Enrique, se abrigaram na região das montanhas, ao se distanciar das filhas para buscar água, Dionisio Serrano deixou-as por um tempo sozinhas. Assustadas elas começaram a chorar e foram descobertas pelas patrulhas militares que as levaram e desde então não se sabe do paradeiro delas.

responsables y efectuar una búsqueda seria de las víctimas, elimine todos los obstáculos y mecanismos de hecho y derecho que impidan el cumplimiento de dichas obligaciones en el presente caso, de modo que utilice todas las medidas a su alcance, ya sea por medio del proceso penal o mediante la adopción de otras medidas idóneas.

El Estado debe utilizar todos los medios económicos, técnicos, científicos y de otra índole idóneos para determinar el paradero de Ernestina y Erlinda Serrano Cruz, solicitando, en caso de ser necesario, la cooperación de otros Estados y organizaciones internacionales. (CORTE IDH, Caso Hermanas Serrano Vs. El Salvador, 2005, p. 96-97)

Os pontos resolutivos da sentença para que o Estado cumpra com as obrigações mencionadas, frente a necessidade de investigação dos fatos, identificação e sanção dos responsáveis, são os seguintes: funcionamento de uma comissão nacional de busca de jovens que desapareceram quando crianças; criação de uma página *web* de buscas; criação de um sistema de informação genética; ato público de reconhecimento e responsabilidade sobre o caso; publicidade da sentença; designação de um dia dedicado às crianças desaparecidas durante o conflito armado interno; assistência médica e psicológica aos familiares.

A última resolução de supervisão de cumprimento de sentença sobre o caso data de 1º de setembro de 2016, sendo o quarto documento desde a decisão de 2005. Diante das observações, a Corte IDH declarou que o Estado tem dado cumprimento total a reparação relativa à criação de uma página na *web* de busca de desaparecidos e que em relação ao tratamento médico e psicológico também é satisfatória a assistência estatal. Além da decisão para que ambos os serviços citados sejam mantidos, a Corte IDH, diante da continuidade da falta de informações sobre o paradeiro das irmãs Serrano e de não haver punibilidade aos envolvidos do caso até então, considerou insatisfatório o trabalho estatal para atender as demais medidas de reparação. Assim, o Estado salvadoreño seguirá em processo de supervisão de cumprimento da sentença.

Um dos problemas sobre o reconhecimento do crime de desaparecimento forçado frente as suas normativas para o Estado salvadoreño foi exposto no primeiro capítulo deste relatório, quando se verificou que não há assinatura, ratificação ou adesão do país a nenhuma das principais convenções sobre o desaparecimento forçado (a Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados (CIPPDF/ONU) e a Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas (CIDFP/OEA)). Entretanto, como também tratado no capítulo anterior, outros dos obstáculos para a punição de autores de graves violações de direitos humanos e crimes contra a humanidade,

a *Ley de Amnistía General para la Consolidación de la Paz de 1993*, foi declarada inconstitucional pela *Corte Suprema de Justicia*. Além disso, o questionário respondido pelo representante de El Salvador na RLAJT, *Instituto de Derechos Humanos de la UCA* (IDHUCA), demonstrou que o desaparecimento forçado possui tipificação autônoma na legislação penal do país.¹⁰⁷ Enquanto os desdobramentos na justiça interna ainda estão por ser contabilizados, no que tange as responsabilizações penais, outros trabalhos que atendem aos componentes da justiça de transição estão em plena atividade.

A *Asociación Pró-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos* realiza seus trabalhos desde 1994, na busca por crianças desaparecidas durante o conflito armado interno de El Salvador que vitimou centenas delas ao desaparecimento forçado, que foram apropriadas e adotadas de forma irregular com a aquiescência de agentes estatais e de colaboradores. A Associação reúne cerca de 860 famílias que, insatisfeitas pelo descaso estatal com as denúncias, passaram a realizar buscas das mais de 920 crianças vitimadas pelo desaparecimento forçado. Esse número, contudo, não representa a totalidade de casos. Por meio de campanhas internacionais e de identificação por DNA a Associação resolveu 425 casos até o ano de 2016.¹⁰⁸

A *Comisión Nacional de Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos durante el Conflicto Armado Interno* (CNB) foi criada pelo Presidente da República de El Salvador, Mauricio Funes, por meio do Decreto Executivo nº 5/2010, reformado pelo Decreto nº 45, em 26 de abril de 2010. A CNB é resultado de uma demanda social em resposta à sentença da Corte IDH referente ao caso das irmãs Ernestina e Erlinda Serrano Cruz, em 2005. Em 2011, a CNB iniciou seus trabalhos e até o ano de 2016 resolveu mais de 70 casos, promovendo 28 reencontros familiares.¹⁰⁹ Observa-se que nem todos os casos considerados resolvidos referem-se à localização das

107. Ver a inclusão do desaparecimento forçado no código penal salvadorenho em: <http://www.asamblea.gob.sv/eparlamento/indice-legislativo/buscar-de-documentos-legislativos/codigo-penal> acesso em 01/11/2016.

108. Ver mais sobre a Associação Pró-Búsqueda em: <http://www.probusqueda.org.sv/> acesso em 01/11/2016.

109. Dados fornecidos por entrevista realizada em 24 de agosto de 2016 entre a consultora deste trabalho e Arcinio Suiira Caballero, coordenador da CNB. O Coordenador explicou que a CNB possui quatro objetivos operativos: i) investigação para localização de adultos que quando crianças foram vítimas do desaparecimento forçado e acompanhamento psicológico para a família e a pessoa apropriada; ii) facilitação da documentação para a restituição identitária; iii) processo de exumação, enterramento e acompanhamento psicossocial para a família em casos que se conclui que a vítima de desaparecimento forçado encontra-se falecida; iv) sensibilização da sociedade e difusão sobre os casos para que o problema dos desaparecimentos forçados sejam conhecidos de forma ampla e para que haja uma contribuição com informações sobre os casos.

crianças, atualmente adultas, com vida, pois há investigações que apontam o assassinato. A dificuldades sobre o reencontro familiar também se expressam os casos em que as crianças identificadas, hoje adultas, possuem dificuldades com a aceitação da sua condição e recepção da família biológica.

Elsy Flores, assessora da *Comisión Nacional de Búsqueda*,¹¹⁰ em entrevista para este estudo, avalia que os resultados das sentenças condenatórias da Corte IDH para El Salvador respaldaram a implementação de uma série de medidas que resultam na judicialização da justiça de transição. Ela acredita que, embora a justiça penal não tenha conseguido alcançar a responsabilização individual,¹¹¹ outros tipos de reparações obrigaram o Estado a transformar políticas para atender a demandas relativas aos desaparecimentos forçados. A Comisión Nacional de Búsqueda é fruto da sentenças da Corte IDH, assim como o banco de identificação genética e, por medida legislativa, a criação do dia da criança desaparecida. Deste modo, enquanto os tribunais domésticos não se encarregaram de julgar os envolvidos nos crimes contra a humanidade, os pontos resolutivos das decisões repercutiram parcialmente o que levou o Estado a criar algumas estruturas administrativas para lidar com o passado recente. Elsy também destacou a importância das relações interinstitucionais e transnacionais. Essas se dão em duas frentes: com autoridades de outros países para a localização e identificação de crianças que foram adotadas e passaram a viver fora de El Salvador; e a partir de convênios, como a Equipo Argentino de Antropología Forense (EAAF) que contribui com a sua experiência para a análise de mostras de DNA tanto para a restituição ao familiares como em caso de exumações.¹¹²

Sobre o direito à verdade e o acesso à informação, a última sentença proferida pela Corte IDH condenando o Estado salvadoreño sobre crimes de desaparecimento forçado, caso *Rochac Hernández y otro Vs. El Salvador*,

Han transcurrido más de 30 años desde las desapariciones forzadas de José Adrián Rochac Hernández, Santos Ernesto Salinas, Emelinda Lorena Hernández, Manuel Antonio Bonilla y Ricardo Abarca Ayala, sin que ninguno de sus autores materiales o intelectuales haya sido identificado y procesado, y sin que se conozca aún toda la verdad sobre

110. Mais detalhes sobre a CNB em: <http://www.cnbelsalvador.org.sv/index.php> acesso em 01/11/2016.

111. Mesmo sob a vigência da Lei de Anistia, em 2013, em uma ação contra a impunidade, o representante vinculado a RLAJT, *Instituto de Derechos Humanos de la UCA* (IDHUCA), junto a outras organizações, interpuseram na *Fiscalía General de la República* (FGR) 43 denúncias de variados crimes, dentre eles o de desaparecimento forçado, ocorridos durante o conflito armado interno. Ver mais em: <http://www.uca.edu.sv/noticias/texto-2572> acesso em 01/11/2016.

112. Ver mais sobre a EAAF em <http://www.eaaf.org/>

los hechos ni sus paraderos. De modo tal que prevalece una situación de impunidad total. Por ende, en el presente caso el Estado aún no ha satisfecho el derecho de los familiares a conocer la verdad, el cual se encuentra subsumido en el derecho de la víctima o de sus familiares a obtener de los órganos competentes del Estado el esclarecimiento de los hechos violatorios y las responsabilidades correspondientes, a través de la investigación y el juzgamiento que previenen los artículos 8 y 25.1 de la Convención. [...]

El derecho a conocer la verdad entraña tener un conocimiento pleno y completo de los actos que se produjeron, las personas que participaron en ellos y las circunstancias específicas, en particular de las violaciones perpetradas y su motivación. En los casos de desaparición forzada de personas, el derecho a la verdad tiene también una faceta especial: el conocimiento de la suerte y el paradero de las víctimas. La Corte considera que, aparte de las labores realizadas por diversas entidades para el conocimiento de la suerte y el paradero de las víctimas y el enjuiciamiento de personas responsables, corresponde al Estado, como medida de reparación que busca satisfacer el derecho de la sociedad en su conjunto a conocer la verdad, recurrir a mecanismos idóneos para mantener viva la memoria de las víctimas y dar transparencia a los hechos que violentaron los derechos humanos por medio del establecimiento de espacios de memoria pública, ya sean estos memoriales, monumentos, museos, entre otros. (CORTE IDH, Caso Rochac Hernández y otros vs. El Salvador, sentencia 2014, p. 58 e 74).

A *Asociación Pro Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos* afirma em sua página virtual que a formação da Comissão da Verdade, como medida decorrente dos Acordos de Paz de 1992, não satisfaz os familiares que buscavam as crianças vitimadas pelo desaparecimento forçado. Segundo informações do sítio, o relatório *De la Locura a la Esperanza* (1993) não especificou as denúncias, incluindo apenas os nomes em uma lista geral de pessoas vitimadas pelo conflito.¹¹³ Soma-se ao descaso os anos que transcorreram com a falta de investigações do Estado sobre os crimes e da impunidade, consequente da Lei de Anistia sancionada logo a seguir da publicação do relatório da comissão da verdade, invalidada somente em 2016. Assim, é possível verificar que o esforço para a reconstituição dos fatos e a organização de arquivos sobre crimes dessa natureza se dá, novamente, por meio de familiares e de testemunhos que se solidarizam em contribuir com as informações.¹¹⁴

113. Ver no link *La Historia de Pro-Búsqueda* <http://www.probusqueda.org.sv/quienes-somos/la-historia-de-pro-busqueda/> acesso e, 01/11/2016.

114. Além das Associações citadas, da sociedade civil e do Estado, outros grupos indicados pelo questionário, a saber: DPLF - *Fundación para el Debido Proceso*, <http://www.dplf.org/es/acerca-de-dplf>

Em 2014, ou seja, quase uma década após a primeira sentença condenatória da Corte IDH sobre o país, o Ministério da Defesa Nacional reafirmou frente ao *Instituto de Acceso a la Información Pública* (IAIP), “*la inexistencia de información relacionada a operativos militares, llevados a cabo durante 1981 y 1983*”.¹¹⁵

Mesmo que existam iniciativas sobre o reconhecimento da responsabilidade estatal em relação aos desaparecimentos forçados denunciados interna e externamente, o desafio recai sobre o Estado. Este deve contribuir de modo efetivo para as investigações dos casos, ou seja, permitir que as informações das instituições perpetradoras atendam ao direito à verdade das pessoas afetadas pelas violações.¹¹⁶

A Argentina foi condenada por casos de desaparecimentos forçados pela Corte IDH em duas causas: *Garrido y Baigorria Vs. Argentina*, sentenças de 02 de fevereiro de 1996, complementada em 27 de agosto de 1998 e no Caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina*, sentença de 26 de agosto de 2011. As representações que levaram o caso até a CIDH foram: na primeira causa por iniciativa de indivíduos, cuja petição data de 29 de abril de 1992, na segunda causa por meio do grupo AMICIS, Clínica Jurídica y Social Patagonica.

Além da violação dos artigos da *Convención Americana sobre Derechos Humanos*, o Estado argentino foi condenado por descumprir os seguintes tratados: *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*, *Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura*, *Protocolo Adicional de la Convención Americana sobre derechos humanos en materia de derechos económicos, sociales y culturales*.

Interessante notar que as denúncias que levaram o Estado à condenação por desaparecimento forçado não são de fatos inseridos no contexto do terror de Estado, 1976 a 1983, mas já no governo civil. O primeiro caso sentenciado pela Corte IDH trata da acontecido, durante a presidência

115. Ver nota no site do IAIP, 2014, disponível em: <http://www.iaip.gob.sv/?q=press-release/ministerio-de-la-defensa-reitera-ante-el-iaip-inexistencia-de-archivos-militares> acesso em 01/11/2016

116. Ver o pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores, em março de 2015, na cerimônia oficial de reconhecimento da responsabilidade estatal sobre os desaparecimentos forçados do caso *Rochac Hernández Vs. El Salvador*, como cumprimento da sentença da Corte IDH, disponível em: http://www.rree.gob.sv/index.php?option=com_k2&view=item&id=4084:palabras-del-ministro-de-relaciones-exteriores-hugo-martinez-en-ocasion-del-acto-de-reconocimiento-de-responsabilidad-estatal-en-el-caso-rochac-hernandez-vs-el-salvador-en-razon-de-sentencia-de-la-corte-interamericana-de-derechos-humanos-del-14&Itemid=942 acesso em 01/11/2016.

de Carlos Saúl Menem (1989-1999),¹¹⁷ com Adolfo Argentino Garrido Calderón e Raúl Baigorria Balmaceda, os quais foram detidos em 1990 na cidade de Mendonza, por relato de uma testemunha. Desde então não há registros do paradeiro. A segunda decisão trata do fato de Iván Eladio Torres Millacura ter sido detido por duas vezes em 2003, sendo a segunda prisão o registro para o início do seu desaparecimento forçado. Tais causas são prova cabal da imensa dificuldade em desfazer o entulho autoritário das instituições de segurança. O país argentino nos anos 2000, sob o governo de Néstor Kirchner, foi marcado pela nulidade das leis de *Obediencia Debida e Punto Final*, situação que possibilitou centenas de condenações penais aos militares e civis perpetradores de crimes contra a humanidade no período ditatorial.¹¹⁸

A *Procuradoría de Crímenes contra la humanidad* publicou suas últimas estatísticas em final de setembro de 2016.¹¹⁹ De acordo com os gráficos estruturados pelo representante da Argentina na RLAJT, *Centro de Estudios Legales y Sociales* (CELS), são 2.922 denúncias de pessoas por crimes contra a humanidade na Argentina, as quais incluem desaparecimentos forçados entre outros delitos. Os acusados nos tribunais internos contabilizam 351 civis e 2.571 agentes das forças armadas e de segurança. Na última década foram aproximadamente 170 júzios realizados no país argentino, os quais decidiram por 70 absolvições e 720 condenações, destes, 374 tiveram penas de prisão e reclusão perpétua. Dentre as sentenciadas 43,3% das pessoas foram coautoras de crimes contra a humanidade e 20,92% autoras dos delitos.¹²⁰

A primeira sentença da Corte IDH ocorreu, portanto, anteriormente ao início do processo de julgamentos nos tribunais domésticos, em 1996.

117. Carlos Menem optou em seu governo por instituir uma “política de pacificação e reencontro nacional”. Com isso, a década de 1990 foi marcada por ele por uma série de Decretos de indulto para centenas de agentes da repressão argentinos e estrangeiros. A insatisfação e desaprovação tomou as organizações de Direitos Humanos que no último ano do seu mandato realizaram os “Juicios por la verdad histórica”, tribunais desprovidos de autoridade para a promoção penal, mas que provocaram denúncias e condenações morais públicas. Consultar Bauer, 2012, p. 290-291.

118. A Procuradoría de crímenes contra la humanidad publicou em 2016 uma síntese das causas que tramitaram nos tribunais domésticos desde 2006. Ver *A 40 años del golpe, 10 años de justicia – Dossier de sentencias pronunciadas en juicios de lesa humanidad en Argentina*. Ministerio Público Fiscal – Procuración General de la Nación - República Argentina, disponível em: http://www.fiscales.gob.ar/wp-content/uploads/2016/03/LH_Dossier_23-3.pdf acesso em 01/11/2016.

119. Consultar o sítio <http://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/actualizacion-de-estadisticas-hay-723-condenados-y-76-absueltos-en-167-sentencias/> acesso 01/11/2016. Gráficos em: <http://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/?tipo-entrada=estadisticas> acesso em 01/11/2016.

120. Verificar as estatísticas em gráficos no sítio do CELS, disponível em: <http://www.cels.org.ar/blogs/estadisticas/> acesso 01/11/2016.

A segunda já em 2001, no curso das condenações para militares e civis envolvidos nos crimes contra a humanidade. Para o caso *Garrido y Baigorria Vs. Argentina*, no contexto de meados da década 1990, o Estado argentino se manifestou à Corte IDH, da seguinte forma:

El Gobierno de la República Argentina acepta las consecuencias jurídicas que de los hechos referidos en el párrafo anterior se siguen para el Gobierno, a la luz del artículo 28 párrafos 1 y 2 de la Convención Americana sobre Derechos Humanos, toda vez que no ha resultado posible para la instancia competente identificar a la o las personas penalmente responsables de los ilícitos de los que han sido objeto los señores Raúl Baigorria y Adolfo Garrido y, de ese modo, esclarecer su destino. (CORTE IDH, Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina, p. 06)

Em sentença de 27 de agosto de 1998, reparações e custos, a Corte IDH compreendendo que o Estado argentino envidava esforços para a investigação e responsabilização penal sobre o caso Garrido e Baigorria, assinalou que a tipificação do desaparecimento forçado devia ser obra das ações institucionais para a devida penalização:

Además de las indemnizaciones, los familiares de las víctimas solicitan otras medidas a título de reparación. Reclaman primeramente la inclusión en el Código penal de una figura específica de desaparición forzada de personas, delito que debería ser de competencia del fuero federal. En las circunstancias particulares del presente caso, la Corte no considera necesario pronunciarse al respecto, recordando que el propio Estado, por medio de su agente, en la audiencia pública ante la Corte del 20 de enero de 1998, manifestó que el Gobierno ya presentó ante el Congreso Nacional el anteproyecto de ley que tipifica el delito de desaparición forzada de personas de conformidad con la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas. (CORTE IDH, Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina - Sentencia (Reparaciones y costas), 1998, p. 16)

Apenas em abril de 2011 o Congresso, composto pelo Senado e pela Câmara de Deputados, sancionou a incorporação do delito à legislação penal, tal como demandado pelos familiares à Corte IDH mais de uma década antes. Com isso, o código penal argentino passou a contar com o artigo 142, o qual dispõe:

Se impondrá prisión de DIEZ (10) a VEINTICINCO (25) años e inhabilitación absoluta y perpetua para el ejercicio de cualquier función pública y para tareas de seguridad privada, al funcionario público o a la persona o miembro de un grupo de personas que,

actuando con la autorización, el apoyo o la aquiescencia del Estado, de cualquier forma, privare de la libertad a una o más personas, cuando este accionar fuere seguido de la falta de información o de la negativa a reconocer dicha privación de libertad o de informar sobre el paradero de la persona.

La pena será de prisión perpetua si resultare la muerte o si la víctima fuere una mujer embarazada, una persona menor de DIECIOCHO (18) años, una persona mayor de SETENTA (70) años o una persona con discapacidad. La misma pena se impondrá cuando la víctima sea una persona nacida durante la desaparición forzada de su madre.

La escala penal prevista en el presente artículo podrá reducirse en un tercio del máximo y en la mitad del mínimo respecto de los autores o partícipes que liberen con vida a la víctima o proporcionen información que permita su efectiva aparición con vida. (Lei nº 26.679/2011.

Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/180000-184999/181888/norma.htm> acesso em 01/11/2016).

Na última resolução de supervisão de cumprimento de sentença emitida sobre o caso, em 2007, a Corte IDH julgou insatisfatórios os esclarecimentos sobre o desaparecimento forçado de Adolfo Garrido e Raúl Baigorria. Esse caso, portanto, seguem em observação. No caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina*, último a ser julgado pela Corte IDH sobre a matéria, e ainda sem supervisão de cumprimento de sentença, o tribunal determinou que para estabelecer toda a verdade dos fatos, o Estado deverá:

*iniciar y/o culminar las investigaciones pertinentes en relación con los hechos de que fue víctima el señor Iván Eladio Torres Millacura, tomando en cuenta los abusos policiales existentes en la Provincia del Chubut, con el objeto de que el proceso y las investigaciones pertinentes sean conducidas en consideración de estos hechos, evitando omisiones en la recaudación de prueba y en el seguimiento de líneas lógicas de investigación. Dichas investigaciones deben estar dirigidas a la determinación de los autores materiales e intelectuales de los hechos del presente caso. (CORTE IDH, caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina – Sentencia (Fondo, Reparaciones y Costas)*, 2011, p. 52-53)*

Um dos desafios a serem enfrentados durante o processo de justiça transicional é a exigência de esclarecimentos sobre crimes contra a humanidade cometidos por agentes ou instituições estatais ao próprio Estado. Sob a vigência de um regime democrático de direito parece ser óbvia a publicidade ou a facilitação para a obtenção de informação pública para o processo de investigação criminal em termos de arquivos estatais. No entanto, mesmo na Argentina que possui um índice destacado de julgamentos e condenações para perpetradores de direitos humanos e na

última década contou com investimento estatal para políticas públicas de Direitos Humanos em favor do direito à verdade e memória, a normativa sobre a transparência de documentos públicos é uma conquista recente. Até setembro de 2016, o país não possuía uma Lei de Acesso à Informação Pública.¹²¹ A Lei nº 27.725/2016 evidencia que para casos de graves violações de direitos humanos, genocídios, crimes de guerra e contra a humanidade as exceções para a negação de informações, às quais atendem a classificação de reserva, confidencialidade ou segredo, não se aplicam. Além da vedação da exceção de sigilo quando há interesse de averiguação de provas em caso de crimes da natureza expressa, o artigo 18, que trata das *responsabilidades*, prevê:

El funcionario público o agente responsable que en forma arbitraria obstruya el acceso del solicitante a la información pública requerida, o la suministre en forma incompleta u obstaculice de cualquier modo el cumplimiento de esta ley, incurre en falta grave sin perjuicio de las responsabilidades administrativas, patrimoniales y penales que pudieran caberle conforme lo previsto en las normas vigentes. (Lei nº 27.725/2016)

Em entrevista para este estudo, Vanina Agostini, membro da *Equipos de Relevamiento y Análisis de documentación de las Fuerzas Armadas*, do Ministério da Defesa da Argentina,¹²² afirma que esta lei de acesso à informação é muito importante para o país, embora não tenha como avaliar ainda a sua aplicabilidade. A pesquisadora é parte de um grupo de 12 pessoas que estão distribuídas nas três forças armadas, cujos projetos são financiados pelo próprio Ministério da Defesa e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O trabalho com os arquivos da defesa, segundo Agostini, responde a requerimentos da Justiça que realiza cerca de 80% das demandas, a fim de reconstruírem objetos de provas sobre agentes envolvidos nos crimes contra a humanidade. Embora a documentação das forças armadas não aponte dados sobre vítimas de violações de direitos humanos, pois compõe uma arquivística administrativa de Estado, e, portanto, indica informações sobre a vida funcional dos agentes públicos, ela tem auxiliado as peças processuais na composição dos

121. O Decreto nº 1.172/2003 que tratava do *Acceso a la informacion publica* foi fortalecido pela Lei nº 27.275/2016, aprovada pelo congresso nacional. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/90000-94999/90763/norma.htm> acesso em 01/11/2016. A Lei nº 27.275 tem por objetivo garantir o efetivo exercício do direito ao acesso à informação pública, promover a participação cidadã e a transparência da gestão pública. Disponível: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/265000-269999/265949/norma.htm> acesso em 01/11/2016.

122. O Ministério da Defesa argentino conta com uma Dirección Nacional de Derechos Humanos y Derecho Internacional Humanitario – Secretaría de Estrategia y Asuntos Militares.

organogramas das equipes que atuaram em operações ou locais de detenção e tortura. Assim, a partir do aprofundamento da pesquisa nos arquivos administrativos das forças armadas, entre outros¹²³, é possível estruturar as cadeias de comando que estiveram ativas em um determinado local e em um determinado período dos anos de terrorismo de Estado, entre 1976-1983.¹²⁴ Até então, o acesso a essa documentação estava restrito às *Equipos de Relevamiento* vinculados ao Ministério da Defesa e à Justiça, situação que segundo Vanina Agostini é de grande valor e que poderá ser ampliada com a possibilidade de novas demandas públicas com base na recente lei de acesso à informação pública.

Paralelamente à necessidade de recomposição de informações sobre a estrutura do Estado durante o período de ditadura civil-militar e frente a negação de esclarecimentos sobre os crimes contra a humanidade, entre justificativas de eliminação de documentação pública referente ao período na década de 1980, o trabalho testemunhal dos movimentos de *Madres, Abuelas, Hijos* e de grupos de direitos humanos, já mencionados no capítulo 1, são referência mundial.¹²⁵ O processo de busca incansável por força das *Abuelas de Plaza de Mayo* das crianças vitimadas pelo desaparecimento forçado gerou a localização, identificação e restituição, até novembro de 2016, de 121 casos, de um total de 500 apropriações ilegais.

O Estado mexicano foi condenado pela Corte IDH em duas causas de desaparecimento forçado, Caso *González y otras* (“*Campo Algodonero*”) *Vs. México* e Caso *Radilla Pacheco Vs. México*, sentenças de 16 de novembro e de 23 de novembro de 2009, respectivamente. As representações que elaboraram as denúncias das causas foram as seguintes: caso *González* por

123. Ver sobre o Archivo Nacional de la Memoria em <http://www.jus.gob.ar/derechoshumanos/anm> acesso em 01/11/2016; Comisión Provincial por la memoria, disponível em: <http://www.comisionporlamemoria.org/> acesso em 01/11/2016; Memoria Abierta, disponível em: <http://www.memoriaabierta.org.ar/wp/> acesso em 01/11/2016.

124. As causas da Escuela Mecánica de la Armada (ESMA), segundo Vanina Agostini, recebem o auxílio das pesquisas desenvolvidas nos arquivos do Ministério da Defesa. Um das linhas demandadas pela justiça está a identificação de grupos de tarefa e unidades operativas designadas que realizaram os conhecidos vôos da morte, uma das formas de investimento estatal para o desaparecimento forçado. Ver mais sobre as causas em: <http://www.cij.gov.ar/esma.html> acesso em 01/11/2016; *Guía de Archivos y Fondos Documentales* de IPPDH, especialmente sobre a causa ESMA III, disponível em: <http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/causa-esma-iii> acesso em 01/11/2016; ESMA III, por CELS, disponível em: <http://www.cels.org.ar/blogs/esma-iii/> acesso 01/11/2016.

125. Consultar *Abuelas de Plaza de Mayo*, disponível em: <https://www.abuelas.org.ar/>, acesso em 01/11/2016; H.I.J.O.S. *Por la identidad y la justicia contra el olvido y el silencio*, disponível em: <http://www.hijos-capital.org.ar/>, acesso em 01/11/2016; *Asociación Madre de Plaza de Mayo*, disponível em: <http://madres.org/>, acesso em 01/11/2016; *Madres de Plaza de Mayo*, línea fundadora, disponível em: <http://madresfundadoras.blogspot.com.br/> acesso em 01/11/2016.

meio da *Asociación Nacional de Abogados Democráticos A.C., Comité de América Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de la Mujer, Red Ciudadana de No Violencia y por la Dignidad Humana, Centro para el Desarrollo Integral de la Mujer A.C.*; caso Radilla, através da *Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos e Asociación de Familiares de Detenidos-Desaparecidos y Víctimas de Violaciones a los Derechos Humanos en México*. Ambas as petições foram destinadas à CIDH em 2001 para o caso *Radilla Pacheco* e 2002 para o caso *Campo Algodonero*.

As sentenças da Corte IDH apontaram que o Estado é responsável por descumprir dispositivos da Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Ao não investir nas investigações, o México também violou as seguintes convenções: Convenção Interamericana sobre Desaparecimentos Forçados de Pessoas; Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados; Convenção Interamericana para Prevenir, Sancionar e Erradicar a Violência contra a Mulher; Convenção Interamericana para a eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas com Incapacidade; Convenção Interamericana para Prevenir e Sancionar a Tortura; Protocolo Adicional da Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos econômicos, Sociais e Culturais (“Protocolo de San Salvador”); Convenção dos Direitos da Criança; Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher; Manual das Nações Unidas sobre a Prevenção e Investigação Efetiva de Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias e Sumárias; Manual para a Investigação e Documentação Eficazes de Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanas ou Degradantes do “Protocolo de Istambul”.

As causas que originaram as decisões condenatórias da Corte IDH sobre o México não se referem ao mesmo contexto social e político. Para o caso *González y otras (“Campo Algodonero”) Vs. México*, os fatos de desaparecimento forçado aconteceram em setembro e outubro de 2001. Laura Berenice Ramos era estudante e tinha 17 anos; Cláudia Ivette González trabalhava com cosméticos e tinha 20 anos; Esmeralda Herrerna Monreal era empregada doméstica e tinha 15 anos. A denúncia de seus familiares teve poucos efeitos na justiça ordinária. Os corpos das três mulheres, porém, foram encontrados em novembro de 2001. A perícia constatou que elas sofreram violência sexual e estiveram em privação de liberdade antes de serem assassinadas. As investigações não foram aprofundadas e os responsáveis não foram penalizados. Para o caso *Radilla Pacheco Vs. México*, os fatos atestam que Rosendo Radilla foi detido na presença do seu filho, por membros do Exército do México, em 25 de agosto de 1974,

no Estado de Guerrero.¹²⁶ Após a sua prisão, o ativista político e social foi visto com marcas de agressão física em um quartel militar de *Atoyac de Álvarez*. Depois disso, não há mais informações sobre o seu paradeiro. Na época dos acontecimentos a denúncia foi encaminhada para jurisdição penal militar, não resultando, entretanto, em punições.

As obrigações estabelecidas na sentença de mérito da Corte IDH no caso *González* exigem que o Estado do México atenda aos seguintes pontos, os quais, de acordo com a decisão, expressam em síntese: i) identificação, processo e sanção dos responsáveis pelo desaparecimento e homicídio por razões de gênero das jovens González, Ramos e Herrera – devido aos resultados insatisfatórios por investigações inconclusas, as quais contribuem para a impunidade; ii) identificação, processo e, se for o caso, sanção dos funcionários que cometeram irregularidades – na avaliação da Corte IDH houve irregularidades, omissões e negligências no processo de investigação por parte de funcionários públicos; iii) investigação das denúncias apresentadas por familiares de vítimas que tenham sido incomodados e perseguidos – a família de uma das vítimas solicitou ao Estado investigações para a garantia de sua proteção, uma vez que vinha sofrendo hostilizações e intimidações. A autoria dos crimes não fica esclarecida na sentença. Há elementos que indicam a hostilização de policiais a uma das vítimas semanas antes do desaparecimento de uma delas, “*en los casos de Laura Berenice y Claudia Ivette las madres habían señalado algún tipo de relación entre agentes del Estado y la desaparición de sus hijas.*” (CORTE IDH, *Caso González y otras Vs. México* (sentença), 2009, p. 55), segundo testemunharam as mães à Corte IDH.

O caso González expõe uma realidade de discriminação, misoginia e violência contra as mulheres e meninas na região de Juárez, cidade com grande quantidade de homicídios de mulheres em toda a década de 1990. A impunidade e a falta de combate ao crime são os principais fatores para a permanência dos altos índices violência de gênero nos anos 2000. O feminicídio é um crime complexo por se constituir por uma série de delitos implicados, entre eles, muitas vezes, a violência sexual, objeto de estudo de outra consultoria da RLAJT do ano de 2016, em que se demonstra

126. Embora o México não tenha instalado uma comissão da verdade em âmbito nacional, em outubro de 2014 foi publicado o informe final da *Comisión de La Verdad del Estado de Guerrero*, a COMVERDAD. O Estado de Guerrero sofreu as consequências políticas e econômicas do período da “guerra sucia” que se estendeu da década de 1950 a década de 1980. Ver maiores detalhes em: <http://www.almomento.mx/images/InformeFinalCOMVERDAD.pdf> acesso em 01/11/2016. Outros informes, disponível em: <http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB180/index2.htm> acesso em 01/11/2016; *Comisión de la verdad de Oaxaca*, disponível em: <http://comisiondelaverdadoaxaca.org.mx/> acesso em 01/11/2016.

que esse crime foi utilizado de forma generalizada com aquiescência do Estado em situações de instabilidade política. Para o caso *González y otras Vs. México*, os representantes das vítimas afirmaram que o acobertamento das investigações dos fatos vincula-se a duas hipóteses “*en cuanto a los autores materiales de la desaparición, tortura y asesinato de Esmeralda, Laura y Claudia: a) los autores eran agentes de la autoridad o b) Eran particulares organizados protegidos desde el Estado*”. (p. 65) Na resolução de supervisão de cumprimento de sentença a Corte IDH determina-se manter aberta a observância sobre as seguintes obrigações do Estado:

a) conducir eficazmente el proceso penal en curso y, de ser el caso, los que se llegasen a abrir, para identificar, procesar y, en su caso, sancionar a los responsables materiales e intelectuales de la desaparición, maltratos y privación de la vida de las jóvenes González, Herrera y Ramos; b) investigar, por intermedio de las instituciones públicas competentes, a los funcionarios acusados de irregularidades y, luego de un debido proceso, aplicar las sanciones administrativas, disciplinarias o penales correspondientes a quienes fueran encontrados responsables. (CORTE IDH, Caso *González y otras Vs. México* (supervisão), 2013, p. 37)

O desaparecimento forçado está previsto como um delito autônomo na legislação penal mexicana desde 2001, ano em que ocorreram os crimes em Juárez. O Capítulo III do Código Penal mexicano dispõe, em seu artigo 215, que os servidores públicos que forem condenados por este crime, além das penas de detenção previstas, serão destituídos de seus cargos e poderão ficar inabilitados para assumir funções públicas.¹²⁷

Como mencionado anteriormente, os fatos das duas causas que expuseram o México perante a Corte IDH não pertencem ao mesmo contexto. É o que se pode observar das características do caso *Radilla*. Radilla Pacheco foi detido, violentado e vitimado por desaparecimento forçado, no período do conflito armado interno durante a chamada *Guerra Sucia*, em que “*las desapariciones se cometían con motivos políticos*” (CMDPDH; OMT, 2015, p. 11). A disputa econômica sobre a posse de terras no Estado de Guerrero gerou enfrentamento e, por parte do Exército, a sistematicidade de crimes contra a humanidade. Assim, a decisão da Corte IDH para o caso *Radilla Pacheco*, 35 anos após os acontecimentos, é considerada um marco importante para familiares e grupos de direitos humanos mexicanos que esperam por justiça desde aquele período.

127. Código Penal Federal, disponível em: http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/9_180716.pdf acesso em 01/11/2016.

Dentre as medidas de satisfação e garantia de não repetição, previstas pela sentença Radilla Pacheco, está a necessidade de uma reforma constitucional e legislativa em matéria de jurisdição militar. A discussão recai sobre o julgamento de agentes do Exército que, no caso Radilla, estariam subordinados aos tribunais militares. Essa questão já fora tratada em outros casos julgados pela Corte IDH que afirmam que crimes de violações aos direitos humanos devem ser julgados por tribunais ordinários.

Desde 2011, foram emitidas pela Corte IDH cinco resoluções de supervisão de cumprimento de sentença, sobre as exigências em relação a punibilidade para militares. Na resolução de supervisão do cumprimento de sentença, do caso Radilla Pacheco, em 2015, a Corte IDH avaliou que o Estado mexicano cumpriu parcialmente a questão. A proposta de reforma do artigo 57 do Código da Justiça Militar aproxima o direito interno mexicano das normas internacionais acerca da matéria. Todavia, as consequências sobre a adequação da jurisdição militar ou da percepção dos tribunais domésticos quanto aos julgamentos de militares não pode ser aferida sem um diagnóstico sobre os casos judicializados na justiça ordinária.¹²⁸ A impunidade para autores de desaparecimentos forçados segue na atualidade como a marca mais evidente para crimes do passado e do presente.

O desaparecimento forçado não cessou após a guerra suja que esteve latente até os anos oitenta do último século. Contudo, desde 2006, a chamada “*guerra contra la delincuencia organizada*” tem elevado os números que chegam a mais de 28.000 pessoas na última década.¹²⁹

Diante dos obstáculos sobre o direito à verdade, a negação de informações, a impunidade e a continuidade do crime em alto grau algumas ações estão sendo realizadas com forte participação da sociedade civil, a fim de pautarem a necessidade de fortalecer políticas sobre o tema. Uma das reivindicações mais presentes é a aprovação de uma Lei contra o Desaparecimento Forçado e Desaparição por Particulares. O projeto aguarda a aprovação do Senado, que recebeu no dia 10 de novembro de 2016 uma comissão de representantes dos movimentos de familiares de vítimas de

128. De acordo com o questionário respondido pelo representante do México na RLAJT, CMDPDH, “*La Procuraduría General de la República (PGR) en el periodo del 1° de diciembre de 2006 al 31 de diciembre de 2014 inició investigaciones (averiguaciones previas) en 229 casos y solamente judicializó (consignación) 13 casos. Únicamente se habían emitido 6 sentencias sobre tortura. Sobre delitos del pasado, la PGR tiene averiguación previa abierta sobre la Guerra Sucia, sin que a la fecha se haya consignado a algún responsable.*”

129. Datos del Registro Nacional de Personas Extraviadas o Desaparecidas.

desaparecimento forçado exigindo do legislativo agilidade na aprovação da lei, uma vez que esta deveria ter sido votada em janeiro de 2016.¹³⁰

Outra lei bastante polêmica e que ainda ganha críticas dos grupos de direitos humanos para algumas reformas é a *Ley General de Víctimas*, publicada no Diário Oficial da Federação, em 03 de maio de 2013. Essa tem como objetivo principal cumprir com a Constituição e com os tratados internacionais de direitos humanos enfatizando o reconhecimento das vítimas das graves violações e garantindo o interesse estatal para a restituição das pessoas afetadas.¹³¹ O Capítulo V, que trata do direito à verdade, dispõe em seu artigo 19:

*Las víctimas tienen el derecho imprescriptible a conocer la verdad y a recibir información específica sobre las violaciones de derechos o los delitos que las afectaron directamente, incluidas las circunstancias en que ocurrieron los hechos y, en los casos de personas desaparecidas, ausentes, no localizadas, extraviadas o fallecidas, a conocer su destino o paradero o el de sus restos. Toda víctima que haya sido reportada como desaparecida tiene derecho a que las autoridades competentes inicien de manera eficaz y urgente las acciones para lograr su localización y, en su caso, su oportuno rescate. (Ley General de Víctimas, 2013, p. 13).*¹³²

Tal normativa é reforçada pela Lei Federal de Transparência e acesso à informação pública, publicada no Diário Oficial da Federação em 9 de maio de 2016, a qual determina que, em casos de documentação que trate de graves violações de direitos humanos ou de crimes contra a humanidade, não poderá ser invocado o caráter reservado ou confidencial para negar informações.¹³³

130. O apoio pela aprovação da Lei contou com 17.000 assinaturas de mexicanos assim como de outros países. Ver mais em: <http://serapaz.org.mx/el-movimiento-por-nuestros-desaparecidos-en-mexico-entrega-al-senado-miles-de-firmas-para-exigir-una-ley-contra-la-desaparicion-forzada-y-desaparicion-por-particulares-que-contemple-a-las-familias/> acesso em 01/11/2016.

131. Organizações da sociedade civil e coletivos de familiares de vítimas de graves violações de direitos humanos desaprovam a Lei Geral das Vítimas tal qual foi avaliada pelas comissões legislativas de governo, justiça, direitos humanos e estudos legislativos. Ver a nota disponível em: <http://cmdpdh.org/2016/10/reforma-ley-victimas-acuerdo-politico-desampara-las-victimas/> acesso em 01/11/2016.

132. Disponível em: <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/LGV.pdf> acesso em 01/11/2016.

133. Disponível em: <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/LFTAIP.pdf> acesso em 01/11/2016.

Iniciativas específicas sobre o tratamento do desaparecimento forçado no México são recentes.¹³⁴ Em meados de 2015, foi publicado o *Protocolo Homologado para la Búsqueda de Personas Desaparecidas y la Investigación del Delito de Desaparición Forzada*. Esta ação conjunta foi produto do trabalho coletivo de especialistas na matéria, de grupos de direitos humanos, da Procuradoria Geral da República e das Procuradorias Gerais de Justiça dos Estados e do Distrito Federal.¹³⁵ As orientações dispostas no guia devem servir para capacitar profissionais no âmbito nacional, de forma a regulamentar as práticas de investigações sobre os casos de desaparecimento forçado,¹³⁶ exigências que já haviam sido levantadas pelas sentenças da Corte IDH.

134. Ver o Decreto que dispõe a *Ley General para Prevenir y sancionar los delitos en materia de desaparición de personas; y se reforman y derogan diversas disposiciones del código penal federal y de la ley general de salud*, disponível em: http://sil.gobernacion.gob.mx/Archivos/Documentos/2015/12/asun_3318816_20151214_1450114651.pdf acesso em 01/11/2016.

135. A publicação está disponível para consulta em: http://www.pgr.gob.mx/que-es-la-pgr/PGR_Normateca_Sustantiva/Protocolo%20Desaparici%C3%B3n%20Forzada.pdf acesso em 01/11/2016. O representante do México na RLAJT, *Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos* (CMDPDH), contribuiu, também no ano de 2015, com um estudo sobre o diagnóstico acerca do alto índice de desaparecimentos forçados e a ausência de mecanismos efetivos para investigar os casos reparar as vítimas e penalizar os responsáveis. Ver CMDPDH; OMCT. *Propuesta para la conformación de una ley eficaz de aplicación nacional sobre desaparición forzada de personas*. 2015. Disponível em: http://www.cmdpdh.org/publicaciones-pdf/cmdpdh_desaparicion_forzada_de_personas.pdf acesso em 01/11/2016. Outras publicações realizadas pela CMDPDH sobre a temática específica do desaparecimento forçado podem ser consultadas em: <http://cmdpdh.org/project/manual-de-acciones-frente-a-la-desaparicion-y-la-desaparicion-forzada/>; <http://cmdpdh.org/project/informe-de-incumplimiento-de-mexico-a-obligaciones-derivadas-de-la-convencion-internacional-para-la-proteccion-de-todas-las-personas-contrala-desaparicion-forzada/>; <http://cmdpdh.org/project/titulo-completo/>; <http://cmdpdh.org/project/senores-soy-campesino-semblanza-de-rosendo-radilla-pacheco-desaparecido/>; <http://cmdpdh.org/project/informe-sobre-la-desaparicion-forzada-en-mexico-2011/>; <http://cmdpdh.org/project/la-sentencia-de-la-corte-idh-caso-radilla-pacheco-vs-estados-unidos-mexicanos/>; <http://cmdpdh.org/project/noche-y-niebla-por-los-caminos-de-la-impunidad-en-mexico/>; <http://cmdpdh.org/project/la-desaparicion-forzada-de-rosendo-radilla-en-atoyac-de-alvarez/>. Todos os endereços tiveram acesso em 01/11/2016.

136. Paralelamente às iniciativas estatais, grupos de familiares de vítimas de desaparecimento forçado trabalham há décadas na consolidação do Programa Especial sobre Presuntos Desaparecidos, o qual teve origem em 18 de setembro de 1990. Embora não se trate especificamente do crime desaparecimento forçado, as vítimas desse delito são registradas. Para maiores informações, consultar: http://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/Recomendaciones/2001/Rec_2001_026.pdf acesso 01/11/2016. *Ciudadanos en Apoyo a los Derechos Humanos*, A.C. (CADHAC) e a *Agrupación de Mujeres Organizadas por los Ejecutados, Secuestrados y Desaparecidos de Nuevo León* promovem ações em diálogo com os poderes públicos para a aceleração das investigações e a justiça para os crimes de desaparecimento forçado na região de Nuevo León. Consultar: <http://www.cadhac.org/comunicado/las-desapariciones-siguen-siendo-una-asignatura-pendiente-para-el-gobierno-en-nuevo-leon/> acesso em 01/11/2016. *Movimiento por la Paz con justicia y dignidade*, ver em: <http://serapaz.org.mx/procesos/desaparicion-forzada/ley-general-sobre-desaparicion-forzada/> acesso em 01/11/2016.

2.5 Brasil e Uruguai – judicialização e arquivos

Tanto o Brasil como o país vizinho Uruguai foram condenados pela Corte IDH por desaparecimento forçado em apenas um caso. A sentença sobre o Brasil foi proferida em 24 de novembro de 2010 no caso *Gomes Lund y Otros* (“Guerrilha do Araguaia”) *Vs. Brasil*, mais de uma década após a apresentação da petição à CIDH, datada de 07 de agosto de 1995. A decisão sobre o Uruguai, no caso *Gelman Vs. Uruguay*, proferida em 24 de fevereiro de 2011, foi exarada em menor tempo que o caso brasileiro, pois a petição à CIDH havia sido apresentada em 8 de maio de 2006. O caso Gomes Lund corresponde a uma denúncia de desaparecimento forçado de um grupo de 70 pessoas, as quais estiveram envolvidas em uma tentativa de guerrilha rural.¹³⁷ O caso uruguaio notabiliza a situação da desintegração familiar provocada pela Operação Condor, quando um casal de militantes, cuja mulher estava grávida, foi sequestrado na Argentina e, como consequência, restou o desaparecimento forçado dos pais e a modificação identitária da recém-nascida durante a privação de liberdade

137. A organização de militantes do Partido Comunista do Brasil na região do Araguaia para uma ação de resistência à ditadura civil militar brasileira por meio da guerrilha no meio rural foi desestruturada por campanhas militares. O Estado brasileiro mobilizou milhares de homens das forças armadas entre 1972 e 1975 os quais geraram o desaparecimento forçado de 70 pessoas, entre essas integrantes do movimento de guerrilha de resistência e camponeses da região: 1) Adriano Fonseca Fernandes Filho, 2) André Grabois, 3) Antônio Alfredo Campos, 4) Antônio Carlos Monteiro Teixeira, 5) Antônio de Pádua Costa, 6) Antônio Ferreira Pinto, 7) Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, 8) Antônio Teodoro de Castro, 9) Arildo Airton Valadão, 10) Áurea Elisa Pereira Valadão, 11) Bérqson Gurrão Farias, 12) Cilon Cunha Brum, 13) Ciro Flávio Salazar de Oliveira, 14) Custódio Saraiva Neto, 15) Daniel Ribeiro Callado, 16) Dermeval da Silva Pereira, 17) Dinaelza Santana Coqueiro, 18) Dinalva Oliveira Teixeira, 19) Divino Ferreira de Souza, 20) Elmo Corrêa, 21) Francisco Manoel Chaves, 22) Gilberto Olímpio Maria, 23) Guilherme Gomes Lund, 24) Helenira Resende de Souza Nazareth, 25) Hélio Luiz Navarro de Magalhães, 26) Idalísio Soares Aranha Filho, 27) Jaime Petit da Silva, 28) Jana Moroni Barroso, 29) João Carlos Haas Sobrinho, 30) João Gualberto Calatrone, 31) José Huberto Bronca, 32) José Lima Piauhy Dourado, 33) José Maurílio Patrício, 34) José Toledo de Oliveira, 35) Kléber Lemos da Silva, 36) Líbero Giancarlo Castiglia, 37) Lourival de Moura Paulino, 38) Lúcia Maria de Souza, 39) Lúcio Petit da Silva, 40) Luiz Renê Silveira Silva, 41) Luiz Vieira de Almeida, 42) Luiza Augusta Garlippe, 43) Manoel José Nurchis, 44) Marcos José de Lima, 45) Maria Célia Corrêa, 46) Maurício Grabois, 47) Miguel Pereira dos Santos, 48) Nelson Lima Piauhy Dourado, 49) Orlando Momente, 50) Osvaldo Orlando da Costa, 51) Paulo Mendes Rodrigues, 52) Paulo Roberto Pereira Marques, 53) Pedro Alexandrino de Oliveira Filho, 54) Pedro Matias de Oliveira (“Pedro Carretel”), 55) Rodolfo de Carvalho Troiano, 56) Rosalindo Souza, 57) Suely Yumiko Kanayama, 58) Telma Regina Cordeiro Corrêa, 59) Tobias Pereira Júnior, 60) Uirassú de Assis Batista, 61) Vandick Reidner Pereira Coqueiro, 62) Walkíria Afonso Costa, 63) Antônio Araújo Veloso, 64) Sebastião Vieira da Silva, 65) Juares Rodrigues Coelho, 66) Sabino Alvez da Silva, 67) Maria Lúcia Petit da Silva (localização e identificação dos seus restos mortais em 1996, foi considerada pela Corte IDH vítima de execução). Os demais camponeses da lista, cujas informações são escassas, foram mantidos na lista como vítimas da repressão. A lista foi elaborada com base nas informações da sentença da Corte IDH, caso *Gomes Lund vs. Brasil* (2010) e do relatório da CNV (2014).

de sua mãe que foi levada para o Uruguai.¹³⁸ Ambos os acontecimentos se deram nos anos 1970, durante as ditaduras civil-militares do Brasil (1964-1985) e do Uruguai (1973-1985).

Os representantes que levaram os casos para serem julgados na Corte IDH foram: *Gomes Lund y Otros* (“Guerrilha do Araguaia”) Vs. *Brasil*: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos do Instituto de Estudos de Violência de Estado e o *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); caso *Gelman Vs. Uruguay*: indivíduo e *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL).

As sentenças determinaram que os Estados condenados violaram, além da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, os seguintes tratados: *Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura*; *Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados*; *Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*; *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*; *Declaración y Programa de Acción de Viena*; *Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional*; *Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos*; *Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer* (“*Convención de Belém do Pará*”); *Convención sobre los Derechos del Niño – Naciones Unidas*, *Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas – Naciones Unidas*; *Protocolo II Adicional a los Convenios de Ginebra de 1949 relativo a la Protección de las Víctimas de los Conflictos Armados sin Carácter Internacional*.

Um dos pontos em comum das sentenças supracitadas no que tange à responsabilização penal é a crítica às leis de anistia como obstrução para as investigações. Assim, a Corte IDH destacou para os casos em questão:

Determinar los autores materiales e intelectuales de la desaparición forzada de las víctimas y de la ejecución extrajudicial. Además, por tratarse de violaciones graves a derechos humanos, en consideración de

138. María Claudia García Iruretagoyena de Gelman tinha 19 anos e estava grávida quando foi detida com o marido, Marcelo Ariel Gelman Schubaroff, no centro clandestino “Automotores Orletti”, no final de 1976, na Argentina. A detenta foi transferida para o Uruguai e deu à luz a sua filha que foi apropriada por uma família uruguaia, prática do terrorismo de Estado no contexto da Operação Condor, durante as ditaduras civil-militares do cone sul. María Macarena Gelman García Iruretagoyena, filha de María Claudia García e Marcelo Gelman, restituiu sua identidade depois de mais de 20 anos e reconheceu seu avó paterno, Juan Gelman. Os restos mortais de Marcelo Ariel foram localizados e identificados em 1989 pela Equipo Argentino de Antropología Forense, com perícia que indica sua execução em 1976. Os restos mortais de María Cláudia García seguem sem localização e identificação. Informações de: Corte IDH, caso *Gelman Vs. Uruguay* (*Sentencia*), 2011.

la naturaliza de los hechos y del carácter continuado o permanente de la desaparición forzada, el Estado no podrá aplicar la Ley de Amnistía en beneficio de los autores, así como ninguna outra disposición análoga, prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ne bis idem o cualquier excluyente similar de responsabilidade para excusarse de esta obligación [...] (Corte IDH, caso Gomes Lund Vs. Brasil (Sentencia), 2010, p. 97)

Dado que la Ley de Caducidad carece de efectos por su incompatibilidad con la Convención Americana y la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas, en cuanto puede impedir la investigación y eventual sanción de los responsables de graves violaciones de derechos humanos, el Estado deberá asegurar que aquélla no vuelva a representar un obstáculo para la investigación de los hechos materia del presente caso ni para la identificación y, si procede, sanción de los responsables de los mismos y de otras graves violaciones de derechos humanos similares acontecidas en Uruguay. En consecuencia, el Estado debe disponer que ninguna otra norma análoga, como prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ne bis in idem o cualquier excluyente similar de responsabilidad, sea aplicada y que las autoridades se abstengan de realizar actos que impliquen la obstrucción del proceso investigativo. (Corte IDH, caso Gelman Vs. Uruguay (Sentencia), 2011, p. 74)

No Brasil, a Lei nº 6.683/1979 ainda mantém a impunidade para as graves violações ocorridas no período ditatorial. Em 2010, o Supremo Tribunal Federal brasileiro manteve a compreensão de que a anistia veda a responsabilização penal de agentes estatais ou colaboradores do terror de Estado no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 153.¹³⁹ Ainda assim, o Ministério Público Federal brasileiro entendeu ser necessário judicializar a questão ante a decisão da Corte IDH no Caso Gomes Lund; até o fechamento do texto, 21 ações penais haviam sido ajuizadas, algumas delas englobam desaparecimentos forçados; contudo, ausentam-se respostas positivas por parte do Judiciário. Outra ação, a ADPF nº 320, encontra-se em trâmite no Supremo Tribunal Federal brasileiro e deverá ter efeitos sobre a problemática.

139. Ver mais em MEYER, Emílio Peluso Neder Meyer. *Ditadura e responsabilização: elementos para uma justiça de transição no Brasil*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2012; FILHO, José Carlos Moreira da Silva. *Justiça de transição da ditadura civil-militar ao debate justransicional. Direito à memória e à verdade e os caminhos da reparação e da anistia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. Editora, 2015. Pelo fato de a lei de anistia seguir sendo aplicada pelo Judiciário brasileiro como impedimento para ações penais, uma das estratégias da judicialização para a justiça de transição encontra alternativa nas ações cíveis. Essa discussão foi aprofundada por Osimo, 2016.

No Uruguai, a Lei nº 15.848/1986 foi reforçada por dois plebiscitos (1989 e 2009) e considerada inconstitucional pela Suprema Corte de Justiça no caso Sabalsagaray (2009). Em resposta à sentença do caso *Gelman Vs. Uruguai* na Corte IDH, por aprovação do parlamento e sanção do Presidente José Mujica, a Lei nº 18.831/2011 determinou que os crimes ocorridos durante o terrorismo de Estado, caracterizados como crimes contra a humanidade, devem obter dos órgãos estatais competentes uma pretensão punitiva.¹⁴⁰ Entretanto, em 2013, a Suprema Corte de Justiça decidiu que dispositivos da referida lei eram inconstitucionais.

As resoluções de supervisão de cumprimento de sentença, caso Gomes Lund em 17 de outubro de 2014, caso Gelman em 20 de março de 2013, avaliam para as questões de anistia que:

la Corte reconoce y valora positivamente los esfuerzos del Ministerio Público Federal para avanzar en el cumplimiento de la obligación de investigar los hechos del presente caso, así como los demás esfuerzos emprendidos para la investigación de otras graves violaciones sucedidas durante la dictadura militar. No obstante, estos esfuerzos resultan infructuosos dada la posición de determinadas autoridades judiciales con respecto a la interpretación de la Ley de Amnistía, la prescripción y la falta de tipificación del delito de desaparición forzada. De acuerdo con el Derecho Internacional, que ha sido soberanamente aceptado por el Estado, es inaceptable que una vez que la Corte Interamericana haya emitido una Sentencia el derecho interno o sus autoridades pretendan dejarla sin efectos. Por consiguiente, Brasil no puede oponer decisiones adoptadas a nivel interno como justificación de su incumplimiento de la sentencia emitida por este tribunal internacional de derechos humanos, ni siquiera cuando tales decisiones provengan del tribunal de más alta jerarquía en el ordenamiento jurídico nacional. (CORTE IDH, caso Gomes Lund Vs. Brasil (supervisión), 2014, p. 12)

103. La Corte observa que el Estado del Uruguay había dado pasos concretos y claros hacia al cumplimiento de la Sentencia dictada en el caso Gelman, en particular mediante la expedición del Decreto 323 de 30 de junio de 2011 y de la Ley 18.831 de 27 de octubre de 2011. Sin embargo, la referida decisión de 22 de febrero de 2013 de la Suprema Corte de Justicia no está en consonancia con la evolución

140. De acordo com um dos representantes do país uruguaio na RLAJT, Pablo Galain Palermo, do *Observatorio Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal da Universidad de la República*, durante o III Congresso Internacional Sobre Justiça de Transição, apesar da adesão do Estado ao Estatuto de Roma, por meio da Lei nº 18.026 de 2006, os juízes uruguaiois são resistentes à argumentação de retroatividade para as condutas delitivas anteriores à aprovação da Lei, pois não interpretam os crimes de desaparecimentos forçados como delitos permanentes.

del Derecho Interamericano y Universal de Derechos Humanos, ni con la responsabilidad internacional del Estado reconocida por éste y declarada en Sentencia. (...)

*104. De tal manera, independientemente de las normas que sean dictadas o las interpretaciones que se hagan a nivel interno, la Sentencia dictada por la Corte Interamericana tiene carácter de cosa juzgada internacional y es vinculante en su integridad (tanto en sus partes considerativas como dispositivas y resolutivas) para el Estado del Uruguay, por lo cual, en cumplimiento de la misma todos sus órganos e instituciones, incluidos sus jueces y el Poder Judicial, deben continuar adoptando todas las medidas que sean necesarias para investigar, juzgar y, en su caso, sancionar a los responsables de graves violaciones a los derechos humanos cometidas en el presente caso y en casos similares en Uruguay que por su naturaleza sean imprescriptibles, asegurando que los efectos de la Ley de Caducidad o de normas análogas, como las de prescripción, caducidad, irretroactividad de la ley penal u otras excluyentes similares de responsabilidad, o cualquier interpretación administrativa o judicial al respecto, no se constituyan en un impedimento u obstáculo para continuar las investigaciones. (CORTE IDH, caso *Gelman Vs. Uruguay* (supervisão), 2013, p.31)*

Segundo os questionários respondidos pelos colaboradores da RLAJT, para o Brasil, as ações penais e civis (não penais) podem ser verificados no site do Centro de Estudos sobre Justiça de Transição (CJT/UFMG)¹⁴¹. Para o Uruguai, os dados dos representantes *Observatório Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica (OLAP)* e *Observatorio Luz Ibarburu*, possuem diferenças, pois há dificuldades sobre os registros das causas penais específicas sobre desaparecimentos forçados. Nos tribunais brasileiros, pelo fato de o crime de desaparecimento forçado não possuir um tipo penal na legislação vigente, as denúncias que englobam este delito são embasadas no crime de sequestro e ocultação de cadáver, artigos 148 e 211 do Código Penal.¹⁴² Nos tribunais penais uruguaios, de acordo com o *Observatorio Luz Ibarburu*, o qual realiza a observância das denúncias por violações de

141. As peças que formam as ações penais e civis podem ser encontradas no site do Centro de Estudos sobre Justiça de Transição da UFMG, dentro do projeto "Ditadura e Responsabilização": <http://cjt.ufmg.br>, acesso em 10/11/2016.

142. A tipificação do delito de desaparecimento forçado foi um dos pontos da sentença da Corte IDH para o caso do Araguaia. Esta determinação, entretanto, encontra-se, em 2016, sem implementação no Brasil. Sobre a matéria há o projeto de Lei do Senado nº 245, de 2011, que deveria ter sido apreciado pela Câmara dos Deputados desde 2013. Ver em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/100177> acesso 01/10/2016 e <https://cjt.ufmg.br/index.php/ditadura-e-responsabilizacao/acoes-civeis/>, acesso em 01/10/2016.

direitos humanos no período ditatorial, de um total de 300 ações penais, em torno de 40 denúncias são por delito desaparecimentos forçados.¹⁴³

Em entrevista para este estudo, o pesquisador e ex-Vice-Presidente da Comissão de Anistia, José Carlos Moreira da Silva Filho avalia que o efeito mais evidente da decisão da Corte IDH é a mudança de postura do Ministério Público Federal em relação à matéria.¹⁴⁴ O jurista ressalta que o debate sobre a decisão equivocada do STF no julgamento da ADPF nº 153, pedido da OAB sobre a inconstitucionalidade da recepção pela Constituição de 1988 do entendimento de que a Lei de Anistia de 1979 incluiria uma auto anistia, foi reforçado após a sentença da Corte IDH. Tal disparidade entre a sentença incoerente do STF em relação às decisões da Corte IDH gerou outra ação judicial ancorada na decisão da Corte IDH sobre desaparecimentos forçados do Araguaia, a ADPF nº 320, ainda por ser julgada.¹⁴⁵ Silva Filho avalia que, para avançar na responsabilização penal no Brasil e criar uma cultura de combate a impunidade de crimes contra humanidade, é preciso enfrentar não somente o grande entrave jurídico, ou seja, superar a auto anistia buscada pela Lei de Anistia, mas também modificar a formação educacional dos juristas. Para tanto, é preciso que haja um forte investimento nos currículos dos cursos de Direito e de formação dos magistrados, incluindo o Direito Internacional dos Direitos Humanos como disciplina obrigatória.

Além das investigações no âmbito penal, os pontos resolutivos das sentenças também determinam que os Estados devem se responsabilizar pelo direito à verdade em avanços no acesso à informação. Para a sentença do caso brasileiro, os pontos de “*acceso, sistematización y publicación de documentos en poder del Estado*” e a “*creación de una Comisión de Verdad*”

143. Ver mais detalhes em <http://www.observatorioluzibarburu.org/causas/311>, acesso em 01/10/2016. De acordo com a explanação de Pablo Galain Palermo durante o III Congresso Internacional sobre Justiça de Transição, no Uruguai há 210 causas judiciais que tramitam no território nacional sobre graves violações de direitos humanos ocorridas no período do terrorismo de Estado. Destas, aproximadamente 25 investigam o desaparecimento forçado de 90 pessoas, de um total de 211 vítimas da Operação Condor uruguaias, argentinas, chilenas e paraguaias.

144. Em artigo sobre a judicialização da justiça de transição publicado no início do ano de 2016, Emílio Peluso Neder Meyer contabilizou 290 investigações criminais instauradas e 21 ações penais propostas até o fechamento da sua pesquisa, por variados crimes entre eles o de desaparecimento forçado. O pesquisador avalia que a ascendência no número de ações atrela-se à atuação do Ministério Público Federal, o qual envida esforços para o cumprimento da decisão da Corte IDH. (MEYER, 2016, p. 124). Sobre ações criminais e civis no Brasil, ver: <https://cjt.ufmg.br/index.php/ditadura-e-responsabilizacao/acoes-criminais/>, acesso 01/10/2016.

145. O CJT/UFMG auxiliou a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos do IVE para requerer o ingresso na condição de *amicus curiae* na ADPF nº 320, ajuizada pelo PSOL. Acesso ao Memorial em: <https://cjt.ufmg.br/index.php/atividades/>, acesso em 01/10/2016.

atrelam-se às medidas de não repetição das graves violações de direitos humanos. Embora as Leis nº 12.527/2011 e 12.528/2011, respectivamente, a chamada Lei de Acesso à Informação e a que criou a Comissão Nacional da Verdade, atendam de forma parcial aos dispositivos da sentença, estas não satisfizeram os esclarecimentos sobre a localização e restituição dos restos mortais das 70 pessoas vítimas de desaparecimento forçado na região do Araguaia e tampouco possibilitaram a responsabilização penal dos envolvidos nos crimes.¹⁴⁶

Contudo, durante os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade foram identificados os restos mortais de Epaminondas Gomes de Oliveira, que, de acordo com as conclusões da CNV, foi torturado e morto em 1971 pelo Exército brasileiro após ser preso pela Operação Mesopotâmia, que precedeu as operações na região do Araguaia.¹⁴⁷ Em entrevista para este estudo, o Delegado da Polícia Federal, Daniel Josef Lerner, que coordenou a equipe de trabalho referente ao caso Epaminondas na CNV, destacou dois aspectos importantes atrelados aos esclarecimentos sobre a morte, o desaparecimento forçado naquele contexto e a entrega dos restos mortais em 2014 à família. Em primeiro a possibilidade de restituição da verdade e da memória sobre o crime, que vitimou o líder político, para o núcleo social e afetivo com o sepultamento da urna funerária frente à comunidade de Porto Franco, no interior marenhense. Em segundo, as informações que levaram à compreensão sobre as incursões das Forças Armadas com

146. De acordo com o Relatório da CNV das 243 vítimas de desaparecimento forçado durante a ditadura militar no Brasil, denunciadas por familiares de mortos e desaparecidos políticos, até dezembro de 2014, 33 foram identificadas. Importante destacar que a maioria dos casos foram verificados anos e décadas depois do crime, por meio de exumações e exames laboratoriais. As vítimas de desaparecimento forçado identificadas são as seguintes: João Lucas Alves (Comando de Libertação Nacional – Colina), Roberto Cietto (Movimento de Ação Revolucionária – MAR), Norberto Nehring (Ação Libertadora Nacional – ALN), Joaquim Alencar de Seixas (Movimento Revolucionário Tiradentes – MRT), Dênis Casemiro (Vanguarda Popular Revolucionária – VPR), Epaminondas Gomes de Oliveira (Partido Revolucionário dos Trabalhadores – PRT – ou Partido Comunista Brasileiro – PCB), Antônio Sérgio de Mattos (ALN), José Roberto Arantes de Almeida (Movimento de Libertação Popular – Molipo), Flávio Carvalho Molina (Molipo), Alex de Paula Xavier Pereira (ALN), Gélson Reicher (ALN), Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão (ALN), Hécio Pereira Fortes (ALN), Arno Preis (Molipo), Frederico Eduardo Mayr (Molipo), Rui Osvaldo Aguiar Pfitzenreuter (Partido Operário Revolucionário Trotskista – PORT), Iuri Xavier Pereira (ALN), José Júlio de Araújo (ALN), Luiz Eurico Tejera Lisbôa (ALN), Antônio Benetazzo (Molipo), Carlos Nicolau Danielli (Partido Comunista do Brasil – PCdoB), Alexandre Vannucchi Leme (ALN), Luiz José da Cunha (ALN), Helber José Gomes Goulart (ALN), Emmanuel Bezerra dos Santos (Partido Comunista Revolucionário – PCR), Manoel Lisbôa de Moura (PCR), José Carlos Novaes da Mata Machado (Ação Popular Marxista-Leninista – APML), Miguel Sabat Nuet (N/C1), Antônio Carlos Bicalho Lana (ALN), Sônia Maria de Moraes Angel Jones (ALN), Bergson Gurjão Farias (PCdoB), Lourival de Moura Paulino (N/C) e Maria Lúcia Petit da Silva (PCdoB). (CNV, 2014, p. 523).

147. Mais detalhes sobre o caso, ver CNV, 2014, p. 614-621.

práticas de prisões e torturas que traumatizaram uma região, a qual recebeu posteriormente ações de maior envergadura que resultaram nos horrores descritos pelos sobreviventes do Araguaia.

Embora o caso de Epaminondas tenha tido um desfecho positivo, em termos de direito à verdade, a CNV contou com muitos obstáculos para obter esclarecimentos sobre a grande maioria dos casos de desaparecimentos forçados. Ao analisar as respostas da Forças Armadas aos ofícios elaborados pela equipe da CNV, para a obtenção de informações sobre as graves violações de direitos humanos do período ditatorial, a Comissão (2012-2014) constatou, no seu relatório final, “a manutenção do padrão de respostas, sendo minoritária a parcela daqueles vinculados à solicitação de informações que efetivamente produziram resultados objetivos para o trabalho de investigação da CNV” (CNV, 2014, p. 64).¹⁴⁸

A Corte IDH reiterou, na supervisão de cumprimento de sentença expedida em 2014, que permanecem as obrigações quanto às buscas, sistematização e publicação de todas as informações sobre a Guerrilha do Araguaia, assim como de toda a informação relativa a graves violações de direitos humanos. A fim de promover a responsabilização dos perpetradores, a Corte IDH reforçou a descabida aplicação da Lei de Anistia brasileira, a qual não se adequa à Convenção Americana de Direitos Humanos e tratados sobre desaparecimentos forçados.

Para Victória Grabois, especialmente entrevistada para essa pesquisa e familiar de três desaparecidos forçados no Araguaia, embora o Brasil seja signatário dos principais tratados de direitos humanos e convenções sobre o desaparecimento forçado, infelizmente é impossível obter expectativas positivas sobre a punição dos responsáveis. De acordo com a fundadora do *Grupo Tortura Nunca Mais*, “o Brasil não acata nem a decisão da Corte Interamericana, o que podemos esperar? Nada, absolutamente nada. Pode ter quinhentas mil leis, enquanto a gente tiver essa Lei de Anistia, esta interpretação da Lei de Anistia, vai ficar tudo como está.”

148. O acervo da CNV reúne milhares de documentos e testemunhos e encontra-se disponível para acesso no Arquivo Nacional. Ver maiores detalhes em: <http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/acervo.html> acesso 01/11/2016. Paralelamente ao acervo da CNV, as demais comissões de reparação sobre o período (Comissão de Anistia do Ministério da Justiça e Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos políticos) e organizações da sociedade civil contribuem para investigações e organização de acervos que possuem documentos sobre os casos de desaparecimentos forçados. Acessar: Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos criou o Instituto de Estudos sobre a Violência do Estado – IEVE: http://www.desaparecidospolitic.org.br/quem_somos_comissao.php?m=2 acesso em 01/11/2016; Centro pela Justiça e o Direito Internacional (CEJIL): <https://www.cejil.org/es/brasil-segue-sem-realizar-justica-e-verdade> acesso em 01/11/2016; Projeto Brasil Nunca Mais Digital: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/> acesso em 01/11/2016; Grupo Tortura Nunca Mais http://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm_80/ acesso em 01/11/2016. Armazém Memória: <http://armazemmemoria.com.br/> acesso em 01/11/2016.

Além dos trabalhos da CNV, sobre os desaparecimentos forçados do período que antecede a ditadura até 1988, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), por meio da Lei nº 9.140/1995, trabalha para a localização, identificação e restituição de mais de 200 pessoas. Em entrevista para esta pesquisa, a Procuradora Regional da República, Eugênia Augusta Gonzaga, que preside a CEMDP atualmente, defende que a busca de vítimas de desaparecimentos forçados deve estar ligada a uma política de Estado e não pode ficar restrita somente a investigação judicial, embora esta seja fundamental para a responsabilização. Após um período de esvaziamento da Comissão, que em 2014 quando assumida por Eugênia Gonzaga contava com apenas três membros nomeados, dos sete determinados por lei, a CEMDP, segundo a entrevistada, vem reestruturando suas ações com base no cumprimento da determinação judicial da Corte IDH, proferida na Sentença do caso Gomes Lund, além de seguir as recomendações da Comissão Nacional da Verdade. Em dezembro de 2016 uma audiência pública promovida pela CEMDP foi realizada na cidade de Marabá sobre a temática dos desaparecimentos forçados ocorridos durante a tentativa de guerrilha rural na região do Araguaia.¹⁴⁹ Na entrevista Eugênia Gonzaga ainda destacou os esforços da CEMDP para a modernização do laboratório que em 2016 retomou os trabalhos de identificação das ossadas da vala clandestina do Cemitério de Perus em São Paulo.¹⁵⁰

149. Ver mais em: <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/novembro/comissao-especial-sobre-mortos-e-desaparecidos-politicos-realiza-audiencia-em-maraba-sobre-os-desaparecidos-politicos-na-guerrilha-do-araguaia>, acesso em 05/12/2016; <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/05/camponeses-e-ex-militares-apontam-locais-de-sepultamento-de-desaparecidos-do-araguaia/>, acesso em 05/12/2016.

150. Ver reportagem sobre o tema, disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/06/ossadas-de-vala-clandestina-em-sp-comecam-ser-identificadas.html>, acesso em 01/08/2016. Antes de presidir a CEMDP, no seu trabalho como Procuradora do Ministério Público do Estado de São Paulo, Eugênia Gonzaga trabalhou em alguns casos de desaparecimentos forçados. Alguns membros do MPF são considerados por familiares de mortos e desaparecidos políticos como grandes parceiros nas tentativas de responsabilização penal e civil de envolvidos em crimes contra a humanidade. Sobre os casos de desaparecimentos forçados, citados em entrevista por Eugênia, o relatório da CNV afirma que “após intervenção do Ministério Público Federal de São Paulo (MPF/SP), em 2001, as ossadas [de Perus] foram transferidas da Unicamp para o IML/SP, que ficaria responsável pelas análises em parceria com a USP. Quase todas as ossadas acabaram sendo encaminhadas ao columbário do Cemitério do Araçá, também em São Paulo. Em 2005 e 2006, respectivamente, foram identificados os restos mortais de Flávio Carvalho Molina e Luiz José da Cunha, em trabalhos da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). Também por iniciativa da CEMDP, em 2008 foram exumados e identificados os restos mortais de Miguel Sabat Nuet, cidadão espanhol que passou a figurar como mais uma vítima da ditadura brasileira.” (CNV, 2014, p. 516). Ver mais em: INSTITUTO MACUCO & NÚCLEO MEMÓRIA (Projeto Marcas da Memória – Comissão de Anistia do Ministério da Justiça). *Vala Clandestina de Perus – Desaparecidos Políticos*, um capítulo não encerrado da história brasileira. São Paulo: Ed.: do Autor, 2012.

Quanto às identificações no país uruguaio, de acordo com Pablo Palermo somente quatro pessoas, de mais de 200 casos, tiveram seus restos mortais reconhecidos até então, são elas: Fernando Miranda, Ubagesner Chaves, Julio Castro y Ricardo Blanco. Todavia o descobrimento destes corpos não se deu por meio de escavações em prédios militares que serviram como centros clandestinos de detenção e tortura, através do trabalho de investigação com base na antropologia forense, convênio firmado entre a Universidad de la Republica com a justiça penal. Segundo Palermo, “la verdad producida en el proceso penal no fue una verdad dialógica sino una verdad arqueológica debajo de la tierra.” O direito à verdade também está entre as garantias de não repetição na decisão da Corte IDH sobre o caso uruguaio, que determina as seguintes medidas: *creación de unidades especializadas para investigación de denuncias de graves violaciones de derechos humanos y elaboración de protocolo para recolección e identificación de restos; acceso público a los archivos estatales*. Na resolução de cumprimento de sentença caso *Gelman Vs. Uruguay*, em 2013, a Corte avaliou que o Estado uruguaio não avançou nas investigações e que permanecerá sendo observado para que adote, entre outras ações, “*medidas pertinentes para garantizar el acceso técnico y sistematizado a información acerca de las graves violaciones de derechos humanos ocurridas durante la ditadura que reposa em archivos estatales*”. (Corte IDH, caso *Gelman Vs. Uruguay* (supervisão), 2013, p. 32).¹⁵¹

A fim de ampliar as informações sobre as atividades da sociedade civil para o fortalecimento da pauta da judicialização e direito à verdade sobre o desaparecimento forçado no Uruguai, foi solicitada, por meio de endereço eletrônico, uma entrevista com representantes do grupo *Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos*. Na falta de resposta do grupo e em pesquisa na sua página virtual, pode-se aferir manifestação acerca da impunidade para os crimes de desaparecimentos forçados. Em nota intitulada “*Hasta Cuándo?*” publicada recentemente, é possível verificar a insatisfação com a postura das Forças Armadas sobre o passado recente:

Hoy en día hay una suerte de embestida pressionando al poder político para que no le toquen sus privilegios y conservar su poder. Así lo muestran los últimos acontecimientos: los documentos oficiales que desnudan el espionaje ilegal a partidos y personas, realizado por los servicios de inteligencia militar en democracia; la negativa del Comandante del cuartel de Durazno a poner una placa en memoria

151. Na Sentença de 24 de fevereiro de 2011, a Corte IDH reconheceu a importância da Lei nº 18.831 de 2008, a qual reforça o direito de acesso à informação pública. Entretanto, o Estado precisa garantir a aplicabilidade da normativa em favor das vítimas nas investigações sobre as graves violações de direitos humanos (p. 79).

de Oscar Fernández Mendieta assinado en dicho establecimiento en el año 1973; las declaraciones en Florida del Coronel (R) Hartman (25/09/2016) y ahora las expresiones en un programa radial del presidente del Centro Militar Coronel (R) Carlos Silva reivindicando en todos sus términos la ditadura militar y la tortura.

Estamos convencidos que todo esto es fruto de la impunidad que por tantos años gozaron sus delitos, y que todavía, en su mayoría, no han sido investigado y penados. (Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos, 02/11/2016, p. 01)¹⁵²

A partir da manifestação citada e em relação aos documentos explorados anteriormente, verifica-se que, embora haja alguns pontuais desdobramentos internos após as decisões da Corte IDH, torna-se evidente a insuficiência dos esforços estatais no Brasil e no Uruguai para um cumprimento integral das sentenças, bem como a resistência dos judiciários em possibilitar ações penais sobre crimes contra a humanidade, como os desaparecimentos forçados.¹⁵³ As petições sobre desaparecimento forçado destes países destinados à CIDH e posteriormente admitidos pela Corte IDH, revelam a ausência de uma mobilização interna eficiente para a responsabilização nos tribunais domésticos, assim como o esclarecimento insatisfatório sobre os crimes contra a humanidade.¹⁵⁴

152. Disponível em: <http://desaparecidos.org.uy/wp-content/uploads/2016/11/16.11.02-Hasta-cuando.pdf> acesso em 06/11/2016.

153. Torelly (2016) aponta que, para além dos pontos resolutivos da sentença, algumas questões podem ser incluídas como impactos da decisão da Corte IDH no Brasil: i) impacto na visibilidade da causa e na mobilização social; ii) mudança de postura no Ministério Público Federal; iii) alavancagem da política pública de reparação e saúde mental para vítimas da ditadura; iv) nova lei de acesso à informação; v) comissão nacional da verdade; vi) arguição de descumprimento de preceito fundamental nº 320.

154. O fato de a Corte IDH considerar o desaparecimento forçado em alguns casos como violação múltipla e continuada e não como crime contra a humanidade geram consequências jurídicas, segundo alguns pesquisadores. Ver algumas críticas sobre isso Torelly, 2016 e Gonzalez (2009). De acordo com Pablo Palermo, em sua explanação durante o III Congresso Internacional sobre Justiça de Transição, a Lei nº 18.026 de 2006, a qual coopera com a Corte Penal Internacional contra crimes de genocídio, crimes de guerra e contra a humanidade, criou tipos penais para além do Estatuto de Roma, entendendo crimes contra a humanidade como atos isolados que independem de um contexto de práticas sistemáticas e generalizadas contra a população. Para Palermo, os obstáculos processuais para as investigações do Brasil e do Uruguai não são comparáveis, pois a lei de anistia brasileira serve para blindar envolvidos em graves violações enquanto que a lei de caducidade não trata de impedir as dezenas de sentenças condenatórias contra os perpetradores, mas pode ser compreendida como uma “criação vernácula aos distintos mecanismos que podem ser utilizados durante um processo de justiça de transição que permite pautar-se com base em questões de oportunidade política ou de política real decidir o momento oportuno em que utilizar o mecanismo de justiça penal.” Ver mais em: PALERMO, Pablo Galain (Ed.). *¿Justicia de transición? Mecanismos políticos y jurídicos para la elaboración del pasado*. Valencia: Tirant lo blanch, 2016.

2.6 Chile – judicialização e arquivos

O Chile não foi julgado pela Corte IDH em demanda que envolvesse o desaparecimento forçado. Contudo, a sentença da Corte IDH sobre o caso *Almonacid Arellano Vs. Chile*, em 26 de setembro de 2006, classificou a execução extrajudicial de Luis Alfredo Almonacid Arellano como crime contra a humanidade. A decisão estimulou o direito doméstico chileno a criar estratégias para contornar as medidas de impunidade, mesmo que a lei de anistia daquele país siga vigente (TORELLY, 2015, p. 557). O Decreto-Lei nº 2.191/1978 anistiou as violações cometidas por agentes estatais entre setembro de 1973 e março de 1978, ou seja, auto-anistiou os envolvidos nos crimes de desaparecimento forçado, aplicados com grande habilidade pelas forças estatais golpistas no período mencionado. Apenas em 2006, com a interpretação da Corte IDH sobre o caso supracitado, o Decreto-Lei de 1978 tornou-se sem efeito para crimes dessa natureza. A iniciativa de superar, ainda que parcialmente, o instituto não revogado até à atualidade, dependeu da disposição dos tribunais domésticos chilenos em seguir as determinações da Corte IDH na sua jurisprudência geral sobre casos de crimes contra a humanidade, com destaque para as obrigações referidas no caso *Almonacid Arellano*.

De acordo com o Professor Pietro Sferazza, em entrevista para esta pesquisa, de modo geral, o Sistema Interamericano de Direitos Humanos tem contribuído muito fortemente para esclarecer quais normativas sobre o desaparecimento forçado são vigentes entre os países latino-americanos. No âmbito do direito interno, as sentenças da Corte IDH, para o pesquisador, aceleram os procedimentos nos tribunais domésticos, efetivando responsabilidades penais para os envolvidos no crime de desaparecimentos forçados. Para o caso chileno, o pesquisador argumenta que as denúncias contra os perpetradores cresceram na justiça doméstica também pela possibilidade de persecução penal após a prisão de Pinochet em Londres, no ano de 1998.¹⁵⁵

De acordo com Cath Collins, em um primeiro momento, as investigações sobre os casos de desaparecimentos forçados estiveram focadas na localização, deixando em segundo plano a responsabilização penal, uma vez que a anistia impedia tal persecução. Todavia, a justiça é uma via fundamental para assegurar o rigor e o cumprimento de um protocolo

155. Esta questão encontra referência em: COLLINS, CATH. Human Rights Trials in Chile during and after the Pinochet years. *International Journal of Transitional Justice* 4, issue 1, pp. 67-86. 2010.

de busca.¹⁵⁶ Nesse sentido, a investigação com o foco na antropologia forense vem recebendo atenção dos estudos dos representantes chilenos na RLAJT, *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales* (OJTUDP). O estudo de Cath Collins aponta, a partir de dados do *Servicio Médico Legal* (SML), que 155 vítimas de desaparecimento forçado tiveram seus restos mortais identificados e devolvidos para os familiares, de 1990 até maio de 2016. Frente a cifra de cerca de 1.200 casos de desaparecimentos forçados, verifica-se que mais de mil corpos seguem sem paradeiro e identificação e, por consequência, sem oportunizar o núcleo social da vítima de realizar o rito de sepultamento. (COLLINS, 2016, p. 07)

Considera-se, portanto, dois marcos temporais relevantes para a amplitude da judicialização dos crimes contra a humanidade, mesmo sob a vigência da lei de anistia: o primeiro, após a prisão de Pinochet; o segundo, referente à condenação do Chile na Corte IDH em 2006. Os grupos de familiares de *detenidos-desaparecidos* junto às organizações não governamentais de direitos humanos ao longo de todo esse processo teve de buscar não apenas o paradeiro das pessoas vitimadas pelo desaparecimento forçado, mas também políticas estatais que possibilitassem a justiça. A *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* é protagonista no processo de judicialização que, segundo informações expressas no questionário do membro OJTUDP, foi a responsável por gerar a transposição das ações jurídicas dos tribunais militares para os tribunais ordinários.¹⁵⁷

Por parte da sociedade civil, uma das instituições que prestou assistência jurídica às pessoas submetidas ao terrorismo estatal, de 1976 até 1992, foi a *Vicaría de la Solidariedad del Arzobispado de Santiago*. Seu arquivo é composto de variados fundos documentais, entre estes o fundo jurídico que contém 85.000 documentos referente às pessoas atendidas pelo *Comité de Cooperación por la Paz en Chile* (COPACHI) e a *Vicaría de la Solidariedad*.¹⁵⁸

156. Sobre a busca de vítimas de desaparecimento forçado, ver a Lei nº 19.687 de 2000, a qual "Establece obligacion de secreto para quienes remitan informacion conducente a la ubicacion de detenidos desaparecidos", disponível em: http://www.ddhh.gov.cl/wp-content/uploads/2015/12/Ley_19687_Del_Secreto.pdf acesso em 10/11/2016. Sobre a *Mesa de Diálogo de Derechos Humanos*, instituída em 1999, a qual resultou em informações parciais sobre vítimas de desaparecimentos forçados pelas Forças Armadas, consultar: <http://www.ddhh.gov.cl/mesa-de-dialogo/> acesso em 01/10/2016. Sobre o *Servicio Medico Legal*, ver: <http://www.sml.cl/> acesso em 10/11/2016.

157. Ver mais informações sobre as iniciativas do grupo em: <http://chileddhh.blogspot.com.br/p/agrupacion-de-detenedos-desaparecidos.html>, acesso em 10/11/2016.

158. Consultar <http://www.vicariadelasolidaridad.cl/archivo.php>, acesso em 10/11/2016.

Com isso, as demandas sobre esta pauta resultaram em normativas que visam superar o legado autoritário. O Estado chileno vem realizando algumas medidas, que se instalaram por meio de decretos supremos ou leis, cujo modelo mais notável encontra referência nas comissões da verdade: *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*, por meio do Decreto Supremo nº 355, resultou no *Informe Rettig* de 1991; *Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación*, ligada à *Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación*, através da Lei nº 19.123 de 1992, o qual complementou casos que não foram apresentados na primeira experiência; *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*, criada pelo Decreto nº 1.040 de 2003, cujo resultado foi o *Informe Valech*; *Comisión Asesora para la Calificación de Detenidos Desaparecidos y Ejecutados Políticos y Víctimas de Prisión Política y Tortura*, por meio do Decreto Supremo nº 43 de 2010, que atende a uma demanda da Lei nº 20.405 do mesmo ano, que criou o Instituto Nacional de Direitos Humanos.¹⁵⁹

A política que abriga tais comissões ampara-se legalmente na Lei nº 19.123 de 1997 que, no intuito de realizar um trabalho permanente, criou o *Programa Continuación*. Esse projeto é mais conhecido como *Programa de Derechos Humanos* do Ministério do Interior e Segurança Pública e possui, entre as suas vertentes de trabalho, uma área jurídica e outra sobre documentação e arquivo. Este último setor concentra a documentação de algumas das Comissões da Verdade, mais precisamente, a primeira Rettig e a sua complementar de 1992.¹⁶⁰

Quanto a área jurídica, o programa prevê assistência às vítimas de graves violações ou afetados pelos crimes contra a humanidade nas ações judiciais.¹⁶¹ De acordo com os informes expedidos pelo *Programa de Derechos*

159. Os informes de todas as comissões estatais constituídas ao longo das últimas décadas estão disponíveis na plataforma *online*: <http://www.ddhh.gov.cl/comisiones/>, acesso em 10/11/2016.

160. De acordo com o questionário respondido pelo *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales*, o arquivo da *Comisión Nacional de Verdad e Reconciliación* possui acesso limitado e sua custódia legal está sob a guarda do Instituto Nacional de DDHH (INDH), desde 2009. Tal custódia é partilhada com o detentor físico do arquivo do *Informe Rettig* que, desde 2010, encontra-se no *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*. Consultar: <http://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/catalogo-de-fondos-y-donantes/>, acesso em 10/11/2016.

161. Segundo o questionário respondido pelo *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales*, o Balanço 2015, realizado pelo Programa de Direitos Humanos, indicou que, até 30 de novembro de 2015, a Corte Suprema informava que havia um total de 1.048 causas judiciales (investigações) por violações de direitos humanos cometidas no período ditatorial. Este *Programa de Derechos Humanos* era parte em 942 das causas, representando um total de 1.762 vítimas de desaparecimentos forçados ou executados políticos. Ver informes em: <http://www.ddhh.gov.cl/estadisticas/>, acesso em 01/11/2016.

Humanos acerca das resoluções judiciais em matéria de violações de direitos humanos no ano de 2016, no que tange ao desaparecimento forçado, as decisões da Sala Penal da Corte Suprema foram: i) Em 24 de outubro de 2016 foi sentenciado em definitivo o caso de Marcelo Concha Bascuñán, *detenido desaparecido* desde 10 de maio de 1976. Os ex-agentes da *Dirección de Inteligencia Internacional* (DINA) Pedro Espinoza Bravo, Carlos López Tapia, Rolf Wenderoth Pozo, Ricardo Lawrence Mires y Juan Morales Salgado foram condenados penalmente a 10 anos de prisão e ordenados a pagar indenizações para três filhos de \$ 100 millones y para um irmão de \$ 50 millones¹⁶²; ii) Em 7 de novembro de 2016, a sentença da Corte de Santiago foi confirmada pela Corte Suprema no caso de José Calderón Ovalle, dirigente da *Población Lo Hermida de Santiago*, *detenido desaparecido* desde 17 de febrero de 1975. Pelo crime de sequestro qualificado foram condenados a sete anos de prisão os ex-agentes da DINA: Miguel Krassnoff Martchenko y Rolf Wenderoth Pozo. Importante observar que o *Programa de Derechos Humanos* é parte requerente desta causa; iii) em 8 de novembro de 2016, o caso de Jorge Ortiz Moraga, *detenido desaparecido* na Operación Colombo desde 12 de dezembro de 1974, recebeu sentença. Pelo crime de sequestro qualificado foram condenados o ex-agentes Pedro Espinoza Bravo y Miguel Krassnoff Martchenko.¹⁶³

De acordo com o questionário respondido pelo OJTUDP, até este ano de 2016 há mais de mil causas penais abertas (230 já encerradas) sobre as mais de 3.000 pessoas que no período de terrorismo de Estado foram vitimadas pelo desaparecimento forçado ou por execuções. Ações de reparação por graves violações de direitos humanos, como a tortura, também devem ser contabilizadas no número de ações penais.

2.7 Considerações Finais

Na segunda parte deste relatório buscou-se realizar um levantamento das decisões da Corte IDH para os casos de desaparecimentos forçados, os quais levaram à condenação os países que possuem representantes que atuam na matéria da justiça de transição vinculados à RLAJT. Para tanto, procurou-se demonstrar, de forma cronológica, quais as sentenças

162. \$ 5.000.000,00 milhões de pesos chilenos equivale a cerca de US\$ 7.476,00 dólares, \$100.000.000,00 milhões de pesos chilenos equivale a cerca de US\$ 149.520,00 dólares.

163. Informações retiradas dos informes nº1 (24 a 31/10/2016) e nº 3 (07 a 13/11/2016), disponíveis em: <http://www.ddhh.gov.cl/> acesso em 10/11/2016. Observa-se que a Ley nº 20.357 de 2009 tipifica crimes contra a humanidade, genocídio, crimes e delitos de guerra, sem especificar, tal qual instruído pelos instrumentos internacionais, ou seja, o desaparecimento forçado como delito autônomo. Consultar: <https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=1004297&idParte=> acesso em 01/11/2016.

determinadas pela Corte IDH e, a partir da reincidência das condenações, agrupou-se os Estados para aferir, ainda que parcialmente, os impactos das decisões práticas internamente. Importante lembrar que o enfoque privilegiado, assim como no Capítulo 1, seguiu sendo a judicialização, ou seja, responsabilização penal ou civil e a constituição, preservação e acesso aos arquivos.

A amostra das decisões selecionadas, a primeira e a última sentenças relativas a cada país e proferidas pela Corte IDH, indicou que os casos de desaparecimentos forçados são variados. Além da variação das vítimas, crianças mulheres e homens das mais variadas idades, etnias, atividades profissionais, engajamento político, as motivações, evidentes ou não, atrelam-se às particularidades de diversos contextos sociais, econômicos e políticos.

Os dados apontados pelos representantes e pesquisados pela consultora sobre a judicialização dos casos de desaparecimento forçado revelam que é baixa a quantidade de petições à CIDH se comparado ao número aproximado de casos no âmbito interno de cada país. Além dessa constatação, foi possível observar que:

- Peru, Guatemala e Colômbia, estão em processos diferenciados de resolução das suas obrigações frente às sentenças condenatórias da Corte IDH. Os tribunais domésticos do Peru e da Guatemala, países que possuem os maiores números de condenações por desaparecimento forçado na Corte IDH, oito e sete, estão trabalhando, ainda que morosamente, para proporcionar a penalização de perpetradores de violações de direitos humanos. A Colômbia, condenada seis vezes pela Corte IDH pelo desaparecimento forçado, atravessa um acordo de paz e, portanto, o assunto da responsabilização penal, ainda parece ser tabu para alguns operadores da justiça;
- El Salvador, México e Argentina também realizam o cumprimento das sentenças da Corte IDH em escala diferenciada. El Salvador e Argentina possuem semelhança nos altos índices de casos de crianças vitimadas pelo desaparecimento forçado e sequestradas no próprio país e no exterior; seus tribunais internos operam com limites distintos. El Salvador está na expectativa da repercussão da declaração de inconstitucionalidade da Lei de Anistia em 2016, enquanto na Argentina as condenações por apropriações de crianças e desaparecimentos forçados já são uma realidade há de mais de uma década. Entretanto, a Argentina foi condenada pela Corte IDH por crimes de desaparecimentos forçados cometidos já nos anos 2000, no período posterior à ditadura civil-militar, aproximando-se, assim, do caso do México. As condenações por desaparecimento forçado do país mexicano também lidam com crimes do passado e do presente;

- Brasil e Uruguai, países que possuem uma condenação para cada Estado pelos crimes de desaparecimento forçado, durante as ditaduras civil-militares, possuem as posições dos seus judiciários como obstáculos para a responsabilização penal. No Brasil o Supremo Tribunal Federal do Brasil manteve em 2010 a interpretação da lei de anistia tal como prevista em 1979, no Uruguai a Suprema Corte de Justiça julgou inconstitucional, em 2011, a Lei nº 18.831, aprovada pelo legislativo e executivo, a qual permitia a persecução penal para crimes contra a humanidade;
- O Chile, país que não possui condenação na Corte IDH por desaparecimento forçado, mas por execução extrajudicial, teve, em seus tribunais domésticos, uma considerável repercussão sobre a interpretação de crime contra a humanidade que supera a lei de anistia.

Todos os países possuem uma forte rede de grupos de familiares de vítimas de desaparecimento forçado que contribuem sobremaneira para os avanços no direito à verdade, à memória e à justiça. A alternativa às dificuldades de negação do Estado sobre os crimes de desaparecimento forçado e o acesso à informação pública foi a criação de acervos particulares com a concentração de documentos, testemunhas, dossiês, relatórios e outros tipos de informes criados por pequenos grupos ou organizações não-governamentais que, em alguns casos, serviram ao longo dos anos como objeto de prova. Tais materiais, a depender da organização e do investimento estatal em políticas de memória, abasteceram relatórios nacionais de comissões da verdade ou passaram a compor acervos de memoriais e outros espaços de memória e reparação.

Uma necessidade evidente, comum a todos os países deste estudo, é a urgência da implementação e aplicabilidade de protocolos de investigação e busca de pessoas submetidas ao desaparecimento forçado, por meio de planos capilarizados nacionalmente em políticas permanentes que não dependam estritamente de processos judiciais. As ações penais são fundamentais para as responsabilizações, mas nem sempre tais processos geram esclarecimentos sobre os crimes, situação que coloca as famílias em espera e orfandade do direito à verdade. Ao Estado cabe garantir a resolução dos casos carentes de respostas e ao seu braço jurídico o dever moral de permitir a persecução penal, a fim de proteger possíveis vítimas e quiçá possibilitar a não repetição deste crime que segue vitimando latino-americanos nas mais diversificadas realidades.

[Volta ao Sumário]

Nota conclusiva sobre a pesquisa relatorial desaparecimento forçado: justiça e arquivos

Este relatório atende à consultoria de pesquisa temática sobre *desaparecimento forçado: judicialização e arquivos* com vigência de abril a dezembro de 2016. O estudo exigiu, por meio de edital, 03 produtos: i) relatório com plano de trabalho; ii) sistematização e análise do histórico da judicialização e do tratamento de arquivos sobre o desaparecimento forçado nos países indicados; iii) análise crítica, a partir das informações colhidas. O produto 01 foi apresentado à orientação em maio de 2016 os demais produtos, 02 e 03, compõe este relatório, datado de novembro de 2016.

Durante os meses de investigação e levantamento de dados foram elaborados 03 instrumentos de coletas de informações sobre o desaparecimento forçado nos países que possuem grupos na RLAJT: i) questionário sobre judicialização; ii) questionário sobre arquivos; iii) entrevistas gravadas presenciais ou por *skype*.

Os questionários foram respondidos cuidadosamente por representantes das instituições afiliadas à RLAJT. Os materiais destinados à consultoria foram fundamentais para o esboço de um panorama sobre os processos de justiça de transição dos países latino-americanos. Assim, o compartilhamento de materiais sobre as ações que estão sendo realizadas pelos Estados ou pela sociedade civil alimentou o estudo e oportunizará o cruzamento transnacional de um diálogo crítico durante o III Congresso Internacional sobre Justiça de Transição.

As entrevistas foram roteirizadas de acordo com a inserção social de cada pessoa selecionada o que resultou em 12 entrevistas com a perspectiva de variados segmentos na matéria abordada, a saber: Victória Lavínia Grabois, Suzana Keniger Lisboa, familiares brasileiras de vítimas de desaparecimento forçado e engajadas na luta por verdade, memória e justiça no Brasil; Eugênia Augusta Gonzaga, procuradora regional da República e presidenta da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil; Marlon Alberto Weichert, procurador regional da República; Daniel Josef Lerner, delegado da Polícia Federal e coordenador geral da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos; José Pablo Baraybar, antropólogo forense da Equipo Peruano de Antropologia Forense; José Carlos

Agüero, historiador peruano e ex-pesquisador da Comisión da Verdad e Reconciliación; Vanina Agostini pesquisadora do arquivo do Ministério da Defesa da República Argentina; Angela Méndez, advogada do CEJIL na Guatemala; Ely Flores Arcinio Saira Caballero, da Comisión Nacional de Búsqueda de El Salvador, José Carlos Moreira da Silva Filho, professor do Direito e ex-vice-presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça do Brasil; Pietro Sferrazza, professor do Direito no Chile. Agradeço a todas estas pessoas pela disponibilidade e participação.

A produção de dados, entre questionários e entrevistas transcritas, resultou em mais de 350 páginas de informações e cerca de 15 horas de gravação em áudios. O material possui grande potencial, todavia em razão do enfoque da pesquisa e do tempo limitado não foi explorado na sua exaustão. Tais fontes ficarão sob a guarda da Secretaria Executiva da RLAJT que seguirá promovendo pesquisas e subsidiando estudos sobre esta temática tão urgente nos contextos políticos e sociais dos países envolvidos.

O trabalho envidado pela consultoria contou com a contribuição de muitas pessoas, às quais gostaria de agradecer: à orientação criteriosa e cuidadosa do Professor Emilio Peluso Neder Meyer, bem como a sua coordenação estimulante às equipes da Secretaria Executiva da RLAJT e do Centro de Estudos sobre Justiça de Transição (CJT) em Belo Horizonte, como também à equipe da Secretaria Executiva da RLAJT de Brasília, coordenada pela Professora Camila Cardoso de Melo Prando, em especial à consultora Cláudia Paiva Carvalho por todo o envolvimento, empenho e engajamento com os trabalhos da RLAJT e constantes contribuições a esta pesquisa; aos representantes e colaboradores das instituições afiliadas à RLAJT que atenderam aos pedidos de materiais e produção de dados: Boris Hau, Carlos Mauricio López Cárdenas, Cath Collins, Félix Réategui Carrillo, Iris Jave, Lorena Vílchez, David Pachas, Lorenzo Acosta Valencia, Lucía Chávez, Luz Palmás Zaldua, María Eugenia Carrera, Mario Cépeda, Marisol Hernández García, Pablo Galain Palermo, Rafael Herrarte, Renata Scaglione, Silvia Cuéllar, Valeria Moscoso; às consultoras que elaboraram estudos para e sobre a RLAJT: Carla Osmo, Shana Marques Prado dos Santos e Isabelle Maria Campos Vasconcelos Chehab; aos estudantes de graduação em Direito da UFMG que de forma voluntária realizaram a transcrição das entrevistas brasileiras: Paulo Repolês, Raquel Khouri, Jéssica Holl; ao Professor da Letras Rômulo Monte Alto e sua equipe por terem realizado o trabalho de transcrições das entrevistas em espanhol; à Paula Zawadzki pela tradução do relatório para o espanhol; pelo prefácio agradeço à María Eugênia Carrera Chávez e Lucía Guadalupe Chávez Vargas, a qual também realizou a revisão da versão do relatório em espanhol.

Em paralelo aos trabalhos de relatoria desta pesquisa foram realizados, nos últimos meses, variados eventos acadêmicos como palestras, mini-cursos e filmes comentados. Além dos subsídios de conteúdo para atividades de 2016 participei durante esta consultoria da organização do material escrito e gráfico para atender exposição sobre o tema ‘anistia e justiça de transição’ que será realizado no início do ano de 2017, em Belo Horizonte, como parte do Projeto Memorial da Anistia Política do Brasil.

[Volta ao Sumário]

Referências

Artigos, livros e trabalhos acadêmicos

ABRAMOVICI, Pierre. Cómo nace el terror en América Latina. *Le Point – El Correo*. 05/01/06. Disponível em: - www.aporrea.org/actualidad/a18764.html acesso julho de 2016.

ARTHUR, Paige. Como as “transições” reconfiguraram os Direitos Humanos: uma história conceitual da Justiça de Transição. In: REÁ-TEGUI, Félix (Coordenação). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça e Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. pp. 73-134.

BAUER, Caroline Silveira. *Brasil e Argentina: desaparecimentos e políticas de memória*. Porto Alegre: Medianiz 2012.

BERNARDI, Bruno Boti. Justiça de transição e as leis de anistia na Corte Interamericana de Direitos Humanos. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 411-444

BURT, Jo-Marie. Desafiando a impunidade nas cortes domésticas: processos judiciais pelas violações de direitos humanos na América Latina. In: REÁTEGUI, Felix (Orgs.). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. p. 307-338.

FILHO, José Carlos Moreira da Silva. *Justiça de transição da ditadura civil-militar ao debate justransicional. Direito à memória e à verdade e os caminhos da reparação e da anistia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. Editora, 2015.

GONZÁLEZ, Juan Luis Modolell. El crime de desaparición forzada de personas según la jurisprudencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos. *Revista de Derecho PUCP*, 2009, num. 63. pp. 139-152.

JARDIM, Tarciso Dal Maso. *Crime do Desaparecimento Forçado de Pessoas. Aproximação e Dissonâncias entre o Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos e a Prática Brasileira*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

MARTIN-CHENUT, Kathia. O sistema penal de exceção em face do direito internacional dos direitos humanos. IN: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009. Volume I. pp. 226-249.

MARTINS FILHO, João Roberto. Tortura e ideologia: os militares brasileiros e a doutrina da *guerre révolutionnaire* (1959-1974). In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009. Volume I. pp. 179-202.

MEYER, Emílio Peluso Neder Meyer. *Ditadura e responsabilização: elementos para uma justiça de transição no Brasil*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2012.

MEYER, Emilio Peluso Neder. Judicialização da Justiça de Transição: Impactos a partir e sobre o Constitucionalismo Contemporâneo. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 105-135.

MOLINA THEISSEN, Ana Lucrecia. *La Desaparición Forzada de Personas en América Latina*. KO'AGA ROÑE'ETA. Se.vii. 1998. Disponível em: <http://www.derechos.org/vii/molina.html> acesso em setembro de 2016.

OSMO, Carla. *Direito à verdade: Origens da conceituação e suas condições teóricas de possibilidade com base em reflexões de Hannah Arendt*. Tese de Doutorado – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERRSUSO, Camila Akemi. *O desaparecimento forçado de pessoas no Sistema Interamericano de Direitos Humanos – Direitos Humanos e Memória*. Dissertação de Mestrado em Direito. Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2010.

SFERRAZZA, Pietro. *La responsabilidad internacional del Estado por desapariciones forzadas de personas. Obligaciones internacionales y atribución*. Tesis Doctoral del Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas. Getafe, 2014.

SILVA CHAU, Marisela. *Problemática de las personas desaparecidas y sus familiares: aporte de la Asamblea General de la OEA a través de sus resoluciones 2005 y 2006*. Disponível em: <https://www.icrc.org/spa/resources/documents/feature/missing-feature-310806.htm> Acesso em junho de 2016.

TEITEL, Ruti. Genealogia da Justiça Transicional. In: REÁTEGUI, Felix (Orgs.). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. (artigo original publicado em 2003). Pp.135-170.

TORELLY, Marcelo D. A formação da norma global de responsabilidade individual: Mobilização política transnacional, desenvolvimento principiológico e estruturação em regras internacionais e domésticas. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito PUCRS*. Porto Alegre, julho/dezembro de 2013. Vol. 5 – número 2, p.298-318.

TORELLY, Marcelo D. Gomes Lund vs. Brasil cinco anos depois: Histórico, impacto, evolução jurisprudencial e crítica. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 525-560.

Documentos, informes e relatórios

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório/Comissão Nacional da Verdade, v. 1, 2 e 3. Brasília: CNV, 2014.

COLLINS, Cath. *Respuestas estatales a la desaparición forzada en Chile: aspectos forenses, policiales y jurídicos*. Chile: Observatorio de Justicia Transicional, 2016. Disponível em: <http://www.derechoshumanos.udp.cl/derechoshumanos/index.php/publicaciones/func-startdown/452/%EF%BF%BD> acesso em setembro de 2016.

COMISIÓN NACIONAL SOBRE LA DESAPARICIÓN DE PERSONAS (CONADEP). *Nunca Más*. Argentina, 1984.

CHEHAB, Isabelle Maria Campos Vasconcelos. *Produto nº 03 – Relatório contendo análise sobre as comissões da verdade criadas nos países membros da RLAJT, seu mandato, forma de atuação, seus legados, produtos e consequências no país em questão*. Brasília: Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, maio de 2016.

HENCKAERTS, Jean Marie; BECK, Louise Doswald. *El derecho Internacional Humanitário consuetudinário. Volumen I: Normas*. Comité Internacional de

la Cruz Roja – CICR / Centro de Apoyo en Comunicación para América Latina y el Caribe. Argentina, 2007.

MINISTERIO PÚBLICO DE LA DEFENSA. *La ONU reiteró su preocupación con respecto a la falta de autonomía funcional y presupuestaria de la Defensoría Pública*. 25 de julio de 2016. Disponível em: < <http://www.sppdp.gob.ar/site/prensa-y-difusion/partes-de-prensa/2016/Parte%20de%20Prensa%2002-08-2016.pdf>> acesso em agosto de 2016.

NAÇÕES UNIDAS. *Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos*. Ficha Informativa Nº 13. Rev. I. Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos / Gabinete de Documentação e Direito Comparado Procuradoria Geral da República. Edição portuguesa. Lisboa, 2002.

NAÇÕES UNIDAS. *Direitos Humanos – Desaparecimentos Forçados ou Involuntários*. Ficha Informativa Nº6. Rev.2. Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos / Gabinete de Documentação e Direito Comparado Procuradoria Geral da República. Edição portuguesa. Lisboa, 2001.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA); COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. *Informe sobre la situación de los derechos humanos en Chile*. OEA/Ser.L/V/II.34. 25 de outubro de 1974. Disponível em <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/indice.htm> acesso em agosto de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU BRASIL). Comitê da ONU pede investigação sobre caso de desaparecimento forçado na Argentina. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/comite-da-onu-pede-investigacao-sobre-caso-de-desaparecimento-forcado-na-argentina/>> acesso em agosto de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Consejo de Derechos Humanos. Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias. *Comunicaciones, casos examinados, observaciones y otras actividades realizadas por el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias*. 108º período de sesiones (8 a 12 de febrero de 2016). Doc. A/HRC/WGEID/108/1. 15 de abril de 2016.

OSMO, Carla. *Judicialização da Justiça de Transição na América Latina/ Judicialización de la justicia de transición en América Latina*. Brasília,

Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Tradução para o espanhol: Nathaly Mancilla Órdenes.

PNUD – Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. *La Apuesta por la Paz y el Desarrollo* (Informe de resultados 2008-2015). Colombia, 2016.

UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICR. Guía para los parlamentarios. Ginebra/Nueva York: Unión Interparlamentaria/Oficina del Observador Permanente de la UIP ante la ONU/Comité Internacional de la Cruz Roja, 2009.

Jurisprudência internacional

Sentenças e resoluções de supervisão de cumprimento de sentença da Corte IDH sobre o desaparecimento forçado para os países estudados.

Normativas

Convención contra la Tortura y Otros Tratos o Penas Crueles, Inhumanos o Degradantes. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CAT.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convención Internacional para la protección de todas las personas contra las desapariciones forzadas. <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ConventionCED.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convención sobre la imprescritibilidad de los crímenes de guerra y de los crímenes de lesa humanidad. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/WarCrimes.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convenio de Ginebra relativo al trato debido a los etodologias de guerra. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/TreatmentOfPrisonersOfWar.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convenio de Ginebra relativo a la protección debida a las personas civiles en tiempo de guerra. <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtectionOfCivilianPersons.aspx> acesso em setembro de 2016.

Declaración sobre la protección de todas las personas contra las desapariciones forzadas de 18 de dezembro de 1992 (A/RES/47/133). Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N93/091/21/IMG/N9309121.pdf?OpenElement> acesso em setembro de 2016.

Declaracion Universal de Derechos del Hombre. Disponível em: [http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217\(III\)&referer=http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/UDHRIndex.aspx&Lang=S](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217(III)&referer=http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/UDHRIndex.aspx&Lang=S) acesso em setembro de 2016.

Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CCPR.aspx> acesso em setembro de 2016.

Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales y Culturales. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CESCR.aspx> acesso em setembro de 2016.

Principios de cooperación internacional en la identificación, detención, extradición y castigo de los culpables de crímenes de guerra, o de crímenes de lesa humanidad. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/PersonsGuilty.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo Adicional a los Convenios de Ginebra del 12 de agosto de 1949 relativo a la Protección de las Víctimas de los Conflictos Armados Internacionales (Protocolo I). <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtocolI.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo adicional a los Convenios de Ginebra del 12 de agosto de 1949 relativo a la protección de las víctimas de los conflictos armados sin carácter internacional (Protocolo II). Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtocolII.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo Facultativo del Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/OPCCPR1.aspx> acesso em setembro de 2016.

Entrevistas realizadas

AGÜERO, José Carlos; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista em Belo Horizonte – Brasil/Peru. 04 de outubro de 2016.

AGOSTINI, Vanina; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Argentina. 06 de outubro de 2016.

BARAYBAR, José Pablo; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Sri Lanka. 24 de agosto de 2016.

FILHO, José Carlos Moreira da Silva; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada em Porto Alegre. 27 de junho de 2016.

FLORES, Elsy; CABALLERO, Arcinio Saira; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/El Salvador. 24 de agosto de 2016.

GONZAGA, Eugênia Augusta; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 02 de julho de 2016.

GRABOIS, Victória Lavínia; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 22 de julho de 2016.

LERNER, Daniel Josef; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 04 julho de 2016.

LISBOA, Suzana Keniger; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada em Porto Alegre. 17 de setembro de 2016.

MÉNDEZ, Angela; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Guatemala. 13 de setembro de 2016.

SFERRAZZA, Pietro; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Chile. 1º de setembro de 2016.

WEICHERT, Marlon Alberto; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 27 de julho de 2016.

[Volta ao Sumário]

ANEXOS I

QUESTIONÁRIO DESAPARECIMENTO FORÇADO: JUDICIALIZAÇÃO

1. O seu país ratificou as principais convenções internacionais sobre desaparecimento forçado?

Se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação

material anexado? sim não

Exemplo das convenções: Declaração sobre a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, de 1992 e a Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, de 2010, ambas da ONU; Convenção Interamericana sobre o Desaparecimento Forçado de Pessoas, de 1994; Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional, de 1998?

2. O seu país foi condenado por alguma sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos referente a casos de desaparecimentos forçados?

Se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação

material anexado? sim não

Se você respondeu **Sim** na questão 2, responda a questão 2.1

2.1 A sentença foi cumprida pelo seu país?

Se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação

material anexado? sim não

3. No seu país existem processos penais sobre crimes de desaparecimento forçado? Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

4. Há em curso algum processo penal contra agentes públicos ou grupos paramilitares que praticaram o delito de desaparecimento forçado?

Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

5. Há em curso algum processo penal contra agentes ou grupos paramilitares estrangeiros que praticaram o delito de desaparecimento forçado?

Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

6. Há em curso algum processo penal contra agentes nacionais em outros países, os quais praticaram o delito de desaparecimento forçado para além fronteiras?

Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

7. O desaparecimento forçado tem uma tipificação própria na legislação penal do seu país? Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

Se você respondeu **sim** na questão 7 responda as questões 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4.

7.1 O desaparecimento forçado passou a ser um tipo penal há cerca de quanto tempo?

- menos de 5 anos
- menos de 10 anos
- menos de 15 anos
- menos de 20 anos
- menos de 30 anos
- Não possuo informação

7.2 Para os casos em que o desaparecimento forçado seja um tipo penal, a pena parece ter uma proporcionalidade com a gravidade do delito?

- a pena está em proporcionalidade com a gravidade
- a pena não está em proporcionalidade com a gravidade

7.3 Há em curso um debate entre juristas ou grupos de direitos humanos sobre a proporcionalidade da pena com a gravidade do delito ou a discussão já foi superada? Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

- Sim Não Não possuo informação
- material anexado? sim não

7.4 Se no seu país já ocorreram condenações por desaparecimento forçado, a sentença se deu exclusivamente pelo tipo penal ou em conjugação com outros delitos (como sequestro, tortura, ocultação de cadáver, etc.)?

- condenação efetuada pelo crime de desaparecimento forçado exclusivamente
- condenação efetuada pelo desaparecimento forçado conjugado com outros crimes
- Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

Se você respondeu **não** na questão 7, responda 7.1 e 7.2

7.1 Há em um curso alguma proposta de reforma da legislação penal em que o desaparecimento forçado seja considerado como tipo penal?

Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

7.4 Há condenações no seu país em que o condenado, embora acusado da condução de desaparecimento forçado, foi responsabilizado com base em outros tipos penais (como sequestro, tortura, ocultação de cadáver, etc.)? Se sim indique o caso e, se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

8. Há cerca de quanto tempo casos de desaparecimento forçado começaram a ser denunciados amplamente?

- desde o período das ditaduras e conflitos armados
- a partir de 5 anos após a transição
- cerca de 10 anos após a transição
- cerca de 15 anos após a transição
- mais de 15 anos depois do final das ditaduras e conflitos
- Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

9. As denúncias de crimes de desaparecimento forçado partiram de grupos de grupos de direitos humanos?

Sim Não Outros grupos Não possuo informação
se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

10. Existe reconhecimento governamental das vítimas de desaparecimento forçado de crimes ocorridos na última ditadura ou conflito armado?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

11. Em seu país houve a constituição de comissões da verdade ou de outro tipo para investigar os casos de desaparecimentos forçados?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

12. Qual o número de vítimas de desaparecimentos forçados apontados pelo Estado durante a última ditadura ou conflito armado?

de 1 a 500 pessoas

entre 500 e 1000 pessoas

entre 1000 e 5000 pessoas

mais de 5000 pessoas

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

13. Há conflito entre os números reconhecidos pelo Estado e os números de organizações de direitos humanos?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

14. Qual o número de vítimas de desaparecimentos forçados apontados pelo Estado após a última ditadura ou o término de conflito armado?

de 1 a 500 pessoas

- entre 500 e 1000 pessoas
- entre 1000 e 5000 pessoas
- mais de 5000 pessoas
- Não possuo informação

15. Existe em seu país alguma legislação, projeto ou política pública de controle de desaparecimentos?

- Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

16. Quantos julgamentos sobre desaparecimento forçado ocorreram em seu país?

- nenhum
- menos de 10
- entre 10 a 50
- mais de 50
- Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

17. Há programas de proteção para familiares de vítimas de desaparecimento forçado?

- Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

18. Há programas de reparação (econômica, psicológica ou de qualquer tipo) para familiares de vítimas de desaparecimento forçado?

- Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

19. Há algum tipo de reparação ou anistia *post mortem* às vítimas de desaparecimento forçado?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

20. Há memoriais ou espaços de memória dedicados às vítimas de desaparecimento forçado?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

21. Há alguma legislação que obrigue que a temática do desaparecimento forçado seja trabalhado nos currículos escolares?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

22. Há no calendário anual alguma data de luto em homenagem às vítimas de desaparecimento forçado?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

23. Há projetos de reformas institucionais para impedir os crimes de desaparecimentos forçados?

Sim Não Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

Outras informações:

Caso você possua quaisquer outras informações que julgue pertinente para complementar esse questionário, por favor, indique abaixo.

Espaço para indicações links ou contatos sobre documentários, filmes, acervos virtuais ou pessoas que tenham participado ativamente para o avanço da judicialização de casos de desaparecimento forçado.

Obrigada pela sua atenção!

[Volta ao Sumário]

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DESAPARECIMENTO FORÇADO: ARQUIVOS

Questionário para recolher informações e dados para o relatório “Desaparecimento Forçado: justiça e arquivos” da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição, sob a responsabilidade da consultora Mariluci Vargas e a coordenação do etodolo Emilio Meyer

Identificação

Membro da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição:

Nomes do/as representantes que respondem ao questionário:

País representado:

1. A custódia dos arquivos de governo (Ministério da Defesa, Ministério da Justiça, Ministério das Relações Exteriores etc.) e das forças armadas, produzidos durante o período da última ditadura ou conflito armado interno estão sob a responsabilidade de um arquivo nacional ou público?

sim

não

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

2. Caso o seu país tenha tido uma Comissão da Verdade ou de investigação dos casos de desaparecimento forçado, os documentos produzidos e ou levantados pela Comissão encontram-se à disposição para o acesso?

sim

não

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

3. Caso o seu país tenha tido uma Comissão da Verdade ou de investigação dos casos de desaparecimento forçado, houve coleta de testemunhos?

sim

não

Não possuo informação

Este o acervo encontra-se à disposição para o acesso?

sim

não

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

4. Os arquivos de polícias estaduais ou de secretarias de segurança pública do período ditatorial encontram-se sob a guarda de arquivos estaduais?

sim

não

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

5. Há restrição para o acesso aos arquivos da repressão?

sim

não

Não possuo informação

se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Material anexado? sim não

6. Há algum programa do Estado para desclassificação de informações consideradas sigilosas?

Sim Não Não possuo informação

material anexado? sim não

7. Há grupos e entidades de direitos humanos que trabalham nas buscas de arquivos sobre desaparecimentos forçados?

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

8. Há grupos e entidades de direitos humanos que trabalham na constituição de arquivos sobre desaparecimentos forçados?

Se possível, anexe algum material ou link sobre o assunto.

Sim Não Não possuo informação
material anexado? sim não

Cite algumas estratégias de grupos de familiares de desaparecidos e de entidades de direitos humanos para acesso aos documentos considerados sigilosos pelo Estado.

Outras informações:

Caso você possua quaisquer outras informações que julgue pertinente para complementar esse questionário, por favor, indique abaixo.

Espaço para indicações links ou contatos sobre documentários, filmes, acervos virtuais ou pessoas que tenham participado ativamente para o avanço da preservação e acesso dos arquivos sobre casos de desaparecimento forçado.

[Volta ao Sumário]

ANEXO III

Roteiro base de uma das entrevistas brasileiras: Victória Grabois

1. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco da sua trajetória no que se refere às experiências ligadas ao desaparecimento forçado.
2. Como se deu o envolvimento com o Grupo Tortura Nunca Mais (GTNM) do Rio de Janeiro e qual a relação do GTNM com as denúncias para a judicialização dos crimes de tortura em geral e em específico sobre desaparecimentos forçados.
3. Como foi o processo do caso *Gomes Lund (guerrilha do Araguaia) vs. Brasil* até a Sentença da CIDH em 2010? A senhora vê avanços após a condenação do Brasil?
4. Como a senhora avalia a relação das comissões e projetos de memória e reparação do Estado brasileiro às vítimas de desaparecimentos forçados e seus familiares?
5. Como o relatório da Comissão Nacional da Verdade pode contribuir para a judicialização das graves violações de direitos humanos?
6. Qual o maior obstáculo para a impunidade sobre os crimes de desaparecimento forçado?
7. Em maio deste ano a Presidenta Dilma aprovou o Decreto nº 8.766 o qual promulgou a Convenção Interamericana sobre o Desaparecimento Forçado de Pessoas, firmada no Brasil em 1994. A senhora acredita em efeitos práticos advindos desta ação, como reformas na legislação penal para a tipificação do desaparecimento forçado, por exemplo?

Roteiro base de uma das entrevistas em espanhol: José Pablo Baraybar

1. Los países estudiados por la RLAJT son: Argentina, Brasil, Chile, Colombia, El salvador, Guatemala, México, Peru y Uruguay. ¿En cual dos países que se presentan usted trabajó?
2. De los países presentados, cual, en su opinión, tiene una mayor inversión para la identificación de las víctimas de desaparición forzada?

3. ¿Usted estas de acuerdo que las sentencias de la Corte Interamericana tiene acelerado los procesos de justicia de transición en los países condenados por casos de desapariciones forzadas? Citar buenos ejemplos.
4. ¿El Plan Nacional de Investigaciones Antropológico Forenses (PNI AF) tiene contribuido a los avances en la agenda en Perú?
5. Mi investigación se trata de verificar los impactos de las condenações sobre casos de desapariciones forzadas en los países que tiene organizaciones en la RLAJT. En este sentido, me gustaría preguntarle acerca de su experiencia como testigo experto en casos presentados ante la Corte Interamericana. ¿Los países de América Latina están siguiendo os protocolos internacionales para las evaluaciones forenses?
6. ¿De los casos de desapariciones forzadas presentados à Corte IDH versus Perú, cual se encuentra en más avanzada fase de cumplimiento da sentencia? (caso Ernesto Rafael Castillo Páez)
7. ¿Las instituciones forenses sociais de Equipe Peruana de Antropologia Forense segue patrones similares o tienen muchas diferencias en sus etodologias? A base dos trabalhos é direitos internacional humanitário?
8. ¿Cuáles son los principales retos para la identificación y la desaparición de las víctimas de retorno forzado en 2016?
9. Otras informaciones...

[Volta ao Sumário]

ANEXO IV

QUADRO DE RESOLUÇÕES DE SUPERVISÃO DE CUMPRIMENTO DE SENTENÇA PARA OS CASOS DE DESAPARECIMENTOS FORÇADOS JULGADOS PELA CORTE IDH DOS PAÍSES MEMBROS DA RLAJT

País	Casos de desaparecimentos forçados apresentados à Corte IDH com destaque para Supervisión de Cumplimiento de Sentencia*
Argentina	Corte IDH. Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2004. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/garrido_17_11_04.pdf
	Corte IDH. Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/garrido_27_11_07.pdf
	Corte IDH. Caso Torres Millacura y otros Vs. Argentina. Sentencia de 26 de agosto de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_229_esp.pdf
Brasil	Corte IDH. Caso Gomes Lund y otros (“Guerrilha do Araguaia”) Vs. Brasil. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de octubre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomes_17_10_14.pdf
Chile	Não há casos específicos de desaparecimentos forçados julgados pela Corte IDH
Colômbia	Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_11_02.pdf
	Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_11_03.pdf
	Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 de Diciembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_10_12_07.pdf
	Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 06 febrero de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_06_02_08.pdf
	Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_17_11_09.pdf

<p>Colombia</p>	<p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 27 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 07 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_07_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 22 de diciembre de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_22_12_10.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 28 de febrero de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_28_02_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/masacres_21_05_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 2 de febrero de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_02_02_06.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_10_07_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_26_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 08 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_08_07_09.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_08_02_12.pdf</p>	
<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia . Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 26 de junio de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_26_06_12.pdf</p>	

<p>Colombia</p>	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 23 de junio de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/19comerciantes_23_06_16.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_26_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 09 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_09_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_26_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 08 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_08_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 23 de noviembre de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_23_11_12.pdf</p>
<p>El Salvador</p>	<p>Corte IDH. Caso Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia. Sentencia de 14 de noviembre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_287_esp.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 22 de septiembre de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_22_09_06.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 03 de julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_03_07_07.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión Cumplimiento Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de diciembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_08_12_09.pdf</p>	

<p>El Salvador</p>	<p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 3 de febrero de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_03_02_10.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de septiembre de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_01_09_06.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Contreras y otros Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 14 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/contreras_14_05_13.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Contreras y otros Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de septiembre de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/contreras_01_09_16.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador. Sentencia de 14 de octubre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_285_esp.pdf</p>
<p>Guatemala</p>	<p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_27_11_02.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_%2027_11_03.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_27_11_07.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 22 de enero de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_%2022_01_09.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_27_11_03.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 03 de marzo de 2005. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_03_03_05.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 4 de julio de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_04_07_06.pdf</p>

Guatemala	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_10_07_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 13 de Diciembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_13_12_2007.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 16 de enero de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_16_01_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de la Corte Interamericana de Derechos humanos de 11 de noviembre de 2008. http://corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_11_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de enero de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_27_01_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 18 de noviembre de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_18_11_10.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Molina Theissen Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 de julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_10_07_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Molina Theissen Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de agosto de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_17_08_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Molina Theissen Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 16 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_16_11_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Tiu Tojín Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 16 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/tiu_tojin_16_05_11.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso Chitay Nech y otros Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 1 de diciembre de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/chitay_01_12_11.pdf</p>	

Guatemala	<p>Corte IDH. Casos Masacres de Río Negro y Gudiel Álvarez y otros Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de agosto de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Rio_Negro_y_Gudiel_21_08_14.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso García y familiares Vs. Guatemala. Sentencia de 29 noviembre de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_258_esp.pdf</p> <p>Resolução geral. Corte IDH. 12 casos guatemaltecos. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias respecto de la obligación de investigar, juzgar y, de ser el caso, sancionar a los responsables de las violaciones a los derechos humanos. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 24 de noviembre de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/12_casos_24_11_15.pdf</p>
México	<p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 19 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_19_05_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 1 de diciembre de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_01_12_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 28 de junio de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_28_06_12.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 14 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_14_05_13.pdf</p> <p>Corte IDH. Casos Radilla Pacheco, Fernández Ortega y otros, y Rosendo Cantú y otra Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de abril de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radilla_17_04_15.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso González y otras (“Campo Algodonero”) Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gonz%C3%A1lez_21_05_13.pdf</p>
Peru	<p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_27-11-02.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_27_11_03.pdf</p>

<p>Peru</p>	<p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2004. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_17_11_04.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 3 de abril de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_03_04_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 19 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_19_05_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_26_11_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Durand y Ugarte Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/durand_27_11_02.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Durand y Ugarte Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 05 de Agosto de 2008. http://corteidh.or.cr/docs/supervisiones/durand_05_08_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 18 de octubre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_18_10_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_01_07_09.pdf</p>
<p>Uruguay</p>	<p>Corte IDH. Caso Gelman Vs. Uruguay. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 20 de marzo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gelman_20_03_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 05 de julio de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_05_07_11.pdf</p>

Uruguai	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 13 de febrero de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_13_02_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 28 de abril de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_28_04_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de septiembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_21_09_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 22 de febrero de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_22_02_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso La Cantuta Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 20 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantuta_20_11_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Anzualdo Castro Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de agosto de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/anzualdo_21_08_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Osorio Rivera y familiares Vs. Perú. Sentencia de 20 de noviembre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_290_esp.pdf Sentencia de 26 de noviembre de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_274_esp.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú. Sentencia de 01 de septiembre de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_299_esp.pdf</p>

VARGAS, 2016.

*Tabela construída pela consultora com base nas informações disponíveis nos questionários e no site da Corte IDH – buscador de Jurisprudência, disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/cf/Jurisprudencia2/index.cfm?lang=es> acesso em 1/10/2016.

[Volta ao Sumário]

Mariluci Cardoso de Vargas

DESAPARICIÓN FORZADA Y JUSTICIA DE TRANSICIÓN EN AMÉRICA LATINA: JUDICIALIZACIÓN Y ARCHIVOS

VERSÃO BILINGUE

DESAPARECIMENTO FORÇADO E
JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO
NA AMÉRICA LATINA:
JUDICIALIZAÇÃO E ARQUIVOS



MEMORIAL DA ANISTIA

REDE LATINO-AMERICANA DE
Justiça de Transição





Ministério da Justiça e Cidadania
Comissão de Anistia

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Justiça e Cidadania
Alexandre de Moraes

Presidente da Comissão de Anistia
Almino Monteiro Álvares Afonso

Vice-Presidente da Comissão de Anistia
Grace Maria Fernandes Mendonça

Coordenadora-Geral do Memorial da Anistia Política do Brasil
Magally Dato Rodrigues

Conselheiros da Comissão de Anistia

Alberto Goldman
Almino Monteiro Álvares Afonso
Amanda Flávio de Oliveira
Ana Maria Lima de Oliveira Baia
Arlindo Fernandes de Oliveira
Carlos Bastide Horbach
Carolina Cardoso Guimarães Lisboa
Eneá de Stutz e Almeida
Eunice Aparecida De Jesus Prudente
Fabiano Menke
Fernando Dias Menezes de Almeida
Florianio Peixoto de Azevedo Marques Neto
George Rodrigo Bandeira Galindo
Gilda Portugal Gouveia
Grace Maria Fernandes Mendonça

Henrique de Almeida Cardoso
José Francisco Rezek
José Rogério Cruz e Tucci
Kaline Ferreira Davi
Luiz Alberto Gurjão Sampaio de Cavalcante Rocha
Marina da Silva Steinbruch
Mário Miranda de Albuquerque
Marlon Alberto Weichert
Nina Beatriz Stocco Ranieri
Otavio Brito Lopes
Paulo Lopo Saraiva
Rita Maria de Miranda Sipahi
Rodrigo Gonçalves dos Santos
Vanda Davi Fernandes de Oliveira

Mariluci Cardoso de Vargas

DESAPARICIÓN FORZADA Y JUSTICIA DE TRANSICIÓN EN AMÉRICA LATINA: JUDICIALIZACIÓN Y ARCHIVOS



Florianópolis-SC, 2016



REDE LATINO-AMERICANA DE JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO 2016

Membros plenos

Centro de Análisis Forense y Ciencias Aplicadas (CAFCA) – Guatemala
Centro de Estudios Legales y Sociales (CELS) – Argentina
Centro de Estudos sobre Justiça de Transição (CTJ) – Brasil
Comissão de Anistia – Brasil
Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos – México
Facultad de Derecho de la Universidad del Rosario – Colômbia
Universidad del Rosario – Colômbia
Grupo de Estudos sobre Internacionalização do Direito e Justiça de Transição (IDEJUST) – Brasil
Instituto de Democracia y Derechos Humanos de la Pontificia Universidad Católica del Perú – Peru
Instituto de Derechos Humanos de la Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (IDHUCA) – El Salvador
Instituto de Pesquisas e Estudos Jurídicos do Centro de Estudos Superiores de Santa Catarina – Brasil
Memoria Abierta – Argentina
Núcleo de Preservação da Memória Política – Brasil
Observatorio de Justiça Transicional de la Universidad Diego Portales – Chile
Observatorio Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica – Uruguay
Observatorio Luz Ibarburu – Uruguay
Secretaria-Executiva da RLAJT (UnB/UFMG) – Brasil
Universidad de Lanus – Argentina

Membros afiliados

Antonio Coelho Pereira – Uruguai
Andres Del Rio Roldan – Universidade Federal Fluminense (Brasil)
Catalina Vallejo – CRITICTJ – Universidad de Los Andes (Colômbia)
Carlos Bravo Ramírez – CRITCTJ – Comisión Nacional de Derechos Humanos (México)
Eric Wiebelhaus-Brahm – University of Arkansas at Little Rock (Estados Unidos)
Francesca Lessa – University of Oxford (Reino Unido)
George Radics – CRITICTJ – National University of Singapore (Singapura)
Jo-Marie Burt – George Mason University (Estados Unidos) e Washington Office on Latin America – WOLA (EUA e Peru)
José Benjamin Cuéllar Martínez – Universidad Centroamerica José Simeón Cañas (El Salvador)
Nina Schneider – Universität Konstanz (Alemanha)
Noemi Perez Vasquez – CRITICTJ – SOAS (Inglaterra/Venezuela)
Olga Prado Carcovich – Consultora da Comissão Nacional da Verdade, 2013-2014 (Brasil)
Ram Natarajan – CRITICTJ – University of Arkansas (Estados Unidos)
Rogelio Agustín Goiburu – Oficina de Memoria Histórica y Reparación (Paraguai)
Rosely A. Stefanos Pacheco – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Brasil)
Simone Rodrigues Pinto – Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade, UnB (Brasil)
Vanessa Dorneles Schinke – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (Brasil)

SECRETARIA-EXECUTIVA DA RLAJT (2016-2017)

Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Minas Gerais (CJT/UFMG)

Coordenação

Camila Prando (UnB)
Emílio Peluso Neder Meyer (UFMG)

Professores Pesquisadores

Cristiano Paixão (UnB)
José Otávio Nogueira Guimarães (UnB)
Liziane Guazina (UnB)
Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira (UFMG)

Pesquisadoras Relatorias

Claudia Paiva Carvalho (UnB)
Mariluci Cardoso Vargas (UFRGS)

Bolsistas

Ana Paula Duque (UnB)
Camilla Cristina Silva (UFOP)
Maria Pia Guerra (UnB)
Patrícia Cunegundes (UnB)
Vanuza Nunes (UFMG)

Estagiários

Felipe Guimarães Assis Tirado (UFMG)
Raquel Cristina Possolo Gonçalves (UFMG)

Esta publicación fue apoyada por la Secretaría Ejecutiva de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional, incluido en el Proyecto Memorial de Amnistía (proyecto Fundep 17.076), la Comisión de la Amnistía y la Universidad Federal de Minas Gerais, así como la Fapemig (proyecto OET – 00610 – 16). La Secretaría Ejecutiva de la RLAJT tiene su sede, en los años de 2016 y 2017, en el Centro de Estudios sobre Justicia Transicional da UFMG e na UnB. Las opiniones y los datos contenidos en la obra son de responsabilidad de los autores y no reflejan los puntos de vista del Gobierno Federal.

Revisión

Emilio Peluso Neder Meyer

Lucía Guadalupe Chávez Vargas (equipe da Comissão Mexicana de Defesa y Promoción de los Derechos Humanos)

Traducción

Paula Zawadzki

Diagramación

Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha



EDITORA TRIBO DA ILHA

Rod. Virgílio Várzea, 1991 – Saco Grande

Florianópolis-SC – CEP 88032-001

e-mail: editoratribodailha@gmail.com

Fone: (48) 3238 1262 | 9122-3860

www.editoratribo.blogspot.com

Lista de siglas

ADIVIMA Asociación para el Desarrollo Integral de las Víctimas de la violencia en las Verapaces

ADPF *Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental*

AG *Assembleia Geral*

ALN *Ação Libertadora Nacional*

APRODEH Asociación Pro Derechos Humanos

ASFADDES Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos

BNDG Banco Nacional de Datos Genéticos

CADHAC Ciudadanos en Apoyo a los Derechos Humanos, A.C.

CCAJAR Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo

CCJ Comisión Colombiana de Juristas

CEPAZ Centro de Estudios y Acción para la Paz

CEH Comisión de Esclarecimiento Histórico

CEJIL Centro por la Justicia y el Derecho Internacional

CELS Centro de Estudios Legales y Sociales

CEMDP *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*

CICIG Comisión Internacional contra la Impunidad en Guatemala

CICR *Comitê Internacional da Cruz Vermelha*

CICV Comité Internacional de la Cruz Roja

CIDFP/OEA *Convenção Interamericana de Desaparecimento Forçado de Pessoas*

CIDH *Comissão Interamericana de Direitos Humanos*

CIPPDF/ONU *Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados*

CJT *Centro de Estudos sobre Justiça de Transição*

CMDPDH Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos

CNB Comisión Nacional de Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos durante el Conflicto Armado Interno

CNMH Centro Nacional de Memoria Histórica

CNV Comissão Nacional da Verdade

COMISEDH Comisión de Derechos Humanos

COMPAZ Comisión para la Paz

CONADEP Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas

CONAVIP Coordinadora Nacional de Víctimas de la Violencia

COPACHI Comité de Cooperación por la Paz en Chile

Corte IDH *Corte Interamericana de Derechos Humanos*

CREOMPAZ Comando Regional de Entrenamiento de Operaciones de Mantenimiento de Paz das Nações Unidas

CS *Conselho de Segurança*

CVR Comisión de la Verdad y Reconciliación

DIDH *Direito Internacional dos Direitos Humanos*

DIH *Direito Internacional Humanitário*

DINA Direção de Inteligencia Internacional

DPCDF *Declaração Sobre a Proteção de Todas as Pessoas Contra o Desaparecimento Forçado*

DPI *Direito Penal Internacional*

EAAF Equipo Argentino de Antropología Forense

EPAF Equipo Peruano de Antropología Forense

ER *Estatuto de Roma*

ESMA Escuela Mecánica de la Armada

FAFG Fundación de Antropología Forense de Guatemala

FAMDEGUA Asociación Familiares de Detenidos Desaparecidos de Guatemala

FARC-EP Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo

FEDEFAM Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos

FEDEFAM Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos

FEMOSPP Fiscalía Especial sobre los Movimientos Sociales y políticos del pasado

GAM Grupo de Apoyo Mutuo

GIDH Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos

GTDFI *Grupo de Trabalho sobre os Desaparecimentos Forçados ou Involuntários de Pessoas das Nações Unidas*

GTNM/RJ *Grupo Tortura Nunca Mais no Rio de Janeiro*

IAIP Instituto de Acceso a la Información Pública

ICAED International Coalition Against Enforced Disappearances

IDHUCA Instituto de Derechos Humanos de la Universidad Centroamericana José Simeón Cañas

IDL Instituto de Defensa Legal

INDH Instituto Nacional de DDHH

OEA *Organização dos Estados Americanos*

OJTUDP Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales

OLAP Observatório Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica

ONU *Organização das Nações Unidas*

PC do B *Partido Comunista do Brasil*

PCP-SL Partido Comunista del Peru-Sendero Luminoso

PNUD *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*

REMHI Recuperación de la Memoria Histórica

RLAJT *Rede Latino Americana de Justiça de Transição*

SML Servicio Médico Legal

TPI *Tribunal Penal Internacional*

UFMG *Universidade Federal de Minas Gerais*

UNB *Universidade de Brasília*

Desde el momento del secuestro, la víctima perdía todos los derechos; privada de toda comunicación con el mundo exterior, confinada en lugares desconocidos, sometida a suplicios infernales, ignorante de su destino, mediato o inmediato, susceptible de ser arrojada al río o al mar, con bloques de cemento en sus pies, o reducida a cenizas; seres que sin embargo no eran cosas, sino que conservaban atributos de la criatura humana: la sensibilidad para el tormento, la memoria de su madre o de su hijo o de su mujer, la infinita vergüenza por la violación en público; seres no sólo poseídos por esa infinita angustia y ese supremo pavor, sino, y quizás por eso mismo, guardando en algún rincón de su alma alguna descabellada esperanza.

(Prólogo Nunca Más,1984)

Paz sin Desaparecidos, Paz con Verdad.

(Comisión de Búsqueda de Personas Desaparecidas, Semana del detenido desaparecido, Colombia, 2016)

A todas las personas afectadas por la desaparición forzada, sus familiares y amigos

Sumario

PRESENTACIÓN	169
PRÓLOGO	171
NOTA INTRODUCTORIA	173
El desarrollo de la desaparición forzada como un fenómeno de exterminio en Latinoamérica.....	179
CAPÍTULO 1	
DESAPARICIÓN FORZADA Y SU CONCEPTUALIZACIÓN JURÍDICA: CAMINOS PARA EL RECONOCIMIENTO, LA CARACTERIZACIÓN, LA PUNICIÓN Y LA NO REPETICIÓN	186
1.1 El crimen de desaparición forzada en el Derecho Internacional	191
1.2 La desaparición forzada en Derecho Internacional Humanitario	193
1.3 La desaparición forzada en el Derecho Internacional de los Derechos Humanos (DIDH)	204
1.4 Derecho Penal Internacional	217
1.5 Consideraciones finales	221
CAPÍTULO 2	
LOS CASOS DE DESAPARICIONES FORZADAS EN LA CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS Y LA RECEPCIÓN DE LAS SENTENCIAS CONDENATORIAS POR LOS PAÍSES ESTUDIADOS POR LA RLAJT	224
2.1 De los caminos de este estudio y de los trámites de una acción hasta la admisibilidad de la Corte IDH.....	224
2.2 El trabajo empírico con las sentencias condenatorias de la Corte IDH.....	226
2.3 Perú, Guatemala y Colombia: judicialización y archivos.....	232
2.4 El Salvador, Argentina y México: judicialización y archivos	252
2.5 Brasil y Uruguay: judicialización y archivos.....	270
2.6 Chile – judicialización y archivos	281
2.7 Consideraciones Finales.....	285
ANEXOS I	
Cuestionario desaparición forzada: judicialización	298
ANEXO II	
Cuestionario desaparición forzada: archivos.....	306
ANEXO III	
Guión base de una de las entrevistas brasileñas: Victória Grabois.....	309
Guión base de una de las entrevistas en español: José Pablo Baraybar	309
ANEXO IV	
Cuadro de Resoluciones de Supervisión de Cumplimiento de Sentencia para los casos de desapariciones forzadas juzgadas por la Corte IDH de los países miembros de la RLAJT	311

Presentación

El libro “Desapariciones Forzadas y justicia transicional en América Latina: judicialización y archivos” es un importante fruto más del trabajo desarrollado en el ámbito de la Secretaría de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional (RLAJT). Durante el año de 2015, la Secretaría de la RLAJT tuvo su sede partida entre la Universidad de Brasilia (UnB) y la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ). Se contrató dos consultorías con el objetivo de producir informes sobre dos temas escogidos por los miembros de la RLAJT: judicialización y archivos. Carla Osmo y Shana Santos, publicaron, entonces, los trabajos “Judicialización de la Justicia Transicional en Latinoamérica” y “Tratamiento de Archivos de Derechos Humanos en Latinoamérica”, ambos en el 2016. Los trabajos forman parte del acervo de la RLAJT disponible en su sitio web (<http://rlajt.com/publicacoes/>).

Sin embargo, durante la asamblea de la RLAJT de 2015, las organizaciones que forman parte de ella, decidieron que las temáticas de investigación para el año 2016 aún tendrían enfoque en las cuestiones de judicialización y archivos. Aunque esta lente fuera mantenida, sin embargo, dos temas deberían cruzarlas: los crímenes sexuales y los crímenes de desaparición forzada. De ahí la Secretaría de la RLAJT, ante convocatoria pública, ha seleccionado la investigadora y doctoranda en Historia por la Universidad Federal del Río Grande del Sur, Mariluci Cardoso de Vargas, a que elaborara el trabajo direccionado al crimen por desaparición forzada.

Reconocido por la normativa internacional como un crimen contra la humanidad, la desaparición forzada se consolidó en Latinoamérica justamente en los periodos dictatoriales que la asolaron. La cuestión es que los aparatos de seguridad (pocos de ellos, de hecho, no más aparatos represivos) perpetuaron en los periodos democráticos la práctica de tales crímenes. En una situación como la actual, en la que la inestabilidad política y institucional parece haber retornado en escena en diversos contextos latinoamericanos, una rigurosa investigación sobre la desaparición forzada gana aún más importancia.

El trabajo está dividido entre dos capítulos. En el primer de ellos, un abordaje más conceptual busca presentar la categorización jurídica del crimen por desaparición forzada y la creciente necesidad de su investigación y punición. En el segundo capítulo, la investigadora adopta una perspectiva transnacional para tratar del modo cómo el

Sistema Interamericano de Derechos Humanos enfrenta el crimen. En ese mismo espacio, ella dialoga con todos los contextos latinoamericanos representados en la RLAJT: Perú, Guatemala, Colombia, El Salvador, Argentina, México, Brasil, Uruguay y Chile. El trabajo es aún integrado por adjuntos documentales que subsidiaron la investigación: encuestas y entrevistas, así como resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencias de la Corte Interamericana de Derechos Humanos.

En el 2016, se abrigó la Secretaría de la RLAJT dentro del proyecto del Memorial de la Amnistía Política (proyecto FUNDEP 17.076), conducido por la Rectoría de la UFMG y por la Comisión de Amnistía. Como atesta el plan de trabajo del referido proyecto, “El objeto del plan de trabajo del Memorial consiste en la generación de contenidos, producción e instalación de proyecto museográfico completo, exposición de larga duración de alta interacción con los visitantes, producción de contenidos para el acervo del Memorial y acciones de articulación con instituciones actuantes en justicia transicional y memoria. Sus productos abarcan: acciones de articulación y cooperación institucional con entidades que actúan en el área de justicia transicional y memoria, especialmente por medio de la RLAJT, aportando apoyo a sus actividades, de manera que genere subsidios (investigaciones, informes, seminarios, publicaciones y otros productos) que integren el acervo del Memorial de la Amnistía Política de Brasil y que orienten el proceso de formulación de los proyectos museográfico y pedagógico”.

De esa forma, gran parte de la actividad desempeñada en el ámbito de la Secretaría de la RLAJT pretendió la producción de insumos para el futuro Memorial de la Amnistía Política, cuya construcción se está tornando, también, objeto de lucha por parte de actores políticos involucrados con la justicia transicional en Brasil. Se entiende que, además de los destinatarios directos de los informes de la RLAJT – las organizaciones que la integran (<http://rlajt.com/quem-somos/membros-permanentes/>) – el trabajo debe estar direccionado al gran público que tiene el derecho de conocer el pasado dictatorial latinoamericano y buscar, cada vez más, garantías de no repetición.

Esperamos que el lector pueda disfrutar y compartir de esta fuente más de investigación que aporta aún más para el acervo de la RLAJT.

Emilio Peluso Neder Meyer (UFMG)

Camila Cardoso de Melo Prando (UnB)

Coordenadores de la Secretaría de la RLAJT (2016-2017)

[Volta ao Sumario]

Prólogo

En la región de América Latina está documentada la existencia de conflictos armados y dictaduras que han propiciado graves violaciones a los derechos humanos. En muchos casos, esos crímenes han sido calificados como crímenes de lesa humanidad por cortes nacionales o internacionales.

Los regímenes autoritarios que han generado periodos de violencia en América Latina han tenido como resultado común la comisión de un alto número de crímenes atroces, entre ellos la desaparición forzada. El informe que elabora la Secretaría de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional abona un apartado teórico que parte de la importancia del reconocimiento, caracterización, sanción y garantías de no repetición del grave crimen que constituye la desaparición forzada de personas en los contextos de justicia transicional. Además, resalta la gravedad de este crimen cuando forma parte de un patrón sistemático y generalizado cuya comisión es directamente vinculada a estructuras estatales.

El informe considera la desaparición forzada como un crimen generador de un estado de terror social. Esa condición evidenciada por el gran número de víctimas e impunidad que rodea a ese atroz crimen.

Países miembros de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional en el transcurso de los años, acabada la dictadura o tras la firma de acuerdos de paz, han conseguido investigar y juzgar a responsables de esos crímenes atroces, incluso a altos mandos. Otros países se han enfrentado a contextos de impunidad en donde además interviene la violencia provocada por el crimen organizado y ahora presentan desafíos complejos para la consecución de la justicia.

Ante estos escenarios, el informe de la Secretaría de la Red trata el tema de los archivos y su vínculo con la judicialización y su relevancia en el tema de la desaparición forzada de personas, con particular atención a los avances que en materia de justicia transicional han provocado las sentencias de la Corte Interamericana de Derechos Humanos y el desarrollo jurisprudencial que esa Corte ha conformado desde el caso Velásquez Rodríguez Vs. Honduras (1987).

En el Informe que se presenta, así como en el Tercer Congreso Internacional de la Red (2016) salió a relucir el importante esfuerzo

principalmente de las víctimas, acompañadas por organizaciones de la sociedad civil, para la recuperación, sistematización y análisis de archivos y judicialización de los casos.

En las experiencias comparadas en América Latina, en el impulso de las causas penales, los procesos de búsqueda y de la exigencia de la verdad se evidencia como común denominador a las víctimas como impulsores de los procesos, siendo clave su participación activa en diversos ámbitos de exigencia política, jurídica y comunitaria.

El papel de la sociedad civil experta en derechos humanos ha sido factor también para el impulso en algunos los países de la región de estrategias novedosas para llevar a juicio a los altos mandos responsables de crímenes graves.

La Región de América Latina aún presenta serios retos para la implementación de los elementos que componen la justicia transicional: verdad y memoria, justicia, reparación integral y garantías de no repetición, relacionada con crímenes del pasado, prácticas que en algunas ocasiones desafortunadamente se siguen suscitando en algunos países. Por ello y otras muchas razones más, el presente informe constituye un valioso aporte, el cual presenta experiencias comunes y diferenciadas de los nueve países que conforman la Red. La utilidad de ello consiste en el intercambio de experiencias en los países sobre esos procesos de justicia transicional para la mejora de sus instituciones sobre todo de procuración de justicia, erradicación de la impunidad, procesos de consecución de la verdad y de atención integral a víctimas.

María Eugenia Carrera Chávez

Centro de Análisis Forense y Ciencias Aplicadas

Lucía Guadalupe Chávez Vargas

Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos

[Volta ao Sumario]

Nota introductoria

Este estudio es el resultado de una consultoría sobre la *Desaparición Forzada: justicia y archivos*, vinculada con las actividades de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional (RLAJT), red que surgió a partir del acercamiento de la Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia de Brasil con importantes entidades de estudio e inserción política sobre la temática en la región. La RLAJT actualmente cuenta con la participación de grupos ocupados en observar las realidades locales desde la perspectiva de pautar políticas en términos de verdad, memoria, justicia y reformas institucionales, parte del proceso de superación de regímenes autoritarios o conflictos armados internos. Ese esfuerzo está compartido por grupos de nueve países: Argentina, Brasil, Chile, Colombia, El Salvador, Guatemala, México, Perú y Uruguay. Estos representantes, en su última Asamblea General, realizada en la capital federal de Brasilia, en noviembre del 2015, indicaron el tema de la desaparición forzada como guía para los trabajos del bienio 2016-2017.

El Informe *Desaparición Forzada: justicia y archivos* contiene resultados de la investigación realizada por la consultora Doctoranda en Historia de la Universidad Federal del Río Grande del Sur (UFRGS) Mariluci Cardoso de Vargas, bajo la orientación del Profesor Doctor en Derecho Emilio Peluso Neder Meyer, uno de los coordinadores de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT (2016-2017), y coordinador del Centro de Estudios sobre Justicia Transicional(CJT) de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG). Se destaca que la Secretaría Ejecutiva está compartida con la Universidad de Brasilia, bajo la coordinación de la Profesora Doctora en Derecho Camila Cardoso de Mello Prando. Las consultorías se insertan en uno de los proyectos abarcados por la Política Nacional de Promoción de la Justicia Transicional y de la Amnistía Política,¹ el Memorial de la Amnistía Política de Brasil, aún

1. Informaciones sobre Política del 2016 se encuentran en <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulga-principais-acoes-da-politica-nacional-de-anistia-politica>, acceso 1/10/2016.

en etapa de implementación, gestionado por la Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia e implementado por la Rectoría de la UFMG.²

Los datos recogidos para estudio son el resultado del intercambio de conocimientos, que fueron puestos a disposición por medio de cuestionarios elaborados por la autora de este informe y contestados por representantes de los países miembros, junto con la realización de entrevistas con expertos en la materia.³ La experiencia empírica moldeó la dirección de los enfoques en los que se trabajará adelante, los que contaron con el soporte de diversos estudios provenientes de las Ciencias Humanas y de las Ciencias Sociales Aplicadas, además de la jurisprudencia y normativas sobre la desaparición forzada.

Antes de analizar la conceptualización jurídica del crimen por la desaparición forzada, es necesario subrayar que ésta es una práctica que no se inauguró en Latinoamérica, ni siquiera durante el siglo XX. Registros sobre el crimen de desaparición forzada, aunque no llevaran este concepto, están considerados como uno de los horrores utilizados por los nazistas durante la Segunda Guerra Mundial.

En Latinoamérica esta práctica alcanzó y llega a diversos grupos políticos, étnicos, raciales y aún mujeres y hombres de diversos rangos de edad, como es el caso de los niños victimados por la desaparición forzada y que es una de las complejidades de este tipo de crimen, cuyo destino en algunos casos no es la muerte física, sino que la anulación de la identidad original.

De esta forma, esta práctica posee una temporalidad desde el pasado hasta el presente, por dos situaciones: 1) delitos sucedidos durante regímenes autoritarios o conflictos armados internos y que después de la transición hacia la democracia, no se solucionaron por el hecho de que los Estados no se deshicieron de los “escombros” de graves violaciones.

2. La consultoría empezó en abril del 2016. A lo largo del desarrollo de este trabajo, Brasil pasó por una grave inestabilidad política, a partir del proceso de *destitución* votado por el Congreso Nacional en contra la Presidenta electa en el 2014, Dilma Rousseff. De esa forma, en mayo del 2016, Michel Temer asumió la presidencia de forma interina y, en el 1º de septiembre, de forma permanente. Desde el proceso de alejamiento temporal de Dilma Rousseff, hubo modificaciones en el marco ministerial, y con esto el Ministerio de Justicia pasó a ser Ministerio de Justicia y Ciudadanía. La Comisión de Amnistía, por tratarse de una comisión de Estado y no de gobierno, con el apoyo de la Ley nº 10.559/2002, mantiene sus trabajos. Con todo, la composición del marco de miembros y consejeros de la Comisión de Amnistía se configuró nuevamente el 02 de septiembre de 2016, a partir de la exoneración de consejeros por el Ministerio de Justicia, la renuncia por parte de algunos de ellos y la indicación de una nueva composición. Ver publicación en el Diario Oficial de la Unión, disponible en: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=2&pagina=36&data=02/09/2016> acceso el 5/9/2016.

3. Les agradezco a todas las personas que aportaron al contestar los cuestionarios y por ceder las entrevistas, materiales que estarán en el banco de datos de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT.

Luego, aún se presentan casos inconclusos, de los cuales surgen, al menos, uno de los problemas, a continuación, por solucionar: precarios aclaramientos sobre la muerte y la desaparición; falta de localización e identificación para la entrega de los cuerpos a los familiares o restitución en vida en el caso de los niños apropiados; inexistencia o no conclusión de juzgados de los involucrados con la punición prevista para delitos de esa naturaleza; inexistencia de reconocimiento público de los Estados para la reconstitución ética y moral de la sociedad en general; 2) delitos que siguen sucediendo en la vigencia de regímenes democráticos, que dependen de la calidad del ejercicio institucional de este concepto, en los que los Estados de Derecho se hacen responsables por graves violaciones de los derechos humanos. Estos crímenes bajo estos regímenes políticos, además de que ponen en riesgo la fiabilidad en los procesos transicionales, como en los Poderes Ejecutivo, Legislativo y Judicial, terminan por generar, con eso, la permanente aprensión sobre la estabilidad política y social.

Tal aprensión se disemina por Latinoamérica cuando nos encontramos con los cientos de iniciativas de denuncias sobre crímenes contra la humanidad, requerimientos para el reconocimiento de esas prácticas, apelaciones para el rompimiento de la impunidad y acciones para promover políticas públicas que estimulen la reconstrucción de Estados libres de las herencias de terror y de violencia.

Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo proponer una lectura crítica sobre cómo los países con legados autoritarios y situaciones posconflicto están manejando los crímenes de la desaparición forzada respecto a la judicialización y al acceso a la información. La negación de crímenes de esa naturaleza por instituciones estatales es una práctica que se repite entre los países latinoamericanos.

En ese sentido, para aclarar los abordajes evocados, se comprende que la judicialización relacionada con la noción de justicia transicional tiene como punto central el Poder Judicial, “en primer lugar, en la esfera penal, o sea, en acciones dirigidas a la responsabilidad (punición) criminal de los autores de graves violaciones de derechos humanos; y, en segundo lugar, en la esfera civil, o sea, en las diversas acciones no penales relacionadas con otras medidas o políticas públicas de justicia transicional.” (OSMO, 2016, p. 23). Sin embargo, con el fin de comprender el desarrollo de las políticas para esa pauta, no se desconsiderarán las iniciativas que afecten e impulsen prácticas del Legislativo y del Ejecutivo, muy demandados por la sociedad civil bajo la égida de la justicia transicional, sobre todo para trazar el panorama sobre los archivos, preservación y acceso.

A partir de la constatación de que la esfera del Judicial es fundamental para los desdoblamientos sobre la justicia, esta investigación le dará privilegio, de forma general, al manejo del Derecho Internacional de los Derechos Humanos para responder sobre la desaparición forzada en los países miembros de la RLAJT. Especialmente, será valorada la interlocución entre la esfera regional y doméstica, que es: el Sistema Interamericano de Derechos Humanos. Éste se debatirá a partir de los análisis de la Jurisprudencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos (Corte IDH) y las repercusiones de estas decisiones en el campo interno de los países condenados por casos de desapariciones forzadas, por lo que se refiere a la justicia, al derecho a la verdad, a los archivos y al acceso a la información. De esa manera, el objetivo es evidenciar los efectos generados por las condenas en las prácticas de los diversos segmentos involucrados con la justicia transicional de estos países.

Se destaca que las fuentes ejemplares para verificar de qué forma la jurisprudencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos impacta las decisiones de los tribunales domésticos de los Estados y en las políticas del derecho a la verdad, además de las sentencias de mérito para los casos de desapariciones forzadas, serán las resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia elaboradas por la Corte IDH. El marco conceptual del crimen de desaparición forzada será explotado, lógicamente, a través de declaraciones, convenciones y tratados internacionales. Luego, a partir de este *corpus normativo* se buscará comprender algunos puntos que se desdoblán en una escala que va desde lo regional hacia lo local:

1. la dimensión de la desaparición forzada como concepto jurídico para la Corte IDH y como su caracterización se ha incorporado en nuevas lecturas a lo largo de las sentencias de mérito, de manera que adense el grado de violaciones alcanzadas a partir de las especificidades y complejidades de los casos;
2. las obligaciones dirigidas a los Estados condenados por la Corte IDH, como reflejo de sus responsabilidades con la Organización de los Estados Americanos (OEA) y las variables que integran los puntos de reparación, relacionados con los aspectos económico, jurídico, político, ético-moral y pedagógico;
3. la disposición de los Estados para cumplir con las medidas reparatoras, lentamente o no, además de las conductas de no cumplimiento frente al proceso de supervisión de la sentencia;
4. las leyes de amnistía o medidas de impunidad y la responsabilidad para el crimen de desaparición forzada en los países que lo

tipificaron, así como las estrategias de judicialización para los países que desconsideran la desaparición forzada como una tipificación penal en su legislación interna;

5. las prácticas e iniciativas institucionales y de la sociedad civil para el control y enfrentamiento del crimen, así como para la promoción de los términos fundamentales para el avance de la justicia transicional, especialmente el derecho a la verdad.

La presentación de este informe de investigación está dividido en dos partes. La primera se dedica a la comprensión del conceptualización de desaparición forzada como instituto jurídico, o sea, como la noción fue y sigue siendo definida por documentos, declaraciones y convenciones de Derecho Internacional Humanitario, Derecho Internacional de los Derechos Humanos y Derecho Penal Internacional. Se destaca que sobresaltan los aspectos de la responsabilidad y del acceso a la información en esos documentos, con el fin de darle privilegio a los abordajes mencionados. La propuesta de la segunda parte está en ampliar la escala de análisis para el Sistema Interamericano de Derechos Humanos. El foco serán los casos juzgados por la Corte Interamericana de Derechos Humanos que llevaron a la condena de los Estados denunciados por los crímenes de desaparición forzada, crímenes practicados a lo largo de periodos dictatoriales o de conflictos armados internos, así como sus repercusiones en las prácticas nacionales. A medida que los casos son explotados, se presentarán las iniciativas para la constitución, preservación y acceso de archivos que aporten para el aclaramiento de los hechos sobre los casos de desaparición forzada.

Los problemas planteados y destacados serán explotados a lo largo de los próximos capítulos, con el fin de aproximar al lector/a de la coyuntura actual sobre las posiciones de la Corte Interamericana de Derechos Humanos sobre las desapariciones forzadas. Se buscará también una verificación del rol de la Comisión Interamericana – que participa de las resoluciones de supervisiones de las condenas – junto con las conductas de los Estados a los que van destinadas las sentencias, y también la relación de los más interesados por concluir los casos a la luz de la Justicia: los familiares de las personas víctimas del crimen. Sin embargo, es fundamental subrayar que un análisis de las direcciones internas dadas por los países sobre la justicia transicional, a partir de la óptica del Derecho Internacional de los Derechos Humanos, no es y tampoco debe de ser el único camino para la comprensión de estos desdoblamientos. O sea, el método nos ayudará a verificar las repercusiones de las sentencias, aunque éste no retrate de forma total los procesos de judicialización en los Estados y tampoco agota las variadas posibilidades de lectura de la materia.

Tratar de países que pertenecen al bloque latinoamericano, además del reto, significa manejar con su pluralidad cultural y con la disparidad de los periodos de construcción o consolidación democrática de estos regímenes. Otra cuestión de fondo, y que no es consensual, es la dialéctica entre lo jurídico y lo político en esta coyuntura y el deber de que esta relación ocurra bajo el signo de la ética. Así, las selecciones y recortes realizados por la autora de la investigación tendrán la tendencia a generar un panorama parcial que, de forma no menos importante, se suma a las investigaciones ya desarrolladas. Así, este estudio pretende estimular otros trabajos con abordajes tangenciales sobre la desaparición forzada en los procesos de justicia transicional.

Se debe notar, sin embargo, que la justicia transicional no debe ser comprendida, en su aplicabilidad, como instantánea y modelar, con el fin de encuadrar o solucionar de forma inmediata cualquier tipo de realidad, a la vista de los contextos que demandan esta noción y sus particularidades. Por eso es necesario no perder de vista las especificidades que caracterizan las relaciones sociales que componen cada país, pues aún hay mucha incertidumbre sobre el destino que se pretende recorrer a la luz de la justicia transicional. Estas vías están compuestas por demandas de realidades que van desde democracias limitadas hasta sociedades que buscan efectivas emancipaciones, de las más distintas órdenes, y que cotidianamente se encuentran ante violaciones de los derechos más básicos, además de las graves violaciones de derechos humanos. Tales preocupaciones están en la pauta de las discusiones sobre la justicia transicional desde que el concepto pasó a ser elaborado. Estas críticas se legitiman a medida que se constatan deudas históricas, jurídicas y políticas, sobre todo abajo de América del Norte:

los ejemplos incluyen el legado de la esclavitud a los afroamericanos y el colonialismo de pueblos originarios. Está lejos de que sea aclarado, sin embargo, teniendo en cuenta el ímpetu inicial para el campo de la justicia de transición, estuvo históricamente localizado en las transiciones latinoamericanas provenientes del periodo autoritario, éstas reivindicaciones para la corrección de las injusticias históricas en democracias maduras serían más bien cumplidas por medidas de justicia transicional “estandarizadas”. De hecho, muchos investigadores del campo de la justicia histórica rechazaron categóricamente la relevancia de algo tan limitado como la justicia de transición. Para estos críticos, la justicia de transición está profundamente relacionada con medidas elaboradas específicamente para la corta duración de una transición política. Ellos ponen énfasis en la importancia de esfuerzos de largo plazo para las transformaciones, los cuales involucran algunos elementos

de reestructuración social como las acciones afirmativas o reformas agrarias, que ellos ven como fundamentalmente diferentes de los objetivos limitados de los procesos judiciales, reparaciones y similares. (ARTHUR, 2011, pp. 123-124)

Construir la crítica sobre el alcance de la justicia transicional no significa rechazarla o no creer en su efectividad. Experiencias de algunos países indican avances en por lo menos tres puntos: a) reconocimiento público de los horrores cometidos por agentes públicos y la punición de los mismos; b) verificación de identidad de niños secuestrados, desaparecidos y la restitución de su círculo social; c) localización de restos mortales e identificación de sus familiares, permitiendo un enterramiento digno.⁴ Con eso, la crítica a la noción de la justicia transicional expresa proposiciones para que los Estados, con amplio apoyo social, puedan renovar su capacidad para impulsar medidas que pasen acciones paliativas, para que los derechos humanos sean incorporados como inderogables y efectivos.

El desarrollo de la desaparición forzada como un fenómeno de exterminio en Latinoamérica

En 1983, luego del regreso de un gobierno civil al Poder Ejecutivo en Argentina, se construyó la *Comisión Nacional sobre la Desaparición de*

4. Ese informe hace parte de una serie de estudios ya desarrollados por la RLAJT, a lo largo de los años 2014 y 2015, cuyos productos le dieron base a esa investigación en el ámbito del panorama de la justicia transicional en los países que poseen organizaciones en la Red. Los cuatro informes ya publicados se encuentran disponibles virtualmente en la página de la RLAJT: <http://rlajt.com/> Dispone de las siguientes referencias: PAIXÃO, Cristiano [et al]. *Relatório 2014*. Brasília: Ministério da Justiça / Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2015. OSMO, Carla. *Judicialização da Justiça de Transição na América Latina* (versión bilingüe). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Traducción al español: Nathaly Mancilla Órdenes. SANTOS, Shana Marques Prado dos. *Tratamento de arquivos de Direitos Humanos na América Latina* (versión bilingüe). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Traducción al español: Guillermo Oscar Abraham. CARVALHO, Cláudia; GUIMARÃES, José Otávio Nogueira; GUERRA, Maria Pia. *Justiça de Transição na América Latina. Panorama 2015* (versión bilingüe). Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Revisión del portugués y español: Laetícia Jensen Eble & Paulo César Thomaz.

Personas (CONADEP).⁵ En septiembre de 1984, se divulgó el producto de las investigaciones de la Comisión, el informe *Nunca Más*, marco para las comisiones análogas instituidas posteriormente. La CONADEP concluyó que la desaparición forzada fue una práctica represiva implementada de forma generalizada por el poder estatal en los años de terror de Estado y recomendó que el delito fuera tratado judicialmente en aquel país como un crimen contra la humanidad. Desde entonces, empezó un largo recorrido por parte de familiares y algunas instituciones latinoamericanas para que

5. Ruti Teitel, referencia para los estudios sobre justicia transicional, propuso una genealogía para esa noción clasificándola en tres etapas. Las comisiones de la verdad aparecen como mecanismos institucionales pertenecientes a la segunda etapa de la justicia transicional, que se localiza aproximadamente entre fines y post la guerra fría. CONADEP, por haber sido constituida a mitad de los años ochenta, antecede el proceso del final de la guerra fría, en las palabras de Teitel “una comisión de la verdad es un organismo oficial, normalmente creado por un gobierno nacional para investigar, documentar y divulgar abusos de los derechos humanos ocurridos en un país durante un periodo de tiempo específico. Este nuevo mecanismo institucional fue usado por primera vez en Argentina.” (TEITEL, 2003, p. 148). Isabelle Chehab (2016), en el estudio de consultoría para la Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia en Brasil, analizó las comisiones de la verdad creadas por países que poseen organizaciones miembros en la RLAJT, subrayando que México es el único país que aún no ha adoptado esta medida. Importante destacar que aquí no listan las comisiones constituidas en el ámbito de la sociedad civil. En Argentina, la *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP) fue creada por medio del Decreto n° 187, el 15 de diciembre de 1983, para aclarar los hechos relacionados con la desaparición de personas durante la dictadura militar en Argentina. En Brasil la *Comisión Nacional de la Verdad* (CNV), por medio de la Ley n° 12.528/2011, instalada el 16 de mayo de 2012, tuvo como finalidad examinar y aclarar las graves violaciones de derechos humanos ocurridas desde septiembre de 1946 hasta octubre de 1988; en Chile, la *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación (Informe Rettig)* fue creada por el Decreto Supremo n° 355, el 25 de abril de 1990, para examinar las graves violaciones de derechos humanos perpetrados entre el 11 de septiembre de 1973 y el 11 de marzo de 1990. Posteriormente, el 11 de noviembre de 2003, por medio del Decreto Supremo n° 1.040, se creó la *Comisión sobre Prisión Política y Tortura*, también conocida como *Comisión Valech*. En Colombia, se creó la *Comisión de la Verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia*, por la Ley n° 975, de 25 de julio de 2005, específicamente para tratar del episodio traumático de violaciones ocurridas en 1985 durante la retomada de posesión del Palacio de Justicia, ocupada por guerrilleros de oposición al gobierno. En El Salvador, la *Comisión de la Verdad para El Salvador* (informe *De la Locura hacia la Esperanza: la guerra de los Doce Años en El Salvador*) se creó por Decreto Legislativo n° 147, el 23 de enero de 1992, inició sus trabajos el 13 de junio de 1992 para investigar las graves violaciones desde 1980. En Guatemala, la *Comisión para el Esclarecimiento Histórico* (Informe *Memoria del Silencio*), del 23 de junio de 1994, tenía como objetivo investigar las graves violaciones de derechos humanos que ocurrieron entre 1962 y 1996. En Perú, la *Comisión de la Verdad y Reconciliación* (CVR) se hizo a través de la Resolución Suprema n° 314, de 27 de febrero de 2001, siendo posteriormente instalada por el Decreto Supremo n° 065, de 04 de junio de 2001 y complementada por el Decreto Supremo n° 101, de 4 de septiembre de 2001, para tratar las violaciones de derechos humanos ocurridas desde mayo de 1980 hasta noviembre de 2000. En Uruguay la *Comisión para la Paz* (COMPAZ), creada por la *Resolución de la Presidencia de la República* n° 858, del 9 de agosto de 2000, pretendió investigar los desaparecimientos durante la dictadura militar uruguaya, que perduró del 27 de junio de 1973 hasta 28 de febrero de 1985. Recientemente, el 19 de mayo de 2015, por medio del Decreto n° 118, Uruguay creó el *Grupo de Trabajo por Verdad y Justicia*, sucesor de los trabajos implementados por la *Comisión para la Paz*, que se propone, en los términos de su art. 1°, a investigar los crímenes de lesa humanidad cometidos por los agentes del Estado – o por aquellos que en su nombre o bajo su aquiescencia actuaron en el periodo entre el 13 de junio de 1973 hasta el 26 de junio de 1973 y del 27 de junio de 1973 hasta el 28 de febrero de 1985.

haya reconocimiento por parte de los Estados, amplia reparación para los entes de desaparecidos, punición para los perpetradores de las violaciones y, principalmente, aclaramiento, identificación y restitución de la persona desaparecida o de los restos mortales para el núcleo social del que ésta haya sido privada.⁶

La desaparición forzada revela el status límite de la condición deshumana en práctica ejercida por grupos civiles o militares, que en nombre del Estado o con la aquiescencia de éste, somete al individuo a privación de libertad a través del secuestro o prisión clandestina, cercenándolo de derechos y garantías durante y posteriormente al delito. Se observa que este crimen injustificable se pone en contra las reglas de toda y cualquier situación de crisis social, aún en momentos de guerra. La práctica de la desaparición forzada adoptada como recurso de terror de Estado por dictaduras civiles y militares o en conflictos armados internos insertó los países de Latinoamérica en una dramática realidad en la que agentes públicos pasaron a acordar, de forma clandestina, dinámicas abusivas de un Estado de excepción permanente, cuyos reflejos y herencias generan retos y dificultades hacia una adecuada transición democrática para las generaciones posteriores. Las graves violaciones de derechos humanos, realizadas en nombre de la “seguridad interna”, estuvieron acompañadas también de violaciones a las propias normativas que caracterizan estados de sitio, situaciones instituidas de forma abusiva que configuraron políticas de terror y violencia de forma extendida hacia varios países que participan de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional.

6. Junto con el marco de CONADEP, el país argentino también posee destaque mundial con el trabajo desarrollado por las asociaciones no gubernamentales de familiares de muertos y detenidos desaparecidos de amplio reconocimiento social, que son: *Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo*, movilizadas desde 1977, aún en el periodo de la última dictadura argentina. Esos grupos generaron protocolos de búsquedas sin precedentes, con la movilización de parte de la comunidad científica internacional y la creación del “índice de abuelidad”, que permite la comparación de datos genéticos entre los abuelos y nietos. En 1987, el *Congreso de la Nación* aprobó por ley la creación del *Banco Nacional de Datos Genéticos* (BNDG); así, exámenes de ADN pasaron a ser considerados como prueba con valor jurídico. La búsqueda de cerca de 500 niños desaparecidos junto con sus progenitores o nacidas en cautiverio resultan en 121 identificaciones y restituciones hasta el 2016, con el caso del hijo de Ana María Lanzillotto y de Domingo “El Gringo” Menna. Sobre los juzgados de los responsables por el terrorismo de Estado y la práctica del secuestro de bebés, las Asociaciones también promovieron procesos. Entre los casos más emblemáticos, juzgados por la Asociación de las *Abuelas*, está la causa conocida como *Plan sistemático de apropiación de menores*, concluida en el 2012, que investigó 35 casos de nietas y nietos (de los cuales 25 fueron restituidos), con la participación de 200 testigos y que llevó a condena por 50 años de detención el ex dictador Jorge Rafael Videla, por permitir el robo de niños. Videla falleció en el 2013 a los 88 años. Véase más informaciones sobre las asociaciones en <https://www.abuelas.org.ar/>; <http://madres.org/>, acceso 3/10/2016.

Al reflexionar sobre la “epidémica” utilización de estados de excepción, el no cumplimiento de sus reglas y la deformidad con la que se moldearon en los países de Latinoamérica (considerando que sobre los años setenta del siglo XX, más de dos tercios de los países de la región recurrieron a expediente análogo), la investigadora de la Red Franco-Brasileña de Internacionalización del Derecho, Kathia Martin-Chenut (2009), llamó la atención para las graves violaciones de derechos humanos ocurridas bajo un falso manto de estado de sitio, alerta, urgencia, emergencia etc. El Estado, aún en situación de excepción, debe seguir normativas del derecho interno, así como respetar a las exigencias del Derecho Internacional de los Derechos Humanos. Así, el derecho a la vida, la prohibición de la tortura y de la esclavitud están entre los “derechos intocables, que no pueden ser derogados en ninguna circunstancia, aún ante los casos de guerra o de peligro público que amenacen a la vida de la nación.” (MARTIN-CHENUT, 2009, p. 230)

El crecimiento de denuncias, sobre todo en los países latinoamericanos, sobre el crimen generador de un estado de terror social y la verificación de que la práctica se volvió sistemática hizo con que la desaparición forzada se tornara objeto de los instrumentos internacionales, que pretenden crear parámetros normativos para su conceptualización jurídica, con el fin de estimular la punición para sus autores y la no repetición. Esos esfuerzos pasaron a ocurrir, no casualmente, después de la Revolución Cubana de 1959, en el contexto de la guerra fría y del desencadenamiento de dictaduras civil-militares que calificaron, aún más, los métodos de represión.

Los regímenes políticos vigentes en los países del continente americano que experimentaron golpes, rompimientos institucionales o inestabilidades políticas por dictaduras y conflictos armados internos, desarrollaron mecanismos para el control político y social contra el ideario de liberación nacional o inspiradas en el marxismo, leninismo o en el maoísmo. Al frente de las enseñanzas de estas prácticas represivas estuvieron los extranjeros expertos en guerras convencionales y clásicas, cuyo objetivo es el enemigo externo, que a través de manuales y cursos para los militares latinoamericanos difundieron tratamientos crueles a los futuros prisioneros de la “subversión”.

Martins Filho (2008) en sus estudios, le dio énfasis a la influencia de la doctrina francesa de *guerre révolutionnaire* en las ideas que fundamentaron la Doctrina de Seguridad Nacional, noción que estuvo por algunos años

estrictamente relacionada con los norteamericanos. El *anticomunismo* militar, marca de la guerra fría, fue, según el científico político brasileño antedicho, la ideología que posibilitó la absorción de conductas ya aplicadas por los franceses en Argelia, que contó con la tortura como método privilegiado para obtener informaciones y donde “se inauguró la práctica de la desaparición de personas destinada a aterrorizar a la población” (ABRAMOVICI, 2006, p. 1). Al inicio de los años sesenta, cursos de guerras contrarrevolucionarias y métodos para el combate a la subversión reforzaron la tradición intervencionista que proporcionó el protagonismo de los militares en la política. De acuerdo con un periodista investigativo francés:

En 1961, con motivo de una misión de la Escuela de Guerra argentina en Perú, uno de los miembros de la misión militar francesa, que participaba del viaje, imagina un curso de lucha anticomunista destinado al conjunto de las fuerzas armadas americanas. Ya existe, por iniciativa de los Estados Unidos, desde un año antes, instalada una estructura, en Fuerte Amador (Panamá): la Conferencia de los Ejércitos Americanos (CEA). Esta organización típica de la Guerra fría, reúne secretamente cada año a los responsables militares latinoamericanos, con sus homólogos del Pentágono. Allí trabajan juntos con un único objetivo: la interconexión de los servicios de información y la formación homogénea de las fuerzas armadas del continente.⁷ (ABRAMOVICI, 2006, p. 2)

Por lo tanto, el *enemigo interno* empezó a ser combatido con el empleo de la *guerra psicológica* en las torturas físicas y psicológicas, que tuvo gran rentabilidad para las dictaduras, por sus efectos multiplicadores del terror que afectó a la sociedad por completo (BAUER, 2012, p. 76). La extensión de una formación militarizada antimarxista generó condiciones para la eficacia institucional transnacional, la que hizo sucumbir grupos involucrados en la resistencia a las dictaduras americanas, siendo emblemático el caso

7. ABRAMOVICI analiza la trayectoria de diversos militares franceses y sus relaciones con los militares latinoamericanos, sobre todo los argentinos.

del Plan Cóndor.⁸ De la década de los ochenta en adelante, morosamente, los países latinoamericanos empezaron a hacer la travesía de dictaduras comandadas por militares para democracias presidencialistas, con el retorno de civiles a puestos ejecutivos, creciendo como consecuencia de movilizaciones en torno a la protección y garantía de los derechos humanos. Además de las denuncias de los instrumentos represivos y dossier con los testigos y documentos sobre las violaciones ocurridas en los periodos anteriores, activistas e investigadores de diversos países del continente perfeccionaron la noción de justicia transicional, sobre todo en el ámbito de una transición para la democracia, la que prescribía la urgencia de que los países implementaran reformas jurídico-institucionales de la política (ARTHUR, 2011).

Simultáneamente con los numerosos intercambios represivos se formaron sistemas de resistencia que también elaboraron mecanismos y prácticas para denunciar los crímenes contra la humanidad y exigir castigo y punición de los autores de las graves violaciones de derechos humanos. La conexión transnacional contrarrevolucionaria provocó el nacimiento de redes de solidaridad y de intercambios de saberes e iniciativas más allá de las fronteras, buscando exigir el cumplimiento del Derecho Internacional de los Derechos Humanos, el avance en la justicia transicional y la consolidación de valores republicanos en instituciones verdaderamente democráticas. Es en esta coyuntura que la RLAJT se inserta

8. El Plan Cóndor fue un acuerdo entre autoridades de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay que, en 1975, instituyó, de forma clandestina, una red de inteligencia interinstitucional para prácticas de secuestros, torturas, asesinatos o desapariciones forzadas. Desde 1992, en el "Archivo del Terror" de Paraguay, se descubrió la documentación que comprueba el objetivo de la operación. La firma del llamado *Plan Cóndor* completó sus 40 años en noviembre de 2015 y, hasta mayo de este año, no había ningún avance judicial que permitiera reconocerlo como un plan institucional para la desaparición forzada. El proceso que tuvo su inicio en 1999 llevó 17 años hasta el juzgado final y contó con más de 200 testigos de los países involucrados y con 25 personas acusadas. En mayo, en Argentina, con las penas más altas, de 25 años de cárcel, la sentencia condenó a Reynaldo Bignone, Santiago Riveros, Manuel Cordero, Miguel Ángel Furci. En el registro se contabilizó 105 personas desaparecidas durante el *Plan Cóndor*: 45 uruguayos, 22 chilenos, 14 argentinos, 13 paraguayos y 11 bolivianos. Ver: CELS. *Plan Cóndor una asociación ilícita para la desaparición forzada de personas*. Disponible en: <http://www.cels.org.ar/especiales/plancondor/#el-veredicto-por-primera-vez-el-poder-judicial-de-un-pais-dio-por-probada-la-asociacion-ilicita> acceso el 1/8/2016. Centro Internacional para la Promoción de los Derechos Humanos *Operación Cóndor: 40 años después*. Disponible en: http://www.cipdh.gov.ar/wp-content/uploads/2015/11/Operacion_Condor.pdf acceso el 1/8/2016. Informe de la Procuraduría de Crímenes Contra la Humanidad del Ministerio Público Fiscal de Argentina. *La Judicialización de la Operación Cóndor*. Disponible en: <http://www.fiscales.gob.ar/wp-content/uploads/2015/11/Informe-ProcuLesas-Op-C%C3%B3ndor-Final.pdf> acceso el 1/8/2016. IPPDH. *Juzgado del Plan Cóndor en Argentina: marco en la historia jurídica de MERCOSUL. 23 de mayo del 2016*. Disponible en: <http://www.ippdh.mercosul.int/pt-br/julgamento-do-plano-condor-na-argentina-marco-na-historia-juridica-do-mercosul/> acceso el 1/8/2016. *El País*. Argentina, primer país que condena a los jefes del Plan Cóndor. 28 de mayo de 2016. Disponible en: http://internacional.elpais.com/internacional/2016/05/27/argentina/1464377638_258435.html?id_externo_rsoc=FB_CC, acceso el 1/8/2016.

e inscribe en la agenda política de los países miembros la importancia de la judicialización de los crímenes contra la humanidad y de la preservación de los archivos de derechos humanos, especialmente para los casos de desapariciones forzadas.

[Volta ao Sumario]

CAPÍTULO 1

DESAPARICIÓN FORZADA Y SU CONCEPTUALIZACIÓN JURÍDICA: CAMINOS PARA EL RECONOCIMIENTO, LA CARACTERIZACIÓN, LA PUNICIÓN Y LA NO REPETICIÓN

Los representantes de organizaciones miembros de la RLAJT afirmaron que sus países realizaron, a través de decretos o leyes, la ratificación de las principales convenciones internacionales sobre la desaparición forzada.⁹ Esta acción indica que los Estados reconocen la presencia del crimen en sus territorios, además de reconocer su compromiso con iniciativas para la no repetición. Sin embargo, la incorporación de normas internacionales, que pretenden crear parámetros para proteger a la población del delito, no se dio sino gracias a los reclamos y exigencias de miles de familiares de las personas afectadas por la desaparición forzada. Es así que se torna necesario presentar un panorama sobre las acciones de reconocimiento, caracterización, castigo y no repetición de la desaparición forzada o involuntaria en la región, así como la adhesión de los Estados a los principales documentos sobre el tema, parte de las demandas de los movimientos de grupos de familiares y víctimas de la desaparición forzada.

Organizaciones más estructuradas o pequeños colectivos que se esfuerzan para el aclaramiento de los casos de desapariciones forzadas, aisladas o no, fueron, en la mayoría de los países, los precursores por denunciar los Estados a los sistemas de protección de derechos humanos y “exigir de la comunidad internacional una reacción institucional que pusiera fin a la barbarie y la promoción de la justicia, verdad y reparación de los afectados” (SFERRAZA, 2014, p. 57). Una de las asociaciones que más fomentó la unión, el cruce de informaciones, la creación de instrumentos para la lucha colectiva y el apoyo humanitario mutuo fue la *Federación Latinoamericana de Asociaciones de Familiares de Detenidos-Desaparecidos* (FEDEFAM),

9. Los datos fueron recogidos de los cuestionarios dirigidos a los representantes de las organizaciones que componen la RLAJT, todos los países contestaron, aunque no todas las cuestiones hayan sido contestadas. El cuestionario posee preguntas de múltiple lección con apertura para aportaciones y comentarios. El modelo se encuentra en adjunto. El contenido elaborado es de responsabilidad de la consultora y el material recogido a través de esa investigación pasará a ser de responsabilidad de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT.

una organización no gubernamental fundada en 1981 en San José (Costa Rica), cuyos objetivos giran en torno de las siguientes acciones:

Rescatar con vida a las víctimas de la desaparición forzada de los lugares de reclusión clandestina donde son mantenidos y obtener la devolución de niños de padres sometidos a desaparición forzada a sus familias de origen y legítimos hogares.

La investigación de cada caso de desaparición forzada y el juicio y el castigo de los responsables de estos crímenes.

La promoción de normas jurídicas nacionales e internacionales que tipifiquen la desaparición forzada como un crimen contra la humanidad y que constituyan medidas de justicia y prevención de este delito. (Disponible en: <http://www.desaparecidos.org/fedefam/>, acceso el 1/9/2016)

Las asociaciones que componen la FEDEFAM tienen su origen en Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Chile, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicaragua, Paraguay, Perú y Uruguay.¹⁰ Es interesante observar que la FEDEFAM fue creada poco después del inicio de algunos mecanismos del Derecho Internacional de los Derechos Humanos impulsados por las Naciones Unidas, tales como la Resolución n° 33/173 del 20 de diciembre de 1978, y el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias de Personas de las Naciones Unidas (GTDFI), en 1980. Dado que el debate sobre el crimen de desaparición forzada se expandió al ámbito internacional, grupos y organizaciones de países de Latinoamérica y del Caribe, se sintieron estimulados para impulsar la socialización de sus dramáticas realidades.

Por lo tanto, a partir del intercambio de experiencias, se dedicaron a crear posibilidades y estrategias conjuntas para exigir acciones efectivas por parte de las autoridades competentes que generaran la responsabilidad individual de los autores de delitos, para que por medio del castigo y rendición de cuentas se aportara al control de la desaparición forzada. De esa forma, la FEDEFAM trabaja en la vertiente de elaboración de denuncias formales para órganos de la Organización de las Naciones Unidas (ONU), aportando con los análisis realizados por GTDFI a través de informes. Asimismo, además de direccionar acciones – en el ámbito judicial – de difusión de las estrategias para la judicialización de los casos de desapariciones forzadas, FEDEFAM busca impulsar a los grupos miembros para que realicen acciones en el ámbito de la memoria, especialmente para la Semana Mundial del *Detenido Desaparecido*, que se celebra anualmente a finales del mes de mayo.

10. Las informaciones fueron recogidas de la dirección virtual de FEDEFAM y, por lo tanto, no hay detalles con relación a su actualidad. Disponible en: <http://www.desaparecidos.org/fedefam/#pa>, acceso el 1/9/2016.

Sobre ese marco memorial, a nivel internacional se reserva no solamente la última semana de mayo para hacerles homenaje a los *Detenidos Desaparecidos*, sino que también desde el 2010, gracias a la Resolución nº 65/209 de la ONU se decidió declarar el 30 de agosto Día Internacional de las Víctimas de Desapariciones Forzadas, mismo que inició en 2011 y tiene la función de exhortar a los Estados Miembros, el sistema de las Naciones Unidas y otras organizaciones internacionales y regionales, así como a la sociedad civil, a que observen este Día (A/RES/65/209).¹¹ De acuerdo a cuestionarios contestados por los representantes de organizaciones parte de la RLAJT con el fin de verificar cómo se realizan los actos de homenaje en sus países de origen, resultó que en los casos de Argentina, Chile, Colombia, El Salvador y Guatemala poseen una fecha específica en el calendario oficial para rendir homenaje a las personas afectadas por las desapariciones forzadas.

En Argentina, se introdujo el 24 de marzo como el *Día Nacional de la Memoria por la Verdad y la Justicia*, en el 2002 a través de la Ley nº 25.633, de 31 de marzo de 2006.¹² La fecha del 24 de marzo en Argentina es conocida en la región sur, en relación al golpe de Estado del 1976 que dio inicio a la dictadura, misma que generó 30 mil muertos y desaparecidos.¹³ En Chile, el 30 de agosto se instituyó como el *Día Nacional del Detenido Desaparecido*, a través del Decreto 121 del 30/08/2006.¹⁴ Además, el 11 de septiembre es una fecha que marca el golpe de Estado chileno en 1973, conocida en Sudamérica por actividades oficiales o extraoficiales organizadas por grupos de la verdad, la memoria y la justicia.¹⁵ En Colombia, la Ley nº 1408 de 2010 le brinda homenaje a las personas expuestas al crimen

11. Disponible en: http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/65/209&referer=http://www.un.org/depts/dhl/resguide/r65_resolutions_table_eng.htm&Lang=S acceso el 1/9/2016.

12. Disponible en: http://www.lapampa.gov.ar/images/stories/Archivos/AsesoríaLey/Leyes/2006/Ley_2243.pdf acceso el 1/9/2016.

13. El 24 de marzo de 2016 el golpe de Argentina cumple 40 años, miles de personas y organizaciones de Derechos Humanos manifestaron homenajes a los muertos y desaparecidos del terrorismo de Estado ante el Palacio de gobierno, en la *Plaza de Mayo*. Disponible en: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-295409-2016-03-25.html> ; <http://www.lavaca.org/notas/24-de-marzo-la-mayor-marcha-por-los-derechos-humanos/> ; <http://www.diariolasamericas.com/america-latina/multitudinaria-marcha-40-anos-del-golpe-militar-argentina-n3709115>, acceso el 1/9/2016.

14. Disponible en: <https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=253912&idParte>, acceso el 1/9/2016.

15. Ver sobre la intervención en la fuente de aguas enfrente al Palacio La Moneda, el 30 de agosto de 2016, día internacional de las víctimas de desaparición forzada, disponible en: <http://peru21.pe/mundo/chile-tinen-rojo-piletas-moneda-dia-detenido-desaparecido-2255909>, acceso el 1/9/2016. Ver sobre las actividades el 11 de septiembre de 2016, disponible en: <http://www.elmundo.es/internacional/2016/09/11/57d59585ca4741561f8b465d.html> ; <http://www.telesurtv.net/news/Chile-rinde-homenaje-a-Allende-a-43-anos-del-golpe-de-Estado-20160911-0019.html> ; <http://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2016/09/10/ministros-visitan-sitios-de-memoria-a-43-anos-del-golpe-de-pinochet/> ; <http://www.t13.cl/noticia/nacional/presidenta-bachelet-encabeza-actividades-conmemorativas-de-este-11-de-septiembre>, acceso el 1/9/2016.

de desaparición forzada y también dicta medidas para su localización e identificación y, en su artículo décimo cuarto, dispone sobre “*la memoria histórica de las víctimas del conflicto colombiano desaparecidas forzosamente será objeto de conmemoración la última semana de mayo, en la semana de los detenidos-desaparecidos, y el treinta (30) de agosto día internacional de los desaparecidos*”.¹⁶ En El Salvador el Decreto n° 197, del 5 de febrero de 2007, establece, en su artículo uno, que “*Declárese el día 29 de marzo de cada año, “Día dedicado a los niños y niñas desaparecidos durante el conflicto armado.*”¹⁷ En Guatemala, el día 21 de junio se decretó por el Congreso, en el 2004, como el *Día Nacional contra la Desaparición Forzada*, reuniendo diversas organizaciones de derechos humanos para recordar a las 45 mil personas victimadas por ese crimen durante el conflicto armado interno, entre los años 1960 y 1996.¹⁸

De los países que no poseen fechas en el calendario oficial, están: Brasil, México, Perú y Uruguay. Brasil no tiene una fecha específica, por decreto o ley, como memoria de los desaparecidos detenidos; sin embargo, grupos y colectivos que levantan la bandera, a menudo realizan actos de “*no celebrar*” el golpe de 1964, generalmente el 31 de marzo o el 1° de abril.¹⁹ En los últimos años, en ese período, a fines de marzo y principio de abril, algunas actividades, en carácter oficial, fueron propuestas por la Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia, en colaboración con la antigua Secretaría Especial de Derechos Humanos de la Presidencia de la República.²⁰

México tampoco tiene una ley o decreto para el día del homenaje, aunque desde el 2010 colectivos y comités reúnen a familiares de detenidos desaparecidos en torno a la “*Campaña Nacional contra la Desaparición Forzada en México: por una Ley General contra la Desaparición Forzada*”; el

16. Disponible en: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_1408_2010.html acceso en septiembre de 2016.

17. Disponible en: http://www.asamblea.gob.sv/eparlamento/indice-legislativo/buscador-de-documentos-legislativos/declarase-el-29-de-marzo-de-cada-ano-dia-dedicado-a-los-ninos-y-ninas-desaparecidos-durante-el-conflicto-armado/archivo_documento_legislativo acceso en septiembre de 2016.

18. Disponible en: <http://latino.foxnews.com/latino/espanol/2016/06/21/guatemala> acceso en 01/09/2016.

19. En una entrevista realizada el 17/09/2016 para ese estudio, Suzana Lisboa, pariente de un desaparecido detenido en Brasil, comentó que muchos días del año son especiales para brindarles homenaje a los muertos y desaparecidos, que no existe un solo día y que, en los años 80, los grupos brasileños acompañaban el calendario de FEDEFAM. (LISBOA & VARGAS, 2016).

20. Homenaje a los muertos y desaparecidos y a los ex perseguidos políticos de 2016, disponible en: <http://www.justica.gov.br/noticias/solenidade-em-memoria-dos-52-anos-do-golpe-ditatorial>, acceso el 1/9/2016; actividades de la Comisión de Amnistía en 2015, disponible en: <http://www.justica.gov.br/noticias/89a-caravana-de-anistia-comeca-nesta-terca-feira-em-belo-horizonte> acceso el 1/9/2016; acto de diversos colectivos contra el olvido y la impunidad en los 50 años del golpe civil militar, disponible en <http://jornalggn.com.br/noticia/o-ato-ditadura-nunca-mais-50-anos-do-golpe-militar>, acceso el 1/9/2016.

30 de agosto, *Día Internacional del Detenido Desaparecido*.²¹ Perú también demarca el 30 de agosto con actividades extraoficiales, pero no existe propiamente una legislación o decreto.²² En Uruguay, los movimientos de la sociedad civil, por medio de convocatoria pública en 1996, demarcaron el 20 de mayo como el día de la *Marcha del Silencio*. Aunque el día de homenaje no esté establecido en la agenda oficial, la movilización popular le dio vida a la marcha silenciosa que hace dos décadas forma parte del calendario de memoria, verdad y justicia entre los países del Cono Sur.²³

De esta sistematización inicial, se observa que las demarcaciones anuales para recordar (¡y no olvidarse!) las desapariciones forzadas por parte de agentes estatales está concatenada con la organización de los grupos afectados por la desaparición forzada. Aún con los trabajos de difusión de denuncias a gran escala, los avances sobre esa temática no están garantizados en el ámbito institucional. Aunque los Estados cumplan con reparaciones simbólicas, como las mencionadas leyes aprobadas en homenaje a los desaparecidos, los proyectos sobre la agenda, en su gran mayoría, no están incorporados en un plan de acción estatal. Esto genera instabilidades en el desarrollo de avances en materia de responsabilidad estatal e individual, pues a medida que hay modificaciones de gobierno, aparecen dificultades para concretar la agenda política en materia de justicia transicional. Ruti Teitel analiza la justicia transicional a lo largo del tiempo explotando los huecos dejados por el Estado y sus instituciones para enfrentar los crímenes cometidos por esos mismos segmentos, tomando en cuenta los costes políticos del pasado hacia el presente y futuro,

A menudo hay resistencia a la propia idea de transición, a medida que plantea la posibilidad de cambios políticos. El problema se da respecto a la adecuación de más comprometimiento después de una catástrofe masiva, sea ante testimonio, acción política o con aporte financiero para la investigación. (TEITEL, 2003, p. 161)

21. Disponible en: <http://hastaencontrarlos.org/spip.php?article1962> acceso en septiembre de 2016.

22. Vídeo Podremos llevarles flores – a las personas desaparecidas en Perú del CICV sobre la ceremonia de enterramiento de 80 personas desaparecidas que fueron restituidas después de 30 años del conflicto armado interno. Disponible en: <https://www.icrc.org/es/document/podremos-llevarles-flores-las-personas-desaparecidas-en-peru> acceso en septiembre de 2016. Campaña Reúne, alerta para la búsqueda de desaparecidos. Disponible en: <https://www.icrc.org/es/document/peru-asociaciones-de-familiares-lanzan-campana-mediatica-en-favor-de-las-personas> acceso en septiembre de 2016.

23. En el 2016, como ya se esperaba, la Marcha del Silencio reunió a miles de personas en la capital de Montevideo, disponible en: <http://www.web.ellibertador.hn/index.php/noticias/internacionales/56-uruguay-marcha-de-silencio-exige-justicia-por-los-desaparecidos> acceso en septiembre de 2016. El día internacional de las víctimas de la desaparición forzada, el 30 de agosto, también está marcado por actividades, véase en: <https://www.presidencia.gub.uy/comunicacion/comunicacionnoticias/dia-internacional-del-detenido-desaparecido> (Fecha de acceso: septiembre de 2016).

Como consecuencia, a partir de la disposición de los agentes involucrados en promocionar transformaciones a lo largo de ese proceso, surgen caminos alternativos para alcanzar la justicia transicional, por ejemplo, decisiones de orden internacional, transnacional, nacional y en el ámbito privado. Estas decisiones generan, según Teitel, un problema normativo de absorción de la interacción entre la justicia transicional, globalización y soberanía. Por eso, en la segunda etapa de la genealogía de la justicia transicional, propuesta por Teitel, algunas de las acciones empeñadas ocurrieron al margen de las instituciones estatales, generando un alto grado de privatización de estos mecanismos.

A lo largo de la espera de transformaciones políticas y jurídicas del Estado en la resolución de problemas provenientes de los crímenes contra la humanidad, familiares y amigos de personas desaparecidas impulsaron la elaboración – por parte de órganos competentes en materia de derechos humanos – de mecanismos e instrumentos que determinarían los Estados a cumplirse bajo la normativa internacional. A continuación se abordará el tema de la verificación de la implementación de normativas, así como sus determinaciones sobre el crimen de desaparición forzada, y la operatividad de la responsabilidad y el derecho a la verdad para crímenes de esa naturaleza son tareas del siguiente tópico.²⁴

1.1 El crimen de desaparición forzada en el Derecho Internacional

La desaparición forzada de personas es una violación particularmente *grave y compleja* de múltiples derechos humanos, incluso de *carácter inderogable* – como ejemplo del propio derecho fundamental a la vida -, protegidos por los tratados y convenciones tanto de derechos humanos como del Derecho Internacional Humanitario. Se trata, además, de una *violación continuada o permanente*, hasta que se establezca el destino o paradero de la víctima desaparecida. (PREFACIO CANÇADO TRINDADE in JARDIM, 1999, p. 12)

Con el fin de evitar la reincidencia de una práctica que, dentro de gobiernos autoritarios o conflictos armados internos, fue usual y sistemática, las normativas internacionales calificaron el crimen de desaparición forzada y empezaron a indicar medidas para responsabilizar a los Estados y a los autores individuales. Para eso, y con la intención de evitar su continuidad, las normativas poseen un contenido punitivo, que debe servir como base

24. De acuerdo con OSMO (2014), el derecho a la verdad es un término técnico-jurídico reciente y en formación y, por lo tanto, le falta una definición objetiva por la pluralidad de sentidos provenientes de su uso político. El derecho a la verdad nace a partir del fenómeno de la privación de informaciones que compone el crimen de desaparición forzada y empieza a ser requerido jurídicamente a partir de la negación, ocultación, destrucción o disimulación de las versiones de crímenes de esa naturaleza.

para reglamentar el delito como un tipo específico en el ámbito del Derecho doméstico de los nueve países contemplados en esta investigación. Como ya se mencionó antes, desgraciadamente, las ratificaciones no garantizan la consolidación de todo el proceso de los Estados latinoamericanos que son denunciados ante el Sistema Interamericano de Derechos Humanos por no presentar avances en los tribunales internos. Además de las especificidades enfrentadas por cada país en lo que se refiere a los obstáculos para la judicialización de los casos de desaparición forzada del pasado, las sociedades actuales aún se enfrentan al reto de erradicación de estos crímenes cometidos en periodos post dictatoriales o de conflictos armados internos.

De los países observados contamos con realidades que se encuentran en etapas distintas referentes a la superación de situaciones de conflicto. Por un lado, está el proceso de Colombia que, en septiembre del 2016, con la firma del *Acuerdo General para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera* entre el gobierno nacional y las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo (FARC-EP), pareció avanzar – aún con el resultado del plebiscito del 02 de octubre de 2016, por otro lado tenemos a Argentina, que desde mitad de los años ochenta se destacó por su establecimiento de marcos en términos de judicialización, identificación y restitución de desaparecidos.²⁵ Sin

25. Sobre Colombia, el 24 de agosto de 2016 se firmó el Acuerdo de Paz en La Habana, Cuba, entre el gobierno colombiano y las FARC. El acuerdo cuenta con testigos de los gobiernos de Cuba y Noruega y contiene puntos que consideran los siguientes aspectos para consolidar el proceso: 1) política de desarrollo agrario integral; 2) participación política: apertura democrática para construir la paz; 3) garantías de seguridad y lucha contra las organizaciones criminosas; 4) solución del problema de drogas ilícitas; 5) víctimas; 6) mecanismos de implementación y verificación. Con relación a las víctimas: *“El acuerdo crea el Sistema Integral de Verdad, Justicia, Reparación y No Repetición, que contribuye a la lucha contra la impunidad combinando mecanismos judiciales que permitan la investigación y sanción de las graves violaciones a los derechos humanos y las graves infracciones al Derecho Internacional Humanitario, con mecanismos extrajudiciales complementarios que contribuyan al aclaración de la verdad de lo ocurrido, la búsqueda de los seres queridos desaparecidos y la reparación del daño causado a personas, a colectivos y a territorios enteros”* (ACUERDO, 2016, p. 6). Las cifras recogidas por el *Alto Comisionado para la Paz* de las víctimas del conflicto de medio siglo de duración apuntan para 45 mil desaparecidos. Ver el contenido del *Acuerdo*, disponible en: https://www.mesadeconversaciones.com.co/sites/default/files/24_08_2016acuerdofinalfinal-1472094587.pdf, acceso el 1/9/2016. Ver vídeo producido por el *Alto Comisionado para la Paz*, disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLPSpb4o8nQ>, acceso el 1/9/2016. Sobre Argentina: el documento fechado del 25 de julio de 2016 emitido por el *Ministerio Público de la Defensa de la provincia de Santa Fe* y presentado durante la 117ª sesión del Comité de Derechos Humanos de las Naciones Unidas en Ginebra, Suiza denuncia casos de desaparición forzada en el país argentino. La delegación bonaerense *“[...] insistió en que existe un déficit concreto y dificultades del Estado en prevenir la violencia institucional y las desapariciones forzadas. [...] concretamente de los casos “Roberto Irueta”, “Franco Casco” y “Gerardo Escobar”, solicitando que se investiguen estos hechos.* (MINISTERIO PÚBLICO DE LA DEFENSA, 2016, p. 2). En uno de los casos mencionados, el de Roberto “Irueta” o “Yrusta”, éste cumplía la pena en una cárcel de Córdoba y después de la denuncia de que sufría torturas en los últimos tres años lo trasladaron hacia una cárcel en Santa Fe. Durante el periodo de traslado, en enero de 2013, su familia no fue informada de su paradero. En el reencuentro con la familia ya en la cárcel de Santa Fe, expresó quejas de malos tratos y un mes después de su traslado fue encontrado muerto en su celda. El caso fue acompañado por el Comité de las Naciones Unidas en contra la Desaparición Forzada (CED) que, a través de sus miembros, afirmó: *“En la opinión del Comité, una desaparición forzada no necesariamente debe empezar con una prisión arbitraria o ilegal, y tampoco necesita tener empleados (públicos) involucrados con la intención de cometerlas, pero una detención legal de una persona puede tornarse ilegal y, como en este caso, tornarse una desaparición forzada”* (ONU BRASIL, 24/03/2016).

embargo, el crimen de desaparición forzada sigue siendo una realidad, aún en el país argentino, que tuvo grandes avances en variados aspectos de la justicia transicional. Aunque no sea posible afirmar que la práctica se desarrolle con la misma frecuencia, sistematicidad o se dirija contra los mismos grupos de los regímenes anteriores, las denuncias actuales testifican la existencia de la desaparición forzada en todos los países que componen la RLAJT, afirmación compartida en el ámbito internacional.

Con el fin de comprender cómo el crimen de desaparición forzada empezó a ser definido y las implicaciones derivadas de este delito, van a ser explorados los principales actos normativos internacionales, que están vinculados con el Derecho Internacional Humanitario (DIH), el Derecho Internacional de los Derechos Humanos (DIDH) y el Derecho Penal Internacional (DPI). En cuanto a la materia, serán presentados los siguientes documentos: las Convenciones de Ginebra de 1949 y sus protocolos adicionales, por el DIH; la Declaración sobre la Protección de todas las Personas en contra de las Desapariciones Forzadas o Involuntarias de 1992, la Convención Internacional para la Protección de todas las Personas en contra de las Desapariciones Forzadas del 2006 y la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas de 1994, por el DIDH; el Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional de 1998, por el DPI.

1.2 La desaparición forzada en Derecho Internacional Humanitario

El Derecho Internacional Humanitario (DIH) surge de las iniciativas que le dieron origen al Comité Internacional de la Cruz Roja (CICV), aún en el siglo XIX.²⁶ Las Convenciones de Ginebra, junto con las Convenciones de Haya, son un hito para el desarrollo de normativas para situaciones de guerras y conflictos armados internos, sobre todo a lo largo del siglo XX, marcado por guerras mundiales y sus legados devastadores. Como consecuencia de las realidades de violaciones de derechos masivos y con las obligaciones de los países involucrados el cumplimiento de reglas para situaciones específicas de violencia, se hicieron medidas internacionales para asegurar, independientemente de las circunstancias, criterios de humanidad en medio a los conflictos (NACIONES UNIDAS, 2001).

Para tratar la desaparición forzada desde una visión del DIH, se considerarán las Convenciones de Ginebra de 1949 y sus Protocolos Adicionales I y II, debido a las particularidades de los conflictos armados

26. Creado en 1863, el CICR tiene por misión estrictamente humanitaria proteger la vida y la dignidad de las víctimas de la guerra y de la violencia interna, así como de prestarles asistencia. (UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICV, 2009, p. 103)

internacionales e internos, observados después de la II Guerra Mundial.²⁷ El Protocolo I dedica su sección III a las personas desaparecidas y fallecidas y en su principio general destaca el derecho de las familias a que conozcan la suerte de sus miembros (PROTOCOLO I, 1977). Con eso, el derecho a la verdad empieza a ser evocado (BRASIL, 2014, p. 34), pues ante la negación u omisión de las informaciones por parte de países beligerantes, las familias también son afectadas por una serie de violaciones.²⁸ En esta perspectiva, el DIH busca aclarar los hechos que involucran a las desapariciones forzadas para atender las ansias de las familias y, dentro de lo posible, involucrarlas en todas las etapas del proceso de búsqueda, identificación y restitución de las personas o de restos mortales; estas acciones suceden paralelamente a la exigencia de que se cumplan las responsabilidades de los Estados (sobre investigar, procesar y sancionar a las personas responsables de los crímenes).

De acuerdo con el artículo 33° del Protocolo I, que trata los conflictos armados internacionales, es obligación de las partes del conflicto realizar búsquedas y proveer todas las informaciones sobre las personas desaparecidas justo cuando haya cesado las hostilidades; luego, es el deber de los países:

- a) Registrar las informaciones previstas en el artículo 138 de la Convención IV sobre las personas que hayan sido detenidas, arrestadas o de cualquier otra forma mantenidas en cautiverio durante más de dos semanas debido a las hostilidades o a la ocupación, o que hayan muerto durante un periodo de detención;
- b) Dentro de lo posible, facilitar y, si es necesario, efectuar la búsqueda y el registro de informaciones sobre esas personas caso hayan muerto en otras circunstancias debido a las hostilidades u ocupación. (PROTOCOLO II, 1977)

El destino de estas informaciones, indicado por el Protocolo I, debe de ir a la Agencia Central de Búsquedas del Comité Internacional de la Cruz Roja, que presta asistencia a los familiares y personas próximas de la persona desaparecida. Se observa que la definición normativa del tratamiento de las personas desaparecidas en estas situaciones está considerada compleja y morosa, ya que fue registrada luego de las Convenciones de Ginebra, en 1952, en una *Convención sobre la Muerte de las Personas Desaparecidas*,

27. Las Convenciones de Ginebra son productos de conferencia diplomática internacional, realizadas en Ginebra, Suiza, entre los meses de abril y agosto de 1949. Las normativas se destinan a contener abusos y regular las acciones en estados de guerra, buscando atención, respectivamente, a los enfermos y heridos en campaña (primera convención), enfermos, heridos y náufragos en el mar (segunda convención), los prisioneros de guerra (tercera convención) y las víctimas de carácter civil (cuarta convención). (NACIONES UNIDAS, 2002, p. 8)

28. Ver más en OSMO, 2014, pp. 78-79.

que aún después de entrar en vigor dejó de ser aplicada en 1967, después de sufrir con prorrogaciones para su fijación (NACIONES UNIDAS, 2002, p. 17). Así, las Convenciones de Ginebra de 1949, sus Protocolos I y II y el ejercicio del CICV trazan el panorama del tratamiento de las personas desaparecidas para el DIH.

En un estudio sobre el Derecho Internacional Humanitario Consuetudinario, expertos del CICR sistematizaron informaciones de diversas fuentes con el intento de trazar un panorama sobre cómo opera el derecho consuetudinario. En un volumen titulado *El Derecho Internacional Humanitario Consuetudinario* de 2007 se presentan normas que clasifican la desaparición forzada como acto prohibido²⁹. De acuerdo con el investigador chileno Sferrazza el crimen aparece como parte de acciones reprobables en las prácticas del Consejo de Seguridad (CS), en la Asamblea General (AG) y en el Comité Internacional de la Cruz Roja (CICV) (SFERRAZZA, 2014, p. 72).

El concepto de desaparición para los órganos que ejercen funciones desde la perspectiva del DIH es más amplio que la definición de desaparición forzada, siendo ésta una condición particular del concepto de desaparecido, cuya caracterización abarca las más diversas circunstancias, como planteado por el CICV, a continuación:

- Es frecuente que las personas pierdan el rastro de los familiares que forman parte de las fuerzas armadas o de los grupos armados, porque no se les brinda ningún medio para mantener el contacto con ellos.
- Los miembros de las fuerzas armadas o de grupos armados pueden ser declarados desaparecidos en combate cuando mueren y no se les han dado los medios necesarios para identificarlos, como las tarjetas de identidad.
- Las personas capturadas, arrestadas, secuestradas, pueden desaparecer mientras las mantienen en la clandestinidad o en un lugar desconocido, y morir durante la detención. En muchos casos, sus familiares no saben dónde están, o no tienen autorización para visitarlos y tampoco intercambiar correspondencia con ellas. Con frecuencia, la información sobre las personas privadas de libertad

29. Las prácticas del derecho internacional humanitario consuetudinario deben de ser aplicadas por los Estados tanto en situaciones de conflictos internacionales y no internacionales. Las normas mencionadas por las expertas invitadas por el CICR especifican las siguientes condiciones: Norma 98. Quedan prohibidas las desapariciones forzadas. Norma 105. En la medida de lo posible, se respetará la vida familiar. Norma 117. Las partes en conflicto armado transmitirán a los familiares de éstas toda la información de que dispongan sobre el tema. (HENCKAERTS; BECK, 2007).

no está registrada (fecha y lugar del arresto, la detención, el deceso o la inhumación) o los registros que contienen esa información han sido ocultados o destruidos.

- Numerosas personas se dan por desaparecidas tras un exterminio colectivo. Con frecuencia, los cadáveres son abandonados en el lugar, enterrados a toda prisa, desplazados o incluso destruidos.
- Las personas desplazadas o refugiadas, las poblaciones aisladas a causa del conflicto o las que viven en zonas ocupadas tal vez no puedan estar en contacto con sus familiares. Esas situaciones pueden dar lugar a largas separaciones.
- Los niños también pueden ser víctimas de las desapariciones: separados de sus familiares cuando huyen de una zona de combate, cubiertos a la fuerza, arrestados o incluso adoptados sin seguir las formalidades correspondientes.
- Por último, cuando se efectúan exhumaciones o exámenes *post mortem*, la información que permite confirmar la identidad de una persona fallecida no siempre se conserva ni se administra de manera adecuada. (UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICR, 2009, p. 14)

Adecuarse a las especificidades de los conflictos es un reto para la comunidad internacional que se enfrenta con la desaparición como una de las consecuencias de dichos conflictos. Sin embargo, es necesario distinguir las circunstancias que conllevan a la figura jurídica del desaparecido, dado que “una cosa es la desaparición forzada como ilícita internacional y otra cosa es la persona desaparecida en un conflicto armado como categoría de persona vulnerable protegida por el Derecho Internacional humanitario”. (SFERRAZZA, 2014, p. 73). El CICR entiende que las búsquedas deben contemplar todas las formas de desaparición, no haciendo distinción entre las situaciones que sucedieron a través de desastres naturales, como consecuencias de guerras o conflictos armados o cuando se cometen como parte de un plan sistemático con el fin de dominar socialmente determinados grupos o comunidades.³⁰

Cleber Kemper, responsable por el programa de personas desaparecidas del CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay, coordina la prestación de servicios técnicos para autoridades locales competentes en

30. Para más detalles consultar: *Guiding principles / Model law on the missing* (2009) <https://www.icrc.org/en/document/guiding-principles-model-law-missing-model-law#.VBcUW1Oa4wo> e *Missing persons and their families* (2015) <https://www.icrc.org/en/document/missing-persons-and-their-families-factsheet>, acceso el 1/9/2016.

el asunto. Su trabajo busca posibilitar una perspectiva que conteste de forma holística la necesidad de los familiares de los desaparecidos; en un vídeo institucional él da su testimonio sobre ese trabajo.³¹

Una de las cosas más importantes es que el CICV entiende que los que definen el momento de la desaparición, el punto de partida, siempre es la familia. Las personas desaparecen por diversas razones. [...] Trabajamos mucho con familiares que muchas veces buscan a su desaparecido, o su ente querido, por diez, veinte, treinta, cuarenta años. Son encuentros con personas que a veces nutren la esperanza del reencuentro, un reencuentro con la persona que desapareció. [...] A menudo los familiares comparten conmigo y con mis compañeros experiencias que se tornaron tabús en la familia, algunas veces las experiencias de los tabús son malas, ellos por primera vez después de veinte o treinta años, sufren callados, comparten historias con alguien. Otras veces los tabús o las historias son graciosas, hablan sobre los chistes que el familiar desaparecido contaba. (CICR, 2016, disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=egdvmToVoaw>, acceso 1/8/2016.)

Ante las variadas circunstancias que rodean a la desaparición, no se disocia la necesidad de prestar asistencia al entorno familiar, de la necesidad de buscar a la persona desaparecida o los restos mortales, abarcando la protección tanto a la víctima directa del crimen como a su familia como afectados (CICV). El CICV, desde la perspectiva humanitaria, busca atender a las familias como sujetos violados en sus derechos de forma compleja y que se encuentran en situaciones de vulnerabilidad a partir de las desapariciones.³² De esa forma, tales violaciones suscitan demandas que no son fácilmente cumplidas, tampoco parcial o integralmente.

31. Datos del CICV relacionados con los trabajos desarrollados a lo largo del 2015, en más de 50 países, para ayudar a las personas desaparecidas y sus familias muestran que: 1.000 niños fueron reunificadas con sus familiares; 3.650 familias con entes queridos desaparecidos recibieron el apoyo psicosocial y psicológico en 21 países; 479 mil pudieron restablecer el contacto a través de llamadas gratis; 25,7 mil detenidos visitados y monitoreados individualmente; 53 países recibieron servicios forenses humanitarios; 19 Estados recibieron apoyo para formular leyes y medidas nacionales relacionadas con las personas desaparecidas y sus familias. Disponible en: <https://www.icrc.org/pt/dia-internacional-pessoas-desaparecidos-relat%C3%B3rio-2016>, acceso 1/9/2016. El CICV desarrolla trabajos en todos los países que poseen organizaciones en la RLAJT.

32. Sobre ese tema ver protocolos de asistencia a las familias en las siguientes publicaciones: *Consenso mundial de principios y normas mínimas sobre trabajo psicosocial en procesos de búsqueda e investigaciones forenses para casos de desapariciones forzadas, ejecuciones arbitrarias o extrajudiciales*, resultado del I Congreso Mundial de Trabajo Psicosocial en Desaparición Forzada, Procesos de Búsqueda, Exhumación, Justicia y Verdad, Antigua, Guatemala, 2007 y II Congreso Mundial de Trabajo Psicosocial en Desaparición Forzada, Procesos de Búsqueda, Exhumación, Justicia y Verdad, Bogotá, Colombia, 2010. Disponible en http://equitas.org.co/sites/default/files/biblioteca/Consenso_mundial_principios_normas_minimas_trabajo_psicosocial_desaparicion_forzada.pdf, acceso el 1/9/2016; Comité Internacional de la Cruz Roja - CICR. *Acompañar a los familiares de las personas desaparecidas – Guía Práctica*. Ginebra/Suiza, 2014.

Las dificultades que circulan en torno de la asistencia o reparación de los familiares de personas expuestas a la desaparición forzada, fueron suscitadas en entrevista para esta investigación por el miembro del Equipo Peruano de Antropología Forense (EPAF) el antropólogo forense José Pablo Baraybar, que actualmente presta servicio para el CICR. El investigador, que ya ha actuado en diversos países que poseen organizaciones en la RLAJT, destacó algunas paradojas que involucran el complejo crimen de desaparición:

Algo está confuso, es una fricción muy grande que existe entre el aspecto humanitario y el aspecto judicial. [...] Es clara la contradicción que existe porque la intervención humanitaria puede incluir el aspecto judicial, pero el aspecto judicial no puede incluir el aspecto humanitario. El aspecto judicial está buscando solamente pruebas, porque el proceso judicial es un proceso formal de búsqueda de pruebas, no es algo de la familia, de hablar con ella, explicarles lo que sucedió[...] la cosa no es así, estás buscando pruebas, tienes que demostrar además de la duda[inaudible], que algo sucedió o no, y no lo que crees. (BARAYBAR & VARGAS, 2016).

Sobre la experiencia de trabajo del EPAF con las familias de personas afectadas por la desaparición forzada, cuya perspectiva es la del Derecho Internacional Humanitario, José Pablo Baraybar afirma que:

Es una perspectiva más amplia, aún y creo que allá (en EPAF) la cosa empieza a transformarse en algo aún más complejo, la pregunta perspectiva es integral, con una visión sobre cómo el Derecho Internacional Humanitario debe entender también otras cosas que no están en el ámbito del Derecho. Entonces, una de esas cosas es la construcción de la víctima, no hay víctimas naturales, tienes que intentar buscar una explicación aún más sociológica, más holística, tienes que integrar derechos económicos, sociales, culturales, (inaudible), políticos, no podemos centrarnos sólo en los derechos políticos. ¿Por qué las víctimas siempre son las mismas personas? ¿Los mismos sospechosos? Porque es posible, porque siempre es un ejercicio de poder de los grupos hegemónicos, porque lo puedes, secuestras a las personas porque lo puedes, matas porque lo puedes. Entonces, las formas más (inaudibles) de derechos a las personas para que se transformen en víctimas es algo que nadie está mirando. El marco legal del Derecho Internacional Humanitario de Derechos Internacionales de los Derechos Humanos está muy centrado también en un principio político. (BARAYBAR & VARGAS, 2016).

El proceso de construcción de la noción de víctima no es consensual y se inserta en las particularidades referentes de regiones y dinámicas locales.

Hay situaciones en los casos de desapariciones forzadas, perpetrados de forma sistemática, en que comparten socialmente lo sucedido y se produce casi instantáneamente y hay casos en los que el proceso de incorporación de la desaparición lleva un largo tiempo. En Chile y en otros países golpeados por dictaduras:

El término “detenido-desaparecido”, DD, representa una categoría de victimización construida discursiva y conceptualmente por familiares de víctimas y organizaciones defensoras de los DDHH. Estos insistían tanto en la existencia de la práctica como en la responsabilidad directa del Estado por ella, contradiciendo la negación, propaganda y desinformación practicada por el régimen sobre la suerte corrida por personas detenidas clandestinamente, por agentes vestidos de civil, sin mediar orden judicial y sin procedimiento policial o judicial posterior. (COLLINS, 2016, p. 7).³³

Realizar búsquedas de un familiar sin mucha información, con la negación por el Estado o disimulación de pistas sobre el crimen, ha generado inseguridad sobre la configuración del crimen al que la persona fue sometida. Ante tantas situaciones que no demuestran las circunstancias de la desaparición forzada como evidentes es importante tener cautela al concluir sobre la muerte o no como consecuencia del crimen. No es posible suponer o afirmar, previamente, que todos los familiares vean a su persona desaparecida como víctima fatal, pues la esperanza de que regresen se relaciona con las subjetividades inherentes de cada caso.

La clasificación de toda la desaparición como víctima también es discutible para algunos grupos, que entienden que al elegir la lucha de oposición ante un régimen autoritario, la persona se expone, por libre decisión, a una condición de riesgo, puesto que la tortura y las ejecuciones eran prácticas utilizadas por los Estados y conocidas por

33. El rol de las víctimas de graves violaciones en los procesos penales como testigos a efecto de prueba y como acompañantes en los desdoblamientos de las acciones es fundamental e importante, tanto en los tribunales domésticos como en los tribunales internacionales de derechos humanos. En los países en los que la justicia no ha avanzado para los casos de crímenes contra la humanidad, familiares y afectados por la desaparición forzada enfrentan dificultad para alcanzar el desplazamiento del lugar de víctima para el de acusador. En el caso de Brasil, por ejemplo, la Ley nº 9.140/95 la carga de la prueba recayó sobre los familiares, o sea, se crió una nueva demanda para el grupo del entorno de la persona muerta o desaparecida, situación que puede inducirlos a que revivan la experiencia del trauma. Sobre eso véase: SILVA-SELLIGMAN, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, ene-jun, 2010. p. 3-20. Sobre la Comisión Especial sobre Muertos y Desaparecidos Detenidos y la carga de la prueba véase BAUER, 2012. Con el fin de evitar estas situaciones se hace necesario seguir protocolos elaborados con profesionales del área de la salud psicosocial, mencionados tangencialmente en la nota anterior. Sobre los derechos de las víctimas y familiares de que participen de los procesos en los países que tienen representantes en la RLAJT, ver OSMO, 2016, pp. 54-58.

los involucrados en la resistencia. Aunque la brutalidad de los crímenes contra la humanidad sea incuestionable e indiscutible, ser enmarcado en la condición de víctima por ser afectado por una serie de violaciones no es un consenso entre familiares de desaparecidos y tampoco algo que se comparta posteriormente al crimen, o sea, en la trayectoria de lucha por la verdad, memoria y justicia.

Es conveniente destacar que esa posición apareció en dos de las entrevistas realizadas durante esta investigación. La primera de ellas está hecha con Victória Lavínia Grabois Olímpio, hija de Maurício Grabois, hermana de André Grabois y viuda de Gilberto Olímpio Maria. Victória y sus familiares pertenecían al Partido Comunista de Brasil (PC do B) durante el periodo de la dictadura civil-militar. Los hombres de la familia son detenidos desaparecidos desde 1973, por consecuencia de la represión a la Guerrilla de Araguaia. La segunda entrevista realizada fue con Suzana Keniger Lisboa, viuda de Luiz Eurico Tejera Lisboa, ambos ex militantes de la Acción Libertadora Nacional (ALN); su marido fue asesinado en São Paulo, enterrado con el nombre falso de Nelson Bueno y estuvo desaparecido desde 1972 hasta 1979, cuando sus restos mortales fueron localizados en el Cementerio Don Bosco, en Perus/SP, por las búsquedas realizadas por ella, aún en el periodo dictatorial.³⁴

Esas dos mujeres representan, en Brasil, la lucha de los familiares de muertos y desaparecidos durante la última dictadura civil-militar. Victória fundó en 1985 el *Grupo Tortura Nunca Más en Rio de Janeiro* (GTNM/RJ), cuyo trabajo está reconocido nacionalmente hasta los días de hoy. Suzana acompañó la creación de la *Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos* (CEMDP) en 1995, a través de la Ley n° 9.140/1995 y fue la representante de los familiares en la CEMDP durante 10 años. En la entrevista para esta investigación, las dos familias de personas afectadas por la experiencia de la desaparición forzada relataron las dificultades de la aceptación de la situación y la construcción social de la condición de ese grupo:

34. El caso del exterminio del grupo del *PC do B* en la región del Araguaia, durante el intento de inicio de una guerrilla rural en el periodo de la dictadura civil militar, es emblemático por los miles de hombres (entre tres y diez mil) de diversas fuerzas armadas de Brasil, las que en operaciones en la región realizaron el desmonte de la organización de izquierda, lo que resultó en la desaparición de setenta militantes de izquierda y en la diseminación del terror de Estado entre los campesinos de la región. Sobre ese evento consultar más detalles en el capítulo 14 del informe de la Comisión Nacional de la Verdad, disponible en: <http://www.cnv.gov.br/> acceso en septiembre de 2016 y la sentencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos, en que Brasil fue condenado, el 24 de noviembre de 2010, caso *Gomes Lund y otros ("Guerrilha do Araguaia") vs. Brasil*. Sentencia integral traducida al portugués en: SECRETARÍA NACIONAL DE JUSTICIA. COMISIÓN DE AMNISTÍA. CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS, 2014.

En el año 1973, me enteré, a través del Comité Central del Partido Comunista de Brasil, que André había sido asesinado el día 14 de octubre de 1973. No me dijeron dónde y me preguntaron si yo le contaría a mi madre, les dije que no porque vivíamos como clandestinos. Mi madre nada podría hacer viviendo en una casa de un aparato que era del partido, guardé esa noticia durante siete años de mi vida. [...] Nunca me contaron nada más que eso, porque quizás hayan visto, por mi reacción, que sería muy difícil saber que mi padre y Gilberto también estarían muertos, y siempre tienes una esperanza porque si no recibes noticias crees que las personas están vivas. [...] Hasta que en el festivo del 1° de noviembre [de 1979] fui a Rio de Janeiro y cuando volví mi madre estaba muy atónita porque había leído en el periódico *Estado de São Paulo* que hubo un encuentro de familiares en Salvador y que mi padre estaba considerado desaparecido y André estaba considerado muerto. Aún así no le conté, le dije que tendríamos que esperar. [...] En enero de 1980, José Genoíno dio una entrevista para el *Jornal da Tarde*, el periódico *light* del *Estadão*, y allá mencionó la muerte de André y por fin le conté que sabía que André había fallecido en octubre de 1973. Se puso muy atónita, vivíamos en una casa y como mi hijo Igor era adolescente, tenía 12 años, era una casa que siempre estaba llena de niños, ellos entraban, los vecinos entraban, y ella entró y vio a mi madre llorando, y le preguntó por qué mi madre estaba llorando y yo no podría decirle lo que era, le dije que me había peleado con mi madre. [...] Para nosotros del Grupo Tortura Nunca Más (RJ) nos no somos víctimas, nos consideramos supervivientes, nos consideramos supervivientes de esa dictadura. (GRABOIS & VARGAS, 2016)

Estuve clandestina hasta 1978, desde 1969, y me involucré con la lucha de la amnistía a partir del inicio de 1979. En aquella época, localizamos el cuerpo de Luiz Eurico a través de diversas casualidades de investigaciones en marzo y sólo hicimos la denuncia el día de la votación de la Amnistía, pues mientras el proyecto de Figueiredo nos daba un atestado de muerte presumida presentábamos a la nación un atestado de óbito verdadero de un desaparecido enterrado con un nombre falso. A partir de eso no hice otra cosa de mi vida que no fuera militar en este asunto, junto con la Comisión de Familiares de Muertos y Detenidos Desaparecidos, que era una parte del Comité Brasileño por la Amnistía. Me mudé para São Paulo en la época y me quedé viviendo en función de eso. Y desde el punto de vista personal tengo una frustración enorme por nunca haber logrado llevar adelante judicialmente la historia de mi marido, hice mucho por otros y por el de él creo que siempre dejé atrás. Existe una versión oficial de suicidio [...] y por increíble que pueda parecer hasta hoy tengo un atestado de óbito con la versión de suicidio,

es una provocación para mí, porque hice una representación en el Ministerio Público de São Paulo hace algunos años pidiéndoles la rectificación etc., pidiéndoles providencias y eso fue archivado, desgraciadamente, sin que me dieran ningún tipo de trámites, sin... cuando supe, ya lo habían archivado, estoy intentando sacarlo de los archivos, entiendo también que hay algunos casos mucho más fuertes que deben ser priorizados por del Ministerio Público Federal, pero mi caso también lo es y me gustaría que por lo menos el atestado de óbito fuera rectificado porque hasta hoy no lo fue. [...] No me siento víctima. No me gusta pensar que soy víctima, porque no me siento víctima, creo que participé de un proceso, me posicioné ante un proceso y creo que el Estado me debe algo en función de esto, sobre tales y tales derechos que me fueron sacados. Pero creo que eso de la victimización, no lo sé, pero a mí me molesta un poco, como estuviéramos sólo con el dolor. Era una de las críticas que hacíamos a la Ley nº 9.140/95, que trataba la cuestión de los muertos y desaparecidos como algo individual, de cada familiar, y ese asunto no tendría que ser tratado como familiar, era una obligación del Estado y es algo que pertenece a la sociedad, la sociedad fue víctima, entonces, no fui yo la víctima. [...] Yo no como víctima, me siento testigo de esa época. (LISBOA & VARGAS, 2016).³⁵

Las contradicciones sobre la construcción social de la categoría víctima también fueron verificadas en una investigación de Doctorado en Psicología concluida en el 2013 sobre Colombia, cuyo análisis fue realizado a partir del testimonio de familiares de personas afectadas por el crimen de la desaparición forzada.³⁶ En Colombia, la Ley nº 1.448 de 2011, que disciplina medidas de atención, asistencia y reparación integral a las víctimas del conflicto armado interno y otras disposiciones, apunta en su artículo tercero la definición de víctimas:

Se consideran víctimas, para los efectos de esta ley, aquellas personas que individual o colectivamente hayan sufrido un daño por hechos ocurridos a partir del 1º de enero de 1985, como consecuencia de infracciones al Derecho Internacional Humanitario o de violaciones graves y manifiestas por las normas internacionales de Derechos Humanos, *ocurridas con ocasión del conflicto armado interno*.

35. En el perfil de Luiz Eurico Tejera Lisboa en el Volumen III del Informe de la Comisión Nacional de la Verdad (CNV), dedicado a los muertos y desaparecidos, la conclusión del caso afirma que la muerte del militante se dio por acción perpetrada por los agentes del Estado brasileño. Así, la CNV recomendó que la rectificación del certificado de defunción se realizara, como el seguimiento de las investigaciones de las circunstancias del caso, para la identificación y responsabilidad de los demás agentes involucrados (2014, p. 1.016).

36. Ver más detalles en PATINO OROZCO, Rafael Andrés. *Configurações subjetivas de familiares de vítimas de desaparecimento forçado na Colômbia*. Tesis de Doctorado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. Salvador, 2013. Disponible en: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/12360> acceso en septiembre de 2016.

También son víctimas el cónyuge, compañero o compañera permanente, parejas del mismo sexo y familiar en primer grado de consanguinidad, primero civil de la víctima directa, cuando a ésta se le hubiere dado muerte o estuviere desaparecida. A falta de estas, lo serán los que se encuentren en el segundo grado de consanguinidad ascendente.

De la misma forma, se consideran víctimas las personas que hayan sufrido un daño al intervenir para asistir a la víctima en peligro o para prevenir la victimización.

La condición de víctima se adquiere con independencia de que se individualice, aprehenda, procese o condene al autor de la conducta punible y de la relación familiar que pueda existir entre el autor y la víctima. (LEY N° 1448 DE 2011. Disponible en: <http://www.alcaldiabogota.gov.co/sisjur/normas/Norma1.jsp?i=43043> acceso en septiembre de 2016).

La ley colombiana sirve para demostrar la importancia de órganos del DIH y DIDH en la atención a los afectados por la desaparición forzada y sus entes, así como el complejo amarre de los avances en el campo de la justicia transicional, pues no siempre las políticas públicas de memoria y reparación implementadas corresponden a las expectativas de los familiares. En ese sentido, instituciones reguladas en el ámbito del DIH se tornan fundamentales, a medida que median las demandas de los grupos afectados, proporcionando la elaboración colectiva del trauma a través del diálogo entre tales organismos y las personas que vivieron la experiencia del crimen. Se suman a esto otras iniciativas dentro del DIDH que serán presentadas más adelante. El bloque del DIH, el CICV se destacan por crear instrumentos de diálogo también entre parlamentarios y las comunidades locales para que los legisladores no pierdan de vista la situación de los familiares o del núcleo social del desaparecido en los seguimientos de la implementación de políticas:

No saber qué ha sido de un cónyuge, un hijo, un padre, una madre, un hermano, una hermana es un sufrimiento insoportable para numerosas familias afectadas por un conflicto armado o una situación de violencia interna, en todo el mundo. Las familias, e incluso comunidades enteras, que desconocen si alguno de sus miembros está vivo o muerto no pueden dar vuelta a la página, olvidar los hechos violentos que han perturbado su vida. Los problemas que surgen son de orden psicológico, jurídico, administrativo, social y económico. Las profundas heridas infligidas continúan fragilizando las relaciones entre grupos y naciones, en algunos casos incluso décadas después de ocurridos los hechos, lo que se convierte en un obstáculo para la cicatrización del tejido social. (UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICR, 2009, p. 13)

Se observa que el DIH y el DIDH operan de forma convergente, ya que las normativas del DIH refuerzan el derecho a la verdad y a la

protección de los restos mortales de las víctimas (SFERRAZA, 2014, p. 79); por su parte, el DIDH provee otras posibilidades de comprensión al crimen de desaparición forzada. Los avances en términos más variados para el desarrollo de acciones en el impulso de aspectos de la justicia transicional, como la responsabilidad estatal e individual y el acceso a la información para estimular prácticas de no repetición serán presentados en el capítulo siguiente.

1.3 La desaparición forzada en el Derecho Internacional de los Derechos Humanos (DIDH)

El DIDH subraya la desaparición forzada como un delito específico de extrema gravedad en dos normativas elaboradas en los años noventa del siglo XX, que representan los marcos que pasaron a regir las condiciones para prevenir, combatir y sancionar el crimen a nivel continental y mundial. Para tal, se consideran los dos órganos que pretenden regular y promover los derechos humanos en el plano universal la ONU desde 1945 y en el de América la OEA desde 1948, las cuales por medio de sus asambleas generales aprobaron los “principales instrumentos internacionales referentes a la materia” (JARDIM, 1999, p. 43): la Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra la Desaparición Forzada o Involuntaria (DPCDF) y la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas (CIDFP).

Antes de esos documentos, la Resolución n° 33/173, de la Asamblea General (AG) de las Naciones Unidas el 20 de diciembre de 1978, introdujo el tema cuando manifestó para la comunidad internacional su preocupación con por el crecimiento de la desaparición forzada e involuntaria de personas en diversas partes del mundo. Aunque la Resolución n° 33/173 no tuviera la fuerza de un tratado y haya puesto sus disposiciones al margen de apreciaciones de los Estados, no obligando su cumplimiento como normativa del Derecho Internacional, por la importancia de su contenido, indicaba fuerza en sus directrices, que pretendían pasar de la costumbre a lo convencional (JARDIM, 1999, p. 41). El desdoblamiento de esa resolución destinada por la AG a la Comisión de Derechos Humanos de las Naciones Unidas resultó, en 1980, en el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias de Personas de las Naciones Unidas (GTDFI). La justificación de un grupo de trabajo sobre ese tema en diversos países se puede reforzar cuando se verifica la extensión del mandato de actividades del GTDFI. Por el hecho de que no es un grupo permanente, periódicamente las circunstancias imponen su renovación; observe que éste se encuentra activo actualmente.³⁷

37. De acuerdo con la Resolución 27/1, aprobada por el Consejo de Derechos Humanos, durante la 39ª sesión de la Asamblea General de las Naciones Unidas, el 25 de septiembre de 2014, la prorrogación del mandato del Grupo de Trabajo fue prorrogada por otro periodo de tres años, con liquidación a lo dispuesto en la resolución 7/12 del Consejo de Derechos Humanos. Ver A/HRC/RES/27/1 disponible en: <http://www.ohchr.org/EN/Issues/Disappearances/Pages/DisappearancesIndex.aspx> acceso el 01/09/2016.

De esa forma, desde su establecimiento el GTDFI se pone como mediador de la comunicación entre las familias y los gobiernos, para que se logre el esclarecimiento del paradero de las personas desaparecidas. Con los años y el desarrollo de instrumentos normativos aprobados por la AG de las Naciones Unidas, el GTDFI también empezó a fortalecer las demandas sobre el tema para que las autoridades nacionales ratificaran los acuerdos y aplicaran las medidas previstas en la Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra la Desaparición Forzada o Involuntaria y en los demás acuerdos internacionales. Las atribuciones del GTDFI poseen determinados límites y no les corresponden las siguientes actividades:

Investigar directamente los casos individuales; adoptar directamente medidas de protección contra las represalias; establecer la responsabilidad de personas o del Estado en los casos de desaparición forzada; juzgar tampoco condenar; realizar exhumaciones; proporcionar reparación o satisfacción; cuidar de las desapariciones perpetradas por agentes no estatales (por ejemplo, grupos rebeldes). (OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS DERECHOS HUMANOS, s.d., pp. 29-30).

El GTDFI posee un protocolo propio, a través del formulario disponible virtualmente para recibir casos de desaparición forzada desde cualquier parte del mundo. Entre los instrumentos utilizados para enunciar las situaciones referentes a las denuncias recibidas están los informes anuales dirigidos al Consejo de Derechos Humanos de la ONU.³⁸

Con el fin de comprender cómo el GTDFI opera en los países que poseen organizaciones en la RLAJT, es importante visualizar un panorama actualizado sobre las denuncias realizadas en el GTDFI y sus acciones destinadas a los Estados. Si se considera que los países no han consolidado el proceso de justicia transicional después de los legados autoritarios, los datos refuerzan la importancia del GTDFI como una alternativa para la

38. En un prospecto publicado en el 2010 sobre la Convención Internacional contra la desaparición forzada, que aún no había entrado en vigor, a Oficina del Alto Comisionado para los Derechos Humanos y la Oficina Regional para América del Sur (ACNUDH-OHCHR), traía los siguientes datos: *"El informe del 2009 del Grupo de Trabajo de las Naciones Unidas sobre Desapariciones Forzadas o Involuntarias registró el total de 53.232 casos examinados y comunicados por el grupo a los gobiernos, desde su creación en 1980, abarcando 82 Estados. Desde 2004, el Grupo de Trabajo ha logrado elucidar 1.776 casos. El número de casos aún en investigación, cerrados o interrumpidos, ascendió a 42.600."* Disponible en: <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2010/12/Carta-desaparecidos-PORTUGUES-FINAL.pdf> acceso el 1/9/2016. Como mensaje por el Día Internacional de las Víctimas de Desapariciones Forzadas, el 30 de agosto de 2016, el Secretario General afirmó que en el último año, o sea, en el 2015, el *Comité contra la Desaparición Forzada y el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias* recibieron 246 denuncias de familiares en todo el mundo, y que *"esta cifra representa tan solo una mínima parte de los miles de casos que nunca se denuncian por las condiciones de seguridad o porque se desconoce la existencia de mecanismos internacionales que puedan servir como ayuda."* Disponible en: <http://onu.org.pe/dias-internacionales/dia-internacional-de-las-victimas-de-desapariciones-forzadas/> acceso el 1/9/2016.

acogida de denuncias y repase a los Estados, con una prestación de servicios desde la perspectiva del DIDH. Tales datos no representan la totalidad de los casos, pues no todos los registros son presentados para el GTDFI.

En el documento *Comunicaciones, casos examinados, observaciones y otras actividades realizadas por el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias*, expedido por el GTDFI, durante el 108° periodo de sesiones (8 a 12 de febrero de 2016), se destacan los siguientes países:

Países	Informe expedido por el GTDFI en febrero de 2016
Argentina	Relato expedido por el GTDFI para el gobierno de aquel país sobre un menor de edad que había desaparecido en la ciudad de Rosario, en noviembre de 2015. Debido a las informaciones presentadas el caso fue aclarado por el hecho de que el menor regresó a su casa.
Brasil	El gobierno emitió información sobre cuatro casos que estaban pendientes, y ésa, según el GTDFI, fue considerada insuficiente para aclarar los hechos.
Colombia	Registro del secuestro de Borja Lázaro Herrero, en enero de 2014, por paramilitares con aquiescencia de empleados del Estado, el caso fue enviado por el GTDFI para el Gobierno de Colombia y también de España.
El Salvador	Hay tres casos pendientes, cuya información ha sido dada por fuentes aún en análisis.
México	Tres casos fueron enviados por el GTDFI al Gobierno de este país, Raúl Colugna Ibarra y Rodolfo Guajardo González, fueron vistos por última vez en una cárcel de la <i>Dirección de Seguridad Pública</i> (Policía Preventiva) entre 18 y 20 de julio de 2014, y Emmanuel Ahmed Avalos Zelaya, secuestrado en octubre de 2013 por encapuchados disfrazados, supuestamente con aquiescencia del Estado. El gobierno mexicano emitió información para el GTDFI, en octubre del 2015, sobre 21 casos pendientes, que fue evaluada como insuficiente para los aclaramientos de los hechos. También en el mismo periodo el gobierno contestó sobre la alegación de 12 detenciones arbitrarias con torturas y malos tratos de personas acusadas por el caso de los 43 estudiantes de Ayotzinapa, victimados por el crimen de desaparición forzada. Además del informe sobre el caso de las prisiones, las autoridades mexicanas relataron sobre las investigaciones realizadas, a nivel estatal y municipal, sobre los responsables por los hechos sucedidos con los 43 estudiantes desaparecidos en Iguala en septiembre del 2014. Otras fuentes complementan la información sobre los casos pendientes.
Perú	Perú, 3 casos pendientes, aunque el gobierno peruano haya preentado información en enero de 2016, éstas se consideraron insuficientes para aclarar los hechos. Otras fuentes aportan para complementar las investigaciones.

VARGAS, 2016.

*Tabla construida por la consultora con base en las informaciones disponibles en el documento, A/HRC/WGEID/108/1, se observa que no todos los países que poseen organizaciones en la RLAJT fueron mencionados por este documento del GTDFI.

Para acompañar los casos de desaparición forzada de países de variados continentes el GTDFI considera la definición del crimen establecido en la Declaración sobre la Protección de todas las Personas contra la Desaparición Forzada (DPCDF), Resolución n° 47/133 de la Asamblea General, de 18 de diciembre de 1992. Aunque el GTDFI sea anterior a la

aprobación de la DPCDF, las actividades del grupo en la década de los 1980 terminaron por influir en el concepto jurídico del documento de la ONU años después. Para eso, el crimen de desaparición forzada está considerado cuando ocurren las siguientes condiciones:

se arreste, detenga o traslade contra su voluntad a las personas, o que éstas resulten privadas de su libertad de alguna otra forma por agentes gubernamentales de cualquier sector o nivel, por grupos organizados o por particulares que actúen en nombre del gobierno o con su apoyo directo o indirecto, su autorización o su asentimiento, y que luego se niegan a revelar la suerte o el paradero de esas personas o a reconocer que están privadas de la libertad, sustrayéndolas así a la protección de la ley. (ONU, A/RES/47/133, 1992)

La DPCDF es una declaración internacional, o sea, no es un tratado (JARDIM, 1999, p. 86; SFERRAZZA, 2014, p. 62). Tiene, de esa forma, efectos jurídicos limitados, es la primera manifestación normativa dedicada exclusiva y específicamente al tema de la desaparición forzada (JARDIM, 1999, p. 49; SFERRAZZA, 2014, p. 61).

La DPCDF inicia evocando los principios sobre la dignidad humana fundamentados en la libertad, justicia y paz, proclamados en la Carta de las Naciones Unidas, y destaca en el cuarto párrafo introductorio que la desaparición forzada afecta a todos esos valores, lo que torna su práctica sistemática un crimen contra la humanidad. Se remite a la Resolución n° 33/173 de 1978 cuando ésta llamó la atención de los gobiernos para que los involucrados en crímenes de esa naturaleza fueran responsabilizados jurídicamente.³⁹ Se considera, aún en su introducción, que el delito de desaparición forzada es de extrema gravedad y establece normas destinadas al castigo y prevención (ONU, A/RES/47/133, 1992).

Una de las cuestiones sin precedentes planteadas por DPCDF, en términos de conceptualizar a la figura jurídica de la persona expuesta a la desaparición forzada, está en su artículo 20°, que sugiere que hay personas

39. En el Preámbulo de la Declaración mencionan todos los tratados que de forma indirecta protegen a los variados derechos que se violan en la conducta de la desaparición forzada, que sean: Convenios de Ginebra y los Protocolos Adicionales (derecho de las víctimas de conflictos armados); Declaración Universal de Derechos Humanos y el Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos (derecho a la vida, a la libertad y a la seguridad personal, el derecho a no someterse a la tortura, y el reconocimiento de la personalidad jurídica); Convención contra la Tortura y otros Tratamientos o penas crueles, deshumanos o degradantes (prevención y represión a la actos de tortura); Código de Conducta para los Empleados Responsables por la Aplicación de la Ley y del Conjunto de Principios para la Protección de Todas las Personas Sujetas a Cualquier Forma de Detención o Prisión, adoptadas por la AG en 1979 y 1988, y las Reglas Mínimas para Tratamientos de Reclusos, aprobadas por el Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas en 1957. (ONU, A/RES/47/133, 1992)

perjudicadas por ese delito cuyo destino no se asocia necesariamente al fin de la vida, sino al desconocimiento de su identidad, sobre todo en el caso de niños y adolescentes. Así, se recomienda que:

Los Estados prevendrán y reprimirán la apropiación de hijos de padres de víctimas de una desaparición forzada o de niños nacidos durante el cautiverio de sus madres víctimas de la desaparición forzada y se esforzarán por buscar e identificar a esos niños para restituirlos a su familia de origen.

[...] La apropiación de niños de padres víctimas de desaparición forzada o de niños nacidos durante el cautiverio de una madre víctima de una desaparición forzada, así como la falsificación o supresión de documentos que atestigüen su verdadera identidad, constituyen delitos de naturaleza sumamente grave que deberán ser castigados como tales. (ONU, A/RES/47/133, 1992).

Designar un artículo específico para el caso de los niños y adolescentes apropiados y victimados por la desaparición forzada, revela la realidad de denuncias de varios países de América del Sur y de América Central. En la investigación titulada *La responsabilidad internacional del Estado por desapariciones forzadas de personas*, Pietro Sferrazza, apunta que la desaparición forzada asume aspectos particulares cuando los afectados son personas que se encuentran en situación de vulnerabilidad, como niños y adolescentes, mujeres e pueblos originarios (2014, p. 45). Se considera, por lo tanto, que en los acuerdos referentes a la materia, los niños fueron mencionados con especificidades en el tratamiento de búsquedas, identificación y restitución, diferente de los demás grupos en situación de vulnerabilidad.⁴⁰

40. Para el investigador mencionado, los niños se exponen a la desaparición forzada en por lo menos tres situaciones: 1) cuando poseen madre o padre desaparecidos; 2) cuando los niños son victimados por la desaparición forzada; 3) cuando son apropiadas o secuestradas en edad que no identifican su entorno social, o que genera cambio de identidad. En este caso, existe la posibilidad de que los apropiadores pacten con el crimen y oculten las informaciones referentes a los padres biológicos y existen aún familias que realizan la adopción de algún niño o adolescente que ha vivenciado la experiencia del crimen sin saber su origen (SFERRAZZA, 2014, p. 45). La cuestión de los niños y adolescentes involucrados en casos de desapariciones forzadas se desarrollará más adelante a partir de casos juzgados por la Corte Interamericana de Derechos Humanos, que impulsaron cambios legislativos en lo que se refiere al derecho de los niños y adolescentes en el ámbito interno de algunos países. Las especificidades de las torturas de las mujeres y cómo el género fue utilizado se puede conferir en la investigación realizada paralelamente a ese estudio por Claudia Paiva Carvalho, que trata de "*crímenes sexuales: judicialización y archivos*" en periodos dictatoriales o de conflictos armados internos. Para más informaciones sobre graves violaciones de derechos humanos, como desapariciones forzadas, el uso de trabajos o desplazamientos forzados que involucren pueblos originarios, sugiero una investigación direccionada en los informes y reportes de las comisiones de la verdad de los países que poseen representantes en la RLAJT ya mencionados en este trabajo.

Es importante notar que el artículo 20° de la DPCDF indica que tanto la apropiación como la suplantación de la verdadera identidad del niño victimado por la desaparición del padre o de la madre están indicados como un crimen grave. Con eso, se sugiere que el Estado, cuando niega lo sucedido, también se expone a la connivencia y viola, de esa forma, el derecho a la verdad.

Aunque la DPCDF sea un instrumento importante en el sistema global, que ha fortalecido las luchas de familiares y grupos afectados por la desaparición forzada, es de destacarse que el documento no fue elaborado de forma aislada. Dos años después de aprobado por la AG de la ONU, otro instrumento normativo de directrices análogas, que ya se estaba elaborando desde 1988, se añadió en el sistema regional para los países miembros de la OEA: la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas (CIDFP). Esta posee carácter de tratado y por tratarse de un documento regional para el continente americano, será explotado más adelante.

Regresando al sistema internacional, la DPCDF sirvió como un impulso para lo que se tornó la Convención Internacional para la Protección de todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas (CIPPDF). Ésta fue adoptada por la Asamblea General en su Resolución n° 61/177, de 20 de diciembre de 2006 y entró en vigor el 23 de diciembre de 2010, al cumplir el artículo 39° que exigía la ratificación de veinte países.⁴¹ Verificando el tiempo de transcurso de la aprobación de la DPCDF hasta el inicio de la aplicabilidad de la CIPPDF, se percibe la morosidad de la incorporación de la noción de desaparición forzada para el DIDH y lo reciente que es la consolidación para tratar jurídicamente ese crimen.

La CIPPDF, por lo tanto, como toda Convención de la ONU, considera en primer lugar la obligación de los Estados para con los principios de la Carta de las Naciones Unidas y de la Declaración Universal de los Derechos Humanos. En su preámbulo, recuerda los instrumentos internacionales del DIH, DIDH y DPI, reiterando la desaparición forzada como crimen contra la humanidad. Añade la necesidad de combatir la impunidad para los casos de esa naturaleza, refuerza el derecho de las víctimas a la justicia, reparación y el conocimiento de la verdad sobre las circunstancias de los hechos, y la libertad de buscar, recibir y difundir informaciones sobre el crimen. En su artículo 2°, define que la desaparición forzada ocurre cuando hay:

la prisión, la detención, el secuestro o cualquier forma de privación de la libertad que se perpetre por agentes del Estado o por personas

41. Es posible acompañar la situación de los Estados-partes de esa Convención en el enlace: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=IV-16&chapter=4&clang=en

o grupos de personas actuando con la autorización, apoyo o aquiescencia del Estado, y el subsecuente rechazo en admitir la privación de la libertad o la ocultación del destino o del paradero de la persona desaparecida, privándole de esa forma de la protección de la ley. (ONU, A/RES/61/177, 2006)

La definición del crimen de desaparición forzada indica su autoría como parte específica que se debe considerar en este delito. Para eso, se considera que estas prácticas, pueden ser realizadas de forma sistemática y generalizada, mediante la acción o no de agentes estatales, y contiene cualquier tipo de consentimiento del Estado. La observación recae sobre los individuos que poseen vínculo con el servicio público, puesto que pueden ser éstas las responsables por la privación de la libertad (SFERRAZZA, 2014, p. 40)⁴². Sin embargo, es deber del Estado investigar cualquier caso de desaparición forzada, accionada por todas las posibilidades de autoría. Con el tratado además, se establece que toda persona tiene el derecho y el deber de negarse a obedecer órdenes y participar de cualquier circunstancia de este crimen.

La sanción está contemplada en gran parte de los artículos y le dan énfasis entre los artículos 6° y 11°. Se debe notar ese factor teniendo en cuenta el Estatuto de Roma, vigente desde 1998, que será tratado más adelante. En el artículo 24°, el término *víctima* recibe atención a su ampliación, una vez que se refiere tanto a la persona desaparecida como a todo individuo que haya sufrido daño como resultado directo del crimen, o sea, más allá del vínculo familiar. Se complementa que le corresponde al Estado garantizar el derecho a la verdad bajo las circunstancias del hecho y el avance de las investigaciones, a las víctimas de la desaparición forzada; en caso de vida, esto debe ocurrir identificándose el paradero de la persona y, en caso de muerte, de sus restos mortales. Para el caso de niños apropiados, el artículo 25° también obliga al Estado a tomar las medidas apropiadas para la responsabilidad penal de todos quienes falsifiquen, oculten o destruyan la documentación que testifique la identidad de origen de niños que hayan tenido a sus progenitores victimados por la desaparición forzada.

En 2010, cuando la lista de los veinte países que ratificaron la CIPPDF se completó para la aplicación del instrumento, el Consejo de Derechos Humanos de la ONU constituyó el Comité contra las Desapariciones Forzadas, previsto en el artículo 26° de la CIPPDF. Su objetivo es auxiliar al Grupo de Trabajo de la ONU en la prevención y combate a los crímenes y,

42. El investigador trata los sujetos activos involucrados en la acción de la desaparición forzada que puede que sean estatales o no estatales y de las dificultades de interpretación para esta delimitación en los documentos del Derecho Internacional. Véase Sferrazza, 2014.

más específicamente, en el monitoreo del cumplimiento de las obligaciones de los Estados Partes de la Convención con relación a las obligaciones establecidas en la DPCDF y en la CIPPDF.

El funcionamiento del Comité y del Grupo de Trabajo atiende a requisitos distintos, pues mientras el GTDFI no exige que el Estado haya ratificado la Convención para el acompañamiento de las desapariciones forzadas en el país, el Comité puede realizar trabajos sobre la temática solamente en los países miembros de la Convención. Así, el Comité desempeña sus atribuciones en condiciones más limitadas que el GTDFI, que posee más autonomía ante los Estados.⁴³ Ambos elaboran informes que aportan a la denuncia y divulgación de la situación en diversos países, proporcionando, de esa manera, un debate que trapase las fronteras y establezca mayor exposición de los Estados que no están cumpliendo con los tratados, ratificados o no.

La CIPPDF, por lo tanto, es un instrumento internacional jurídicamente vinculante. Su artículo 1º es categórico al establecer que toda persona tiene el derecho de no ser sometida a la desaparición forzada, clasificándolo como una violación en sí. Esto denota una *gran innovación*, a la vez que consagra, aunque tarde, el reconocimiento de ese derecho (SFERRAZZA, 2014, p. 140 y 205), pues, hasta entonces, los demás documentos reconocían solamente la condición pluriofensiva del crimen.⁴⁴

La CIPPDF obliga a los Estados partes a que se comprometan con la protección de las personas para prevenir la desaparición forzada asignándoles responsabilidades para que: a) en ninguna circunstancia esa práctica sea accionada; b) que todos los agentes del Estado cumplan con esa prohibición; c) haya uso riguroso de un protocolo que garantice los derechos de todas las personas privadas de libertad; d) y, si existe el crimen, que el Estado se responsabilice, en el ámbito del derecho interno, por la responsabilidad penal, de acuerdo a las normativa para sancionar el crimen de desaparición forzada, incluso como crimen contra la humanidad. Los Estados también necesitan reconocer el derecho a la verdad, además de facilitar el aclaramiento de las circunstancias de la muerte y que combatan el ocultamiento de la persona, ofreciendo medios para indemnizar a las personas que son del núcleo social y afectadas por la desaparición forzada. Esta Convención, por fin, “representa gran avance para la prevención y

43. The Working Group and the Committee on Enforced Disappearance. Disponible en: <http://www.ohchr.org/EN/Issues/Disappearances/Pages/WGInternationalConvention.aspx>, acceso el 1/9/2016.

44. Uno de los estudios que analiza de forma profunda, crítica y comparativa las directrices de la CIPPDF con los demás documentos sobre la materia es la citada Tesis de Doctorado de SFERRAZZA (2014), la que aportó mucho para ese informe.

erradicación de la práctica de la desaparición forzada” en el sistema global (PERRUSO, 2010, p. 38).

Los países que poseen representantes en la RLAJT están en la lista de signatarios de la Convención, siendo que El Salvador es el único Estado que no posee información de firma y tampoco de ratificación. De acuerdo con las ratificaciones presentadas en la página de internet del Alto Comisariado de las Naciones Unidas, la situación es la que sigue:

País	Firma	Ratificación	Legislación nacional de acuerdo con la CPPDF**
Argentina	6 de febrero de 2007	14 de diciembre de 2007	Ley n° 26.298 (2007)
Brasil	6 de febrero de 2007	29 de noviembre de 2010	Decreto n° 8.767 (2016)
Chile	6 de febrero de 2007	8 de diciembre de 2009	Decreto n° 280 (2010)
Colombia	27 de septiembre de 2007	11 de julio de 2012	Ley n° 1.418 (2010)
El Salvador	No consta*	No consta*	No identificado**
Guatemala	6 de febrero de 2007	No consta*	No identificado**
México	6 de febrero de 2007	18 de marzo de 2008	Entrada en vigor en México en el 2010
Perú	No consta*	26 de septiembre de 2012	No identificado**
Uruguay	6 de febrero de 2007	4 de marzo de 2009	Ley n° 18.420 (2008)

VARGAS, 2016.

* Tabla construida por la consultora con base en informaciones disponibles en la página virtual de la ONU, donde algunas se encuentran incompletas.⁴⁵

** Las informaciones para esta columna provienen de los cuestionarios contestados por los representantes de las organizaciones en la RLAJT o fueron investigados por la consultora.

En esta tabla, se añadieron las reglamentaciones internas, por medio de decretos y leyes, para la aplicabilidad de la CIPPDF en los países analizados por ese estudio. La Convención sólo se torna un instrumento efectivo de combate al crimen cuando está implementada. Sin embargo, se sabe que entre la adopción por la ONU y su efectiva aplicación, hay un largo trayecto. En términos movilizadores, uno de los factores que denota la importancia que tuvo esa aprobación para familiares y otras organizaciones no gubernamentales activas hace décadas en la materia, es la creación del *International Coalition Against Enforced Disappearances* (ICAED), que se posicionó, desde el 2007, en la tarea de impulsar los Estados a que ratificaran la CIPPDF. Se vinculan al ICAED más de 40 organizaciones miembros de

45. Ver la lista completa de los países que firmaron la Convención Internacional en *Ratification Status for CED - Convention for the Protection of All Persons from Enforced Disappearance*, disponible en: http://tbinternet.ohchr.org/_layouts/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?Treaty=CED&Lang=en acceso en septiembre de 2016.

diversas regiones del mundo que, después de las 20 ratificaciones necesarias para darle legitimidad a la aplicación de la CIPPDF en el 2010, siguen con un trabajo para que se implemente de forma efectiva por los Estados partes con el fin de combatir la desaparición forzada.⁴⁶

Al sistema global del Derecho Internacional de los Derechos Humanos se añaden los sistemas regionales, por ejemplo ejemplo, los Sistemas Europeo y Africano de Protección de los Derechos Humanos.⁴⁷ Para el caso americano, prevalece el Sistema Interamericano de Protección de los Derechos Humanos, que abarca la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) y la Corte Interamericana de Derechos Humanos (Corte IDH), todos en consonancia con las directrices de la Convención Americana de Derechos Humanos, adoptada por la OEA en 1969.⁴⁸ Para la desaparición forzada, el tratado más importante a nivel continental es la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas (CIDFP), aprobada por la Asamblea General de la OEA el 09 de junio de 1994.

Se nota que la CIDFP fue sancionada anteriormente a la adopción de la CIPPDF por la AG de la ONU, influenciándola naturalmente, puesto que todos los instrumentos le atraviesa el monitoreo de los grupos interesados por alcanzar avances en la materia. Como las demás normativas análogas, la CIDFP no se estableció de forma consensual y sin resistencias. Estuvo acompañada por los Estados partes, quienes emitieron sus evaluaciones e impulsaron el proceso moroso por parte de la OEA, la que se extendió a lo largo de seis años la consolidación y aprobación del proyecto, presentado finalmente, a principios de 1988. En el estudio titulado *Crimen de la Desaparición Forzada de Personas*, Tarciso Dal Maso Jardim analizó las resoluciones expedidas por la Asamblea General de la OEA, anteriormente a la aprobación de la CIDFP, y destaca que:

46. Más informaciones sobre el ICAED disponibles en <http://www.icaed.org/home/> acceso en septiembre de 2016.

47. Ver sobre el continente europeo, en lo que abarca la Convención Europea de los Derechos del Hombre (1950), los trabajos de la Comisión Europea de los Derechos del Hombre (1954) y del Tribunal Europeo de los Derechos del Hombre (1959); sobre el continente africano, ver Organización de Unidad Africana / Unión Africana (2002), Carta Africana de los Derechos del Hombre y de los Pueblos(1981), Carta Africana sobre los Derechos de las Mujeres en África (2003), Carta Africana de los Derechos y del Bienestar de los Niños (1990).

48. El SIDH se consolidó con la Declaración Americana de los Derechos y Deberes del Hombre, en 1948. A partir de ese instrumento, la Comisión Interamericana de Derechos Humanos fue creada en 1959 con el fin de observar a la situación de los derechos humanos en los países miembros e investigar situaciones específicas. La Corte Interamericana de Derechos Humanos fue creada por la Convención Americana sobre Derechos Humanos, de 1969, la que se hizo efectiva en 1978. La CIDH y la Corte IDH se amparan en las definiciones de atribuciones previstas en la Convención. Ver más sobre el asunto en: <http://www.oas.org/es/default.asp>

la elaboración de un proyecto sobre la temática de los derechos humanos, generalmente, es algo que involucra el hecho de no hacer caso y silencios a propósito por parte de los gobiernos, lo que hace inviable o aplazar la adopción de un instrumento convencional, sin mencionar los obstáculos de derecho interno para la posterior ratificación y aplicación. Sin embargo, a pesar de todos los obstáculos, se aprobó, finalmente, la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas, en la resolución adoptada en la séptima sesión plenaria, realizada el 9 de junio de 1994 – AG/RES. N° 1256 (XXIV – 0/94). (JARDIM, 1999, p. 47)

La entrada en vigor de la CIDFP sucedió después, el 28 de marzo de 1996, convirtiéndose en el primer tratado internacional sobre la desaparición forzada (SFERRAZA, p. 63). Esta Convención pasó a ser utilizada como sustentación jurídica para los casos referentes a este delito juzgados por la Corte IDH, la que estableció jurisdicción sobre un conjunto extraordinario de decisiones, que han impactado de alguna manera las decisiones de los tribunales domésticos de los países del continente americano, sobre todo los latinoamericanos que poseen histórico de dictaduras y conflictos armados internos. De esta manera, la jurisprudencia regional, reconoce la urgencia de investigación, procesamiento y sanción del crimen antes de la Declaración de 1992 y de las Convenciones interamericana e internacional sobre el crimen de desaparición forzada, pues el primer caso juzgado sobre desaparición forzada por la Corte IDH que generó condena fue el de *Velásquez Rodríguez vs. Honduras*, en 1988.⁴⁹

Aún antes que la Corte IDH fuera creada, la CIDH emitió su primer informe sobre la desaparición forzada observando la situación de los derechos humanos en Chile, el 25 de octubre de 1974, o sea, un año y dos meses después del golpe del 11 de septiembre de 1973. El Capítulo IX del documento titulado *Detenciones por tiempo indeterminado y personas desaparecidas*, apunta preocupación sobre el gran número de personas desaparecidas después de su detención y cuyo paradero se ignoraba. (OEA/Ser.L/V/II.34).⁵⁰

Se subraya que de los años 1970 hasta fines de los años 1990, todos los países que poseen organizaciones en la RLAJT adhirieron a la Convención Americana de la OEA y también reconocieron la competencia contenciosa

49. La jurisprudencia de la Corte IDH para los casos de desaparición forzada será explotada en el capítulo 2 de este estudio.

50. El documento citado por SFERRAZZA (2014) se puede encontrar en la versión *online*, tanto el sumario del informe como todos sus capítulos: <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/indice.htm>; El capítulo IX está disponible en <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/cap.9.htm>, acceso el 1/9/2016.

de la Corte IDH, afirmación siempre presente en las sentencias que serán tratadas en el capítulo 2. La tabla demuestra la cronología de esas adhesiones:

País	Convención Americana (Pacto San José de Costa Rica – 1969)	Reconocimiento de la competencia contenciosa de la Corte
Argentina	Estado parte desde el 5 de septiembre de 1984	Desde 5 de septiembre de 1984
Brasil	Estado parte desde 25 de septiembre de 1992	Desde 10 de Diciembre de 1998
Chile	Estado parte desde 21 de agosto de 1990	Desde 21 de agosto de 1990
Colombia	Estado parte desde 31 de julio de 1973	Desde 21 de junio de 1985
El Salvador	Estado parte desde 23 de junio de 1978	Desde 6 de junio de 1995
Guatemala	Estado parte desde 25 de mayo de 1978	Desde 9 de mazo de 1987
México	Estado parte desde 24 de marzo de 1981	Desde 16 de diciembre de 1998
Perú	Estado parte desde 28 de julio de 1978	Desde 21 de enero de 1981
Uruguay	Estado parte desde 19 de abril de 1985	Desde 19 de abril de 1985

VARGAS, 2016. Tabla construida por la consultora con base en informaciones disponibles en las sentencias de la Corte IDH, en los casos de los países involucrados con la RLAJT.

A partir de las experiencias citadas, la AG de la OEA aprobó, en 1994, la CIDFP, convocando los Estados a que se comprometieran con las directrices de esta Convención, la cual tiene por objetivo aportar para la prevención, sanción y eliminación de la desaparición forzada, a partir del entendimiento de que este crimen se define por los siguientes componentes:

Privación de la libertad de una persona o más personas, de cualquier forma, practicada por agentes del Estado o por personas o grupos de personas que actúen con la autorización, apoyo o consentimiento del Estado, seguida de falta de información o de rechazo a reconocer la privación de libertad o informar sobre el paradero de la persona, impidiendo de esa forma el ejercicio de los recursos legales y de las garantías procesuales pertinentes. (OEA, CIDFP, 1994)

Los componentes que definen el crimen de desaparición forzada se asemejan a los demás documentos citados, aunque esta Convención sea la primera a abarcar la materia a nivel internacional.⁵¹ En el artículo VIII la norma refuerza la condición de los participantes activos que conducen la práctica de la desaparición forzada, y expresa que a toda persona a la que se le ordene participar del delito debe recurrir a la desobediencia. Además, contempla el deber de los Estados de prestar capacitación a sus funcionarios públicos para que impidan el crimen.

51. Acordarse que la Declaración de la ONU no tiene carácter de tratado y la Convención de la ONU es posterior a la Convención Interamericana.

En lo que se refiere a las responsabilidades de los Estados miembros, la CIDFP se dedica a la interpretación del crimen para fines jurídicos en sus artículos III, IV, V, VI, VII y IX. Tales resoluciones orientan los países a que sigan algunas directrices: a) medidas legislativas para incorporar la desaparición forzada como un tipo penal, tomando en cuenta su extrema gravedad, además de caracterizarlo como un delito continuado o permanente hasta la identificación del paradero de la víctima. Hay permisión para que los Estados partes adopten elementos atenuantes en cambio de información sobre los hechos del delito; b) soluciones sobre los procesos de extradición, o sea, los Estados partes deben adecuar sus jurisdicciones internas para atender a esas posibilidades; la acción penal sobre el delito y la pena impuesta son imprescriptibles; los juicios para los casos de desapariciones forzadas sólo podrán ocurrir en justicia común, con la exclusión de los demás tribunales, particularmente el militar.⁵²

Sobre el derecho a la información, el artículo XI indica que los Estados partes deben cumplir rigurosamente los protocolos para que toda la trayectoria de la persona en privación de la libertad sea documentada, con el fin de que sus derechos sean plenamente asegurados, y también:

Se establecerán y mantendrán registros oficiales actualizados sobre sus detenidos y, conforme su legislación interna, los pondrán a la disposición de los familiares de los detenidos, así como de los jueces, abogados, cualquier persona con interés legítimo u otras autoridades. (OEA, CIDFP, 1994)

Para complementar la caracterización de la desaparición forzada y el derecho a la verdad, la CIDFP también destaca en su artículo XII la situación de los niños víctimas de la desaparición forzada, convocando los Estados a que presten:

Cooperación recíproca en la búsqueda, identificación, localización y restitución de menores que hayan sido transportados para otro Estado o retenidos en este como consecuencia de la desaparición forzada de sus padres, tutores o guardianes. (OEA, CIDFP, 1994)

La CIDFP pasa a ser evocada en las sentencias sobre casos de desaparición forzada, especialmente en los juicios realizados por la Corte

52. SFERRAZZA (2014, p. 63) demarca aunque la CIDFP sea de gran importancia, no agota todas las demandas. El investigador se ampara en las críticas de Scovazzi y Citroni (2007), que apuntan lagunas dejadas por la convención: falta de objetividad en las obligaciones internacionales sobre la prevención de la desaparición forzada; fallos en el reglamento del derecho de recurso de las víctimas y permiso para que los Estados puedan formular reservas; falta de medidas de protección para personas afectadas o profesionales que lidian con la desaparición y pueden estar bajo riesgos sufren amenazas.

IDH como un instrumento de respeto por los Estados partes. Tal Convención reforzó la caracterización “pluriofensiva cuanto a los derechos afectados, y continuada o permanente de la desaparición forzada”.⁵³

Los países que poseen representantes en la RLAJT están en la lista de signatarios de la Convención Interamericana, siendo que El Salvador es el único Estado que no posee información de firma y tampoco de ratificación. De acuerdo con la situación de ratificaciones presentadas en la página de internet de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH), la situación es la siguiente:

Países	Firma	Ratificación, Aceptación o Adhesión	Depósito	Ley nacional a partir de la Ratificación
Argentina	10/06/1994	31/10/1995	28/02/1996	Lei n° 24.556 (1997) y Lei n° 24.820 (1997)
Brasil	10/06/1994	*no consta	*no consta	Decreto n° 8.766 (2016)
Chile	10/06/1994	*no consta	*no consta	Decreto n°12 (2010)
Colombia	05/08/1994	01/04/2005	12/04/2005	Lei n° 707 (2001)
El Salvador	Não consta*	No consta*	No consta*	No identificado**
Guatemala	24/06/1994	27/07/1999	25/02/2000	No identificado**
México	04/05/2001	28/02/2002	09/04/2002	Entrada en vigor en México en 2002
Perú	08/01/2001	08/02/2002	13/02/2002	No identificado**
Uruguay	30/06/1994	06/02/1996	02/04/1996	Ley n° 16.724 (1995)

VARGAS, 2016.

* Tabla construida por la consultora con base a las informaciones disponibles en la página virtual de la OEA, en la que algunas no están completas.⁵⁴

** Las informaciones para esta columna, las retiraron de los cuestionarios respondidos por los representantes de las organizaciones en la RLAJT o fueron investigados por la consultora.

1.4 Derecho Penal Internacional

El fenómeno de la desaparición forzada fue establecido como parte de los crímenes contra la humanidad sucedidos durante la Segunda Guerra Mundial. La práctica de apropiación o secuestro de personas, consideradas opositoras al nazismo en territorios ocupados por Alemania, fue desarrollada por agentes del tercer Reich. Se realizó el desplazamiento y el

53. Corte IDH. Caso Gomes Lund y otros (“Guerrilla del Araguaia”) vs. Brasil. 2010.

54. Lista completa de los países que firmaron y posteriormente ratificaron, aceptaron o adoptaron la Convención Americana/Interamericana sobre la Desaparición Forzada de Personas, aprobada por la Asamblea General de la OEA en *Belém do Pará*, en Brasil, el 09 de junio de 1994. Disponible en: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/I.Desaparecimento.Rati..htm>, acceso 1/9/2016.

asesinato de resistentes sin que se elaborara ningún registro ni información. Tal conducta está en el decreto de exterminio nazista *Noche y neblina* (*Nacht und Nebel*), del 7 de diciembre de 1941 (OSMO, 2014; PERRUSO, 2010; SFERRAZZA, 2014).

En testimonio durante el juicio de Núremberg, el 1º de octubre de 1946, el mariscal nazista Wilhelm Keitel, relató que el crimen fue una solución que se dio para una “intimidación eficiente y duradera”, para que los familiares y la población “se quedaran sin saber el destino del criminal” (OSMO apud NUREMBERG, 2014, pp. 81-82). El agente Keitel fue condenado a la muerte por crímenes de guerra, debido a la responsabilidad sobre el decreto que firmó y su por su implementación. Aunque la desaparición forzada no fuera clasificada, en la época, como crimen contra la humanidad por el Estatuto del Tribunal Militar Internacional de Núremberg, ésta pudo ser considerada la primera condena para este tipo de crimen según el Derecho Internacional (SFERRAZZA, 2014, pp. 51-52).⁵⁵

El Tribunal de Núremberg está considerado por Ruti Teitel el símbolo del inicio del internacionalismo de la justicia transicional, que se localiza en la primera fase, luego de la II Guerra Mundial. Las prácticas para la consolidación de esta noción ponen al debate diferentes acciones en tres fases: la primera, más pegada a la responsabilidad y una justicia más universal; la segunda, más direccionada a la paz, amnistía, reconciliación y una justicia local; y la tercera fase, la que pertenece a la contemporaneidad, retomando parte del modelo de la fase I. De acuerdo con Teitel, el símbolo da “normalización de la jurisprudencia de transición” es el Tribunal Penal Internacional (TPI), pues éste:

Fue precedido por los tribunales penales internacionales *had hoc* convocados para responder los conflictos genocidas en los Balcanes y en Ruanda. Medio siglo después de la Segunda Guerra Mundial, el TPI simboliza la consolidación del modelo de Núremberg: la creación de un tribunal internacional permanente designado para someter a juicio a los autores de los crímenes de guerra, genocidio y crímenes contra la humanidad, como una materia de rutina bajo el Derecho Internacional. (TEITEL, 2003, pp. 164-165)

El Estatuto de Roma (ER) del Tribunal Penal Internacional (TPI), de 1998, en su preámbulo, afirma su preocupación con atrocidades de crímenes de gran gravedad y, por lo tanto, decide “poner fin a la impunidad de los

55. SFERRAZZA aún destaca que esta condena de Núremberg fue un hito para basar otra sentencia en el caso *Justice Trial* ou *Judge's Trial*, por el Tribunal Militar de los Estados Unidos. Ver más en SFERRAZZA, 2014, p. 52.

autores de esos crímenes y a aportar para la prevención” de la siguiente tipología de crímenes: genocidio, crímenes contra la humanidad, crímenes de guerra y crimen de agresión. Para eso, el ER creó el TPI, como una institución de “carácter permanente e independiente, en el ámbito de las Naciones Unidas”, de alcance internacional, que pueda crear parámetros de sanción para “complementar las jurisdicciones penales nacionales” de los Estados partes.

El ER define, en su artículo 7º, los crímenes contra la humanidad, entendiéndolos de esta forma cuando se cometan de forma sistemática y generalizada contra cualquier población civil. Entre tales crímenes están: homicidio, exterminio, esclavitud, deportación o traslado forzoso, prisión u otra forma de privación de la libertad física grave, tortura, agresión sexual de variada naturaleza, persecución de un grupo o colectividad que pueda ser identificada por motivaciones variadas, desaparición forzada de personas, crimen de *apartheid*, otros actos deshumanos de carácter semejante. En la definición de los crímenes citados está el de la desaparición forzada de personas, que abarca:

La detención, la prisión o secuestro de personas por un Estado o una organización política o con la autorización, el apoyo o estar de acuerdo con éstos, seguidos de rechazo para reconocer tal estado de privación de la libertad o a prestar cualquier información sobre la situación o localización de esas personas, con el propósito de negarles protección de la ley por un largo periodo de tiempo. (ONU, ER, 1998)

Al conceptuar la desaparición forzada como crimen contra la humanidad, el ER refuerza lo dispuesto en la DPCDF y CIDFP, ambas anteriores a 1998. Aunque el ER esté preocupado por sancionar y combatir la impunidad, y en su artículo 29º declare que todos los crímenes de naturaleza grave, mencionados anteriormente, son imprescriptibles, algunos límites están indicados por el ER para la punición de estos: el artículo 11º, que dispone de la competencia *ratione temporis* del TPI, afirma que este Tribunal sólo puede juzgar los crímenes cometidos por los Estados miembros después de la entrada en vigor del Estatuto en los países; el artículo 24º trata de la no retroactividad *ratione personae*, indicando que de acuerdo con el ER la responsabilidad penal por una conducta anterior a la entrada en vigor del Estatuto no podrá ser objeto de la jurisdicción del Tribunal; en el artículo siguiente, el ER aclara que el TPI posee competencia para juzgar solamente personas físicas.

Para el Estatuto de Roma, todos los países que poseen representantes en la RLAJT se encuentran en la lista de signatarios. Se presenta

la cronología de las ratificaciones de acuerdo con la página de internet del Tribunal Penal Internacional, como las legislaciones internas para reglamentar el tratado:

Países	Estatuto de Roma	Legislación interna para su reglamentación
Argentina	08 de febrero de 2001	Ley n° 26.200 (2006)
Brasil	20 de junio de 2002	Decreto n° 4.388 (2002)
Chile	29 de junio de 2009	Decreto n° 104 (2009)
Colombia	05 de octubre de 2002	Acto legislativo de 2001, adición del artículo 93 a la Constitución
El Salvador	03 de marzo de 2016	No identificado**
Guatemala	02 de abril de 2012	No identificado**
México	28 de octubre de 2005	Entrada en vigor en México en el 2006
Perú	10 de noviembre de 2001	Resolución Legislativa n° 27.517 (2001)
Uruguay	28 de junio de 2002	Ley n° 18.026 (2006)

VARGAS, 2016.

* Tabla construida por la consultora con base en informaciones disponibles en la página virtual del TPI.⁵⁶

** Las informaciones para esta columna se retiró de los cuestionarios respondidos por los representantes de las organizaciones en la RLAJT o fueron investigados por la consultora.

Después de verificar la cronología de las adhesiones de los países que poseen organizaciones en la RLAJT por las directrices puestas por el ER del TPI, se recopilaron las ratificaciones de estos países de la *Convención sobre a imprescriptibilidad de los crímenes de guerra y de los crímenes contra la humanidad*, aprobada el 26 de noviembre de 1968. El objetivo es verificar el grado de coherencia de los países que se comprometieron con el ER del TPI con un tratado anterior sobre un asunto transversal, la imprescriptibilidad. Por lo dispuesto en la lista del tratado sólo cuatro de los nueve países analizados poseen la firma: Argentina, ratificación el 26 de agosto de 2003; Perú, el 11 de agosto de 2003; México, ratificación el 15 de marzo de 2002; Uruguay, 21 de septiembre de 2001; Brasil, Chile, Colombia, El Salvador y Guatemala no constan en las ratificaciones.⁵⁷

Es importante destacar que la Convención sobre la imprescriptibilidad ya citada es anterior a los tratados sobre la desaparición forzada, y aunque no hubiera un tribunal internacional permanente en la época, la

56. Lista completa de los Estados partes del Estatuto de Roma, enlace para los Estados Latinoamericanos y Caribe, disponible en: https://asp.icc-cpi.int/EN_Menu/asp/states%20parties/latin%20american%20and%20caribbean%20states/pages/latin%20american%20and%20caribbean%20states.aspx, acceso 1/9/2016.

57. La lista de depositarios en la ONU para firmar o ratificar la *Convention on the non-applicability of statutory limitations to war crimes and crimes against humanity* está disponible en: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=IV-6&chapter=4&clang=_en acceso el 1/9/2016.

desatención de algunos países para la convención que trata de la imprescriptibilidad para crímenes de extrema gravedad se hace notable. Una de las hipótesis para la falta de comprometimiento de los países con la cuestión de la imprescriptibilidad está en la falta de interés en tornar los crímenes contra la humanidad sucedidos antes de las convenciones sobre la materia y a la implementación del TPI, en objeto de condenas. Tal idea puede que sea comprobada cuando se identifican las iniciativas de los Estados que poseen organizaciones en la RLAJT para edición de leyes de amnistía u otras medidas de responsabilidad, las que se puede verificar en Osimo (2016, pp. 37-40).

Es necesario también evaluar cómo los países que integran la RLAJT tratan otras medidas que despenalizan el crimen de la desaparición forzada. El Salvador, aunque sea el único país que no posee indicativo de firmas o ratificaciones tanto en la CIDFP como en la CIPPDE, es el único que modificó la situación hace poco para la cuestión de la amnistía. A través de su *Corte Suprema de Justicia*, el 13 de julio de 2016, los magistrados firmaron la declaración de la inconstitucionalidad de la *Ley de Amnistía General para la Consolidación de la Paz de 1993*.⁵⁸ Jurídicamente, la posición de la Corte seguramente va a generar avances en los casos de desapariciones forzadas en los tribunales domésticos, puesto que se eliminó uno de los grandes obstáculos para la responsabilidad penal. Aún se espera que esta iniciativa sea seguida por las Cortes Supremas de los países que siguen considerando que las amnistías impiden la punición de personas acusadas por cometer crímenes de desapariciones forzadas.

1.5 Consideraciones finales

La primera parte de este informe juzgó necesario comprender el concepto jurídico de la desaparición forzada y los caminos para su reconocimiento, caracterización, sanción y no repetición, a partir de los instrumentos normativos del Derecho Internacional Humanitario, del Derecho Internacional de los Derechos Humanos y del Derecho Penal Internacional. Los documentos y tratados fueron analizados en diversos aspectos, específicamente a partir del enfoque en las directrices para la sanción de este crimen considerado contra la humanidad. Esta calificación induce al segmento de justicia, cuyo abordaje se profundizará en la parte 2 de este estudio.

58. Ver más en Comunicado de prensa de la Sala de lo Constitucional. Disponible en: http://www.csj.gob.sv/Comunicaciones/2016/07_JULIO/COMUNICADOS/20.%20Comunicado%2013-VII-2016%20Ley%20de%20amnist%C3%ADa.pdf, acceso el 1/9/2016.

La definición del crimen de desaparición forzada para los principales documentos del Derecho Internacional indica que el crimen aplicado de forma sistemática o generalizada es producto de las acciones de agentes estatales o de individuos con la aquiescencia o cualquier otro tipo de connivencia por parte del Estado. Es difícil limitar la autoría, puesto que todo el Estado es el gestor de la situación de la persona privada de libertad, luego, por una cuestión obvia, en los casos de encarcelamiento sin la conducción del Estado es la obligación de que este realice la investigación. Sin embargo, es deber de los países que instruyan a sus funcionarios públicos para que impidan el delito y que tomen las medidas apropiadas para su resolución y sanción. El delito de desaparición forzada pasó a ser considerado con la Convención Internacional más reciente, una violación en sí, o sea, un crimen que se valida de forma específica, autónoma, aunque sea constituida por una multiplicidad de violaciones. También se destacó el carácter permanente de este delito, o sea, sigue en curso hasta que se identifiquen y se restituyan a las personas afectadas por la desaparición forzada o sus restos mortales.

Se concluye, por lo tanto, que para la configuración de este crimen es necesaria la composición de, por lo menos, tres condiciones: a) privación de libertad; b) participación de agentes estatales, o de individuos o grupos que cuenten con cualquier aquiescencia del Estado; y c) negativa para reconocer la detención y revelar la suerte o paradero de la persona sometida a la condición. En el propio crimen está implicada la violación del derecho a la verdad, la que también fue destacada en las normativas y recibirá tratamiento a lo largo del capítulo 2.

De esta manera, se buscó sistematizar los principales aspectos de los acuerdos internacionales sobre la materia junto con la elaboración de un panorama sobre la recepción de estos instrumentos jurídicos en las legislaciones internas de los países analizados por esta investigación. A partir de esa síntesis y de iniciativas de grupos de familiares afectados por la desaparición forzada, los que impulsaron las medidas en el ámbito nacional o internacional, se verificó que todos los Estados reconocen a la figura del desaparecido por agentes estatales o con el consentimiento de éstos, ya sea en documentos producidos por comisiones de la verdad o a través de otras leyes de reparación.

Finalmente, muchas cuestiones necesitan ser resueltas, política y jurídicamente, pues aunque la justicia transicional, de forma más o menos avanzada, no sea ignorada por las legislaciones internas, hay mucho que hacer para que se consolide la no repetición y que se cumplan las

determinaciones de los órganos de derechos humanos. La aplicabilidad de las sentencias de la Corte IDH para los casos de desapariciones forzadas en los países estudiados será objeto del capítulo siguiente, con el fin de verificar las prácticas desarrolladas por los Estados para la resolución de los casos que los ponen en la condición de condenados frente a los países latinoamericanos.

[Volta ao Sumario]

CAPÍTULO 2

LOS CASOS DE DESAPARICIONES FORZADAS EN LA CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS Y LA RECEPCIÓN DE LAS SENTENCIAS CONDENATORIAS POR LOS PAÍSES ESTUDIADOS POR LA RLAJT

2.1 De los caminos de este estudio y de los trámites de una acción hasta la admisibilidad de la Corte IDH

Entre los desafíos de esta investigación estuvo el ejercicio de estructurar una síntesis del tratamiento del crimen de desaparición forzada por los órganos judiciales y archivos de los países que poseen representantes en la RLAJT. Sin la posibilidad de que se realizara un trabajo de campo, y con eso, profundizar el análisis de datos sobre las situaciones locales, algunas estrategias metodológicas fueron invertidas, con el fin de acompañar la atención prestada por la justicia de los países analizados a los crímenes de esa naturaleza paralelamente a las alternativas para la constitución, preservación y el acceso a los archivos sobre ese tema.⁵⁹ Debido a la importancia del Sistema Interamericano de Derechos Humanos y el fácil acceso a las decisiones en los casos de desaparición forzada de la Corte IDH, disponibles en la *Internet*, se juzgó pertinente explotar algunas de esas decisiones, más precisamente la primera sentencia condenatoria sobre la materia y la más reciente de cada país, ya que la cuestión temporal es importante para la judicialización de los casos. La sistematización sucedió, por lo tanto, basada en informaciones de los casos contenciosos y resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia, en los datos proporcionados por los representantes a través de cuestionarios y entrevistas, informaciones de gran valor no sólo para esa investigación, sino también para componer el banco de datos de la RLAJT.

El objetivo de la segunda parte de ese informe se concentra en esbozar un panorama sobre cómo la Corte IDH se requiere a los Estados abarcados por este estudio, las sentencias condenatorias de la

59. Para hablar de archivos y acceso a la información sobre la desaparición forzada, esta investigación utiliza como parámetro el estudio de Santos (2016) que se refiere a los “archivos de derechos humanos” como aquellos que aportan para la efectucción, esclarecimiento y memoria de violaciones de derechos humanos. [...] Se entiende que el acceso a esos documentos posibilita la obtención de informaciones esenciales para el perfeccionamiento democrático. Ellos se tornan derechos que permiten que operen y ayuden a la sociedad para que entienda determinados cursos de su historia e identidad, auxiliando en la educación y construcción de una memoria.” (p. 19). Ver cómo las normativas internacionales de derechos humanos se refieren a las directrices de derecho al acceso a la información en Santos (2016, p. 75-78).

Corte IDH sobre los casos de desaparición forzada. Como mencionado en la introducción de este informe, la judicialización de la justicia transicional tiene el *locus* privilegiado para la implementación de medidas transicionales por el Poder Judicial (MEYER, 2016, p. 106). El Sistema Interamericano de Derechos Humanos de la OEA, compuesto por la Comisión Interamericana de Derechos Humanos y por la Corte Interamericana de Derechos Humanos, en algunos casos, ha impulsado la aplicación del Derecho Internacional de los Derechos Humanos en los tribunales domésticos. Para el cumplimiento de las obligaciones del Estado, en un proceso de responsabilidad individual, se necesita un poder judicial que instrumentalice en buena medida las decisiones del tribunal interamericano. Para el investigador Bruno Bernardi:

el posicionamiento de los actores judiciales domésticos se torna central, ya que el impacto del sistema interamericano depende de la judicialización de casos concretos y de las estrategias, elecciones y decisiones jurídico-legales de jueces y promotores durante la tramitación de los procesos. Aunque el Ejecutivo y el Legislativo sean favorables a las decisiones del sistema interamericano, el ámbito privilegiado para disminuir las controversias que ellas implican, está reservado al Judicial y a la esfera del Derecho. (BERNARDI, 2016, p. 416)

Sin embargo, hasta que se recorra el camino de la consolidación doméstica de las normativas del Derecho Internacional, será necesaria la apertura del Poder Judicial para la dar fuerza a las normas globales. En el caso del continente americano, estas decisiones de la Corte IDH pueden tornarse imprescindibles. En cuanto a la responsabilidad criminal, se afirma que Latinoamérica está en la vanguardia de la *justicia en cascata*, de acuerdo con Ellen Lutz y Kathryn Sikkink (BURT, 2011, p. 308). Los desdoblamientos en cadena suceden en etapas que involucran la validación de las normas por variados segmentos sociales. En esta misma perspectiva, Marcelo Torelly destaca que la propuesta de Kathryn Sikkink y Martha Finemore está en acompañar las etapas del “ciclo de vida” de una norma, que pasa por las siguientes etapas: 1) la norma está incorporada por el núcleo jurídico a partir de la persuasión de movimientos sociales y políticos; 2) la comunidad jurídica y política admite la existencia de la norma, legitimando su aplicabilidad en prácticas locales o regionales; 3) la norma se internacionaliza tornándose habitual y, por lo tanto, institucionalizada a nivel global (TORELLY, 2013, p. 488-489).

Sí es posible afirmar que la *justicia en cascata* está presente en las prácticas jurídicas de Latinoamérica, aunque hayan tantos obstáculos para la responsabilidad criminal sobre la desaparición forzada, entonces la Corte IDH seguramente es uno de los más importantes agentes. Una vez sometidos casos a su consideración, esa Corte concentra en sus decisiones

las posibilidades de que los países avancen en la materia de justicia transicional. Se subraya que la competencia contenciosa de la Corte IDH se centra en los Estados, en los casos en los que éstos sean signatarios de la Convención Americana de Derechos Humanos y reconozcan la atribución de este tribunal.

Las denuncias de los casos de desapariciones forzadas, en el sistema interamericano, ocurren en circunstancias en las que las acciones hayan agotado los recursos jurisdiccionales internos o en situaciones en las que los procesos penales encuentran impedidos en los tribunales domésticos, con obstáculos como leyes de amnistías, por ejemplo. Destinados a la Comisión IDH los casos pasan por un proceso de admisibilidad y luego de análisis de fondo por este órgano que, después del diálogo con el Estado acusado, evalúa su argumentación de defensa. Ante argumentaciones insatisfactorias para la resolución del caso, éste pasa por la admisibilidad de la Corte IDH y, después del adecuado proceso legal, se vuelve objeto de juicio.⁶⁰ Las partes involucradas en ese proceso son: a) la Corte como instancia decisoría; b) los autores de la petición, puede que sean familiares de la persona victimada representados por abogados particulares, organizaciones no gubernamentales o entidades jurídicas que prestan servicios a los afectados por crímenes de esa naturaleza; c) la Comisión IDH como observadora; d) el Estado como presunto responsable de la violación.

De la denuncia para la Comisión IDH hasta su juicio y sentencia por la Corte IDH el tiempo puede que transcurra en muchos años o aún décadas. Después de la decisión, que es inapelable, hay un proceso extendido de observación para la supervisión de cumplimiento de sentencia, lo que hace con que todas las partes se movilicen para averiguar si el Estado está impartiendo esfuerzos para cumplir con los puntos resolutive de la decisión. Son estos puntos indicados por la Corte IDH, los que pretenden responsabilizar a los Estados para la protección y promoción de los Derechos Humanos, que serán explotados a continuación, con respecto a la judicialización y al acceso y preservación de archivos.

2.2 El trabajo empírico con las sentencias condenatorias de la Corte IDH

El producto presentado es un ejercicio de verificación de las obligaciones de los Estados responsables por los crímenes de desaparición forzada y sus iniciativas para el cumplimiento de los puntos resolutive de las sentencias para la responsabilidad individual y el derecho a la verdad. El cruce de informaciones ocurrió a partir de datos de las decisiones de la Corte IDH. Se realizó una recopilación de la jurisprudencia de la Corte

60. Ver el esquema de procedimiento frente a la Corte IDH, disponible en: <http://www.corteidh.or.cr/index.php/es/acerca-de/como-acceder-al-sistema-interamericano/procedimiento> acceso el 01/10/2016.

IDH, que resultó en sentencias condenatorias por desaparición forzada de los países de este estudio. Posteriormente, fueron listadas las resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia (tabla disponible en el Anexo IV).

Como se mencionó en la primera parte de este informe, desde la década de 1980, se realizan acciones para la visibilidad del crimen de desaparición forzada y su prohibición, tanto por órganos del Derecho Internacional Humanitario y Derecho Internacional de los Derechos Humanos, como a través del Derecho Penal Internacional.⁶¹ Se pone en relieve que la Corte IDH no es un tribunal penal. Posee competencias contenciosa y consultiva, busca recomendar los Estados-miembros de la OEA que reconocen su competencia en la protección de los derechos humanos. Le corresponde como instancia decisoria, reforzar la fuerza normativa de la Convención Americana de Derechos Humanos de 1969. Como complemento a la Convención mencionada, las declaraciones y tratados sobre la desaparición forzada, sobretudo la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas, empezaron a integrar las decisiones de la Corte IDH a lo largo de los años.

Para el análisis que se propone, se hizo una lista de 30 decisiones condenatorias por crimen de desaparición forzada para los países que poseen representantes en la RLAJT, ordenadas de forma cronológica en la tabla a continuación.⁶² La lectura de la tabla se puede hacer de modo que se lleve en cuenta las tres etapas de la normativa sobre la desaparición forzada, que son: 1) periodo de la década de 1990, en la que se es aprobada, por la Asamblea-General de la ONU, la Declaración sobre la Protección de todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas o Involuntarias y, por la Asamblea de la OEA, la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas, yendo hasta la instalación del Tribunal Penal Internacional en 1998; 2) de 1998 en adelante, con el TPI, hasta la aprobación por la Asamblea-General de la ONU de la Convención Internacional para la Protección de todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas, que entra en vigor en 2010; 3) después que la última Convención entró en vigor, alcanzando las sentencias más recientes.

61. Por el DIH, las Convenciones de Ginebra (1949) y Protocolos Adicionales (1977); por el DIDH, en el sistema universal, la Declaración sobre la Protección de todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas o Involuntarias de 1992, la Convención Internacional para la Protección de todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas de 2006 (vigencia de 2010); en el sistema regional, la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas de 1994 (vigencia de 1996); por el DPI, el Estatuto de Roma del Tribunal Penal Internacional de 1998.

62. El proceso de búsqueda se realizó por palabras como "desaparición" y "forzada" y en combinaciones con el nombre de los casos apuntados por los cuestionarios de cada país, observándose que no todos los representantes apuntaron los casos de desapariciones forzadas contra sus países llevados a la Corte IDH. Así, fue de responsabilidad de la consultora la recopilación y la elaboración de la lista de casos, fíjese, por el hecho de que es posible que alguna sentencia no esté citada por algún fallo en el método de búsquedas.

Fecha de las Sentencias por orden cronológico	Casos de desapariciones forzadas juzgadas por la Corte IDH*	Países condenados
Sentencia del 08/12/1995	Caso <i>Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencias del 02/02/1996 y 27/8/1998	Caso <i>Garrido y Baigorria Vs. Argentina</i>	Argentina
Sentencias del 02/07/1996 24/1/1998, 22/01/1999	Caso <i>Blake Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencias del 30/01/1996, 03/11/1997 y 27/11/1998	Caso <i>Castillo Paéz Vs. Perú</i>	Perú
Sentencias del 25/11/2000 y 22/02/2002	Caso <i>Bámaca Velásquez Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencia del 03/12/2001	Caso <i>Durand y Ugarte Vs. Perú</i>	Perú
Sentencias del 12/6/2002 y 05/07/2004	Caso <i>19 Comerciantes Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencia del 04/05/2004	Caso <i>Molina Theissen Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencia del 01/03/2005	Caso <i>de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentencia del 15/9/2005	Caso <i>de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencia del 22/11/2005	Caso <i>Gómez Palomino Vs. Perú</i>	Perú
Sentencia del 31/1/2006	Caso <i>de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencia del 01/07/2006	Caso <i>de las Masacres de Ituango Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencia del 29/11/2006	Caso <i>La Cantuta Vs. Perú</i>	Perú
Sentencia del 10/07/2007	Caso <i>Cantoral Huamani y García Santa Cruz Vs. Perú</i>	Perú
Sentencia del 26/11/2008	Caso <i>Tiu Tojín Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencia del 22/09/2009	Caso <i>Anzualdo Castro Vs. Perú</i>	Perú
Sentencia del 16/11/2009	Caso <i>González y otras ("Campo Algodonero") Vs. México</i>	México
Sentencia del 23/11/2009	Caso <i>Radilla Pacheco Vs. México</i>	México
Sentencia del 25/5/2010	Caso <i>Chitay Nech y otros Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencia del 24/11/2010	Caso <i>Gomes Lund y otros ("Guerrilha do Araguaia") Vs. Brasil</i>	Brasil
Sentencia del 24/02/2011	Caso <i>Gelman Vs. Uruguay</i>	Uruguay
Sentencia del 26/8/2011	Caso <i>Torres Millacura y otros Vs. Argentina</i>	Argentina
Sentencia del 31/8/2011	Caso <i>Contreras y otros Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentencia del 29/11/2012	Caso <i>García y familiares Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencias de 04/09/2012, 20/11/2012 y 19/09/2013	Casos <i>Masacres de Río Negro y Gudiel Álvarez y otros Vs. Guatemala</i>	Guatemala
Sentencia del 14/11/2014	Caso <i>Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia</i>	Colombia
Sentencia del 20/11/2014	Caso <i>Osorio Rivera y familiares Vs. Perú</i>	Perú
Sentencia del 14/10/2014	Caso <i>Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador</i>	El Salvador
Sentencia del 01/09/2015	Caso <i>Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú</i>	Perú

VARGAS, 2016.

*Tabla construida por la consultora con base en las informaciones de la Jurisprudencia de la Corte IDH, ver buscador de Jurisprudencia, disponible en: <http://www.corteidh.or.cr/cf/Jurisprudencia2/index.cfm?lang=es> acceso el 1/10/2016.

Para los países analizados, la lista revela que hubo sentencias para los casos de desapariciones forzadas en las últimas dos décadas prácticamente

todos los años. Guatemala, Perú y Colombia ocupan los primeros lugares en el cómputo de los casos juzgados y, obviamente, el mayor número de resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia, como se podrá observar más adelante. El Salvador, Argentina y México aparecen seguido y, finalmente, Brasil y Uruguay cada país con un caso. Chile, como ya se mencionó anteriormente, no fue condenado por la Corte IDH por algún caso específico de desaparición forzada. Los países mencionados, serán analizados por bloques, catalogados por número de condenaciones referidas, en el próximo tópico.

Sin embargo, antes de trazar un panorama descentralizado de los países, se presentan en la tabla siguiente las resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia. El objetivo de este segundo cuadro es contabilizar no sólo las decisiones para cada país, sino también demostrar la cantidad de advertencias posteriores a la sentencia. La observancia reiterada sobre el cumplimiento o el incumplimiento de los puntos resolutivos de condenaciones tiene como objetivo verificar la relevancia que esta temática tiene para los Estados partes de la Convención Americana de Derechos Humanos, que reconocen la competencia contenciosa de la Corte IDH.

Países	Número de supervisiones de cumplimiento de sentencia por desaparición forzada en la Corte IDH y sentencia aún por supervisar*
Argentina	Supervisiones: 2 Sentencias: 2 (1 caso aún por supervisar)
Brasil	Supervisión: 1 Sentencia: 1
Chile	No hay casos específicos de desapariciones forzadas juzgadas por la Corte IDH
Colombia	Supervisiones: 26 Sentencias: 6 (1 caso aún por supervisar)
El Salvador	Supervisiones: 5 Sentencias: 3 (1 caso aún por supervisar)
Guatemala	Supervisiones: 21 Sentencias: 7 (1 caso aún por supervisar)
México	Supervisiones: 6 Sentencias: 2
Perú	Supervisiones: 18 Sentencias: 8 (2 casos aún por supervisar)
Uruguay	Supervisión: 1 Sentencia: 1

VARGAS, 2016.

* Tabla construida por la consultora con base en informaciones de las decisiones de la Corte IDH, cuya sistematización se puede visualizar en el Anexo IV de este informe.

Se observa que los casos disponibles en el *sitio* de la Corte IDH son el resultado de denuncias que pasaron por la admisibilidad e informe de fondo

de la CIDH y que se decidió presentar a la Corte IDH. Así, este panorama no revela la totalidad de las denuncias y, tampoco, está de acuerdo con el número de casos de desaparición forzada en los países observados. La realización del cómputo de desapariciones forzadas es difícil, por la falta de registros sobre las privaciones de libertad, la negación del crimen por autoridades estatales y las especificidades relativas a los desplazamientos de las víctimas. Luego, los apuntes realizados por comisiones de la verdad generalmente expresan números aproximados, que pueden ser contrastados por grupos de afectados por violaciones de derechos humanos.⁶³

63. En Argentina, la CONADEP (1984) apuntó casi 9.000 casos de desapariciones forzadas durante los años de terrorismo de Estado (1976-1983). Sin embargo, los movimientos de *madres y abuelas*, que se constituyeron en las mayores autoridades de denuncia, búsqueda y restitución de personas desaparecidas, apuntan 30.000 víctimas. En Brasil, la CNV (2014) apuntó en torno de 200 casos de personas víctimas de la desaparición forzada, subrayándose que grupos como campesinos y pueblos originarios no están integrados a este número. En el informe de la CNV, hay referencias de los grupos temáticos de trabajo, los que no indicaron caso por caso las situaciones de desaparición forzada entre 1946 y 1988, periodo determinado por la Ley n° 12.528/11. En Chile, de acuerdo con la recopilación del informe CNRR (1996), de 1973 hasta 1990, se registró más de 1.000 casos de desapariciones forzadas; el número, sin embargo, ya fue alterado y actualmente se suponen 3.000 personas. En Colombia, por el hecho de que la *Comisión de la Verdad sobre los hechos del Palacio de Justicia* se restrinja a una situación específica que no permitió un panorama más general, se utilizan datos del *Alto Comisionado para la Paz* que apuntan cerca de 45.000 desapariciones forzadas durante el conflicto armado interno. A partir de los datos de la Procuraduría General de La Nación y el Sirdec para el periodo de 1970-2012, se suponen 19.254 víctimas de desaparición forzada paralelamente a un conteo sobre los años de 2005-2012 de 21.900 desapariciones forzadas. En El Salvador, el informe de la *Comisión de la Verdad para El Salvador, De la Locura a la Esperanza* (1992-1993), reprodujo en parte la lista de los casos elaborados por el Grupo de Trabajo sobre Desapariciones Forzadas e Involuntarias de la ONU, en la que se suman cerca de 2.400 personas victimadas por el crimen durante el periodo investigado por la Comisión, de 1980 hasta 1991. En Guatemala, el informe *Memoria del Silencio* de la *Comisión para el Esclarecimiento Histórico* apunta más de 40.000 víctimas de desaparición forzada entre los años 1978 hasta 1996. En México, no hay una recopilación realizada por una comisión de la verdad nacional; sin embargo, datos provenientes de la CMDPDH indican los informes de la *Comisión Nacional de los Derechos Humanos México*, que apuntan más de 500 denuncias sobre desapariciones forzadas. La *Fiscalía Especial sobre los Movimientos Sociales y políticos del pasado* (FEMOSPP), en un informe, apuntó más de 700 casos de desaparición forzada entre los años 1970 y 1980. Después de 2006, el número de denuncias por desapariciones forzadas ha aumentado en México. En la publicación de la *Amnistía Internacional*, *“Un trato de indolencia: La respuesta del Estado frente a la desaparición de personas en México* (2016), se registra, a través de datos proporcionados por el gobierno, más de 27.000 víctimas de desapariciones (no se especifica qué número está encuadrado en las desapariciones forzadas). En 2014, el caso de los 43 estudiantes tuvo repercusión en los países latinoamericanos. En Perú, la CVR (2001) apuntó que, de 1980 hasta 2000, más de 69.000 personas fueron expuestas a muertes o desaparición forzada. Los números de desapariciones forzadas están demostrados a lo largo del informe a través de gráficos que trazan el perfil de las víctimas y la región en las que sucedieron los delitos. En Uruguay, el informe final de la *Comisión para la paz* (2003), creado para hacer un diagnóstico de los *detenidos desaparecidos* durante la dictadura de 1973 hasta 1985, apuntan más de 200 denuncias.

Para el accionar la Corte IDH, es necesario esfuerzos de varios actores jurídicos y políticos. Aún así, las denuncias dependen del grado de información de las personas afectadas por los crímenes de desaparición forzada. Por consiguiente, la iniciativa de encaminar una denuncia a la Corte IDH no es fácil. La importancia de las organizaciones no gubernamentales o de colectivos de derechos humanos que prestan asistencia jurídica a los afectados por graves violaciones o crímenes contra la humanidad está tanto en el proceso de judicialización como en la constitución, organización de archivos y elaboración de pruebas testimoniales.

Se entiende que las decisiones de condenación deberían estimular los Estados a que invirtieran en políticas públicas para la promoción de derechos humanos y la no repetición de situaciones de extrema gravedad. Las resoluciones de la Corte IDH indican una serie de demandas que muchas veces no están consideradas urgentes por los gobiernos. Carentes de habilidades e intereses políticos con la pauta de combate a las graves violaciones de derechos humanos, los Estados están condenados repetidamente con resoluciones provenientes de las decisiones del órgano de mayor prestigio para el tema de los derechos humanos en la región. El efecto de las sentencias es el posibilitar medidas sólidas que atiendan no sólo situaciones de responsabilidad estatal y reparación a los daños cometidos en periodos dictatoriales o de conflicto armado interno, y también, el contrubuir a la no repetición de los hechos violatorios. Las reiteradas resoluciones pretenden apuntar, por lo tanto, puntos que avanzan o siguen estancados, sea por falta de acciones efectivas del Estado para solucionarlos o por imposibilidades relativas al propio crimen. Combatir el crimen de desaparición forzada requiere eliminar la negación del Estado sobre ese delito para, de esta forma, posibilitar la localización, identificación y restitución de la persona desaparecida forzadamente en vida o de sus restos mortales.

Las dificultades de anular las falsas versiones emitidas por los Estados sobre las desapariciones forzadas o la negación pública sobre los crímenes, se reflejan en la insuficiencia de archivos o acceso a la información sobre los crímenes contra la humanidad.

Se verifica en las sentencias de la Corte IDH que la violación del derecho a la verdad es uno de los impeditivos para una eficaz responsabilidad individual. Los Estados siguen ocultando, de una manera más o menos rigurosa, pruebas de la participación de sus agentes militares o civiles en los crímenes. Así, este estudio también presenta un panorama limitado sobre los archivos que aportan para aclarar el carácter sistemático de la desaparición forzada, así como detalles sobre los hechos de cada caso. Las entrevistas y los cuestionarios indican que el esfuerzo por componer una versión aproximada de las circunstancias del crimen es una lucha

histórica de la sociedad civil, de familiares y del grupo social afectado por las desapariciones forzadas. Las representaciones de las organizaciones de la sociedad civil en defensa de las víctimas afectadas por la desaparición forzada, que serán descritas a continuación, son fundamentales en la constitución de archivos como alternativa para los acervos disponibles por los Estados, que muchas veces pasan por una “limpieza” de indicios previamente a la consulta pública.⁶⁴ Mientras los Estados resisten en el cumplimiento de las sentencias para profundizar el derecho a la verdad, esos grupos resisten a la ocultación y al insistente silencio.

2.3 Perú, Guatemala y Colombia: judicialización y archivos

Perú fue condenado por sentencias de la Corte IDH, por lo menos, ocho veces, en los casos de desapariciones forzadas. El primer de ellos presentado a la CIDH fue en 1987, *Durand y Ugarte Vs. Perú*, aunque el caso *Castillo Páez Vs. Perú* en 1996, haya sido el primer a obtener una decisión. Los demás fueron presentados en la década de 1990.

Las representaciones de las víctimas en los procesos recibidos por la Corte IDH se juntan con las siguientes organizaciones de la sociedad civil peruana: Caso *Castillo Páez Vs. Perú*: individuos; Caso *Durand y Ugarte Vs. Perú*: Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL) e Instituto de Defensa Legal (IDL); Caso *Gómez Palomino Vs. Perú*: Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH); Caso *La Cantuta Vs. Perú*: Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH), Centro de Estudios y Acción para la Paz (CEAPAZ); Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL); Caso *Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú*: Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH); Caso *Anzualdo Castro Vs. Perú*: Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH) y Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL); Caso *Osorio Rivera y familiares Vs. Perú*: Asociación Pro Derechos Humanos (APRODEH); Caso *Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú*: Centro de Estudios y Acción para la Paz (CEAPAZ) y Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL).⁶⁵

64. Suzana Lisboa, en entrevista para esta investigación, relató sobre las dificultades para el acceso a los archivos que puedan contener informaciones sobre víctimas de las desapariciones forzadas en el período dictatorial. Una de las situaciones que ella junto con el grupo de familiares de muertos y detenidos desaparecidos acompañaron fue la transición del acervo de la Policía Federal de Foz de Iguazu para el Archivo Nacional. Suzana afirma que hay dudas sobre la disponibilidad de este acervo y que los documentos dispuestos en el Archivo Nacional poseen un contenido más limitado que el acervo original que ya había sido consultado por otros integrantes del grupo de familiares de muertos y detenidos desaparecidos. El acervo personal de Suzana, construido a lo largo de los años, ha sido trabajado por un grupo de investigadores del curso de Historia de la UFRGS, vinculados con un proyecto del Profesor Enrique Serra Padrós.

65. Consulta realizada en los casos contenciosos, búsqueda de decisiones judiciales, disponible en la dirección electrónica de la Corte IDH, el 01/10/2016.

En los análisis de las decisiones se observa que la Corte IDH recurrió a los tratados internacionales e interamericanos para sostener sus argumentaciones sobre los derechos violados por el Estado peruano. En un primer momento, solamente la Convención Americana de Derechos Humanos fue invocada. Posteriormente, se recurrió a la base de instrumentos específicos sobre el crimen, como la Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas (ONU), la Convención Interamericana sobre Desapariciones Forzadas de Personas, el Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional (ONU), la Convención Internacional para la Protección de todas las personas contra las desapariciones forzadas (ONU), entre otros tratados.⁶⁶

En cuanto a la responsabilidad sobre la primera decisión de la Corte IDH en la que el Estado peruano se convirtió en responsable por desaparición forzada, hay registro de recomendaciones elaboradas por la CIDH destinadas a Perú, sobre el caso *Castillo Páez*, de 26 de septiembre de 1994, o sea, antes del juicio.⁶⁷ De acuerdo con lo aprobado por la CIDH, expresó en el Informe 19/94, se recomendó al Estado peruano que, en un plazo de 45 días, se tomaran las providencias para la resolución de las siguientes cuestiones en torno a los hechos: “realice una nueva investigación sobre los hechos denunciados, determine el paradero de la víctima, y proceda a identificar y sancionar a los responsables de la desaparición de Ernesto Castillo Páez.” (CORTE IDH, Caso *Castillo Páez vs. Perú (Excepciones Preliminares)*, 1996, p. 5)

En lo que se refiere al derecho a la verdad, en su sentencia de fondo, proferida el 3 de noviembre de 1997, la Corte IDH, reitera que “la Comisión considera infringido el que llama derecho a la verdad y a la información debido al desinterés del Estado para esclarecer los hechos que dan lugar a este caso.” (CORTE IDH, Caso *Castillo Páez vs. Perú (Fondo)*, 1997, p. 22)

En la última resolución de supervisión de cumplimiento de sentencia, la Corte IDH reforzó la importancia de que el Estado peruano cumpliera con las medidas para los esclarecimientos que llevaron a la desaparición forzada de Ernesto Castillo Páez, aunque hayan sido condenaciones

66. Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados – ONU, Protocolo II Adicional a los Convenios de Ginebra de 1949 en relación con la protección de las víctimas de conflictos armados sin carácter internacional, Convención Interamericana para prevenir y sancionar la tortura, Principios relativos a una eficaz prevención e investigación de ejecuciones extralegales, arbitrarias o sumarias de la ONU.

67. Ernesto Rafael Castillo Páez, estudiante universitario de 22 años, desapareció forzosamente el 21 de octubre de 1990 al ser detenido por agentes de la Policía General del distrito de *Villa El Salvador*, en Lima. Informaciones de CORTE IDH, Caso *Castillo Páez vs. Perú*, 1996.

individuales.⁶⁸ Junto a eso la necesidad de la restitución de los restos mortales o de su esclarecimiento efectivo para una reparación integral, con el fin de prestar asistencia moral a los familiares, pues:

Permanece vigente a cargo del Estado la obligación de adoptar las medidas que estén a su alcance para determinar el paradero de Ernesto Rafael Castillo Páez. Al respecto, si bien el Perú manifestó que solicitó información del Ministerio Público y del Poder Judicial sobre su paradero, este Tribunal considera pertinente recordar al Estado que la investigación penal no es incompatible con la adopción de diferentes mecanismos adecuados y efectivos para localizar el paradero de las personas desaparecidas. [...] Durante la audiencia pública sobre el fondo del caso celebrada ante la Corte el 6 y 7 de febrero de 1997, se señaló que “el Comandante Juan Carlos Mejía León era el oficial responsable de la muerte del señor Castillo Páez”, y que fue quien informó “que sus restos fueron llevados a una playa al sur de Lima y hechos volar con explosivos. Posteriormente, durante la supervisión de cumplimiento de las Sentencias de fondo y reparaciones, se informó que el 16 de marzo de 2006 la Sala Penal Nacional del Perú falló condenando a Juan Carlos Mejía León, Manuel Santiago Arotuna Valdivia, Carlos Manuel Briones y Juan Fernando Aragón Guibovich a penas privativas de la libertad “por el delito contra la Humanidad – Desaparición Forzada en agravio de Ernesto Castillo Páez” y al pago de un monto por concepto de reparación civil. (CORTE IDH, Caso Castillo Páez (supervisión de cumplimiento de sentencia), 2013, p. 4)

Con eso, se percibe que, entre las medidas referentes a la judicialización del caso, las que abarcan las responsabilidades penales en los tribunales internos, la Corte IDH exige que el Estado avance en otros aspectos que den auxilio para profundizar las investigaciones y para la restitución de los restos mortales. En la sentencia principal de otro caso, casi 20 años después de la primera sentencia sobre el tema para este país y 22 años después de la desaparición forzada de Osorio Rivera⁶⁹, la decisión estableció que:

toda vez que haya motivos razonables para sospechar que una persona ha sido sometida a desaparición forzada debe iniciarse una investigación penal [...] la investigación debe ser realizada por todos los medios legales disponibles y orientada a la determinación de la

68. Artículos presentados en el seminario *La desaparición forzada en el Perú: a propósito del caso Ernesto Castillo Páez*, en febrero de 2007, se puede consultarlos en la página virtual: <http://derechovirtual.com/index.php?id=88> acceso el 01/10/2016.

69. Jeremías Osorio Rivera tenía 28 casi 29 años entre abril de 1991 y mayo de 1992, periodo en el que él y dos personas más de la comunidad de *Nunumia*, Distrito de *Gorgor*, fueron detenidas y llevadas a la *Base Contrasubversiva de Cajatambo* y nunca más fueron vistas. Informaciones de CORTE IDH, *Caso Osorio Rivera y Familiares Vs. Perú*, 2013.

verdad y la persecución, captura, enjuiciamiento y, eventual castigo de todos los responsables intelectuales y materiales de los hechos, especialmente cuando están o puedan estar involucrados agentes estatales. Igualmente, la impunidad debe ser erradicada mediante la determinación de las responsabilidades tanto generales – del Estado – como individuales – penales y de otra índole de sus agentes o de particulares.” (CORTE IDH, Caso Osorio Rivera y familiares Vs. Perú, 2013, p. 67)

Se observa que la decisión busca orientar los Estados a que eliminen posibles obstáculos para la no realización de avances tanto para el desarrollo de las investigaciones criminales, como para la persecución penal y las eventuales sanciones. Las consideraciones de la Corte para el caso *Osorio Rivera vs. Perú* detallan puntos de la legislación penal interna o de la actuación de los foros ordinarios que no tomaron la investigación de “*forma seria, efectiva y exhaustiva*” (CORTE IDH, Caso *Osorio Rivera y familiares Vs. Perú*, 2013, p. 69). Estos límites, para la Corte IDH, provocan una parcial responsabilidad o aún la impunidad, las que pueden ocasionarse por factores como delegar el caso a un tribunal militar cuando hay participación de militares en el crimen. De acuerdo con esta sentencia del caso *Osorio Rivera*, la jurisdicción penal militar no tenía competencia para juzgar los casos de violaciones de derechos humanos, algo que la jurisprudencia Interamericana ha establecido que le corresponde a la jurisdicción ordinaria. A esto, se suma la falta de aporte de las autoridades estatales para proveer informaciones para que se aclare el caso; el incumplimiento de un plazo razonable para que la acción del tiempo no perjudique las investigaciones; la ausencia de una tipificación autónoma del delito de desaparición forzada, teniendo sus elementos típicos restringidos a los funcionarios públicos, no abarcando todo y cualquier individuo o grupo; y las leyes de amnistía, incompatibles con la Convención Americana de Derechos Humanos.⁷⁰ Finalmente, la Corte resolvió que el Estado es responsable de la conducción para la resolución de todos los puntos condenatorios de la sentencia de forma eficaz, completa e imparcial.

La causa más reciente juzgada por la Corte IDH que condenó a el Perú por desaparición forzada fue en 2015, caso *Comunidad Campesina*

70. Ver sobre la tipificación de la desaparición forzada como crimen contra la humanidad en el Código Penal, Libro Segundo, Título XIV A, Capítulo II, artículo 320, disponible en: <http://spij.minjus.gob.pe/CLP/contenidos.dll?f=templates&fn=default-codpenal.htm&vid=Ciclope:CLPdemo> acceso el 01/11/2016. El hito sobre la ley de amnistía peruana es incompatible con la Convención Americana de Derechos Humanos y está en la sentencia del caso *Barrios Altos vs. Perú*. Ver más en: CORTE IDH, Caso *Barrios Altos vs. Perú* (Sentencia de fondo reparaciones y costas). 14 de marzo de 2001 y 30 de noviembre de 2001.

Vs. Perú.⁷¹ La decisión critica las primeras diligencias de investigación realizadas por el Estado a principios de los años 1990, registra que las autoridades competentes recibieron denuncias sobre el caso que no fueron incluidas en el expediente para el adecuado encaminamiento jurídico.

Sobre los obstáculos para el desarrollo del proceso penal, la Corte IDH planteó puntos que orbitan en torno a las siguientes cuestiones: a) la falta de participación de posibles testigos por inseguridad o miedo de que sufran amenazas o represalias de personas o grupos involucrados en los crímenes; b) la negación del crimen por parte de instituciones estatales; c) el uso de la amnistía para crímenes de esa naturaleza; d) la intervención de la jurisdicción militar en los casos de responsabilidad de la justicia ordinaria. Las críticas sobre la localización y prisión de los acusados también se destacan en la sentencia, considerando insuficientes las resoluciones sobre las investigaciones en el ámbito doméstico y la reapertura del caso. De esa forma, el Tribunal consideró que el Estado:

i) incurrió en una falta de debida diligencia en las primeras diligencias de la investigación; ii) obstaculizó la debida investigación del caso en al menos seis formas distintas; iii) incurrió en faltas de debida diligencia en la recaudación de prueba y la ubicación y captura de reos

71. La complejidad del caso requiere la transcripción de los hechos dispuesta en la Corte IDH basada en el Informe Final de la CVR de Perú: "El 4 de julio de 1991 la patrulla del Ejército "Escorpio", acompañada de algunos elementos civiles, llegó al cadero de Rodeopampa en la comunidad campesina de Santa Bárbara, en donde los efectivos militares ingresaron a las viviendas de las presuntas víctimas, sacaron a quienes estaban allí y prendieron fuego a dichas viviendas para horas más tarde apoderarse de una gran cantidad de ganado, animales menores y pertenencias de los detenidos. Los efectivos militares detuvieron a 14 pobladores, entre los que se encontraban tres niñas, cuatro niños, un hombre adulto mayor de 60 años, cinco mujeres adultas, una de ellas en el sexto mes de embarazo y un hombre adulto, a saber: Yesenia Osnayo Hilario, Miriam Osnayo Hilario, Edith Osnayo Hilario, Wilmer Hilario Carhuapoma, Alex Jorge Hilario, Raúl Hilario Guillén y Héctor Hilario Guillén (de 6 años, 3 años, 8 meses, 3 años, 6 años, 1 año y 6 años de edad, respectivamente); Francisco Hilario Torres (de 60 años de edad); Mercedes Carhuapoma de la Cruz con seis meses de embarazo (de 20 años de edad); Dionicia Quispe Mallqui, Antonia Hilario Quispe, Magdalena Hilario Quispe y Dionicia Guillén Riveros (de 57 años, 31 años, 26 años y 24 años, respectivamente); y Ramón Hilario Morán (de 26 años de edad). A dichos pobladores se les infligieron diversos maltratos, conduciéndolos hacia una mina abandonada llamada "Misteriosa" o "Vallarón", ubicada en el paraje Hornoranra, comunidad de Chunomayo, Distrito de Huachocolpa, Departamento de Huancavelica, en la falda del cerro Huaroto y a unos cuatrocientos metros del río Chulumayo. Ese mismo día Elihoref Huamaní Vergara, de 22 años de edad, quien era licenciado del Ejército y había servido en esa institución entre los años 1988 y 1990, junto con su padre Alejandro Huamani Robles y Elías Pumacahua Huamaní, nieto de este último y quien tenía entre 12 y 13 años de edad, fueron interceptados por efectivos militares en el camino hacia Rodeopampa. Los efectivos militares obligaron a Elihoref Huamaní Vergara a acompañarlos y lo sumaron al grupo de los 14 pobladores que trasladaban. Durante el trayecto, los detenidos fueron golpeados y obligados a caminar varias horas amarrados y sin alimentos ni agua. Cuando llegaron a la mina abandonada llamada "Misteriosa" o "Vallarón", los efectivos militares introdujeron a los 15 detenidos al interior del socavón, acribillándolos con Fusiles Ametralladoras Ligeras (FAL). Posteriormente, se hizo detonar en la mina cargas de dinamita, provocando el fraccionamiento de los cuerpos." (CORTE IDH, Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú, 2015, p. 32-33)

prófugos, así como en una demora prolongada en el esclarecimiento de todos los hechos del caso y la determinación del paradero de las víctimas desaparecidas tras la reapertura de la investigación del caso en la jurisdicción ordinaria, y iv) violó el derecho a conocer la verdad de los familiares de las quince víctimas desaparecidas del caso. (CORTE IDH, Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara VS. Perú, 2015, p. 90)

Como es reciente, este caso aún no ha contado con alguna resolución de supervisión de cumplimiento de sentencia. Además de algunos de los casos de desaparición forzada sentenciados por la Corte IDH que siguen en la justicia ordinaria, otros no llegaron a este tribunal y se están ejecutando en foros domésticos en espera de resolución, tanto para la determinación de las responsabilidades penales, como para la identificación y restitución de los restos mortales.⁷²

Con el fin de comprender con más detalles cómo opera el sistema de la judicialización y de la constitución y preservación archivística sobre el tema, se realizaron entrevistas con dos expertos peruanos en la materia, José Carlos Agüero y José Pablo Baraybar (mencionado en el Capítulo 1).

72. El cuestionario respondido por la investigadora Íris Jave indica una recopilación de los casos que están tramitando en la justicia interna: 1) Caso *La Cantuta - Julio Salazar Monroe y ex integrantes del Destacamento Colina. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponible en: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/jurisprudencia/sentencia_cantuta_segunda_instancia.pdf; Caso *Los Laureles. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponible en: http://www.idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/jurisprudencia/caso_los_laureles-sentencia_segunda_instancia.pdf; Caso *Chuschi. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*; Caso *Ernesto Castillo Páez. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponible en: http://www.justiciaviva.org.pe/nuevos/2008/agosto/21/sentencia_castillo_paez.pdf; Caso *Constantino Saavedra. Sentencia de segunda instancia. Corte Suprema de Justicia*, disponible en: <https://es.scribd.com/document/54058521/Caso-Constantino-Saavedra-Segunda-Instancia>; Caso *Samuel Reynaldo Ramos Diego, Jesús Licetti Mego y Esaú Cajas Julca. Sala Penal Nacional*, disponible en: <https://www.pj.gob.pe/wps/wcm/connect/905ade804997622b8abbfbcc4f0b1cf5/16+-+06.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=905ade804997622b8abbfbcc4f0b1cf5>; Caso *Mancilla Salle. Sala Penal Nacional*; disponible en: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_mancilla_calle.pdf; Caso *Pedro Haro y César Mautino. Sala Penal Nacional*, disponible en: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_pedro_haro_y_cesar_mautino.pdf; Caso *Matero. Sala Penal Nacional*; disponible en: http://idehpucp.pucp.edu.pe/images/documentos/justicia_ddhh/sentencia_caso_matero.pdf; Caso *La Cantuta - Alberto Pinto y otros. Primera Sala Penal Especial de la Corte Superior de Justicia de Lima*, disponible en: http://www.justiciaviva.org.pe/nuevos/2008/julio/10/sentencia_cantuta.pdf; Caso *Villanueva Toro. Sala Penal Especial*; disponible en: <http://www.justiciaviva.org.pe/notihome/notihome01.php?noti=1169>, posteriormente, la Corte Suprema anuló el fallo y ordenó la liberación de los acusados; Caso *“Los Cabitos”. Caso seguido contra Carlos Arnaldo Briceño y otros (Exp. 035-06-SPN)*; disponible en: <http://idehpucp.pucp.edu.pe/violaciones-de-derechos-humanos-en-el-cuartel-los-cabitos-51-1983-1985-2-procesos/> acceso el 01/10/2016. Osmo (2016, p. 50-51) trató de la judicialización de los delitos cometidos durante el conflicto armado interno.

José Carlos Agüero es historiador, poeta y activista de los derechos humanos, fue investigador de la *Comisión de la Verdad y Reconciliación* (CVR) y posee experiencia para trabajar la temática del conflicto armado interno y la justicia transicional peruana. Sus padres fueron ejecutados extrajudicialmente durante este conflicto por que eran militantes del *Partido Comunista del Perú-Sendero Luminoso* (PCP-SL).⁷³ En una conversación con nosotros, Agüero destacó el rol de las organizaciones no gubernamentales en Perú para la judicialización y constitución de archivos, reforzando la importancia de grupos como la *Asociación Pro Derechos Humanos* (APRODEH), el *Centro de Estudios y Acción para la Paz* (CEAPAZ) y la *Comisión de Derechos Humanos* (COMISEDH). Mientras las primeras asociaciones poseen un perfil de actuación más jurídico, con experiencia para elaborar representaciones frente a la Corte IDH, la tercera estimula avances internos a través de propuestas de normas y políticas públicas.⁷⁴

De acuerdo con Agüero, antes que el proceso de conflicto armado interno cesara y, por lo tanto, de la posibilidad de obtener éxito en el desarrollo de acciones penales en los tribunales internos, las asociaciones anteriormente citadas, entre otras organizaciones, recibieron denuncias de familiares afectados por la desaparición forzada en diversas regiones del país. Estas denuncias fueron direccionadas para que fueran judicializadas en los órganos competentes. Sin embargo, fracasaron ante el contexto de negligencia del Estado, que impedía juicios de crímenes contra la humanidad contra sus funcionarios o individuos sin vínculo con el servicio público.

Después del acuerdo de paz, los grupos que acumularon denuncias a lo largo de los años, sistematizaron los datos para auxiliar en la creación de un archivo de pruebas, así como en la constitución de un panorama de graves violaciones y crímenes contra la humanidad ocurridos en el pasado reciente. Aunque la documentación física esté en custodia de las asociaciones, la digitalización de ese amplio material subvencionó los trabajos de la Comisión de la Verdad y Reconciliación, que publicó su informe en

73. En el libro publicado en el 2015, *Los Rendidos – Sobre el don de perdonar*, Agüero presenta su lectura del Sendero Luminoso, tal como definido por la CVR: “El PCP-SL cometió actos terroristas, fue el principal causante de la guerra interna, el perpetrador de la mayor cantidad de crímenes contra los derechos humanos y tenía un potencial genocida” (AGÜERO, 2015, p. 15).

74. Sitio del COMISEDH, disponible en: <http://www.comisedh.org.pe/comisedh.php>, acceso el 01/10/2016.

2003.⁷⁵ Ese acervo, así como otros que auxilian las investigaciones sobre las desapariciones forzadas, están sometidos a la Ley n° 27.806, de 2002, conocida como *Ley de Transparencia y Acceso a la Información Pública*.⁷⁶

Otro tipo de acervo constituido para fines jurídicos y que puede proporcionar un diagnóstico de la recurrencia ante la justicia para delitos de la naturaleza de la desaparición forzada fue el acumulado por las procuradurías locales. La organización material de las denuncias sucedió fines de la década de 1990 con la constitución de la Defensoría Pública, la que, junto con las organizaciones de derechos humanos, formó el primer banco de datos de personas desaparecidas.⁷⁷ Para el periodo reciente, Agüero evalúa que la posibilidad de avanzar en las investigaciones y en

75. Ver detalles sobre la constitución y guardia del acervo de la CVR, entre otros archivos de derechos humanos en Perú en SANTOS, 2016, p. 66-68. El informe final de la *Comisión de la Verdad y Reconciliación*, disponible en: <http://cverdad.org.pe/> acceso el 01/10/16. Acceso al archivo de la *Comisión de la Verdad y Reconciliación* a través del *Centro de Información para la Memoria Colectiva y los Derechos Humanos*, disponible en: <http://www.defensoria.gob.pe/cinfo.php>; *Testimonios de las Audiencias Públicas de la CVR*, disponible en: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLxWwNVWh7uyZ0D-DN6wmy-fQ18fhNeng4> acceso en 01/10/2016. Recopilación sobre los casos referenciados por la CVR, en un balance realizado después de una década de la publicación de su informe final, reveló que las acciones de graves violaciones de derechos humanos (abarcan casos que no son de desapariciones forzadas) que pasaron por los tribunales domésticos, fueron: *septiembre de 2012, el número de sentencias emitidas por el Poder Judicial en el Perú durante el período 2005-2012, eran las siguientes: 28 sentencias absolutorias, 9 sentencias condenatorias y 11 sentencias mixtas. También, en este mismo periodo, el número de imputados sentenciados en casos graves de violaciones a los derechos humanos fueron: 113 absueltos, 66 condenados y 12 ausentes. Las 28 sentencias absolutorias corresponden a los casos: 1) Luis Manrique Escobar, 2) Chavín de Huantar, 3) Constantino Saavedra 2, 4) Santa Bárbara 2, 5) Gualberto Chipana Wuayra, 6) Walter Castillo Cisneros, 7) Jeremías Osorio 2, 8) Felipe Huamán Palomino, 9) Adrián Medina, 10) Cantuta 2 (09-2008), 11) UNCP, 12) Matero 2, 13) Parcco Pomatambo, 14) Marcos Barrantes 2, 15) Marcelino Valencia y Zacarías Pasca, 16) Constantino Saavedra, 17) Los Laureles, 18) Matero 1, 19) Pedro Haro, 20) Jeremías Osorio, 21) Julio César Alcides y Abraham Sandoval Flores, 22) Eladio Mancilla Calle, 23) Benito Céspedes y otros 2, 24) Marco Barrantes 1, 25) Benito Céspedes y otros 1, 26) Rafael Salgado, 27) Moisés Carvajal Quispe, 28) Ramírez Hinostroza. Las 9 sentencias condenatorias se refieren a los casos: 1) Bernabé Baldeón García, 2) Pucayacu 2, 3) Chillutira, 4) Barrios Altos, La Cantuta y Sótanos SIE (A. Fujimori), 5) Cantuta 1 (EXP N° 003-2003), 6) Zulema Tarazona, 7) Efraín Aponte Ruiz, 8) Hugo Bustíos, 9) Delta Pichanaki. Las 11 sentencias mixtas tienen los siguientes casos: 1) Efraín Aponte Ortiz 2, 2) Jorge Gutiérrez Quintero, 3) Indalecio Pomatanta 2, 4) Barrios Altos, Campesinos del Santa y Pedro Yauri, 5) Pucará, 6) Desaparición Autoridades de Acocro, 7) Indalecio Pomatanta, 8) Cantuta 2 (09-2008), 9) Santa Bárbara, 10) Chushi, 11) Ernesto Castillo Páez. Disponible en: <http://derechoshumanos.pe/2013/08/a-diez-anos-de-la-cvr-no-puede-haber-reconciliacion-sin-justicia-ni-reparacion/> acceso el 01/10/2016.*

76. Ver más sobre la Ley n° 27806 en Santos, 2016, p. 64-67. Para acceder al contenido de la ley ver en: http://www.peru.gob.pe/normas/docs/LEY_27806.pdf la reglamentación se puede consultar en http://www.mef.gob.pe/index.php?option=com_content&view=article&id=833%3Adecreto-supremo-nd-072-2003-pcm&catid=298%3Anormas-legales&Itemid=100143&lang=es acceso el 01/10/2016.

77. De acuerdo con Agüero el informe elaborado por la Defensoría Pública apuntó más de 8.000 casos de desapariciones forzadas. *Centro de Información para la Memoria Colectiva y los Derechos Humanos de la Defensoría del Pueblo*, disponible en: <http://www.defensoria.gob.pe/cinfo.php> y <http://www.defensoria.gob.pe/informes-publicaciones.php> acceso el 01/10/2016. Ver más sobre el delito de desaparición forzada en Perú en: <http://www.derechocambiosocial.com/revista012/desaparacion%20forzada.htm> acceso el 01/10/2016.

los procesos penales sobre las desapariciones forzadas esté en una política pública nacional en la que la justicia pueda poseer una normativa que evalúe los casos dentro de un plan sistemático de graves violaciones de forma conjunta y no buscar soluciones caso por caso.

En el año 2016, el gobierno peruano promulgó la Ley n° 30.470, *Ley de Búsqueda de Personas Desaparecidas*.⁷⁸ De acuerdo con el cuestionario contestado por el *Instituto de Democracia y Derechos Humanos de la Pontificia Universidad Católica de Perú* para este estudio y también de las entrevistas realizadas, la aprobación de la ley es resultado de la movilización de grupos de derechos humanos, familiares de personas victimadas por la desaparición forzada, organizaciones no gubernamentales y el gran brazo del Derecho Internacional Humanitario, la CICR.⁷⁹ La campaña *Reúne* concentró todos los esfuerzos en una amplia divulgación sobre la necesidad de la aprobación de la ley en las redes sociales y en actos públicos.⁸⁰

Una de las organizaciones no gubernamentales que trabajan mucho en las investigaciones de desapariciones forzadas y en la constitución de archivos, mencionados por los entrevistados y los cuestionarios, es el Equipo Peruano de Antropología Forense.⁸¹ El antropólogo forense miembro del EPAF, José Pablo Baraybar, en entrevista para este estudio, subrayó la perspectiva humanitaria del EPAF para prestarles asistencia a los familiares afectados por la desaparición forzada.

De acuerdo con José Pablo Baraybar y José Agüero, hay dos frentes sobre la búsqueda masiva de desaparecidos forzados en Perú, una que defiende un plan de búsquedas que priorice el carácter penal y otra que priorice el carácter humanitario. Estas perspectivas generan tensiones sobre las prácticas de búsquedas implementadas, pues en algunos casos las investigaciones estuvieron limitadas al proceso penal, es decir, caso no haya acción jurídica en desarrollo, la investigación se vacía. Según Baraybar, el proceso de búsqueda debe considerar no sólo el trabajo técnico, aunque sea fundamental para la identificación y restitución. Es necesario también tomar en cuenta los efectos de la desaparición forzada en los familiares y en el núcleo social afectado cuando se tratan de prácticas sistemáticas.

Por lo tanto, para Baraybar, la Ley n° 30.470/2016 es confusa en la propuesta de su aplicabilidad, de modo que se puede considerar más un

78. Ver sobre la ley en <http://www.elperuano.com.pe/NormasElperuano/2016/06/22/1395654-1.html>, acceso el 01/10/2016.

79. Entre los grupos citados están la *Coordinadora Nacional de Víctimas de la Violencia* (CONAVIP), *Movimiento Ciudadano para que no se Repita* y *Coordinadora Nacional de Derechos Humanos*.

80. Ver más sobre la Campaña *Reúne* en <https://reune.pe/>, acceso el 01/10/16.

81. Sobre el EPAF ver <http://epafperu.org/>, acceso el 01/10/2016.

reglamento preocupado por indicar la condición operativa sin prever la necesidad de instrucción inherente al proceso de búsqueda. Un ejemplo que el investigador cita sobre las problemáticas de un plan de investigación de los casos nacionales sin un panorama previo de lo que generó las víctimas, está en la imprecisión numérica de desapariciones forzadas. De esa forma, para el investigador, el Estado confundió los trabajos forenses con el proceso de búsqueda, que son dos cosas diferentes.

El trabajo para el esclarecimiento de los crímenes debe considerar la imposibilidad de la localización y restitución de los restos mortales y, aún así, el Estado debe prestar respuestas y explicaciones sobre el hecho a las familias de las víctimas. Otra vía son las cuestiones relacionadas con la exhumación, peritaje, análisis de ADN, operaciones más técnicas, para los casos en los que hay materialidad de la muerte. Para eso, es necesario un diagnóstico de comprensión sobre el *modus operandi* de los grupos militares, involucrados, lugares sospechosos para la desaparición, relación entre la autoría de las desapariciones forzadas y los afectados por el crimen etc. Ante las evaluaciones de los investigadores citados, se verifica que tanto las investigaciones provenientes de los procesos penales como aquellas enfocadas en la vertiente humanitaria necesitan avances significativos para las resoluciones de los casos de desaparición forzada en Perú.

La situación de Guatemala para condenaciones sobre desapariciones forzadas por la Corte IDH es de, por lo menos, siete casos.⁸² De las peticiones destinadas a la CIDH, y posteriormente juzgadas por la Corte IDH, cuatro fueron presentadas en la década de 1990 y tres en los años 2000. El trámite de la CIDH ante la Corte IDH, hasta que se dicte una sentencia, es largo, con los casos que se tramitaron por más de casi dos décadas. Por esa razón, la primera acción pertinente a la materia en Guatemala presentada a la CIDH no fue el primer caso a ser juzgado. *Tiu Tojín Vs. Guatemala* fue presentado el 17 de octubre de 1990 y tuvo su audiencia en la Corte IDH el 30 de abril de 2008. El caso *Blake Vs. Guatemala*, presentado posteriormente, tuvo su sentencia el 02 de julio de 1996, por lo tanto, fue la primera decisión acerca de esta violación.

82. En la evaluación de la CIDH, las inestabilidades económicas, políticas y sociales siguen generando desapariciones forzadas, que sucedieron nuevamente de forma alarmante. Se destaca que los trabajos de la *Comisión Internacional contra la Impunidad en Guatemala* (CICIG) y del *Ministerio Público* para el combate a la impunidad de los crímenes cometidos durante el conflicto armado interno de 1960 y 1996. Sin embargo, la CIDH demarca que los operadores de la justicia necesitan independencia y autonomía para superar el legado autoritario. La publicación sobre el contexto actual en la perspectiva de la CIDH se puede conferir en *Situación de Derechos Humanos en Guatemala: Diversidad, Desigualdad y Exclusión*. Ver en: <http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2016/033.asp>, acceso el 01/10/2016.

Los núcleos de apoyo de la sociedad civil fueron fundamentales en este proceso. Las representaciones de los procesos guatemaltecos son las siguientes: Caso *Blake Vs. Guatemala*: individuos; Caso *Bámaca Velásquez Vs. Guatemala: Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Molina Theissen Vs. Guatemala: Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); Caso *Tiu Tojín Vs. Guatemala: Centro para la Acción Legal de Derechos Humanos*; Caso *Chitay Nech y otros Vs. Guatemala*: individuos; Caso *Masacres de Río Negro Vs. Guatemala: Asociación para el Desarrollo Integral de las Víctimas de la violencia en las Verapaces* (ADIVIMA); Caso *García y familiares Vs. Guatemala: Grupo de Apoyo Mutuo* (GAM).

La base normativa utilizada por la Corte IDH en las decisiones es, primeramente, la Convención Americana de Derechos Humanos, seguida por los demás instrumentos regionales y globales. Para eso, las primeras sentencias recurrieron a la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas y la Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas (ONU), entre otros tratados dependiendo de los crímenes perpetrados. Después de 2006, la Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas también empezó a ser invocada. Para los variados casos presentados por los requirentes contra Guatemala, se encuentran múltiples violaciones a las convenciones y tratados internacionales, las que acompañan a la desaparición forzada, considerando el carácter complejo del delito por si mismo.⁸³

De las obligaciones relacionadas con la responsabilidad direccionada al Estado, la Corte IDH decidió en el primer juicio sobre la temática, *Blake vs. Guatemala*, en 1999:⁸⁴

Ordenar que el Estado de Guatemala investigue los hechos del presente caso, identifique y sancione a los responsables y adopte las disposiciones en su derecho interno que sean necesarias para asegurar

83. Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura; Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer (“Convención de Belém do Pará”); Convención sobre los Derechos del Niño (ONU); Principios rectores de los desplazados internos – Naciones Unidas; Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos – Naciones Unidas; Convenio 169 sobre Pueblos Indígenas y Tribales en Países Independientes – Organización Internacional del Trabajo; Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional – Naciones Unidas; Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas; Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados – Naciones Unidas.

84. Nicholas Blake, periodista, y Griffith Davis, fotógrafo, ambos de origen norteamericana, fueron detenidos, en marzo de 1985, en la aldea *EL Llano* por la Patrulla de Autodefensa Civil de la región. Después de asesinados fueron tirados en un descampado, sus restos mortales fueron localizados y identificados en 1992. Informaciones de CORTE IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 1999.

el cumplimiento de esta obligación (conforme lo estipulado en el punto resolutivo 3 de la sentencia sobre el fondo), lo que informará a la Corte, semestralmente, hasta la terminación de los procesos correspondientes (CORTE IDH, Caso Blake Vs. Guatemala (Reparaciones Y costas), 1999, p. 19).

Se observa el direccionamiento de la responsabilidad penal, indicado por la decisión, el que, mientras se limita a ultrapasarse la normativa del derecho interno, induce a que se respeten los mecanismos de resolución para el crimen. En la última supervisión de cumplimiento de sentencia del *Caso Blake vs. Guatemala*, “la Corte constató que el Estado condenó a 28 años de prisión al señor Vicente Cifuentes López como uno de los responsables de la desaparición y asesinato de Nicholas Chapman Blake” (Corte IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 2009, p. 3). Sin embargo, el Estado no cumplió integralmente con todos los puntos resolutivos de la sentencia y, por falta de detalles sobre órdenes de detención de los demás involucrados en el caso, “el Tribunal observa con preocupación que, de la información aportada por Guatemala, no se desprende que haya adoptado las medidas necesarias para dar cabal cumplimiento a lo dispuesto”. (Corte IDH, *Caso Blake Vs. Guatemala*, 2009, p. 4).

Ángela Méndez, abogada del CEJIL de Guatemala, en entrevista para este estudio, cuestionó una posible aceleración de la judicialización para los crímenes de desaparición forzada después de las sentencias de la Corte IDH por la justicia ordinaria guatemalteca. Para ella, la recepción de las decisiones del tribunal interamericano en los tribunales internos está más en impulsar y fortalecer las obligaciones del Estado, y no acelerar la judicialización, una vez que las sentencias refuerzan la responsabilidad de Guatemala con las investigaciones de crímenes de esa naturaleza. De acuerdo con la abogada, las sentencias empezaron a ser referidas por operadores de la justicia doméstica como jueces, promotores, abogados y también por las propias personas afectadas indirectamente por la desaparición forzada. La experta no está de acuerdo de que haya un proceso de aceleración al considerar el tiempo transcurrido entre los eventos que generaron las desapariciones forzadas, muchas durante la década de los ochenta, hasta la judicialización de los casos. Esos aún se encuentran en la etapa de juicio, después de años de impunidad que aún necesita ser superada.⁸⁵

A partir del discurso de la Abogada del CEJIL y de los demás datos recopilados durante la investigación, dos ejemplos pueden ser destacados

85. El Proyecto de Ley n° 3.590 es la iniciativa que propone *Comisión Nacional de Búsqueda de Personas Víctimas de Desaparición Forzada y otras formas de Desaparición*. Está disponible en: <http://www.lexglobal.com/documentos/1178817803.pdf>, acceso el 01/10/2016.

acerca de la repercusión de las decisiones de la Corte IDH en los tribunales o en las prácticas domésticas sobre el conflicto armado interno. El primer ejemplo respecto a las investigaciones que resultaron en detenciones y condenaciones de militares por delitos de desaparición forzada y crímenes contra la humanidad por los tribunales domésticos en el año de 2016, lo que confirma un cambio en la postura de los jueces como se apuntó anteriormente.⁸⁶ El segundo ejemplo, corresponde a la iniciativa de la fiscalía general y de las organizaciones de derechos humanos para que la Corte IDH emitiera las resoluciones de supervisión de cumplimiento de las sentencias de los casos sobre el conflicto armado interno de forma integrada, en un sólo documento; así se tiene la resolución general llamada *12 casos guatemaltecos*, emitida el 24 de noviembre de 2015.⁸⁷ Esta resolución conjunta permite que los grupos interesados puedan tener más control sobre las iniciativas del Estado para cumplir con las obligaciones referentes al periodo de graves violaciones de derechos humanos y crímenes contra la humanidad.

86. En agosto de 2009 el ex-militar Felipe Cusanero Coj fue condenado a 150 años de prisión por participar de la desaparición forzada de seis personas entre 1982 y 1984 en la aldea de Choatalúm. Fue el primer caso de condenación para este tipo de crimen contra la humanidad en Guatemala. En diciembre de 2009 fueron considerados culpables los militares Marco Antonio Sánchez Samayoa, José Domingo Ríos Martínez, Gabriel Álvarez Ramos, Salomón Maldonado Ríos, condenados por más de 53 años de prisión, por el delito de desaparición forzada de ocho personas, en 1981. Ver sobre eso en: http://www.caldh.org/index.php?option=com_content&view=article&id=60&Itemid=79&lang=es acceso 01/10/2016; Disponible en: <https://acoguate.org/2012/11/01/voces-del-jute-despues-de-la-sentencia-por-desaparicion-forzada/> acceso el 01/10/2016. En enero de 2016 las autoridades guatemaltecas llevaron a la cárcel militar 18 investigados por crímenes que involucraran delitos de desaparición forzada, tortura y violaciones sexuales. Las detenciones se relacionan con la exhumación de 558 civiles indígenas (comunidades Q'eqchi, Achi y Pocomochi), mujeres, hombres, niños y ancianos, no combatientes y enterrados en 4 fosas en un campamento militar en Alta Verapaz. Los acusados pueden tener participación en los casos "*Plan de Sánchez*", Río Negro y de Marco Antonio Molina Theissen. Esta investigación, acerca del antiguo cuartel militar transformado en *Comando Regional de Entrenamiento de Operaciones de Mantenimiento de Paz de las Naciones Unidas* (Creompaz), está considerada por la *Fiscalía General y el Jefe de la Fiscalía de Derechos Humanos*, "uno de los casos de desaparición forzada más grandes de América Latina" (<http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2016/001.asp> acceso el 01/10/2016). Sobre el caso Molina Theissen, disponible en: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/01/14/casomolinatheissenjuezaenviaalacarcelamilitarylosligaaproceso/> acceso em 01/10/2016. Caso Creompaz, disponible en: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/05/03/militares> acceso el 01/10/2016. Disponible en: <https://comunitariapress.wordpress.com/2016/01/11/caso> acceso el 01/10/2016.

87. La resolución de la supervisión de cumplimiento de sentencia de los 12 casos guatemaltecos, respecto a las decisiones de la Corte IDH se refieren a los siguientes casos: *caso Blake*; *caso Panel Blanca*; *caso Villagrán Morales y otros*; *caso Bámaca Velásquez*; *caso Mack Chang*; *caso Maritza Urrutia*; *caso Molina Theissen*; *caso Masacre Plán de Sánchez*; *caso Carpio Nicolle y otros*; *caso Tiu Tojín*; *caso Masacre de las Dos Erres*; *caso Chitay Nech y otros*. Se observa que no todos los casos abarcan crímenes de desapariciones forzadas, por eso sólo algunos aparecen en la tabla anteriormente citada. Resolución general. Corte IDH, *12 casos guatemaltecos. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias respecto de la obligación de investigar, juzgar y, de ser el caso, sancionar a los responsables de las violaciones a los derechos humanos. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 24 de noviembre de 2015*. Disponible en: http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/12_casos_24_11_15.pdf acceso el 01/10/2016.

Sobre el derecho a la verdad para en Guatemala, los casos que se refieren objetivamente al hecho de que el Estado ha violado este derecho, son *Bámaca Velásquez Vs. Guatemala, Chitay Nech y otros y García y familiares Vs. Guatemala*.⁸⁸ En este último caso, de sentencia más reciente, y aún sin supervisión de cumplimiento, se hace referencia a la importancia de los encuentros fortuitos extraoficiales del Diario Militar, en 1999, y del Archivo Histórico de la Policía, en el 2005, los cuales atestán la participación de servidores públicos en los crímenes.⁸⁹ Esa situación ya había sido enfrentada durante la vigencia de la *Comisión de Esclarecimiento Histórico* (CEH). La propia sentencia se refiere al informe de la CEH:

174. La propia CEH “calific[ó] como precaria y no satisfactoria la colaboración brindada por parte del Ejército Nacional” y “también [por el] Ministerio de Gobernación”. Indicó que “[d]urante el período de trabajo de la Comisión, el Ejecutivo —a través de diversas dependencias, entre las cuales se encuentran el Ejército Nacional y la Secretaría Privada del Presidente de la República— dio diversas justificaciones para no entregar la documentación requerida. [...]El Tribunal recuerda que el Ministerio de la Defensa negó a la CEH la existencia de documentos como el Diario Militar, el cual apareció por vías extraoficiales tres meses después de que dicha comisión publicara su informe final (supra párrs. 55 y 56). Igualmente, la Policía Nacional, adscrita al Ministerio de Gobernación, no entregó a la CEH información que posteriormente apareció en el Archivo Histórico de la Policía, lo cual confirma que “no se indag[ó] activamente en búsqueda de antecedentes respecto” de la información solicitada por dicha Comisión. (CORTE IDH, Caso García y Familiares Vs. Guatemala, 2012, p. 59)

Para la cuestión de la constitución y preservación de archivos, Méndez destacó en la entrevista que, además de la documentación sistematizada para los informes de la *Comisión para El Esclarecimiento Histórico*⁹⁰ y de la *Recuperación de la Memoria Histórica* (REMHI)⁹¹, los acervos documentales y testimoniales estructurados para subsidiar las audiencias demandadas por acciones penales sobre desapariciones forzadas están reunidos por variados

88. Edgar Fernando García tenía 26 años, era profesor, profesional administrativo, secretario del sindicato de trabajadores y militante del *Partido Guatemalteco del Trabajo*. Fue detenido por agentes militares el 18 de febrero de 1984 y su familia nunca más obtuvo noticias de su paradero. Informaciones de CORTE IDH, *Caso García y Familiares Vs. Guatemala*, 2012.

89. Sobre la localización en 2005 del Archivo de la extinta Policía Nacional (1881-1997), la que fue sustituida después del conflicto armado interno por la Policía Nacional Civil, ver en: <http://www.prensalibre.com/hemeroteca/desapariciones-forzadas-en-guatemala> acceso el 01/10/2016.

90. Informe *Memoria del Silencio*, disponible en: http://www.undp.org/content/dam/guatemala/docs/publications/UNDP_gt_PrevyRecu_MemoriadelSilencio.pdf, acceso disponible el 01/10/2016.

91. Informe REMHI, disponible en: <http://www.odhag.org.gt/html/Default.htm>, acceso el 01/10/2016.

segmentos interesados en las investigaciones. Desde los grupos jurídicos, como el propio CEJIL y el Ministerio Público, y también las organizaciones de la sociedad civil: *Grupo de Apoyo Mutuo* (GAM)⁹², *Asociación Familiares de Detenidos Desaparecidos de Guatemala* (FAMDEGUA)⁹³, *Fundación de Antropología Forense de Guatemala* (FAFG).⁹⁴

Colombia hasta el 2016, las sentencias por el crimen de desaparición forzada por la Corte IDH sucedieron, como mínimo, seis veces.⁹⁵ Entre las denuncias, la primera realizada fue el 04 de abril de 1989, caso *Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia*, siendo también el primero a ser juzgado.⁹⁶ Todos los demás casos fueron presentados a la CIDH a lo largo de la década de 1990.

Los representantes de las víctimas para acciones que fueron admitidos por la Corte IDH son: Caso *Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia*: no informado; Caso *19 Comerciantes Vs. Colombia: Comisión Colombiana de Juristas y Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia: Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo y Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia: Comisión Colombiana de Juristas, Asociación de Familiares de Detenidos y Desaparecidos (ASFADDES), Centro por la justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)*; Caso *de las Masacres de Ituango Vs. Colombia: Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos (GIDH) y Comisión Colombiana de Juristas (CCJ)*; Caso *Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia: Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo (CCAJAR), Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL), abogados particulares y Comisión Intereclesial de Justicia y Paz*.

Los tratados y las convenciones invocadas por las decisiones, además de la Convención Americana de Derechos Humanos, son: la Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados, la *Declaración de Naciones Unidas sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*, las Convenciones de Ginebra de 1949 y sus Protocolos Adicionales, la

92. Disponible en <http://www.worldcoalition.org/Grupo-de-Apoyo-Mutuo.html>, acceso el 01/10/2016.

93. Sobre la FAMDEGUA, ver: <http://famdeguagt.blogspot.com.br/>, acceso el 01/10/2016.

94. Sobre la FAFG, el sitio aún está en construcción: <https://www.fafg.org/>, acceso el 01/10/2016.

95. Antes de a primera condenación por la Corte IDH se realizó una denuncia por desaparición forzada a la CIDH contra Colombia, en abril de 1980. La denuncia no llegó a ser juzgado por desistimiento del peticionario (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2014, p. 77).

96. Isidro Caballero Delgado y María del Carmen Santana eran miembros del *Movimiento 19 de abril* en el Municipio de *San Alberto*. El 7 de febrero de 1989 fueron detenidos por miembros del ejército y civiles que eran sus compañeros de trabajo. Informaciones de CORTE IDH, *Caso García y Familiares Vs. Guatemala*, 2012.

Convención sobre los derechos del Niño, el Convenio Europeo de Derechos Humanos y Libertades Fundamentales los Principios Rectores de los Desplazamientos Internos de las Naciones Unidas, el Manual de las Naciones Unidas sobre La Prevención e Investigación de Ejecuciones Extrajudiciales, Arbitrarias y Sumarias, el Convenio n° 29 de La Organización Internacional del Trabajo sobre el Trabajo Forzoso, la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas y la Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura.

Las obligaciones de Colombia para la responsabilidad penal en los casos de desapariciones forzadas comenzaron a ser puntuadas de forma crítica por la Corte IDH aún en el caso *Caballero Delgado*, que en análisis de fondo indicó:

57. En el caso que se examina, Colombia ha realizado una investigación prolongada, no exenta de deficiencias, para encontrar y sancionar a los responsables de la detención y desaparición de Isidro Caballero Delgado y María del Carmen Santana y este proceso no ha terminado. 58. (...) sin embargo, para garantizar plenamente los derechos reconocidos por la Convención, no es suficiente que el Gobierno emprenda una investigación y trate de sancionar a los culpables, sino que es necesario, además, que toda esta actividad del Gobierno culmine con la reparación a la parte lesionada, lo que en este caso no ha ocurrido. (CORTE IDH, Caso Caballero Delgado Vs. Colombia, 1995, p. 21)

En la última supervisión de cumplimiento de sentencia de 27 de febrero de 2012 sobre el caso, la Corte IDH declaró que el Estado colombiano había incumplido las resoluciones dictadas en los puntos de las decisiones proferidas en diciembre de 1995 y enero de 1997. El incumplimiento gira en torno, tanto de las investigaciones acerca de la localización de las víctimas del crimen o de sus restos mortales, así como de la impunidad a los responsables por las desapariciones forzadas.

La legislación penal colombiana reconoce la desaparición forzada como tipo autónomo desde 2000, a través de la Ley n° 589.⁹⁷ Uno de los desdoblamientos problemáticos para los tribunales internos, referentes a esta tipificación, está en el debate sobre la retroactividad para los crímenes cometidos antes del advenimiento de la referida ley. De acuerdo con el

97. Ley n° 589 de 2000 "Por medio de la cual se tipifica el genocidio, la desaparición forzada, el desplazamiento forzado y la tortura; y se dictan otras disposiciones". Diario Oficial 44073 de julio 7 de 2000. Disponible en: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0589_2000.html acceso el 01/10/2016. Ver también: Ley n° 599 de 2000 "Por la cual se expide el Código Penal". Diario Oficial No. 44.097 de 24 de julio del 2000. Disponible en: http://www.secretariassenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0599_2000.html acceso el 01/10/2016.

cuestionario aplicado para este estudio, las posiciones sustentadas en esta discusión son:

- i) la teoría que señala que se debe aplicar la figura del secuestro;*
- ii) la teoría que señala que se aplica secuestro hasta la entrada en vigor de la ley que tipificó el delito de desaparición;*
- iii) la teoría que aplica la tesis relacionada con los efectos retrospectivos del delito de desaparición forzada.*

La Corte IDH se posicionó sobre la retroactividad de la sanción penal para casos de desaparición forzada en la sentencia más reciente que se refiere a los crímenes provenientes del evento del Palacio de Justicia, caso *Rodríguez Vera Vs. Colombia*.⁹⁸ El 14 de noviembre de 2014, el Tribunal estableció que:

*b) por tratarse de violaciones graves a los derechos humanos, incluyendo desapariciones forzadas, ejecuciones extrajudiciales y torturas, el Estado deberá abstenerse de recurrir a la aplicación de leyes de amnistía ni argumentar prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ni el principio non bis in idem o cualquier eximente similar de responsabilidad, con el fin de excusarse de la obligación de investigar y enjuiciar a los responsables; c) asegurarse que las autoridades competentes realicen las investigaciones correspondientes ex officio, y que para tal efecto tengan a su alcance y utilicen todos los recursos logísticos y científicos necesarios para recabar y procesar las pruebas y, en particular, tengan facultades para acceder plenamente a la documentación e información pertinente para investigar los hechos denunciados y llevar a cabo con prontitud aquellas actuaciones y averiguaciones esenciales para esclarecer lo sucedido a las personas desaparecidas en el presente caso, a las víctimas de torturas y otras formas de tratos crueles y degradantes, y a la víctima de desaparición y posterior ejecución extrajudicial; d) identificar e individualizar a los autores de las violaciones referidas en la presente Sentencia, y e) garantizar que las investigaciones por los hechos constitutivos de las violaciones a derechos humanos declaradas en el presente caso se mantengan, en todo momento, bajo conocimiento de la jurisdicción ordinaria. (CORTE IDH, Caso *Rodríguez Vera Vs. Colombia*, 2014, p. 192)*

98. El 6 y 7 de noviembre de 1985 el Palacio de Justicia, sede de la Corte Suprema de Justicia y del Consejo de Estado colombiano, fue tomado violentamente por el grupo guerrillero M-19. Las fuerzas de seguridad del Estado realizaron la reintegración del Palacio de Justicia con el uso de la fuerza excesiva, situación que generó la desaparición forzada de doce personas que habían sobrevivido a la invasión del palacio por responsabilidad del Estado: Carlos Augusto Rodríguez Vera, Irma Franco Pineda, Cristina del Pilar Guarán Cortés, Gloria Anzola de Lanao, Norma Constanza Esguerra Forero, Bernardo Beltrán Hernández, Héctor Jaime Beltrán Fuentes, Gloria Stella Lizarazo Figueroa, Luz Mary Portela León, David Suspes Celis, Lucy Amparo Oviedo Bonilla y Ana Rosa Castiblanco Torres. Informaciones de CORTE IDH, Caso *Rodríguez Vera Vs. Colombia*, 2014.

Con el fin de obtener informaciones más actualizadas sobre la judicialización de casos y del tratamiento de archivos durante la recopilación de datos para este estudio, se solicitó una entrevista a la *Comisión de Búsqueda de Personas Desaparecidas*, entidad estatal encargada de encaminar resoluciones sobre requerimientos de desaparición forzada de personas, creada a través de la Ley nº 589/2000.⁹⁹ La comisión se ofreció para evaluar el pedido, pero no presentó respuesta definitiva.

Los cuestionarios presentados por la *Facultad de Derecho de la Universidad del Rosario*, miembro de la RLAJT, contaron con la colaboración del Profesor Investigador y Doctor en Derecho Carlos Mauricio López Cárdenas.¹⁰⁰ El investigador apuntó las dificultades en la sistematización de acciones penales en los tribunales internos sobre la materia, una vez que hay decenas de procesos en trámite en la *Fiscalía General de La Nación*.¹⁰¹

En el informe de evaluación de los resultados de los proyectos ejecutados entre 2008 y 2015, el *Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo* (PNUD), a través del Fondo de Justicia Transicional, buscó articular entre la comunidad internacional y las instituciones del Estado colombiano medios para fortalecer el derecho de las víctimas del conflicto armado interno. Entre los puntos destacados por el PNUD, para el interés de este informe, están:

Promoción al acceso a la justicia y la reparación de manera integral *aproximadamente a 100.000 víctimas en el país, a través de su participación en versiones libres, brigadas, incidentes de reparación y jornadas de atención interinstitucional en los que además recibieron apoyo psicojurídico.*

99. Ver las normativas Ley 971 de 2005 "Por medio de la cual se reglamenta el mecanismo de búsqueda urgente y se dictan otras disposiciones". Diario Oficial No. 45.970 de 15 de julio de 2005. Link: http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0971_2005.html http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley_0971_2005.html más sobre la comisión en http://www.comisiondebusqueda.gov.co/CONPES_3590 "consolidación de los mecanismos de búsqueda e identificación de personas desaparecidas en Colombia". Link http://www.comisiondebusqueda.gov.co/images/PDF/CONPES_3590.pdf Ley 1408 de 2010 "por la cual se rinde homenaje a las víctimas del delito de desaparición forzada y se dictan medidas para su localización e identificación". Diario Oficial No. 47.807 de 20 de agosto de 2010. Link: http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley_1408_2010.html

100. Cárdenas es autor de la tesis de doctorado *La desaparición forzada de personas en el Derecho Internacional de los Derechos Humanos: Estudio de su evolución, concepto y reparación a las víctimas en la Universidad Complutense de Madrid*, 2016. Posee artículo que discute las diferentes bases de datos acerca de los registros sobre desapariciones forzadas en Colombia y las dificultades en apuntar un número aproximado. Ver más en: *Dificultades para estimar el número de personas desaparecidas en Colombia*. Disponible en: https://www.academia.edu/22113266/Dificultades_para_estimar_el_n%C3%BAmero_de_personas_desaparecidas_en_Colombia_-_Difficulties_in_estimating_the_number_of_missing_persons_in_Colombia acceso el 01/10/2016.

101. De acuerdo con el cuestionario, las informaciones reposan a cada uno de los promotores responsables por el caso.

Como aporte a la futura Comisión de la Verdad en el marco de los acuerdos de paz, diseño e implementación de la Política pública de archivos de Derechos Humanos y Derecho Internacional Humanitario -DIH-, contribuyendo con la puesta en marcha de ejercicios para la preservación y gestión de los archivos relacionados con el conflicto armado. Apoyo a las víctimas de desaparición forzada con la búsqueda, identificación y entrega de sus familiares desaparecidos, logrando el esclarecimiento de 4.727 casos, 364 diligencias de exhumación, 248 cuerpos encontrados y la plena identificación de 72 cadáveres a través de la intervención en cementerios (caso piloto Cimitarra). (PNUD, 2016, p. 39-40)

Además de las iniciativas provenientes del PNUD, uno de los grandes articuladores del cúmulo de esfuerzos para resolución de los casos de desapariciones forzadas es la organización no gubernamental *Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos (ASFADDES)*,¹⁰² citada por el cuestionario como una referencia en archivos para un diagnóstico más amplio sobre las víctimas del crimen entre los años 1980 y 1990. En la promoción de acciones para la investigación y acumulación de informaciones sobre la justicia transicional, el destaque es para las iniciativas del *Centro Nacional de Memoria Histórica (CNMH)*.¹⁰³

El *Centro Nacional de Memoria Histórica* publicó, en el 2014, cuatro tomos de estudios sobre la desaparición forzada. Como colaboradores están los grupos de la sociedad civil, entre ellos algunos representantes autores de casos destinados a la CIDH:

Asociación de Familiares de Detenidos - Desaparecidos (ASFADDES); Corporación para la Defensa y Promoción de los Derechos Humanos (Reiniciar); Corporación Madres de La Candelaria – Línea fundadora; Asociación Caminos de Esperanza Madres de la Candelaria; Asociación de Familias Unidas por un Solo Dolor (AFUSODO); Colectivo Madres de Soacha; Familiares de Desaparecidos Forzadamente por el Apoyo Mutuo (Familiares Colombia); Madres por la vida (Buenaventura); Ruta Pacífica de las Mujeres y el Movimiento Nacional de Víctimas de

102. La *Asociación de Familiares de Detenidos – Desaparecidos* realiza actividades desde los años 1980 en el trabajo colectivo de denuncias y demandas por justicia y localización de las víctimas de desaparición forzada. Ver más en: <http://www.asfaddes.org/>, acceso el 01/10/2016.

103. Ver sobre los trabajos del CNMH en: <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/> y <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/iniciativas-de-memoria/proyectos-destacados> acceso el 01/10/2016. La iniciativa de un acervo elaborado por la madre de una víctima de crimen contra la humanidad indicado por los cuestionarios se puede consultar en: <http://www.eltiempo.com/politica/justicia/unesco-reconoce-archivos-de-fabiola-lalinde-como-patrimonio-del-mundo/16416141?ts=41> acceso el 01/10/2016. <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/antioquia/operacion-siriri> acceso el 01/10/2016.

Crímenes de Estado (MOVICE); Comisión Colombiana de Juristas; al Centro de Investigación y Educación Popular/ Programa por la Paz (CINEP/PPP); Escuela Nacional Sindical; Corporación Regional para la Defensa de los Derechos Humanos (CREDHOS); Coordinación Colombia Europa Estados Unidos (CCEEU); Colectivo de Abogados Luis Carlos Pérez; Corporación AVRE; Corporación Jurídica Libertad; Grupo Interdisciplinario por los Derechos Humanos; Colectivo de Abogados José Alvear Restrepo; Equipo Colombiano Interdisciplinario de Trabajo Forense y Asistencia Psicosocial (EQUITAS); Equipo Colombiano de Investigaciones Antropológico Forenses (ECIAF); Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses; Hermanas Lauritas y la Oficina de la Alta Comisionada de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos en Colombia. (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTORICA, 2014, p. 7-8)

Aunque todas esas organizaciones dediquen esfuerzos para la verdad y justicia sobre los hechos que generaran miles de desapariciones forzadas en Colombia, hay que considerar que tratar la responsabilidad penal en el proceso del acuerdo de paz en vigencia es, como mínimo, un asunto delicado. Como resistencia a las medidas de justicia transicional hay una parte de la sociedad que sigue actuando clandestinamente para imposibilitar la justicia para los casos del presente y del pasado reciente. Sobre los desaparecidos del Palacio de Justicia, ocurridos hace más de 30 años, el abogado Jorge Molano, en entrevista para el CNMH, denunció persecuciones a los operadores de la justicia que trabajan para el fortalecimiento de la penalización de crímenes contra la humanidad y criticó la posición del Estado colombiano:

*Aquí no ha habido una voluntad institucional. Lo que se ha dado es el ataque a quienes han buscado intervenir actuando en pro del desarrollo de la investigación. Lo que sucedió con la fiscal Ángela María Buitrago, que fue sacada de la fiscalía argumentando supuestas razones de deficiencia en su trabajo, raya con la estupidez. Lo que sucedió con la jueza Maria Estela Jara, que se vio obligada a salir del país, es evidencia de que este es un aparato criminal que actúa en impunidad. Lo que hoy queda claro es que el Estado resultó respondiendo cuando está a 15 días de rendir un informe a la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CIDH). Es un Estado al que le interesa la imagen y no le interesa la justicia.*¹⁰⁴

104. Entrevista completa disponible en: <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/palacio-de-justicia-30-anos/entrevista-jorge-molano.html#sthash.PMgLOTr.dpuf> acceso el 01/10/2016.

2.4 El Salvador, Argentina y México: judicialización y archivos

El Estado de El Salvador fue condenado por la Corte IDH por el crimen de desaparición forzada en tres casos. La primera decisión, en el 2005, fue sobre el caso *Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador*, cuyos representantes fueron el *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)* y la *Asociación Pro-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos*. La segunda sentencia fue proferida en el 2011, sobre el caso *Contreras y otros Vs. El Salvador* que contó con las mismas organizaciones de la primera causa como representantes. Por último, el Caso *Rochac Hernández y otros, peticionado por la Asociación Pro-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos* que generó una condenación más al Estado salvadoreño, el 14 de octubre de 2014.

El caso *Hermanas* fue presentado para la CIDH en 1999, los demás en el año 2000. El Estado fue condenado por la Corte por violar diversos artículos de la *Convención Americana sobre Derechos Humanos* y otros instrumentos internacionales como la *Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados*, *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*, *Convención sobre los Derechos del Niño*, *Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*, *Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional*, *Protocolo II Adicional a los Convenios de Ginebra de 1949*.

Todos los casos juzgados por la Corte IDH sobre desaparición forzada tratan de situaciones que involucran a niños. La práctica sistemática de la desaparición fue llevada a cabo por agentes del Estado que cometieron crímenes contra la humanidad contra grupos comunitarios durante el conflicto armado interno de El Salvador entre 1980 y 1992. La Corte IDH definió las posibles situaciones a las que están sometidos los niños expuestos a la desaparición forzada. A partir de los aportes del denunciante, *Asociación Pro-Búsqueda*, en la última decisión que condenó al Estado salvadoreño en el caso referente a la materia, *Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador*,¹⁰⁵ la práctica de desapariciones forzadas direccionada a los niños fue definida de la siguiente manera:

Los posibles destinos de las niñas y los niños después de la separación de su familia y de su desaparición, pueden clasificarse de la siguiente

105. El caso abarca la desaparición forzada de José Adrián Rochac Hernández, 5 años; Santos Ernesto Salinas, 9 años; Emelinda Lorena Hernández, bebé de 10 meses; Manuel Antonio Bonilla y Ricardo Abarca Ayala, 10 y 13 años. Todos los niños fueron capturados por militares en situación de búsqueda por apoyadores de la guerrilla durante el conflicto armado interno a principios de la década de 1980.

forma: 1) adopciones en las que existe un proceso formal dentro del sistema judicial, siendo que la mayoría se asignaron a familias extranjeras, principalmente de los Estados Unidos, Francia e Italia; 2) adopciones “de hecho” o “apropiaciones”, consistentes en casos en los que familias salvadoreñas se hicieron cargo de los niños y niñas pero jamás formalizaron la adopción del niño o niña; 3) casos de “apropiación” por parte de militares, quienes los incluyeron en sus familias como hijos, aunque en la mayoría de casos los niños y niñas fueron utilizados para trabajos domésticos o agrícolas; 4) niños y niñas que crecieron en orfanatos sin acompañamiento, en los cuales los encargados no intentaron encontrar a los parientes; y 5) niños y niñas que crecieron en instalaciones militares. Por otra parte, se ha recopilado evidencias que indicarían que algunos niños y niñas desaparecidos fueron víctimas del tráfico ilegal. Por último, se habían localizado casos de niños y niñas fallecidos. f) Existió una práctica de alteración de las identidades de los menores de edad, siendo que muchos fueron registrados de hecho como hijas e hijos, es decir, sin necesidad de la alteración de registros, mientras que en otros casos se cambió el nombre o los apellidos y se alteró la edad de las niñas y niños. (CORTE IDH, Caso Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador, 2014, p. 20)

Ante este panorama sobre la desaparición forzada destinada fuertemente a los niños aún después del acuerdo de paz al inicio de la década de los noventa, muchos fueron los desafíos que se presentaron a los familiares. Luego, el primer caso sobre el drama de los niños victimados por la desaparición forzada fue presentado a la CIDH en 1999.

El caso juzgado por la Corte IDH sobre las hermanas Serrano tuvo como representantes de sus familiares los grupos *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional (CEJIL)* y la *Asociación Pro-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos*. Familiares y testigos atestan que cuando Ernestina y Erlinda Serrano Cruz fueron capturadas por patrullas militares, en 1982, ellas tenían siete y tres años.¹⁰⁶ La Corte IDH determinó, entre otras medidas,

Ordenar a El Salvador que, en el cumplimiento de su obligación de investigar los hechos denunciados, identificar y sancionar a los responsables y efectuar una búsqueda seria de las víctimas, elimine

106. Ernestina y Erlinda fueron descubiertas por militares porque estaban llorando. En junio de 1982, el municipio donde vivían, San Antonio de La Cruz, fue ocupado por los militares del *Batallón Atlacatl* del ejército salvadoreño en la “operación limpieza”. Con el fin de protegerse, la familia se trasladó, la madre de las niñas y un hermano lograron cruzar el cerco militar. El padre de Ernestina y Erlinda y otro hermano, Enrique, se albergaron en la región de las montañas, al distanciarse de las hijas para buscar agua, Dionisio Serrano las dejó por un tiempo solas. Asustadas ellas empezaron a llorar y fueron descubiertas por las patrullas militares que las llevaron y desde entonces no se sabe del paradero de ellas.

todos los obstáculos y mecanismos de hecho y derecho que impidan el cumplimiento de dichas obligaciones en el presente caso, de modo que utilice todas las medidas a su alcance, ya sea por medio del proceso penal o mediante la adopción de otras medidas idóneas.

El Estado debe utilizar todos los medios económicos, técnicos, científicos y de otra índole idóneos para determinar el paradero de Ernestina y Erlinda Serrano Cruz, solicitando, en caso de ser necesario, la cooperación de otros Estados y organizaciones internacionales. (CORTE IDH, Caso Hermanas Serrano Vs. El Salvador, 2005, p. 96-97)

Los puntos resolutivos de la sentencia para que el Estado cumpla con las obligaciones mencionadas, frente a la necesidad de investigación de los hechos, identificación y sanción de los responsables, son los siguientes: funcionamiento de una comisión nacional de búsqueda de jóvenes que desaparecieron cuando eran niños; una página *web* de búsquedas de niñas y niños; creación de un sistema de información genético; acto público de reconocimiento y responsabilidad sobre el caso; publicidad de la sentencia; designación de un día dedicado a las y los niños desaparecidos durante el conflicto armado interno; asistencia médica y psicológica para los familiares.

La última resolución de supervisión de cumplimiento de sentencia sobre el caso tiene fecha el 1º de septiembre de 2016, siendo el cuarto documento desde la decisión de 2005. Ante las observaciones, la Corte IDH declaró que el Estado ha dado cumplimiento total para la reparación referente a la creación de una página *web* de búsqueda de desaparecidos y que en relación con el tratamiento médico y psicológico también es satisfactoria la asistencia estatal. Además de la decisión para que ambos los servicios citados sean mantenidos, la Corte IDH, ante la continuación de falta de informaciones sobre el paradero de las hermanas Serrano y por no haber sanción a los involucrados del caso hasta entonces, se consideró insatisfactorio el trabajo estatal para atender a las demás medidas de reparación. Así, el Estado salvadoreño seguirá en proceso de supervisión de cumplimiento de la sentencia.

Uno de los problemas sobre el reconocimiento del crimen de desaparición forzada frente a la normativa del Estado salvadoreño fue expuesto en el primer capítulo de este informe, cuando se verificó que no hay firma, ratificación o adhesión del país a ninguna de las principales convenciones sobre la desaparición forzada (la Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas (CIPPDF/ONU) y la Convención Interamericana de Desaparición Forzada de Personas (CIDFP/OEA)). Sin embargo, como también se trató en el capítulo anterior, otros de los obstáculos para la sanción de autores de graves violaciones de derechos humanos y crímenes contra la humanidad,

la *Ley de Amnistía General para la Consolidación de la Paz de 1993*, fue declarada inconstitucional por la *Corte Suprema de Justicia*. Además de eso, el cuestionario contestado por el *Instituto de Derechos Humanos de la UCA* (IDHUCA), representante de la RLAJT, demostró que la desaparición forzada posee tipificación autónoma en la legislación penal del país.¹⁰⁷ Mientras los resultados en la justicia interna aún están por contabilizarse, con respecto a las responsabilidades penales, otros trabajos que atienden a los componentes de la justicia transicional están en plena actividad.

La *Asociación Pro-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos* realiza sus trabajos desde 1994, en la búsqueda de niñas y niños desaparecidos durante el conflicto armado interno de El Salvador. Ese conflicto tuvo como resultado centenas de niñas y niños víctimas de la desaparición forzada, que fueron apropiados y adoptados de forma irregular con la aquiescencia de agentes estatales y de colaboradores. La Asociación reúne cerca de 860 familias que, insatisfechas con la actividad estatal en las denuncias, pasaron a realizar búsquedas de más de 920 niños víctimas de desaparición forzada. Ese número, sin embargo, no representa la totalidad de los casos. Por medio de campañas internacionales y de identificación por ADN la Asociación solucionó 425 casos hasta el año 2016.¹⁰⁸

La *Comisión Nacional de Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos durante el Conflicto Armado Interno* (CNB) fue creada por el Presidente de la República de El Salvador, Mauricio Funes, a través del Decreto Ejecutivo n° 5/2010, reformulado por el Decreto n° 45, el 26 de abril de 2010. La CNB es resultado de una demanda social como respuesta a la sentencia de la Corte IDH referente al caso de las hermanas Ernestina y Erlinda Serrano Cruz, en el 2005. En el 2011, la CNB inició sus trabajos y hasta el año 2016 solucionó más de 70 casos, promoviendo 28 reencuentros familiares.¹⁰⁹ Se observa que no todos los casos considerados solucionados se refieren a la localización de los niños, actualmente adultos, con vida,

107. Ver la inclusión de la desaparición forzada en el código penal salvadoreño en: <http://www.asamblea.gob.sv/eparlamento/indice-legislativo/buscador-de-documentos-legislativos/codigo-penal> acceso el 01/11/2016.

108. Ver más sobre la Asociación Pro-Búsqueda en: <http://www.probusqueda.org.sv/> acceso el 01/11/2016.

109. Datos provenientes de entrevista realizada el 24 de agosto de 2016 entre la consultora de este trabajo y Arcinio Suira Caballero, coordinador de la CNB. El Coordinador explicó que la CNB posee cuatro objetivos operativos: i) investigación para localización de adultos que cuando eran niños fueron víctimas de la desaparición forzada y acompañamiento psicológico para la familia y la persona apropiada; ii) facilitación de la documentación para la restitución de la identidad; iii) proceso de exhumación, enterramiento y acompañamiento psicosocial para la familia en los casos que se concluye que la víctima de desaparición forzada se encuentra fallecida; iv) sensibilización de la sociedad y difusión sobre los casos para que el problema de las desapariciones forzadas sean conocidas de forma amplia y para que haya un aporte con informaciones sobre los casos.

pues hay investigaciones que apuntan al asesinato. Las dificultades sobre el reencuentro familiar también se expresan en casos en los que los niños identificados, hoy adultos, poseen dificultades con la aceptación de su condición y recepción de la familia biológica.

Elsy Flores, asesora de la *Comisión Nacional de Búsqueda*,¹¹⁰ en entrevista para este estudio, evalúa que los resultados de las sentencias condenatorias de la Corte IDH para El Salvador respaldaron la implementación de una serie de medidas que resultan en la judicialización de la justicia transicional. Ella considera que, aunque la justicia penal no haya logrado alcanzar la responsabilidad individual,¹¹¹ otros tipos de reparaciones obligaron al Estado a transformar políticas para atender a las demandas direccionadas con las desapariciones forzadas. La Comisión Nacional de Búsqueda es fruto de las sentencias de la Corte IDH, así como el banco de identificación genética y, por medida legislativa, la creación del día del niño desaparecido. De este modo, mientras los tribunales domésticos no se encargan de juzgar los involucrados en los crímenes contra la humanidad, los puntos resolutivos de las decisiones tuvieron una repercusión parcial, lo que llevó a que el Estado creara algunas estructuras administrativas para manejar el pasado reciente.

Elsy también subrayó la importancia de las relaciones interinstitucionales y transnacionales. Estas tienen dos frentes: con autoridades de otros países para la localización e identificación de niños que fueron adoptados y pasaron a vivir fuera de El Salvador; y a partir de convenios, como con el Equipo Argentino de Antropología Forense (EAAF) que aporta con su experiencia para el análisis de muestras de ADN tanto para la restitución a los familiares como en el caso de exhumaciones.¹¹²

Sobre el derecho a la verdad y el acceso a la información, la última sentencia proferida por la Corte IDH condenando al Estado salvadoreño sobre crímenes de desaparición forzada, es el caso *Rochac Hernández y otro Vs. El Salvador*, en el que la Corte estableció que:

Ha transcurrido más de 30 años desde las desapariciones forzadas de José Adrián Rochac Hernández, Santos Ernesto Salinas, Emelinda Lorena Hernández, Manuel Antonio Bonilla y Ricardo Abarca Ayala,

110. Más detalles sobre la CNB en: <http://www.cnbelsalvador.org.sv/index.php> acceso el 01/11/2016.

111. Aún bajo la vigencia de la Ley de Amnistía, en 2013, en una acción contra la impunidad, el representante vinculado con la RLAJT, *Instituto de Derechos Humanos de la UCA* (Idhuca), junto con otras organizaciones, interpusieron en la *Fiscalía General de la República* (FGR) 43 denuncias de variados crímenes, entre ellos el de desaparición forzada, ocurridos durante el conflicto armado interno. Ver más en: <http://www.uca.edu.sv/noticias/texto-2572> acceso el 01/11/2016.

112. Ver más sobre la EAAF en <http://www.eaaf.org/>

sin que ninguno de sus autores materiales o intelectuales haya sido identificado y procesado, y sin que se conozca aún toda la verdad sobre los hechos ni sus paraderos. De modo tal que prevalece una situación de impunidad total. Por ende, en el presente caso el Estado aún no ha satisfecho el derecho de los familiares a conocer la verdad, el cual se encuentra subsumido en el derecho de la víctima o de sus familiares a obtener de los órganos competentes del Estado el esclarecimiento de los hechos violatorios y las responsabilidades correspondientes, a través de la investigación y el juzgamiento que previenen los artículos 8 y 25.1 de la Convención. [...]

El derecho a conocer la verdad entraña tener un conocimiento pleno y completo de los actos que se produjeron, las personas que participaron en ellos y las circunstancias específicas, en particular de las violaciones perpetradas y su motivación. En los casos de desaparición forzada de personas, el derecho a la verdad tiene también una faceta especial: el conocimiento de la suerte y el paradero de las víctimas³¹⁸. La Corte considera que, aparte de las labores realizadas por diversas entidades para el conocimiento de la suerte y el paradero de las víctimas y el enjuiciamiento de personas responsables, corresponde al Estado, como medida de reparación que busca satisfacer el derecho de la sociedad en su conjunto a conocer la verdad, recurrir a mecanismos idóneos para mantener viva la memoria de las víctimas y dar transparencia a los hechos que violentaron los derechos humanos por medio del establecimiento de espacios de memoria pública, ya sean estos memoriales, monumentos, museos, entre otros. (CORTE IDH, Caso Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador, sentencia 2014, p. 58 e 74).

La Asociación Pro-Búsqueda de Niñas y Niños Desaparecidos afirma en su página virtual que la formación de la Comisión de la Verdad, como medida proveniente de los Acuerdos de Paz de 1992, no pudo satisfacer a los familiares que buscaban a los niños victimados por la desaparición forzada. Según información del sitio, el informe *De la Locura a la Esperanza* (1993) no especificó las denuncias, incluyendo solamente los nombres en una lista general de personas victimadas por el conflicto.¹¹³ A la negligencia se suman los años que transcurrieron con la falta de investigaciones del Estado sobre los crímenes y de la impunidad, consecuencias de la Ley de Amnistía sancionada luego de la publicación del informe de la comisión de la verdad, invalidada hasta el 2016. Así, es posible verificar que el esfuerzo para la reconstitución de los hechos y la organización de archivos sobre crímenes de esa naturaleza se da, nuevamente, por medio de familiares y de testigos que se solidarizaron en el aporte de información.¹¹⁴

113. Ver el link *La Historia de Pro-Búsqueda* <http://www.probusqueda.org.sv/quienes-somos/la-historia-de-pro-busqueda/> acceso el 01/11/2016.

114. Además de las Asociaciones citadas, de la sociedad civil y del Estado, otros grupos indicados por el cuestionario, a saber: DPLF - *Fundación para el Debido Proceso*, <http://www.dplf.org/es/acerca-de-dplf>

En el 2014, es decir, casi una década después de la primera sentencia condenatoria de la Corte IDH sobre el país, el Ministerio de Defensa Nacional reafirmó frente al *Instituto de Acceso a la Información Pública* (IAIP), “la inexistencia de información relacionada a operativos militares, llevados a cabo durante 1981 y 1983”.¹¹⁵

Aunque existan iniciativas sobre el reconocimiento de la responsabilidad estatal en relación con las desapariciones forzadas denunciadas interna y externamente, el reto recae sobre el Estado. Este debe aportar de modo efectivo para las investigaciones de los casos, o sea, permitir que las informaciones de las instituciones perpetradoras atiendan al derecho a la verdad de las personas afectadas por las violaciones.¹¹⁶

Argentina fue condenada por casos de desapariciones forzadas por la Corte IDH en dos causas: *Garrido y Baigorria Vs. Argentina*, sentencias del 02 de febrero de 1996; además fue condenada en el Caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina*, sentencia del 26 de agosto de 2011. Las representaciones que llevaron el caso hasta la CIDH fueron: en primera causa por iniciativa de individuos, cuya petición es del 29 de abril de 1992, en segunda causa a través del grupo AMICIS, Clínica Jurídica y Social Patagónica.

Además de la violación de los artículos de la *Convención Americana sobre Derechos Humanos*, el Estado argentino fue condenado por incumplir los siguientes tratados: *Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*, *Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura*, *Protocolo Adicional de la Convención Americana sobre derechos humanos en materia de derechos económicos, sociales y culturales*.

Es interesante observar que las denuncias que llevaron el Estado a la condenación por desaparición forzada no son de hechos insertados en el contexto del terrorismo de Estado en 1976 y hasta 1983, sino ya en el gobierno civil, cuyo presidente era Carlos Saúl Menem (1989-1999).¹¹⁷

115. Ver nota en el sitio de IAIP, 2014, disponible en: <http://www.iaip.gob.sv/?q=press-release/ministerio-de-la-defensa-reitera-ante-el-iaip-inexistencia-de-archivos-militares> acceso el 01/11/2016

116. Ver el pronunciamiento del Ministro de las Relaciones Exteriores, en marzo de 2015, en la ceremonia oficial de reconocimiento de la responsabilidad estatal sobre las desapariciones forzadas del caso *Rochac Hernández Vs. El Salvador*, como cumplimiento de la sentencia de la Corte IDH, disponible en: http://www.rree.gob.sv/index.php?option=com_k2&view=item&id=4084:palabras-del-ministro-de-relaciones-exteriores-hugo-martinez-en-ocasion-del-acto-de-reconocimiento-de-responsabilidad-estatal-en-el-caso-rochac-hernandez-vs-el-salvador-en-razon-de-sentencia-de-la-corte-interamericana-de-derechos-humanos-del-14&Itemid=942 acceso el 01/11/2016.

117. Carlos Menem optó en su gobierno por instituir una “política de pacificación y reencuentro nacional”. Con eso, la década de 1990 estuvo marcada por una serie de Decretos de indulto para centenas de agentes de la represión argentinos y extranjeros. La insatisfacción y desaprobación tomó las organizaciones de Derechos Humanos que en el último año de su mandato realizaron los “Juicios por la verdad histórica”, tribunales desprovistos de autoridad para la promoción penal, pero que provocaron denuncias y condenaciones morales públicas. Consultar Bauer, 2012, p. 290-291.

El primer caso sentenciado por la Corte IDH trata de lo sucedido con Adolfo Argentino Garrido Calderón y Raúl Baigorria Balmaceda, quienes fueron detenidos en 1990 en la ciudad de Mendoza, hechos documentados por relato de un testigo. Desde entonces no hay registros del paradero. La segunda decisión trata sobre la desaparición forzada de Iván Eladio Torres Millacura, detenido dos veces en el año 2003, siendo la segunda prisión el registro para documentar el inicio de su desaparición forzada. Estas causas son la prueba cabal de la inmensa dificultad en deshacer el escombros autoritario de las instituciones de seguridad. El país argentino en los años 2000, bajo el gobierno de Néstor Kirchner, fue marcado por la nulidad de las leyes de *Obediencia Debida* y *Punto Final*, situación que posibilitó cientos de condenaciones penales a los militares y civiles perpetradores de crímenes contra la humanidad en el periodo dictatorial.¹¹⁸

La *Procuraduría de Crímenes contra la humanidad* publicó sus últimas estadísticas a fines de septiembre de 2016.¹¹⁹ De acuerdo con los gráficos estructurados por el representante de Argentina en la RLAJT, *Centro de Estudios Legales y Sociales* (CELS), suman 2.922 las denuncias por crímenes contra la humanidad en Argentina, las cuales incluyen desapariciones forzadas, entre otros delitos. Los acusados en los tribunales internos contabilizan 351 civiles y 2.571 agentes de las fuerzas armadas y de seguridad. En la última década se contabilizan 170 juicios en Argentina. Esos juicios tuvieron como resultado 70 absoluciones y 720 condenas, de éstos, 374 tuvieron penas de prisión perpetua. Entre las personas sentenciadas un 43,3% fueron coautoras de crímenes contra la humanidad y un 20,92% autoras de los delitos.¹²⁰

La primera sentencia de la Corte IDH para Argentina ocurrió, por lo tanto, anteriormente al inicio del proceso de juzgamiento en los tribunales domésticos, en 1996. La segunda ya en el 2001, en el curso ya de los juicios contra militares y civiles involucrados en los crímenes contra la humanidad. Para el caso *Garrido y Baigorria Vs. Argentina*, en el contexto de mitad de la década de los noventa, el Estado argentino se manifestó a la Corte IDH, de la siguiente forma:

118. La Procuraduría de crímenes contra la humanidad publicó en el 2016 una síntesis de las causas que tramitaron en los tribunales domésticos desde el 2006. Ver *A 40 años del golpe, 10 años de justicia – Dossier de sentencias pronunciadas en juicios de lesa humanidad en Argentina*. Ministerio Público Fiscal – Procuración General de la Nación - República Argentina, disponible en: http://www.fiscales.gob.ar/wp-content/uploads/2016/03/LH_Dossier_23-3.pdf acceso el 01/11/2016.

119. Consultar el sitio <http://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/actualizacion-de-estadisticas-hay-723-condenados-y-76-absueltos-en-167-sentencias/> acceso el 01/11/2016. Gráficas en: <http://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/?tipo-entrada=estadisticas> acceso em 01/11/2016.

120. Verificar las estadísticas en gráficas en el sitio del CELS, disponible en: <http://www.cels.org.ar/blogs/estadisticas/> acceso el 01/11/2016.

El Gobierno de la República Argentina acepta las consecuencias jurídicas que de los hechos referidos en el párrafo anterior que siguen para el Gobierno, a la luz del artículo 28 párrafos 1 y 2 de la Convención Americana sobre Derechos Humanos, toda vez que no ha resultado posible para la instancia competente identificar a la o las personas penalmente responsables de los ilícitos de los que han sido objeto los señores Raúl Baigorria y Adolfo Garrido y, de ese modo, esclarecer su destino. (CORTE IDH, Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina, p. 06)

En la sentencia del 27 de agosto de 1998, sobre reparaciones y costas, la Corte IDH resolvió que el Estado argentino dedicaba esfuerzos para la investigación y responsabilidad penal sobre el caso Garrido y Baigorria. Señaló que la tipificación de la desaparición forzada debería ser obra de las acciones institucionales para la debida penalización:

Además de las indemnizaciones, los familiares de las víctimas solicitan otras medidas a título de reparación. Reclaman primeramente la inclusión en el Código penal de una figura específica de desaparición forzada de personas, delito que debería ser de competencia del fuero federal. En las circunstancias particulares del presente caso, la Corte no considera necesario pronunciarse al respecto, recordando que el propio Estado, por medio de su agente, en la audiencia pública ante la Corte del 20 de enero de 1998, manifestó que el Gobierno ya presentó ante el Congreso Nacional el anteproyecto de ley que tipifica el delito de desaparición forzada de personas de conformidad con la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas. (CORTE IDH, Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina - Sentencia (Reparaciones y costas), 1998, p. 16)

Solamente en abril de 2011 el Congreso, compuesto por el Senado y por la Cámara de Diputados, sancionó la incorporación del delito a la legislación penal, de conformidad con las demandas de los familiares a la Corte IDH más de una década antes. Con eso, el código penal argentino establece en el artículo 142:

Se impondrá prisión de DIEZ (10) a VEINTICINCO (25) años e inhabilitación absoluta y perpetua para el ejercicio de cualquier función pública y para tareas de seguridad privada, al funcionario público o a la persona o miembro de un grupo de personas que, actuando con la autorización, el apoyo o la aquiescencia del Estado, de cualquier forma, privare de la libertad a una o más personas, cuando este accionar fuera seguido de la falta de información o de la negativa a reconocer dicha privación de libertad o de informar sobre el paradero de la persona.

La pena será de prisión perpetua si resultare la muerte o si la víctima fuere una mujer embarazada, una persona menor de DIECIOCHO (18) años, una persona mayor de SETENTA (70) años o una persona con discapacidad. La misma pena se impondrá cuando la víctima sea una persona nacida durante la desaparición forzada de su madre. La escala penal prevista en el presente artículo podrá reducirse en un tercio del máximo y en la mitad del mínimo respecto de los autores o partícipes que liberen con vida a la víctima o proporcionen información que permita su efectiva aparición con vida. (Ley n° 26.679/2011. Disponible en: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/180000-184999/181888/norma.htm> acceso el 01/11/2016).

En la última resolución de supervisión de cumplimiento de sentencia emitida sobre el caso, en el 2007, la Corte IDH juzgó insatisfactorios los esclarecimientos sobre la desaparición forzada de Adolfo Garrido y Raúl Baigorria. Ese caso, por lo tanto, sigue en observación. En el caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina*, el último juzgado por la Corte IDH sobre la materia, y aún sin supervisión de cumplimiento de sentencia, el tribunal determinó que para establecer toda la verdad de los hechos, el Estado deberá:

*iniciar y/o culminar las investigaciones pertinentes en relación con los hechos de que fue víctima el señor Iván Eladio Torres Millacura, tomando en cuenta los abusos policiales existentes en la Provincia del Chubut, con el objeto de que el proceso y las investigaciones pertinentes sean conducidas en consideración de estos hechos, evitando omisiones en la recaudación de prueba y en el seguimiento de líneas lógicas de investigación. Dichas investigaciones deben estar dirigidas a la determinación de los autores materiales e intelectuales de los hechos del presente caso. (CORTE IDH, caso *Torres Millacura y otros Vs. Argentina – Sentencia (Fondo, Reparaciones y Costas)*, 2011, p. 52-53)*

Uno de los retos a enfrentarse durante el proceso de justicia transicional es la exigencia de esclarecimientos sobre crímenes contra la humanidad cometidos por agentes o instituciones estatales al propio Estado. Bajo la vigencia de un régimen democrático de derecho parece que es obvia la publicidad o la facilitación para la obtención de información pública para el proceso de investigación criminal en términos de archivos estatales. Sin embargo, aún y cuando Argentina posee un índice destacado de juicios y condenas para perpetradores de derechos humanos y en la última década contó con inversión estatal para políticas públicas de Derechos Humanos a favor del derecho a la verdad y memoria, la normativa sobre la transparencia de documentos públicos es una conquista reciente. Hasta septiembre de 2016, el país no poseía una Ley de Acceso a la Información

Pública.¹²¹ La Ley n° 27.725/2016 evidencia que para casos de graves violaciones de derechos humanos, genocidios, crímenes de guerra y contra la humanidad las excepciones para la negativa de información, las que atiendan la clasificación de reserva, confidencialidad o secreto, no se aplican. Además de la prohibición de la excepción de sigilo cuando hay interés de averiguación de pruebas en el caso de crímenes de la naturaleza expresa, el artículo 18, que trata de las *responsabilidades*, prevé:

El funcionario público o agente responsable que en forma arbitraria obstruya el acceso del solicitante a la información pública requerida, o la suministre en forma incompleta u obstaculice de cualquier modo el cumplimiento de esta ley, incurre en falta grave sin perjuicio de las responsabilidades administrativas, patrimoniales y penales que pudieran caberle conforme lo previsto en las normas vigentes. (Ley n° 27.275/2016)

En entrevista para este estudio, Vanina Agostini, miembro del *Equipo del Programa de Modernización del Sistema de Archivos del Área de la Defensa*, del Ministerio de Defensa de Argentina,¹²² afirma que esta ley de acceso a la información es muy importante para el país, aunque no haya cómo evaluar aún su aplicabilidad. La investigadora es parte de un grupo de 12 personas que están distribuidas en tres para cada institución de las fuerzas armadas, cuyos proyectos están financiados por el propio Ministerio de Defensa y por el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD). El trabajo con los archivos de defensa, según Agostini, auxilia la Justicia que realiza cerca de un 80% de las demandas, con el fin de reconstruir objetos de pruebas sobre agentes involucrados en los crímenes contra la humanidad. Aunque la documentación de las fuerzas armadas no apunte datos sobre víctimas de violaciones de derechos humanos, pues compone una archivística administrativa de Estado, y, por lo tanto, indica informaciones sobre la vida funcional de los agentes públicos, ha auxiliado las piezas procesales en la composición de los organigramas de los equipos que actuaron en operaciones o locales de detención y tortura. Así, a partir de la profundización de la investigación en los archivos administrativos

121. El Decreto n° 1.172/2003 que trataba del *Acceso a la información pública* fue fortalecido por la Ley n° 27.275/2016, aprobada por el congreso nacional. Disponible en: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/90000-94999/90763/norma.htm> acceso el 01/11/2016. La Ley n° 27.275 tiene por objetivo garantizar el efectivo ejercicio del derecho de acceso a la información pública, promover la participación ciudadana y la transparencia de la gestión pública. Disponible: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/265000-269999/265949/norma.htm> acceso el 01/11/2016.

122. El Ministerio de Defensa argentino cuenta con una Dirección Nacional de Derechos Humanos y Derecho Internacional Humanitario – Secretaría de Estrategia y Asuntos Militares.

de las fuerzas armadas, entre otros¹²³, es posible estructurar las cadenas de mando que estuvieron activas en un determinado lugar y en un determinado periodo de los años de terrorismo de Estado, entre 1976-1983.¹²⁴ Sin embargo, aunque la archivística militar sea de gran valor para auxiliar las acciones penales, Vanina Agostini apunta que esta documentación, hasta entonces, estaba restringida a los investigadores vinculados con el Ministerio de Defensa y con la justicia, situación que ella cree que tendrá cambios con la posibilidad de nuevas demandas públicas con base en la ley de acceso a la información.

Paralelamente a la necesidad de recomposición de informaciones sobre la estructura del Estado durante el periodo de dictadura civil-militar y frente la negación de esclarecimientos sobre los crímenes contra la humanidad, entre justificaciones de eliminación de documentación pública referente al periodo en la década de 1980, el trabajo testimonial de los movimientos de *Madres, Abuelas, Hijos* y de grupos de derechos humanos, ya mencionados en el capítulo 1, es referencia mundial.¹²⁵ El proceso de búsqueda incansable por fuerza de las *Abuelas de Plaza de Mayo*, de los niños victimados por la desaparición forzada generó la localización, identificación y restitución, hasta noviembre de 2016, de 121 casos, de un total de 500 apropiaciones ilegales.

El Estado mexicano fue condenado por la Corte IDH en dos causas de desaparición forzada, Caso *González y otras (“Campo Algodonero”) Vs. México* y Caso *Radilla Pacheco Vs. México*, las sentencias del 16 de noviembre y del 23 de noviembre de 2009, respectivamente. Las representaciones que elaboraron las denuncias de las causas fueron las siguientes: caso *González* por medio de la *Asociación Nacional de Abogados Democráticos A.C., Comité*

123. Ver sobre el Archivo Nacional de la Memoria en <http://www.jus.gob.ar/derechoshumanos/anm> acceso el 01/11/2016; Comisión Provincial por la memoria, disponible en: <http://www.comisionporlamemoria.org/> acceso el 01/11/2016; Memoria Abierta, disponible en: <http://www.memoriaabierta.org.ar/wp/> acceso el 01/11/2016.

124. Las causas de la Escuela Mecánica de la Armada (ESMA), según Vanina Agostini, reciben el auxilio de las investigaciones desarrolladas en los archivos del Ministerio de Defensa. Uno de las líneas demandadas por la justicia está la identificación de grupos de tarea y unidades operativas designadas que realizaron los conocidos vuelos de la muerte, una de las formas de inversión estatal para la desaparición forzada. Ver más sobre las causas en: <http://www.cij.gov.ar/esma.html> acceso el 01/11/2016; *Guía de Archivos y Fondos Documentales* de IPPDH, especialmente sobre la causa ESMA III, disponible en: <http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/causa-esma-iii> acceso el 01/11/2016; ESMA III, por CELS, disponible en: <http://www.cels.org.ar/blogs/esma-iii/> acceso el 01/11/2016.

125. Consultar *Abuelas de Plaza de Mayo*, disponible en: <https://www.abuelas.org.ar/>, acceso el 01/11/2016; H.I.J.O.S. *Por la identidad y la justicia contra el olvido y el silencio*, disponible en: <http://www.hijos-capital.org.ar/>, acceso el 01/11/2016; *Asociación Madre de Plaza de Mayo*, disponible en: <http://madres.org/>, acceso em 01/11/2016; *Madres de Plaza de Mayo*, línea fundadora, disponible en: <http://madresfundadoras.blogspot.com.br/> acceso em 01/11/2016.

de América Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de la Mujer, Red Ciudadana de No Violencia y por la Dignidad Humana, Centro para el Desarrollo Integral de la Mujer A.C.; caso Radilla, a través de la Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos y Asociación de Familiares de Detenidos-Desaparecidos y Víctimas de Violaciones a los Derechos Humanos en México. Ambas peticiones estaban destinadas a la CIDH en 2001 para el caso Radilla Pacheco y en el 2002 para el caso Campo Algodonero.

Las sentencias de la Corte IDH apuntaron a la responsabilidad del Estado por incumplir las disposiciones de la Convención Americana sobre Derechos Humanos. Por el hecho de no invertir en las investigaciones, México también violó las siguientes convenciones: Convención Interamericana sobre Desapariciones Forzadas de Personas; Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados; Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer; Convención Interamericana para la eliminación de Todas Formas de Discriminación contra las Personas con Discapacidad; Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura; Protocolo Adicional de la Convención Americana sobre Derechos Humanos en Materia de Derechos económicos, Sociales y Culturales (“Protocolo de San Salvador”); Convención de los Derechos del Niño; Convención sobre Eliminación de Todas las Formas de Discriminación contra la Mujer; Manual de las Naciones Unidas sobre la Prevención e Investigación Efectiva de Ejecuciones Extrajudiciales, Arbitrarias y Sumarias; Manual para la Investigación y Documentación Eficaces de Tortura y Otros Tratamientos o Penas Crueles, Deshumanas o Degradantes del “Protocolo de Estambul”.

Las causas que le dieron origen a las decisiones condenatorias de la Corte IDH sobre México no se refieren al mismo contexto social y político. Para el caso *González y otras (“Campo Algodonero”) Vs. México*, los hechos de desaparición forzada sucedieron en septiembre y octubre de 2001 en el contexto de numerosos feminicidios y desapariciones de mujeres en Ciudad Juárez, Chihuahua. Laura Berenice Ramos era estudiante y tenía 17 años; Claudia Ivette González trabajaba y tenía 20 años; Esmeralda Herrerra Monreal era empleada doméstica y tenía 15 años. La denuncia de sus familiares tuvo pocos efectos en la justicia ordinaria. Sin embargo, los cuerpos de las tres mujeres fueron encontrados en noviembre de 2001. El peritaje constató que sufrieron violencia sexual y estuvieron privadas de la libertad antes de que fueran asesinadas. Las investigaciones no se profundizaron y los responsables no fueron castigados.

Para el caso *Radilla Pacheco Vs. México*, los hechos atestatan que Rosendo Radilla fue detenido en presencia de su hijo, por miembros del

Ejército de México el 25 de agosto de 1974, en el Estado de *Guerrero*.¹²⁶ Después de su prisión, el activista político y social fue visto con marcas de agresión física en un cuartel militar de *Atoyac de Álvarez*. Después de eso, no hay más información sobre su paradero. En la época de los acontecimientos la denuncia fue enviada a la jurisdicción penal militar, sin que se sancionaran a los responsables de los hechos.

Las obligaciones establecidas en la sentencia dictada por Corte IDH en el caso *González* exigen que el Estado de México atienda a los siguientes puntos, que, de acuerdo con la decisión, expresan en síntesis: i) identificación, proceso y sanción de los responsables por la desaparición y homicidio por razones de género de los jóvenes González, Ramos y Herrera – debido a los resultados insatisfactorios por investigaciones inacabadas, las que apuntaban a la impunidad; ii) identificación, proceso y, si es el caso, sanción de los funcionarios que cometieron irregularidades – en la evaluación de la Corte IDH hubo irregularidades, omisiones y negligencias en el proceso de investigación por parte de funcionarios públicos; iii) investigación de las denuncias presentadas por familiares de víctimas que hayan sido molestadas y perseguidas – la familia de una de las víctimas solicitó al Estado investigaciones para garantizar su protección, ya que llevaba sufriendo hostilidades e intimidaciones. La autoría de los crímenes no está clara en la sentencia. Hay elementos que indican la histigamiento por parte de policías para el caso de una de las víctimas, semanas antes de su desaparición, “*en los casos de Laura Berenice y Claudia Ivette las madres habían señalado algún tipo de relación entre agentes del Estado y la desaparición de sus hijas.*” (CORTE IDH, *Caso González y otras Vs. México* (sentencia), 2009, p. 55), según testimonios de las madres a la Corte IDH.

El caso González expone una realidad de discriminación, misoginia y violencia contra las mujeres y niñas en la región de Juárez, ciudad con gran cantidad de feminicidios en toda la década de 1990. La impunidad y la falta de combate al crimen fueron los principales factores para la permanencia de los altos índices de violencia de género en los años 2000. El feminicidio es un crimen complejo por constituirse por una serie de delitos implicados, entre ellos, muchas veces, la violencia sexual, objeto de estudio de otra consultoría de la RLAJT del año de 2016, en el que

126. Aunque México no haya instalado una comisión de la verdad en ámbito nacional, en octubre de 2014 se publicó el informe final de la *Comisión de La Verdad del Estado de Guerrero*, la COMVERDAD. El Estado de Guerrero sufrió las consecuencias políticas y económicas del periodo de la “guerra sucia” que se extendió de la década de 1950 hasta la década de 1980. Ver más detalles en: <http://www.almomento.mx/images/InformeFinalCOMVERDAD.pdf> acceso el 01/11/2016. Otros informes, disponible en: <http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB180/index2.htm> acceso el 01/11/2016. Comisión de la verdad de Oaxaca, disponible en: <http://comisiondelaverdadoaxaca.org.mx/> acceso el 01/11/2016.

se demuestra que ese crimen fue utilizado de forma generalizada con la aquiescencia del Estado en situaciones de inestabilidad política. Para el caso *González y otras Vs. México*, los representantes de las víctimas afirmaron que el encubrimiento de las investigaciones de los hechos se vincula a dos hipótesis “*en cuanto a los autores materiales de la desaparición, tortura y asesinato de Esmeralda, Laura y Claudia: a) los autores eran agentes de la autoridad o b) Eran particulares organizados protegidos desde el Estado*”. (p. 65) En la resolución de supervisión de cumplimiento de sentencia la Corte IDH determina que se mantenga abierta la observancia sobre las siguientes obligaciones del Estado:

a) conducir eficazmente el proceso penal en curso y, de ser el caso, los que se llegasen a abrir, para identificar, procesar y, en su caso, sancionar a los responsables materiales e intelectuales de la desaparición, maltratos y privación de la vida de las jóvenes González, Herrera y Ramos; b) investigar, por intermedio de las instituciones públicas competentes, a los funcionarios acusados de irregularidades y, luego de un debido proceso, aplicar las sanciones administrativas, disciplinarias o penales correspondientes a quienes fueran encontrados responsables. (CORTE IDH, Caso *González y otras Vs. México* (supervisión), 2013, p. 37)

La desaparición forzada está prevista como un delito autónomo en la legislación penal mexicana desde 2001, año en que sucedieron los crímenes en Juárez. El Capítulo III del Código Penal mexicano dispone, en su artículo 215, que los servidores públicos que hayan sido condenados por este crimen, además de las penas de detención previstas, serán destituidos de sus puestos y podrán estar inhabilitados para asumir funciones públicas.¹²⁷

Como se mencionó anteriormente, los hechos de las dos causas que expusieron México ante la Corte IDH no pertenecen al mismo contexto. Es lo que se puede observar de las características del caso *Radilla*. Radilla Pacheco fue detenido, violentado y desaparecido, en el periodo del conflicto armado interno durante la llamada *Guerra Sucia*, en la que “*las desapariciones se cometían con motivos políticos*” (CMDPDH; OMTC, 2015, p. 11). La disputa económica sobre la posesión de tierras en el Estado de Guerrero generó enfrentamientos y, por parte del Ejército, la sistematicidad de crímenes contra la humanidad. Así, la decisión de la Corte IDH para el caso *Radilla Pacheco*, 35 años después de los acontecimientos, está considerada un hito importante para familiares y grupos de derechos humanos mexicanos que esperan por justicia desde aquel periodo.

127. Código Penal Federal, disponible en: http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/9_180716.pdf acceso el 01/11/2016.

Entre las medidas de satisfacción y garantía de no repetición previstas por la sentencia Radilla Pacheco, está la necesidad de una reforma constitucional y legislativa en materia de jurisdicción militar. La discusión recae sobre el juicio de agentes del Ejército que, en el caso Radilla, estarían subordinados a los tribunales militares. Esa cuestión ya fue tratada en otros casos juzgados por la Corte IDH que afirman que crímenes de violaciones a los derechos humanos deben ser juzgados por tribunales ordinarios.

Desde 2011, fueron emitidas por la Corte IDH cinco resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia, sobre las exigencias en relación con la sanción para militares. En la resolución de supervisión del cumplimiento de sentencia, del caso Radilla Pacheco, en 2015, la Corte IDH evaluó que el Estado mexicano cumplió parcialmente la cuestión. La propuesta de reforma del artículo 57 del Código de la Justicia Militar acerca el derecho interno mexicano de las normas internacionales sobre la materia. Sin embargo, la adecuación de la jurisdicción militar no fue suficiente para acabar con la impunidad de delitos cometidos por las fuerzas armadas debido a los obstáculos que también existen en las procuradurías y tribunales civiles.¹²⁸ La impunidad para autores de las desapariciones forzadas sigue actualmente como la marca más evidente para crímenes del pasado y del presente.

La desaparición forzada no cesó después de la guerra sucia y estuvo latente hasta los años ochenta del último siglo. Sin embargo, desde 2006, la llamada “*guerra contra la delincuencia organizada*” ha elevado los números que han llegado a más de 28.000 personas desaparecidas en la última década.¹²⁹

Ante los obstáculos de la consecución del derecho a la verdad, la negativa de información, la impunidad y la continuidad del crimen, en alto grado se están realizando algunas acciones con una intensa participación de la sociedad civil, con el fin de apuntar la necesidad de fortalecer políticas sobre el tema.

Una de las reivindicaciones más presentes es la aprobación de una Ley contra la Desaparición Forzada y Desaparición por Particulares. El proyecto aguarda la aprobación del Senado, que recibió el día 10 de

128. De acuerdo con el cuestionario contestado por el representante de México en la RLAJT, CMDPDH, “*La Procuraduría General de la República (PGR) en el periodo del 1° de diciembre de 2006 al 31 de diciembre de 2014 inició investigaciones (averiguaciones previas) en 229 casos y solamente judicializó (consignación) 13 casos. Únicamente se habían emitido 6 sentencias sobre tortura. Sobre delitos del pasado, la PGR tiene averiguación previa abierta sobre la Guerra Sucia, sin que a la fecha se haya consignado a algún responsable.*”

129. Datos del Registro Nacional de Personas Extraviadas o Desaparecidas.

noviembre de 2016 una comisión de representantes de los movimientos de familiares de víctimas de desaparición forzada exigiendo del legislativo agilidad en la aprobación de la ley, una vez que ésta debería haber sido aprobada desde enero de 2016.¹³⁰

Otra ley bastante polémica y que aún recibe críticas de los grupos de derechos humanos para algunas reformas es la *Ley General de Víctimas*, publicada en el Diario Oficial de la Federación, el 03 de mayo de 2013. Esa tiene como objetivo principal cumplir con la Constitución y con los tratados internacionales de derechos humanos enfatizando el reconocimiento de las víctimas de las graves violaciones y garantizando el interés estatal para la restitución de las personas afectadas.¹³¹ El Capítulo V, que trata del derecho a la verdad, dispone en su artículo 19:

*Las víctimas tienen el derecho imprescriptible a conocer la verdad y a recibir información específica sobre las violaciones de derechos o los delitos que las afectaron directamente, incluidas las circunstancias en que ocurrieron los hechos y, en los casos de personas desaparecidas, ausentes, no localizadas, extraviadas o fallecidas, a conocer su destino o paradero o el de sus restos. Toda víctima que haya sido reportada como desaparecida tiene derecho a que las autoridades competentes inicien de manera eficaz y urgente las acciones para lograr su localización y, en su caso, su oportuno rescate. (Ley General de Víctimas, 2013, p. 13).*¹³²

Esta normativa está reforzada por la Ley Federal de Transparencia y acceso a la información pública, publicada en el Diario Oficial de la Federación el 9 de mayo de 2016, que establece, en los casos en que la documentación trate de graves violaciones de derechos humanos o de crímenes contra la humanidad, no se podrá invocar el carácter reservado o confidencial para negar informaciones.¹³³

130. El apoyo por la aprobación de la Ley contó con 17.000 firmas de mexicanos así como de otros países. Ver más en: <http://serapaz.org.mx/el-movimiento-por-nuestros-desaparecidos-en-mexico-entrega-al-senado-miles-de-firmas-para-exigir-una-ley-contra-la-desaparicion-forzada-y-desaparicion-por-particulares-que-contemple-a-las-familias/> acceso el 01/11/2016.

131. Organizaciones de la sociedad civil y colectivos de familiares de víctimas de graves violaciones de derechos humanos no aprueban la Ley General de las Víctimas como ha sido evaluada por las comisiones legislativas de gobierno, justicia, derechos humanos y estudios legislativos. Ver la nota disponible en: <http://cmdpdh.org/2016/10/reforma-ley-victimas-acuerdo-politico-desamparadas-victimas/> acceso el 01/11/2016.

132. Disponible en: <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/LGV.pdf> acceso el 01/11/2016.

133. Disponible en: <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/LFTAIP.pdf> acceso el 01/11/2016.

Existen además iniciativas específicas recientes sobre el tratamiento de la desaparición forzada en México.¹³⁴ A mitad de 2015, se publicó el *Protocolo Homologado para la Búsqueda de Personas Desaparecidas y la Investigación del Delito de Desaparición Forzada*. Esta acción conjunta fue producto del trabajo colectivo de expertos en la materia, de grupos de derechos humanos, de la Procuraduría General de la República y de las Procuradurías Generales de Justicia de los Estados y del Distrito Federal.¹³⁵ Las orientaciones dispuestas en la guía deben servir para capacitar profesionales en el ámbito nacional, de forma que reglamente las prácticas de investigaciones sobre los casos de desaparición forzada,¹³⁶ exigencias que ya habían sido planteadas por las sentencias de la Corte IDH.

134. Ver el Decreto que dispone la *Ley General para Prevenir y sancionar los delitos en materia de desaparición de personas; y se reforman y derogan diversas disposiciones del código penal federal y de la ley general de salud*, disponible en: http://sil.gobernacion.gob.mx/Archivos/Documentos/2015/12/asun_3318816_20151214_1450114651.pdf acceso el 01/11/2016.

135. La publicación no está disponible para consulta en: http://www.pgr.gob.mx/que-es-la-pgr/PGR_Normateca_Sustantiva/Protocolo%20Desaparici%C3%B3n%20Forzada.pdf acceso el 01/11/2016. El representante de México en la RLAJT, *Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos* (CMDPDH), aportó, también en el año 2015, con un estudio sobre el diagnóstico acerca del alto índice de desapariciones forzadas y la ausencia de mecanismos efectivos para investigar los casos, reparar a las víctimas y penalizar a los responsables. Ver CMDPDH; OMCT. *Propuesta para la conformación de una ley eficaz de aplicación nacional sobre desaparición forzada de personas*. 2015. Disponible en: http://www.cmdpdh.org/publicaciones-pdf/cmdpdh_desaparicion_forzada_de_personas.pdf acceso el 01/11/2016. Otras publicaciones realizadas por la CMDPDH sobre la temática específica de la desaparición forzada pueden ser consultadas en: <http://cmdpdh.org/project/manual-de-acciones-frente-a-la-desaparicion-y-la-desaparicion-forzada/> ; <http://cmdpdh.org/project/informe-de-incumplimiento-de-mexico-a-obligaciones-derivadas-de-la-convencion-internacional-para-la-proteccion-de-todas-las-personas-contra-la-desaparicion-forzada/> ; <http://cmdpdh.org/project/titulo-completo/> ; <http://cmdpdh.org/project/senores-soy-campesino-semblanza-de-rosendo-radilla-pacheco-desaparecido/> ; <http://cmdpdh.org/project/informe-sobre-la-desaparicion-forzada-en-mexico-2011/> ; <http://cmdpdh.org/project/la-sentencia-de-la-corte-idh-caso-radilla-pacheco-vs-estados-unidos-mexicanos/> ; <http://cmdpdh.org/project/noche-y-niebla-por-los-caminos-de-la-impunidad-en-mexico/> ; <http://cmdpdh.org/project/la-desaparicion-forzada-de-rosendo-radilla-en-atoyac-de-alvarez/> . Todos las direcciones accedidas el 01/11/2016.

136. Paralelamente a las iniciativas estatales, grupos de familiares de víctimas de desaparición forzada trabajan hace décadas en la consolidación del Programa Especial sobre Presuntos Desaparecidos, el que tuvo origen el 18 de septiembre de 1990. Aunque no se trate específicamente del crimen de desaparición forzada, se registran a las víctimas de ese delito. Para más informaciones, consultar: http://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/Recomendaciones/2001/Rec_2001_026.pdf acceso el 01/11/2016. *Ciudadanos en Apoyo a los Derechos Humanos*, A.C. (CADHAC) e a *Agrupación de Mujeres Organizadas por los Ejecutados, Secuestrados y Desaparecidos de Nuevo León* promueven acciones en diálogo con los poderes públicos para la aceleración de las investigaciones y la justicia para los crímenes de desaparición forzada en la región de Nuevo León. Consultar: <http://www.cadhac.org/comunicado/las-desapariciones-siguen-siendo-una-asignatura-pendiente-para-el-gobierno-en-nuevo-leon/> acceso el 01/11/2016. *Movimiento por la Paz con justicia y dignidad*, ver en: <http://serapaz.org.mx/procesos/desaparicion-forzada/ley-general-sobre-desaparicion-forzada/> acceso el 01/11/2016.

2.5 Brasil y Uruguay: judicialización y archivos

Tanto Brasil como el país vecino Uruguay, fueron condenados por la Corte IDH por desaparición forzada en un sólo caso. La sentencia sobre Brasil fue proferida el 24 de noviembre de 2010 en el caso *Gomes Lund y Otros* (“Guerrilha do Araguaia”) *Vs. Brasil*, más de una década después de la presentación de la petición a la CIDH, fechada el 07 de agosto de 1995. La decisión sobre Uruguay, en el caso *Gelman Vs. Uruguay*, proferida el 24 de febrero de 2011, fue consignada por escrito en menos tiempo que el caso brasileño, pues la petición a la CIDH había sido presentada el 8 de mayo de 2006. El caso Gomes Lund corresponde a una denuncia por desaparición forzada de un grupo de 70 personas, que participaron de un intento de guerrilla rural.¹³⁷ El caso uruguayo hace notable la situación de la desintegración familiar provocada por la Plan Cóndor, cuando una pareja de militantes, cuya mujer estaba embarazada, fue secuestrada en Argentina y, como consecuencia, resultó la desaparición forzada de los padres y el cambio de identidad de la recién nacida durante la privación

137. La organización de militantes del Partido Comunista de Brasil en la región del Araguaia para una acción de resistencia a la dictadura civil militar brasileña por medio de la guerrilla en el medio rural fue desestructurada por campañas militares. El Estado brasileño movilizó miles de hombres de las fuerzas armadas entre 1972 y 1975 los que generaron la desaparición forzada de 70 personas, entre ellas integrantes del movimiento de guerrilla de resistencia y campesinos de la región: 1) Adriano Fonseca Fernandes Filho, 2) André Grabois, 3) Antônio Alfredo Campos, 4) Antônio Carlos Monteiro Teixeira, 5) Antônio de Pádua Costa, 6) Antônio Ferreira Pinto, 7) Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, 8) Antônio Teodoro de Castro, 9) Arildo Airton Valadão, 10) Áurea Elisa Pereira Valadão, 11) Bérqson Gurjão Farias, 12) Cilon Cunha Brum, 13) Ciro Flávio Salazar de Oliveira, 14) Custódio Saraiva Neto, 15) Daniel Ribeiro Callado, 16) Dermeval da Silva Pereira, 17) Dinaelza Santana Coqueiro, 18) Dinalva Oliveira Teixeira, 19) Divino Ferreira de Souza, 20) Elmo Corrêa, 21) Francisco Manoel Chaves, 22) Gilberto Olímpio Maria, 23) Guilherme Gomes Lund, 24) Helenira Resende de Souza Nazareth, 25) Hélio Luiz Navarro de Magalhães, 26) Idalísio Soares Aranha Filho, 27) Jaime Petit da Silva, 28) Jana Moroni Barroso, 29) João Carlos Haas Sobrinho, 30) João Gualberto Calatrone, 31) José Huberto Bronca, 32) José Lima Piauhy Dourado, 33) José Maurílio Patrício, 34) José Toledo de Oliveira, 35) Kléber Lemos da Silva, 36) Líbero Giancarlo Castiglia, 37) Lourival de Moura Paulino, 38) Lúcia Maria de Souza, 39) Lúcio Petit da Silva, 40) Luiz René Silveira Silva, 41) Luiz Vieira de Almeida, 42) Luiza Augusta Garlippe, 43) Manoel José Nurchis, 44) Marcos José de Lima, 45) Maria Célia Corrêa, 46) Maurício Grabois, 47) Miguel Pereira dos Santos, 48) Nelson Lima Piauhy Dourado, 49) Orlando Momente, 50) Osvaldo Orlando da Costa, 51) Paulo Mendes Rodrigues, 52) Paulo Roberto Pereira Marques, 53) Pedro Alexandrino de Oliveira Filho, 54) Pedro Matias de Oliveira (“Pedro Carretel”), 55) Rodolfo de Carvalho Troiano, 56) Rosalindo Souza, 57) Suely Yumiko Kanayama, 58) Telma Regina Cordeiro Corrêa, 59) Tobias Pereira Júnior, 60) Uirassú de Assis Batista, 61) Vandick Reidner Pereira Coqueiro, 62) Walkíria Afonso Costa, 63) Antônio Araújo Veloso, 64) Sebastião Vieira da Silva, 65) Juarez Rodrigues Coelho, 66) Sabino Alvez da Silva, 67) Maria Lúcia Petit da Silva (localización e identificación de sus restos mortales en 1996, fue considerada por la Corte IDH víctima de ejecución). Los demás campesinos de la lista, cuyas informaciones son escasas, fueron mantenidos en la lista como víctimas de la represión. La lista fue elaborada con base a las informaciones de la sentencia de la Corte IDH, caso *Gomes Lund vs. Brasil* (2010) y del informe de la CNV (2014).

de libertad de su madre.¹³⁸ Ambos los acontecimientos sucedieron en los años setentas, durante las dictaduras civil-militares de Brasil (1964-1985) y de Uruguay (1973-1985).

Los representantes que llevaron los casos a que fueran juzgados en la Corte IDH fueron: *Gomes Lund y Otros* (“Guerrilla de Araguaia”) Vs. *Brasil*: Grupo Tortura Nunca Más de Río de Janeiro, Comisión de Familiares de Muertos y Desaparecidos del Instituto de Estudios de Violencia de Estado y el *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL); caso *Gelman Vs. Uruguay*: individuo y *Centro por la Justicia y el Derecho Internacional* (CEJIL).

Las sentencias determinaron que los Estados condenados violaron, además de la Convención Americana sobre Derechos Humanos, los siguientes tratados: *la Convención Interamericana para Prevenir y Sancionar la Tortura*; *la Convención de Viena sobre el Derecho de los Tratados*; *la Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas*; *la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas*; *la Declaración y Programa de Acción de Viena*; *el Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional*; *el Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos*; *la Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer* (“Convención de Belém do Pará”); *la Convención sobre los Derechos del Niño – Naciones Unidas*, *la Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas – Naciones Unidas*; *el Protocolo II Adicional a los Convenios de Ginebra de 1949 relativo a la Protección de las Víctimas de los Conflictos Armados sin Carácter Internacional*.

Uno de los puntos en común de las sentencias anteriormente citadas con respecto a la responsabilidad penal es la crítica a las leyes de amnistía como obstrucción para las investigaciones. Así, la Corte IDH destacó para los casos en cuestión:

Determinar a los autores materiales e intelectuales de la desaparición forzada de las víctimas y de la ejecución extrajudicial. Además, por

138. María Claudia García Iruretagoyena de Gelman tenía 19 años y estaba embarazada cuando fue detenida con su marido, Marcelo Ariel Gelman Schubaroff, en el centro clandestino “Automotores Orletti”, fines de 1976, en Argentina. La detenta fue trasladada para Uruguay y dio la luz a su hija que fue apropiada por una familia uruguaya, práctica del terrorismo de Estado en el contexto del Plan Cóndor, durante las dictaduras civil-militares del cono sur. María Macarena Gelman García Iruretagoyena, hija de María Claudia García y Marcelo Gelman, restituyó su identidad después de más de 20 años y reconoció a su abuelo paterno, Juan Gelman. Los restos mortales de Marcelo Ariel fueron localizados e identificados en 1989 por el Equipo Argentino de Antropología Forense, con peritaje que indica su ejecución en 1976. Los restos mortales de María Claudia García siguen sin localización e identificación. Informaciones de: Corte IDH, caso *Gelman Vs. Uruguay* (Sentencia), 2011.

tratarse de violaciones graves a derechos humanos, en consideración de la naturaleza de los hechos y del carácter continuado o permanente de la desaparición forzada, el Estado no podrá aplicar la Ley de Amnistía en beneficio de los autores, así como ninguna otra disposición análoga, prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ne bis idem o cualquier excluyente similar de responsabilidad para excusarse de esta obligación [...] (Corte IDH, caso Gomes Lund Vs. Brasil (Sentencia), 2010, p. 97)

Dado que la Ley de Caducidad carece de efectos por su incompatibilidad con la Convención Americana y la Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Personas, en cuanto puede impedir la investigación y eventual sanción de los responsables de graves violaciones de derechos humanos, el Estado deberá asegurar que aquélla no vuelva a representar un obstáculo para la investigación de los hechos materia del presente caso ni para la identificación y, si procede, sanción de los responsables de los mismos y de otras graves violaciones de derechos humanos similares acontecidas en Uruguay. 254. En consecuencia, el Estado debe disponer que ninguna otra norma análoga, como prescripción, irretroactividad de la ley penal, cosa juzgada, ne bis in idem o cualquier excluyente similar de responsabilidad, sea aplicada y que las autoridades se abstengan de realizar actos que impliquen la obstrucción del proceso investigativo. (Corte IDH, caso Gelman Vs. Uruguay (Sentencia), 2011, p. 74)

En Brasil, la Ley n° 6.683/1979 aún mantiene la impunidad para las graves violaciones ocurridas en el periodo dictatorial. En el 2010, el Supremo Tribunal Federal brasileño mantuvo la postura de que la amnistía veda la responsabilidad penal de agentes estatales o colaboradores del terror de Estado en el juicio de la Acusación de Infracción de Precepto Fundamental (ADPF) n° 153.¹³⁹ Aún así, el Ministerio Público Federal brasileño entendió que era necesario judicializar la cuestión ante la decisión de la Corte IDH en el Caso Gomes Lund. Hasta el cierre del texto, 21 acciones penales habían sido enjuiciadas, algunas de ellas incluyen desapariciones forzadas; sin embargo, se ausentan respuestas positivas por parte del Judicial. Otra acción, la ADPF n° 320, se encuentra en trámite ante el Supremo Tribunal Federal brasileño y deberá tener efectos sobre la problemática.

139. Ver más en MEYER, Emílio Peluso Neder Meyer. *Ditadura e responsabilização: elementos para uma justiça de transição no Brasil*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2012; FILHO, José Carlos Moreira da Silva. *Justiça de transição da ditadura civil-militar ao debate justransicional. Direito à memória e à verdade e os caminhos da reparação e da anistia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. Editora, 2015. El hecho de que la ley de amnistía siga siendo aplicada por el Judicial brasileño impide acciones penales, una de las estrategias de la judicialización para la justicia transicional contra alternativa en las acciones civiles. Esa discusión fue profundizada por Osimo, 2016.

En Uruguay, la Ley n° 15.848/1986 fue reforzada por dos plebiscitos (1989 y 2009) y considerada inconstitucional por la Suprema Corte de Justicia en el caso Sabalsagaray (2009). En respuesta a la sentencia del caso *Gelman Vs. Uruguay* de la Corte IDH, por aprobación del parlamento y sanción del Presidente José Mujica, la Ley n° 18.831/2011 determinó que los crímenes ocurridos durante el terrorismo de Estado, caracterizados como crímenes contra la humanidad, deben obtener de los órganos estatales competentes una pretensión punitiva.¹⁴⁰ Sin embargo, en 2013, la Suprema Corte de Justicia decidió que disposiciones de la referida ley eran inconstitucionales.

Las resoluciones de supervisión de cumplimiento de sentencia, caso Gomes Lund el 17 de octubre de 2014, caso Gelman el 20 de marzo de 2013, evalúan para las cuestiones de amnistía que:

la Corte reconoce y valora positivamente los esfuerzos del Ministerio Público Federal para avanzar en el cumplimiento de la obligación de investigar los hechos del presente caso, así como los demás esfuerzos emprendidos para la investigación de otras graves violaciones sucedidas durante la dictadura militar. No obstante, estos esfuerzos resultan infructuosos dada la posición de determinadas autoridades judiciales con respecto a la interpretación de la Ley de Amnistía, la prescripción y la falta de tipificación del delito de desaparición forzada. De acuerdo con el Derecho Internacional, que ha sido soberanamente aceptado por el Estado, es inaceptable que una vez que la Corte Interamericana haya emitido una Sentencia el derecho interno o sus autoridades pretendan dejarla sin efectos. Por consiguiente, Brasil no puede oponer decisiones adoptadas a nivel interno como justificación de su incumplimiento de la sentencia emitida por este tribunal internacional de derechos humanos, ni siquiera cuando tales decisiones provengan del tribunal de más alta jerarquía en el ordenamiento jurídico nacional. (CORTE IDH, caso *Gomes Lund Vs. Brasil* (supervisión), 2014, p. 12)

*103. La Corte observa que el Estado del Uruguay había dado pasos concretos y claros hacia al cumplimiento de la Sentencia dictada en el caso *Gelman*, en particular mediante la expedición del Decreto 323 de 30 de junio de 2011 y de la Ley 18.831 de 27 de octubre de 2011. Sin embargo, la referida decisión de 22 de febrero de 2013 de la Suprema Corte de Justicia no está en consonancia con la evolución*

140. De acuerdo con uno de los representantes del país uruguayo en la RLAJT, Pablo Galain Palermo, del *Observatorio Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal da Universidad de la República*, durante el III Congreso Internacional Sobre Justicia transicional, pese la adhesión del Estado al Estatuto de Roma, por medio de la Ley n° 18.026 de 2006, los jueces uruguayos son resistentes a la argumentación de retroactividad para las conductas delictivas anteriores a la aprobación de la Ley, pues no interpretan los crímenes de desapariciones forzadas como delitos permanentes.

del Derecho Interamericano y Universal de Derechos Humanos, ni con la responsabilidad internacional del Estado reconocida por éste y declarada en Sentencia. (...)

104. De tal manera, independientemente de las normas que sean dictadas o las interpretaciones que se hagan a nivel interno, la Sentencia dictada por la Corte Interamericana tiene carácter de cosa juzgada internacional y es vinculante en su integridad (tanto en sus partes considerativas como dispositivas y resolutivas) para el Estado del Uruguay, por lo cual, en cumplimiento de la misma todos sus órganos e instituciones, incluidos sus jueces y el Poder Judicial, deben continuar adoptando todas las medidas que sean necesarias para investigar, juzgar y, en su caso, sancionar a los responsables de graves violaciones a los derechos humanos cometidas en el presente caso y en casos similares en Uruguay que por su naturaleza sean imprescriptibles, asegurando que los efectos de la Ley de Caducidad o de normas análogas, como las de prescripción, caducidad, irretroactividad de la ley penal u otras excluyentes similares de responsabilidad, o cualquier interpretación administrativa o judicial al respecto, no se constituyan en un impedimento u obstáculo para continuar las investigaciones. (CORTE IDH, caso Gélman Vs. Uruguay (supervisión), 2013, p.31)

Según los cuestionarios contestados por los colaboradores de la RLAJT, para Brasil, se pueden verificar las acciones penales y civiles (no penales) en el sitio del Centro de Estudios sobre Justicia Transicional (CJT/UFMG)¹⁴¹. Para Uruguay, los datos de los representantes *Observatório Latinoamericano para la investigación en Política Criminal y en las Reformas en el Derecho Penal, Universidad de la Republica (OLAP)* y *Observatorio Luz Ibarburu*, poseen diferencias, pues hay dificultades sobre los registros de las causas penales específicas sobre desapariciones forzadas. En los tribunales brasileños, por el hecho de que el crimen de desaparición forzada no posee un tipo penal en la legislación vigente, las denuncias que abarcan este delito están basadas en el crimen de secuestro y ocultación de cadáver, artículos 148 y 211 del Código Penal.¹⁴² En los tribunales penales uruguayos, de acuerdo con el *Observatorio Luz Ibarburu*, que realiza la

141. Las piezas que forman las acciones penales y civiles se pueden encontrar en el sitio del Centro de Estudios sobre Justicia Transicional de la UFMG, dentro del proyecto "Dictadura y Responsabilidad": <http://cjt.ufmg.br>, acceso el 10/11/2016.

142. La tipificación del delito de desaparición forzada fue uno de los puntos de la sentencia de la Corte IDH para el caso de Araguaia. Esta determinación, sin embargo, se encuentra, en 2016, sin implementación en Brasil. Sobre la materia está el proyecto de Ley del Senado n° 245, de 2011, que tendría que haber sido apreciado por la Cámara de los Diputados desde el 2013. Ver en: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/100177> acceso 01/10/2016 e <https://cjt.ufmg.br/index.php/ditadura-e-responsabilizacao/acoes-civeis/>, acceso el 01/10/2016.

observación de las denuncias por violaciones de derechos humanos en el periodo dictatorial, de un total de 300 acciones penales, 40 son por delito desapariciones forzadas y cuatro de éstas archivadas.¹⁴³

En entrevista para este estudio, el investigador y ex-Vice-Presidente de la Comisión de Amnistía, José Carlos Moreira da Silva Filho evalúa que el efecto más evidente de la decisión de la Corte IDH es el cambio de postura del Ministerio Público Federal en relación con la materia.¹⁴⁴ El jurista resalta que el debate sobre la decisión equivocada del STF en el juicio de la ADPF n° 153, pedido de la OAB sobre la inconstitucionalidad de la recepción por la Constitución de 1988 del entendimiento de que la Ley de Amnistía de 1979 incluiría una auto amnistía, fue reforzado después de la sentencia de la Corte IDH. Esta disparidad entre la sentencia incoherente del STF en relación con las decisiones de la Corte IDH generó otra acción judicial anclada en la decisión de la Corte IDH sobre desapariciones forzadas de Araguaia, la ADPF n° 320, aún va a ser juzgada.¹⁴⁵

Silva Filho evalúa que, para avanzar en la responsabilidad penal en Brasil y crear una cultura de combate a la impunidad de los crímenes contra la humanidad, es necesario enfrentar no solamente el gran obstáculo jurídico, o sea, superar la auto amnistía buscada por la Ley de Amnistía, sino también modificar la formación educacional de los juristas. Para eso, es menester que haya una gran inversión en los currículos de los cursos de Derecho y de formación de los magistrados, incluyendo el Derecho Internacional de los Derechos Humanos como asignatura obligatoria.

Además de las investigaciones en el ámbito penal, los puntos resolutivos de las sentencias también determinan que los Estados deben responsabilizarse por el derecho a la verdad en cuanto a los avances en el acceso a la información. Para la sentencia del caso brasileño, los puntos de “*acceso, sistematización y publicación de documentos en poder del Estado*” y la “*creación de una Comisión de Verdad*” se unen a las medidas de no repetición de las graves violaciones de derechos humanos.

143. Ver más detalles en <http://www.observatorioluzibarburu.org/causas/311>, acceso el 01/10/2016. De acuerdo con la explicación de Pablo Galain Palermo durante el III Congreso Internacional sobre Justicia Transicional, en Uruguay hay 210 causas judiciales que tramitan en el territorio nacional sobre graves violaciones de derechos humanos ocurridos en el periodo del terrorismo de Estado. De estas, aproximadamente 25 investigan la desaparición forzada de 90 personas, con un total de 211 víctimas del Plan Cóndor uruguayas, argentinas, chilenas y paraguayas.

144. En artículo sobre la judicialización de la justicia transicional publicado a principio del año de 2016, Emílio Peluso Neder Meyer contabilizó 290 investigaciones criminales instauradas y 21 acciones penales propuestas hasta el cierre de su investigación, por diversos crímenes entre ellos el de desaparición forzada. El investigador evalúa que la ascendencia del número de acciones se junta con la actuación del Ministerio Público Federal, que dedica esfuerzos para el cumplimiento de la decisión de la Corte IDH. (MEYER, 2016, p. 124). Sobre acciones criminales y civiles en Brasil, ver: <https://cjt.ufmg.br/index.php/ditadura-e-responsabilizacao/acoes-criminais/>, acceso 01/10/2016.

145. El CJT/UFMG auxilió la Comisión de Familiares de Muertos y Desaparecidos Políticos del IVE para solicitar el ingreso en la condición de *amicus curiae* en la ADPF n° 320, ajuciada por el PSOL. Acceso al Memorial en: <https://cjt.ufmg.br/index.php/atividades/>, acceso el 01/10/2016.

Aunque las Leyes nº 12.527/2011 y 12.528/2011, respectivamente, la nombrada Ley de Acceso a la Información y la que creó la Comisión Nacional de la Verdad, atiendan de forma parcial los dispositivos de la sentencia, éstas no han satisfecho los esclarecimientos sobre la localización y restitución de los restos mortales de las 70 personas víctimas de desaparición forzada en la región del Araguaia y tampoco hicieron posible la responsabilidad penal de los involucrados en los crímenes.¹⁴⁶

Sin embargo, durante los trabajos de la Comisión Nacional de la Verdad identificaron los restos mortales de Epaminondas Gomes de Oliveira, que, de acuerdo con las conclusiones de la CNV, fue torturado y muerto en 1971 por el Ejército brasileño después de haber sido preso por la Operación Mesopotamia, que precedió las operaciones en la región del Araguaia.¹⁴⁷ En entrevista para este estudio, el Delegado de la Policía Federal, Daniel Josef Lerner, que coordinó el equipo de trabajo referente al caso Epaminondas en la CNV, destacó dos aspectos importantes unidos a los aclaramientos sobre la muerte, la desaparición forzada en aquel contexto y la entrega de los restos mortales en 2014 a la familia. En primer lugar la posibilidad de restitución de la verdad y de la memoria sobre el crimen, que victimó el líder político, para el núcleo social y afectivo con el sepultamiento de la urna funeraria frente a la comunidad de Porto Franco, en el interior de marañense. En segundo, las informaciones que llevaron a la comprensión sobre las incursiones de las Fuerzas Armadas con prácticas de prisiones y torturas que traumatizaron una región, que recibió posteriormente acciones de mayor envergadura que resultaron en los horrores descritos por los supervivientes del Araguaia.

Aunque el caso de Epaminondas haya tenido un desenlace positivo, en términos de derecho a la verdad, la CNV contó con muchos obstáculos para

146. De acuerdo con el Informe de la CNV de las 243 víctimas por desaparición forzada durante la dictadura militar en Brasil, denunciadas por familiares de muertos y desaparecidos políticos, hasta diciembre de 2014, 33 fueron identificadas. Importante destacar que se verificó la mayoría de los casos años y décadas después del crimen, por medio de exhumaciones y exámenes laboratoriales. Las víctimas por desaparición forzada identificadas son las siguientes: João Lucas Alves (Comando de Libertación Nacional – Colina), Roberto Cietto (Movimiento de Acción Revolucionaria – MAR), Norberto Nehring (Acción Libertadora Nacional – ALN), Joaquim Alencar de Seixas (Movimiento Revolucionario Tiradientes – MRT), Dênis Casemiro (Vanguardia Popular Revolucionaria – VPR), Epaminondas Gomes de Oliveira (Partido Revolucionario de los Trabajadores – PRT – o Partido Comunista Brasileño – PCB), Antônio Sérgio de Mattos (ALN), José Roberto Arantes de Almeida (Movimiento de Libertación Popular – Molipo), Flávio Carvalho Molina (Molipo), Alex de Paula Xavier Pereira (ALN), Gélson Reicher (ALN), Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão (ALN), Hélcio Pereira Fortes (ALN), Arno Preis (Molipo), Frederico Eduardo Mayr (Molipo), Rui Osvaldo Aguiar Pfitzenreuter (Partido Obrero Revolucionario Trotskista – PORT), Iuri Xavier Pereira (ALN), José Júlio de Araújo (ALN), Luiz Eurico Tejera Lisboa (ALN), Antônio Benetazzo (Molipo), Carlos Nicolau Danielli (Partido Comunista de Brasil – PCdoB), Alexandre Vannucchi Leme (ALN), Luiz José da Cunha (ALN), Helber José Gomes Goulart (ALN), Emmanuel Bezerra dos Santos (Partido Comunista Revolucionario – PCR), Manoel Lisboa de Moura (PCR), José Carlos Novaes da Mata Machado (Acción Popular Marxista-Leninista – APML), Miguel Sabat Nuet (N/C1), Antônio Carlos Bicalho Lana (ALN), Sônia Maria de Moraes Angel Jones (ALN), Bergson Gurgão Farias (PCdoB), Lourival de Moura Paulino (N/C) y Maria Lúcia Petit da Silva (PCdoB). (CNV, 2014, p. 523).

147. Más detalles sobre el caso, ver CNV, 2014, p. 614-621.

obtener aclaramientos sobre la gran mayoría de los casos de desapariciones forzadas. Al analizar las respuestas de las Fuerzas Armadas a los documentos elaborados por el equipo de la CNV, para obtener informaciones sobre las graves violaciones de derechos humanos del período dictatorial, la Comisión (2012-2014) constató, en el informe final, “la manutención del estándar de respuestas, siendo minoritaria la parte de aquellos vinculados con la solicitud de informaciones que efectivamente produjeron resultados objetivos para el trabajo de investigación de la CNV” (CNV, 2014, p. 64).¹⁴⁸

La Corte IDH reiteró, en la supervisión de cumplimiento de sentencia expedida en el 2014, que permanecen las obligaciones en cuanto a la búsqueda, sistematización y publicación de toda la información sobre la Guerrilla de Araguaia, así como de la relacionada con las graves violaciones de derechos humanos. Con el fin de promover la responsabilidad de los perpetradores, la Corte IDH reforzó la inadecuada aplicación de la Ley de Amnistía brasileña, que no se adecua a la Convención Americana de Derechos Humanos y tratados sobre desapariciones forzadas.

Para Victória Grabois, especialmente entrevistada para esa investigación y pariente de tres desaparecidos forzados en Araguaia, aunque Brasil sea signatario de los principales tratados de derechos humanos y convenciones sobre la desaparición forzada, desgraciadamente es imposible obtener expectativas positivas sobre la punición de los responsables. De acuerdo con la fundadora del *Grupo Tortura Nunca Más*, “Brasil no acata ni siquiera la decisión de la Corte Interamericana, ¿qué se puede esperar? Nada, absolutamente nada. Puede que haya quinientas mil leyes, mientras tengamos esa Ley de Amnistía, esta interpretación de la Ley de Amnistía, todo va a seguir como está.”

Además de los trabajos de la CNV, sobre las desapariciones forzadas del período anterior a la dictadura hasta 1988, la Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos (CEMDP), por medio de la Ley

148. El acervo de la CNV reúne miles de documentos y testigos y se encuentra disponible para acceso en el Archivo Nacional. Ver más detalles en: <http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/acervo.html> acceso 01/11/2016. Paralelamente al acervo de la CNV, las demás comisiones de reparación sobre el período (Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia y Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos) y organizaciones de la sociedad civil aportan para investigaciones y organización de acervos que poseen documentos sobre los casos de desapariciones forzadas. Acceder: Comisión de los Familiares de Muertos y Detenidos Desaparecidos creó el Instituto de Estudios sobre la Violencia del Estado – IVE: http://www.desaparecidospoliticos.org.br/quem_somos_comissao.php?m=2 acceso el 01/11/2016; Centro por la Justiça y el Derecho Internacional (CEJIL): <https://www.cejil.org/es/brasil-segue-sem-realizar-justica-e-verdade> acceso el 01/11/2016; Proyecto Brasil Nunca Más Digital: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/> acceso el 01/11/2016; Grupo Tortura Nunca Más http://www.torturanunca-mais-rj.org.br/jornal/gtnm_80/ acceso el 01/11/2016. Almacén Memoria: <http://armazemmemoria.com.br/> acceso el 01/11/2016.

nº 9.140/1995, trabaja para la localización, identificación y restitución de más de 200 personas. En entrevista para esta investigación, la Procuradora Regional de la República, Eugênia Augusta Gonzaga, que preside la CEMDP actualmente, defiende que la búsqueda de víctimas por desapariciones forzadas debe estar relacionada con una política de Estado y no puede estar restringida solamente a la investigación judicial, aunque sea fundamental para la responsabilidad.

En 2014 cuando la CEMDP fue asumida por Eugênia Gonzaga contaba con tan solo tres miembros nombrados, de los siete determinados por ley, la CEMDP, según la entrevistada, está reestructurando sus acciones con base en el cumplimiento de la determinación judicial de la Corte IDH, proferida en la Sentencia del caso Gomes Lund, además de seguir las recomendaciones de la Comisión Nacional de la Verdad.

En diciembre de 2016 se realizó una audiencia pública promovida por la CEMDP en la ciudad de Marabá sobre la temática de las desapariciones forzadas ocurridas durante el intento de guerrilla rural en la región del Araguaia.¹⁴⁹ En la entrevista Eugênia Gonzaga subrayó los esfuerzos de la CEMDP para la modernización del laboratorio que en 2016 retomó los trabajos de identificación de las osamentas de la fosa clandestina del Cementerio de Perus en Sao Paulo.¹⁵⁰

En relación con las identificaciones en el país uruguayo, de acuerdo con Pablo Palermo solamente cuatro personas, de más de 200 casos,

149. Ver más en: <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/novembro/comissao-especial-sobre-mortos-e-desaparecidos-politicos-realiza-audiencia-em-maraba-sobre-os-desaparecidos-politicos-na-guerrilha-do-araguaia>, acceso el 05/12/2016; <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/05/camponeses-e-ex-militares-apontam-locais-de-sepultamento-de-desaparecidos-do-araguaia/>, acceso el 05/12/2016.

150. Ver reportaje sobre el tema, disponible en: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/06/ossadas-de-vala-clandestina-em-sp-comecam-ser-identificadas.html>, acceso el 01/08/2016. Antes de presidir la CEMDP, en su trabajo como Procuradora del Ministerio Público del Estado de Sao Paulo, Eugênia Gonzaga trabajó en algunos casos de desapariciones forzadas. Algunos miembros del MPF están considerados por familiares de muertos y detenidos desaparecidos como grandes colaboradores en los intentos de responsabilidad penal y civil de involucrados en crímenes contra la humanidad. Sobre los casos de desapariciones forzadas, mencionadas en entrevista por Eugênia, el informe de la CNV afirma que "después de la intervención del Ministerio Público Federal de Sao Paulo (MPF/SP), en el 2001, las osamentas [de Perus] fueron trasladadas de la Unicamp hacia el IML/SP, que quedaría responsable por los análisis en colaboración con la USP. Casi todas las osamentas las llevaron al colmbario del Cementerio de Araçá, también en Sao Paulo. En el 2005 y 2006, respectivamente, se identificaron los restos mortales de Flávio Carvalho Molina y Luiz José da Cunha, en los trabajos de la Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos (CEMDP). También por iniciativa de la CEMDP, en 2008 fueron exhumados e identificados los restos mortales de Miguel Sabat Nuet, ciudadano español que pasó a figurar como una víctima más de la dictadura brasileña." (CNV, 2014, p. 516). Ver más en: INSTITUTO MACUCO & NÚCLEO MEMÓRIA (Proyecto Marcas de la Memoria – Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia). *Vala Clandestina de Perus – Detenidos Desaparecidos*, un capítulo no concluido de la historia brasileña. Sao Paulo: Ed.: do Autor, 2012.

tuvieron sus restos mortales reconocidos hasta el momento, ellas son: Fernando Miranda, Ubagesner Chaves, Julio Castro y Ricardo Blanco. Es importante mencionar, que el descubrimiento de estos cuerpos se dio por medio de escavaciones en edificios militares que sirvieron como centros clandestinos de detención y tortura, a través del trabajo de investigación en antropología forense, mediante un convenio firmado entre la Universidad de la República con la justicia penal.

Según Palermo, “la verdad producida en el proceso penal no fue una verdad dialógica sino que una verdad arqueológica debajo de la tierra.” El derecho a la verdad también está entre las garantías de no repetición en la decisión de la Corte IDH sobre el caso uruguayo, que determinó las siguientes medidas: *creación de unidades especializadas para investigación de denuncias de graves violaciones de derechos humanos y elaboración de protocolo para recolección e identificación de restos; acceso público a los archivos estatales*. En la resolución de cumplimiento de sentencia del caso *Gelman Vs. Uruguay*, en el 2013, la Corte evaluó que el Estado uruguayo no avanzó en las investigaciones y que seguirá siendo observado para que adopte, entre otras acciones, “*medidas pertinentes para garantizar el acceso técnico y sistematizado a la información acerca de las graves violaciones de derechos humanos ocurridas durante la dictadura que reposa en archivos estatales*”. (Corte IDH, caso *Gelman Vs. Uruguay* (supervisión), 2013, p. 32).¹⁵¹

Con el fin de ampliar las informaciones sobre las actividades de la sociedad civil para el fortalecimiento de la judicialización y derecho a la verdad sobre la desaparición forzada en Uruguay, se solicitó, por dirección electrónica, una entrevista con representantes del grupo *Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos*. Ante la falta de respuesta del grupo y en investigación en su página virtual, se desprende la manifestación acerca de la impunidad para los crímenes de desapariciones forzadas. En un comunicado titulado “*¿Hasta Cuándo?*” publicada recientemente, es posible verificar la insatisfacción con la postura de las Fuerzas Armadas sobre el pasado reciente:

Hoy en día hay una suerte de embestida presionando al poder político para que no le toquen sus privilegios y conservar su poder. Así lo muestran los últimos acontecimientos: los documentos oficiales que desnudan el espionaje ilegal a partidos y personas, realizado por los servicios de inteligencia militar en democracia; la negativa del

151. En la Sentencia de 24 de febrero de 2011, la Corte IDH reconoció la importancia de la Ley nº 18.831 de 2008, la que refuerza el derecho de acceso a la información pública. Sin embargo, el Estado necesita garantizar la aplicabilidad de la normativa a favor de las víctimas en las investigaciones sobre las graves violaciones de derechos humanos (p. 79).

Comandante del cuartel de Durazno a poner una placa en memoria de Oscar Fernández Mendieta asesinado en dicho establecimiento en el año 1973; las declaraciones en Florida del Coronel (R) Hartman (25/09/2016) y ahora las expresiones en un programa radial del presidente del Centro Militar Coronel (R) Carlos Silva reivindicando en todos sus términos la dictadura militar y la tortura.

Estamos convencidos que todo esto es fruto de la impunidad que por tantos años gozaron sus delitos, y que todavía, en su mayoría, no han sido investigado y penados. (Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos, 02/11/2016, p. 01)¹⁵²

A partir de la manifestación citada y en relación con los documentos analizados anteriormente, se verifica que, aunque hayan algunos puntuales impactos internos después de las decisiones de la Corte IDH, se torna evidente la insuficiencia de los esfuerzos estatales en Brasil y en Uruguay para el cumplimiento integral de las sentencias, así como la resistencia de los judiciales en posibilitar acciones penales sobre crímenes contra la humanidad, como las desapariciones forzadas.¹⁵³ Las peticiones sobre desaparición forzada de estos países destinados a la CIDH y posteriormente admitidos por la Corte IDH, revelan la ausencia de una movilización interna eficiente para la determinación de los responsables en los tribunales domésticos, así como el esclarecimiento insatisfactorio sobre los crímenes contra la humanidad.¹⁵⁴

152. Disponible en: <http://desaparecidos.org.uy/wp-content/uploads/2016/11/16.11.02-Hasta-cuando.pdf> acceso el 06/11/2016.

153. Torelly (2016) apunta que, más allá de los puntos resolutivos de la sentencia, algunas cuestiones pueden incluirse como impactos de la decisión de la Corte IDH en Brasil: i) impacto en la visibilidad de la causa y en la movilización social; ii) cambio de postura en el Ministerio Público Federal; iii) apalancamiento de la política pública de reparación y salud mental para víctimas de la dictadura; iv) nueva ley de acceso a la información; v) comisión nacional de la verdad; vi) argumentación de incumplimiento de precepto fundamental n° 320.

154. El hecho de que la Corte IDH considere la desaparición forzada en algunos casos como violación múltiple y continuada y no como crimen contra la humanidad generan consecuencias jurídicas, según algunos investigadores. Ver algunas críticas sobre eso Torelly, 2016 y Gonzalez (2009). De acuerdo con Pablo Palermo, en su explanación durante el III Congreso Internacional sobre Justicia Transicional, la Ley n° 18.026 de 2006, que colabora con la Corte Penal Internacional contra crímenes de genocidio, crímenes de guerra y contra la humanidad, creó tipos penales más allá del Estatuto de Roma, entendiendo crímenes contra la humanidad como actos aislados que no dependen de un contexto de prácticas sistemáticas y generalizadas contra la población. Para Palermo, los obstáculos procesuales para las investigaciones de Brasil y de Uruguay no están conformes, pues la ley de amnistía brasileña sirve para blindar los involucrados en graves violaciones mientras que la ley de caducidad no trata de impedir las decenas de sentencias condenatorias contra los perpetradores, pero se puede comprenderla como una "creación vernácula a los distintos mecanismos que se puede utilizar durante un proceso de justicia transicional que permite basarse en cuestiones de oportunidad política o de política real para decidir el momento oportuno para que se utilice el mecanismo de justicia penal." Ver más en: PALERMO, Pablo Galain (Ed.). *¿Justicia transicional? Mecanismos políticos y jurídicos para la elaboración del pasado*. Valencia: Tirant lo blanch, 2016.

2.6 Chile – judicialización y archivos

Chile no fue juzgado por la Corte IDH en alguna demanda que involucrara la desaparición forzada. Sin embargo, la sentencia de la Corte IDH sobre el caso *Almonacid Arellano Vs. Chile*, el 26 de septiembre de 2006, clasificó la ejecución extrajudicial de Luis Alfredo Almonacid Arellano como crimen contra la humanidad.

La decisión impulsó la creación de estrategias para superar las medidas de impunidad, aunque la ley de amnistía de aquel país siga vigente (TORELLY, 2015, p. 557). El Decreto-Ley n° 2.191/1978 amnistió las violaciones cometidas por agentes estatales entre septiembre de 1973 y marzo de 1978, o sea, auto-amnistió a los involucrados en los crímenes de desaparición forzada cometidos por las fuerzas estatales golpistas en el periodo mencionado. Es hasta el año 2006, con la interpretación de la Corte IDH sobre el caso anteriormente citado, que el Decreto-Ley de 1978 se tornó sin efecto para crímenes de esa naturaleza. La iniciativa de superar, aunque parcialmente, la norma, no abrogada hasta la actualidad, dependió de la disposición de los tribunales domésticos chilenos en seguir las determinaciones de la Corte IDH en su jurisprudencia general sobre los casos de crímenes contra la humanidad, destacando las obligaciones referidas en el caso *Almonacid Arellano*.

De acuerdo con el Profesor Pietro Sferrazza, en entrevista para esta investigación, de modo general, el Sistema Interamericano de Derechos Humanos ha aportado mucho para aclarar cuáles normativas sobre la desaparición forzada están vigentes entre los países latinoamericanos. En el ámbito del derecho interno, las sentencias de la Corte IDH, para el investigador, aceleran los procedimientos en los tribunales domésticos, determinando responsabilidades penales de los involucrados en los crímenes de desaparición forzada. Para el caso chileno, el investigador argumenta que las denuncias contra los perpetradores crecieron en la justicia doméstica, entre otras razones, por la posibilidad de persecución penal después de la prisión de Pinochet en Londres, en 1998.¹⁵⁵

De acuerdo con Cath Collins, en un primer momento, las investigaciones sobre los casos de desaparición forzada estuvieron enfocadas en la localización, dejando en segundo plano la responsabilidad penal, ya que la amnistía impedía esta persecución. Sin embargo, la justicia es una vía fundamental para asegurar el rigor y el cumplimiento de un protocolo de

155. Esta cuestión encuentra referencia en: COLLINS, CATH. Human Rights Trials in Chile during and after the 'Pinochet years'. *International Journal of Transitional Justice* 4, issue 1, pp. 67-86. 2010.

búsqueda.¹⁵⁶ En ese sentido, la investigación con el foco en la antropología forense ha recibido atención de los estudios de los representantes chilenos en la RLAJT, *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales* (OJTUDP). El estudio de Cath Collins apunta, a partir de datos del *Servicio Médico Legal* (SML), que 155 víctimas de desaparición forzada fueron identificadas y devueltos sus restos mortales a los familiares, desde 1990 y hasta mayo de 2016. Frente a la cifra de cerca de 1.200 casos de desapariciones forzadas, se verifica que más de mil cuerpos siguen sin paradero e identificación y, como consecuencia, sin oportunidad para que el núcleo social de la víctima realice el rito de sepultura. (COLLINS, 2016, p. 07)

Se consideran, por lo tanto, de los hitos temporales relevantes para la judicialización de los crímenes contra la humanidad, aún bajo la vigencia de la ley de amnistía: el primero, después de la prisión de Pinochet; el segundo, se refiere a la condenación de Chile en la Corte IDH en el 2006. Los grupos de familiares de *detenidos-desaparecidos* junto con las organizaciones no gubernamentales de derechos humanos a lo largo de todo ese proceso, han tenido que buscar no sólo el paradero de las personas victimadas por la desaparición forzada, sino también políticas estatales que posibiliten la justicia.

La *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* es protagonista en el proceso de judicialización que, según informaciones incluidas en el cuestionario del miembro OJTUDP, fue la responsable del envío de las acciones judiciales de los tribunales militares hacia los tribunales ordinarios.¹⁵⁷

Por parte de la sociedad civil, una de las instituciones que prestó asistencia jurídica a las personas sometidas al terrorismo estatal, de 1976 hasta 1992, fue *Vicaría de la Solidaridad del Arzobispado de Santiago*. Su archivo está compuesto por variados fondos documentales, entre ellos el fondo jurídico que contiene 85.000 documentos referentes a las personas atendidas por el *Comité de Cooperación por la Paz en Chile* (COPACHI) y la *Vicaría de la Solidaridad*.¹⁵⁸

156. Sobre la búsqueda de víctimas de desaparición forzada, ver la Ley nº 19.687 de 2000, la que "Establece obligación de secreto para quienes remitan información conducente a la ubicación de detenidos desaparecidos", disponible en: http://www.ddhh.gov.cl/wp-content/uploads/2015/12/Ley_19687_Del_Secreto.pdf acceso el 10/11/2016. Sobre la *Mesa de Diálogo de Derechos Humanos*, instituida en 1999, la que resultó en informaciones parciales sobre víctimas de desapariciones forzadas por las Fuerzas Armadas, consultar: <http://www.ddhh.gov.cl/mesa-de-dialogo/> acceso el 01/10/2016. Sobre el *Servicio Médico Legal*, ver: <http://www.sml.cl/> acceso el 10/11/2016.

157. Ver más informaciones sobre las iniciativas del grupo en: <http://chileddhh.blogspot.com.br/p/agrupacion-de-detenidos-desaparecidos.html>, acceso el 10/11/2016.

158. Consultar <http://www.vicariadelasolidaridad.cl/archivo.php>, acceso el 10/11/2016.

Con eso, las demandas sobre esta pauta resultaron en normativas que pretenden superar el legado autoritario. El Estado chileno lleva realizando algunas medidas, que se instalaron por medio de decretos supremos o leyes, cuyo modelo más notable encuentra referencia en las comisiones de la verdad: *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*, por medio del Decreto Supremo n° 355, resultó en el *Informe Rettig* de 1991; *Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación*, relacionada con la *Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación*, a través de la Ley n° 19.123 de 1992, lo que complementó casos que no fueron presentados en la primera experiencia; *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*, creada por el Decreto n° 1.040 de 2003, cuyo resultado fue el *Informe Valech*; *Comisión Asesora para la Calificación de Detenidos Desaparecidos y Ejecutados Políticos y Víctimas de Prisión Política y Tortura*, por medio del Decreto Supremo n° 43 de 2010, que atiende a una demanda de la Ley n° 20.405 del mismo año, que creó el Instituto Nacional de Derechos Humanos.¹⁵⁹

La política que abriga estas comisiones se ampara legalmente en la Ley n° 19.123 de 1997 que, con el intuitiva intención de realizar un trabajo permanente, creó el *Programa Continuación*. Ese proyecto está más conocido como *Programa de Derechos Humanos* del Ministerio del Interior y Seguridad Pública y posee, entre sus vertientes de trabajo, un área jurídica y otra sobre documentación y archivo. Este último sector concentra la documentación de algunas de las Comisiones de la Verdad, más precisamente, la primera Rettig y su complemento de 1992.¹⁶⁰

En relación al área jurídica, el programa proporciona asistencia a las víctimas de graves violaciones o afectados por los crímenes contra

159. Los informes de todas las comisiones estatales constituidas a lo largo de las últimas décadas están disponibles en la plataforma *online*: <http://www.ddhh.gov.cl/comisiones/>, acceso el 10/11/2016. De acuerdo con el cuestionario respondido por el *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales*, el archivo de la *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación* posee acceso limitado y su custodia legal está bajo la guardia del Instituto Nacional de DDHH (INDH) desde 2009. Esta custodia es compartida con el detentor físico del archivo del *Informe Rettig* que, desde 2010, se encuentra en el *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*. Consultar: <http://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/catalogo-de-fondos-y-donantes/>, acceso el 10/11/2016.

160. De acuerdo con el cuestionario respondido por el *Observatorio de Justicia Transicional da Universidad Diego Portales*, el archivo de la *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación* posee acceso limitado y su custodia legal está bajo la guardia del Instituto Nacional de DDHH (INDH), desde 2009. Esta custodia está compartida con el detentor físico del archivo del *Informe Rettig* que, desde 2010, se encuentra en el *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*. Consultar: <http://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/catalogo-de-fondos-y-donantes/>, acceso el 10/11/2016.

la humanidad en las acciones judiciales.¹⁶¹ De acuerdo con los informes expedidos por el *Programa de Derechos Humanos* sobre las resoluciones judiciales en materia de violaciones de derechos humanos en el año de 2016, respecto a la desaparición forzada, las decisiones de la Sala Penal de la Corte Suprema fueron: i) El 24 de octubre de 2016 se sentenció definitivamente el caso de Marcelo Concha Bascañán, *detenido desaparecido* desde el 10 de mayo de 1976. Los ex-agentes de la Dirección de Inteligencia Caniocal (DINA) Pedro Espinoza Bravo, Carlos López Tapia, Rolf Wenderoth Pozo, Ricardo Lawrence Mires y Juan Morales Salgado fueron condenados a 10 años de prisión y a pagar indemnizaciones para tres hijos de \$ 100 millones y para un hermano de \$ 50 millones¹⁶²; ii) El 7 de noviembre de 2016, la sentencia de la Corte de Santiago fue confirmada por la Corte Suprema en el caso de José Calderón Ovalle, dirigente de la *Población Lo Hermida de Santiago, detenido desaparecido* desde el 17 de febrero de 1975. Por el crimen de secuestro calificado fueron condenados a siete años de prisión los ex-agentes de la DINA: Miguel Krassnoff Martchenko y Rolf Wenderoth Pozo. Es importante observar que el *Programa de Derechos Humanos* forma parte requirente de esta causa; iii) el 8 de noviembre de 2016, el caso de Jorge Ortiz Moraga, *detenido desaparecido* en la Operación Colombo desde 12 de diciembre de 1974, recibió sentencia. Por el crimen de secuestro calificado fueron condenados el ex-agentes Pedro Espinoza Bravo y Miguel Krassnoff Martchenko.¹⁶³

De acuerdo con el cuestionario contestado por el OJTUDP, hasta este año (2016) hay más de mil causas penales abiertas (230 ya cerradas) sobre las más de 3.000 personas que en el periodo de terrorismo de Estado fueron víctimas de desaparición forzada o de ejecución. Acciones de reparación por graves violaciones de derechos humanos, como la tortura, también están contabilizadas en el número de acciones penales.

161. Según el cuestionario contestado por el *Observatorio de Justicia Transicional de la Universidad Diego Portales*, el Balance 2015, realizado por el Programa de Derechos Humanos, indicó que, hasta 30 de noviembre de 2015, la Corte Suprema informaba que había un total de 1.048 causas judiciales (investigaciones) por violaciones de derechos humanos cometidas en el periodo dictatorial. Este *Programa de Derechos Humanos* formaba parte de 942 de las causas, representando un total de 1.762 víctimas de desapariciones forzadas o ejecutados políticos. Ver informes en: <http://www.ddhh.gov.cl/estadisticas/>, acceso el 01/11/2016.

162. \$ 5.000.000,00 millones de pesos chilenos equivale a cerca de US\$ 7.476,00 dólares, \$100.000.000,00 millones de pesos chilenos equivale a cerca de US\$ 149.520,00 dólares.

163. Informaciones sacadas de los informes nº1 (24 a 31/10/2016) y nº 3 (07 a 13/11/2016), disponibles en: <http://www.ddhh.gov.cl/> acceso el 10/11/2016. Se observa que la Ley nº 20.357 de 2009 tipifica crímenes contra la humanidad, genocidio, crímenes y delitos de guerra, sin especificar, tal cual instruido por los instrumentos internacionales, o sea, la desaparición forzada como delito autónomo. Consultar: <https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=1004297&idParte=> acceso el 01/11/2016.

2.7 Consideraciones Finales

En la segunda parte de este informe se buscó realizar una recopilación de las decisiones de la Corte IDH para los casos de desaparición forzada, las que llevaron a la condena de los países que poseen representantes que actúan en la materia de la justicia transicional vinculados con la RLAJT. Por lo tanto, se buscó demostrar, de forma cronológica, cuáles sentencias estaban determinadas por la Corte IDH y, a partir de la reincidencia de las condenaciones, se agrupó a los Estados para analizar, aunque parcialmente, los impactos de las decisiones al interior de esos Estados. Es importante recordar que el enfoque privilegiado, así como en el Capítulo 1, siguió siendo la judicialización, o sea, la responsabilidad penal o civil y la constitución, preservación y acceso a los archivos.

La muestra de las decisiones seleccionadas, la primera y la última sentencia relacionadas con cada país, proferidas por la Corte IDH, indicó que los casos de desaparición forzada son variados. Además de la variación de las víctimas, niños mujeres y hombres de las más variadas edades, etnias, actividades profesionales, compromiso político, las motivaciones, evidentes o no, se unen con las particularidades de diversos contextos sociales, económicos y políticos.

Los datos apuntados por los representantes e investigados por la consultora sobre la judicialización de los casos de desaparición forzada revelan que es baja la cantidad de peticiones a la CIDH si se compara con el número aproximado de casos en el ámbito interno de cada país. Además de esa constatación, fue posible observar que:

- Perú, Guatemala y Colombia, están en procesos diferenciados de resolución de sus obligaciones frente a las sentencias condenatorias de la Corte IDH. Los tribunales domésticos de Perú y de Guatemala, países que poseen los mayores números de condenas por desaparición forzada en la Corte IDH, ocho y siete respectivamente, están trabajando, aunque morosamente, para lograr la sanción de perpetradores de violaciones de derechos humanos. Colombia, condenada seis ocasiones por la Corte IDH por desaparición forzada, atraviesa por un proceso de construcción de un acuerdo de paz y, por lo tanto, el asunto de la responsabilidad penal, aún parece ser tabú para algunos operadores de justicia;
- El Salvador, México y Argentina también impulsan el cumplimiento de las sentencias de la Corte IDH en escala diferencial. El Salvador y Argentina tienen similitudes en los altos índices de casos de niños victimados por la desaparición forzada y secuestradas en el propio país y en el exterior; sus tribunales internos operan con límites

distintos. El Salvador está en la expectativa de la repercusión de la declaración de inconstitucionalidad de la Ley de Amnistía en el 2016, mientras que en Argentina las condenas por apropiaciones de niños y desaparición forzada ya es realidad hace más de una década. Sin embargo, Argentina fue condenada por la Corte IDH por crímenes de desapariciones forzadas cometidas ya a inicios del siglo XXI, en el periodo posterior a la dictadura civil-militar, acercándose, así, al caso de México. Las condenaciones por desaparición forzada del país mexicano también manejan con crímenes del pasado y del presente;

- Brasil y Uruguay, países que poseen una condena para cada Estado por los crímenes de desaparición forzada durante las dictaduras civil-militares, poseen las posiciones de su poder judicial como obstáculos para la responsabilidad penal. En Brasil el Supremo Tribunal Federal mantuvo en el 2010 la interpretación de la ley de amnistía como prevista en 1979, en Uruguay la Suprema Corte de Justicia juzgó inconstitucional, en el 2011, la Ley n° 18.831, aprobada por el legislativo y ejecutivo, la que permitía la persecución penal para crímenes contra la humanidad;
- Chile, país que no posee condenas en la Corte IDH por desaparición forzada, sino que por ejecución extrajudicial, tuvo, en sus tribunales domésticos, una considerable repercusión sobre la interpretación de los crímenes contra la humanidad con ello superan el obstáculo que representa la ley de amnistía.

Todos los países poseen una fuerte red de grupos de familiares de víctimas de desaparición forzada que aportan mucho para los avances en el derecho a la verdad, a la memoria y a la justicia. La alternativa a las dificultades de negación del Estado sobre los crímenes de desaparición forzada y el acceso a la información pública, ha sido la creación de acervos particulares con la concentración de documentos, testigos, dossier, informes y otros creados por pequeños grupos u organizaciones no-gubernamentales que, en algunos casos, han sido útiles a lo largo de los años como objeto de prueba. Estos materiales, por depender de la organización y de la inversión estatal en políticas de memoria, complementaron informes nacionales de comisiones de la verdad o pasaron a componer acervos de memoriales y otros espacios de memoria y reparación.

Una necesidad evidente, común a todos los países de este estudio, es la urgencia de la implementación y aplicabilidad de protocolos de investigación y búsqueda de personas desaparecidas, por medio de planes nacionales distribuidos en políticas permanentes que no dependan estrictamente de procesos judiciales. Las acciones penales son fundamentales para la

determinación de responsabilidades, pero no siempre estos procesos generan claridad sobre las circunstancias en que ocurrieron los crímenes, situación que deja las familias en espera y huérfanas del derecho a la verdad. Al Estado le toca garantizar la resolución de los casos carentes de respuestas y a su brazo jurídico el deber moral de permitir la persecución penal, con el fin de proteger posibles víctimas y posibilitar la no repetición de este crimen que sigue sumando víctimas en los países latinoamericanos en diversas realidades.

[Volta ao Sumario]

Nota de conclusión sobre la investigación de informes sobre la desaparición forzada: justicia y archivos

Este informe atiende a la consultoría de investigación temática sobre *desaparición forzada: judicialización y archivos* con vigencia de abril a diciembre de 2016. El estudio exigió, a través de convocatoria, 03 productos: i) informe con el plan de trabajo; ii) sistematización y análisis del histórico de la judicialización y del tratamiento de archivos sobre la desaparición forzada en los países indicados; iii) análisis crítico, a partir de las informaciones recopiladas. El producto 01 fue presentado a la orientación en mayo de 2016; los demás productos, 02 y 03, componen este informe, fechado en noviembre de 2016.

Durante los meses de investigación y recopilación de datos se elaboraron 3 instrumentos de recopilación de informaciones sobre la desaparición forzada en los países que poseen grupos en la RLAJT: i) cuestionario sobre judicialización; ii) cuestionario sobre archivos; iii) entrevistas grabadas presenciales o por *skype*.

Los cuestionarios fueron contestados cuidadosamente por representantes de las instituciones afiliadas a la RLAJT. Los materiales destinados a la consultoría fueron fundamentales para el esbozo de un panorama sobre los procesos de justicia transicional de los países latinoamericanos. Así, el hecho de compartir materiales sobre las acciones que se están realizando por los Estados o por la sociedad civil alimentó el estudio y brindará oportunidad para el cruce transnacional de un diálogo crítico durante el III Congreso Internacional sobre Justicia Transicional.

Las entrevistas tuvieron un guión de acuerdo con la inserción social de cada persona seleccionada lo que resultó en 12 entrevistas, con la perspectiva de variados segmentos en la materia abordada, a saber: Victória Lavínia Grabois, Suzana Keniger Lisboa, familiares brasileñas de víctimas de desaparición forzada y comprometidas con la lucha por la verdad, memoria y justicia en Brasil; Eugênia Augusta Gonzaga, fiscal regional de la República y presidenta de la Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos en Brasil; Marlon Alberto Weichert, fiscal regional de la República de Brasil; Daniel Josef Lerner, delegado de la Policía Federal y coordinador general de la Comisión Especial sobre Muertos y Detenidos Desaparecidos

en Brasil; José Pablo Baraybar, antropólogo forense del Equipo Peruano de Antropología Forense; José Carlos Agüero, historiador peruano y ex-investigador de la Comisión de la Verdad y Reconciliación; Vanina Agostini investigadora del archivo del Ministerio de Defensa de la República Argentina; Angela Méndez, abogada del CEJIL en Guatemala; Elsy Flores Arcinio Saira Caballero, de la Comisión Nacional de Búsqueda de El Salvador; José José Carlos Moreira da Silva Filho, profesor de Derecho y ex-vice-presidente de la Comisión de Amnistía del Ministerio de Justicia de Brasil; Pietro Sferrazza, profesor de Derecho en Chile. Les agradezco a todos por la disponibilidad y participación.

La producción de datos, entre cuestionarios y entrevistas transcritas, resultó en más de 350 páginas con información de 15 horas de grabación en audios. El material posee gran potencial y por el enfoque de la investigación y del tiempo limitado no ha sido explotado en su totalidad. Estas fuentes quedarán bajo la guardia de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT que seguirá promoviendo investigaciones y dándole subsidios para estudios sobre esta temática tan urgente en los contextos políticos y sociales de los países involucrados.

El trabajo envidado por la consultoría contó con el aporte de muchas personas, las que me gustaría agradecer: a la orientación criteriosa y cuidadosa del Profesor Emilio Peluso Neder Meyer, así como su coordinación estimulante a los equipos de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT y del Centro de Estudios sobre Justicia Transicional (CJT) en Belo Horizonte, como también al equipo de la Secretaría Ejecutiva de la RLAJT de Brasília, coordinado por la Profesora Camila Cardoso de Melo Prado, en especial a la consultora Cláudia Paiva Carvalho por todo el involucramiento, empeño y compromiso con los trabajos de la RLAJT y constantes aportes para esta investigación; a los representantes y colaboradores de las instituciones afiliadas a la RLAJT que atendieron a los pedidos de materiales y producción de datos: Boris Hau, Carlos Mauricio López Cárdenas, Cath Collins, Félix Réategui Carrillo, Iris Jave, Lorena Vílchez, David Pachas, Lorenzo Acosta Valencia, Lucía Chávez, Luz Palmás Zaldúa, María Eugenia Carrera, Mario Cépeda, Marisol Hernández García, Pablo Galain Palermo, Rafael Herrarte, Renata Scaglione, Silvia Cuéllar, Valeria Moscoso; a las consultoras que elaboraron estudios para y sobre la RLAJT: Carla Osmo, Shana Marques Prado dos Santos y Isabelle Maria Campos Vasconcelos Chehab; a los estudiantes graduados en Derecho de la UFMG que de forma voluntaria realizaron la transcripción de las entrevistas brasileñas: Paulo Repolês, Raquel Khouri, Jéssica Holl; al Professor de la facultad de Letras Rômulo Monte Alto y su equipo por haber realizado el trabajo de transcripciones de las entrevistas en español; a Paula Zawadzki por la traducción del informe

al español; por el prefacio le agradezco a María Eugênia Carrera Chávez y Lucía Guadalupe Chávez Vargas y al equipo de la Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos quienes también han realizado la revisión de la versión del informe en español.

Paralelamente a los trabajos de informes de esta investigación se realizaron, en los últimos meses, variados eventos académicos como ponencias, mini-cursos y películas comentadas. Además de los subsidios de contenido para actividades del 2016 participé durante esta consultoría de la organización del material escrito y gráfico para atender la exposición sobre el tema ‘amnistía y justicia transicional’ que se realizará a principio del año 2017, en Belo Horizonte, como parte del Proyecto Memorial de la Amnistía Política de Brasil.

[Volta ao Sumario]

Referências

Artículos, libros y trabajos académicos

ABRAMOVICI, Pierre. Cómo nace el terror en América Latina. *Le Point – El Correo*. 05/01/06. Disponível em: - www.aporrea.org/actualidad/a18764.html acesso julho de 2016.

ARTHUR, Paige. Como as “transições” reconfiguraram os Direitos Humanos: uma história conceitual da Justiça de Transição. In: REÁTEGUI, Félix (Coordenação). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça e Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. Pp. 73-134.

BAUER, Caroline Silveira. *Brasil e Argentina: desaparecimentos e políticas de memória*. Porto Alegre: Medianiz 2012.

BERNARDI, Bruno Boti. Justiça de transição e as leis de anistia na Corte Interamericana de Direitos Humanos. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 411-444

BURT, Jo-Marie. Desafiando a impunidade nas cortes domésticas: processos judiciais pelas violações de direitos humanos na América Latina. In: REÁTEGUI, Felix (Orgs.). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. p. 307-338.

FILHO, José Carlos Moreira da Silva. *Justiça de transição da ditadura civil-militar ao debate justransicional. Direito à memória e à verdade e os caminhos da reparação e da anistia no Brasil*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. Editora, 2015.

GONZÁLEZ, Juan Luis Modolell. El crime de desaparición forzada de personas según la jurisprudencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos. *Revista de Derecho PUCP*, 2009, num. 63. pp. 139-152.

JARDIM, Tarciso Dal Maso. *Crime do Desaparecimento Forçado de Pessoas. Aproximação e Dissonâncias entre o Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos e a Prática Brasileira*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

MARTIN-CHENUT, Kathia. O sistema penal de exceção em face do direito internacional dos direitos humanos. IN: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009. Volume I. pp. 226-249.

MARTINS FILHO, João Roberto. Tortura e ideologia: os militares brasileiros e a doutrina da *guerre révolutionnaire* (1959-1974). In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009. Volume I. pp. 179-202.

MEYER, Emílio Peluso Neder Meyer. *Ditadura e responsabilização: elementos para uma justiça de transição no Brasil*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2012.

MEYER, Emilio Peluso Neder. Judicialização da Justiça de Transição: Impactos a partir e sobre o Constitucionalismo Contemporâneo. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 105-135.

MOLINA THEISSEN, Ana Lucrecia. *La Desaparición Forzada de Personas en América Latina*. KO'AGA ROÑE'ETA. Se.vii. 1998. Disponível em: <http://www.derechos.org/vii/molina.html> acesso em setembro de 2016.

OSMO, Carla. *Direito à verdade: Origens da conceituação e suas condições teóricas de possibilidade com base em reflexões de Hannah Arendt*. Tese de Doutorado – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERRSUSO, Camila Akemi. *O desaparecimento forçado de pessoas no Sistema Interamericano de Direitos Humanos – Direitos Humanos e Memória*. Dissertação de Mestrado em Direito. Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2010.

SFERRAZZA, Pietro. *La responsabilidad internacional del Estado por desapariciones forzadas de personas. Obligaciones internacionales y atribución*. Tesis Doctoral del Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas. Getafe, 2014.

SILVA CHAU, Marisela. *Problemática de las personas desaparecidas y sus familiares: aporte de la Asamblea General de la OEA a través de sus resoluciones 2005 y 2006*. Disponível em: <https://www.icrc.org/spa/resources/documents/feature/missing-feature-310806.htm> Acesso em junho de 2016.

TEITEL, Ruti. Genealogia da Justiça Transicional. In: REÁTEGUI, Felix (Orgs.). *Justiça de Transição: Manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011. (artigo original publicado em 2003). Pp.135-170.

TORELLY, Marcelo D. A formação da norma global de responsabilidade individual: Mobilização política transnacional, desenvolvimento principiológico e estruturação em regras internacionais e domésticas. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito PUCRS*. Porto Alegre, julho/dezembro de 2013. Vol. 5 – número 2, p.298-318.

TORELLY, Marcelo D. Gomes Lund vs. Brasil cinco anos depois: Histórico, impacto, evolução jurisprudencial e crítica. In: PIOVESAN, Flávia; SOARES, Virgínia Prado. (Coordenadoras). *Impacto das Decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos na Jurisprudência do STF*. Salvador: Ed. JusPodivm, 2016. p. 525-560.

Documentos e informes

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório/Comissão Nacional da Verdade, v. 1, 2 e 3. Brasília: CNV, 2014.

COLLINS, Cath. *Respuestas estatales a la desaparición forzada en Chile: aspectos forenses, policiales y jurídicos*. Chile: Observatorio de Justicia Transicional, 2016. Disponível em: <http://www.derechoshumanos.udp.cl/derechoshumanos/index.php/publicaciones/func-startdown/452/%EF%BF%BD> acesso em setembro de 2016.

COMISIÓN NACIONAL SOBRE LA DESAPARICIÓN DE PERSONAS (CONADEP). *Nunca Más*. Argentina, 1984.

CHEHAB, Isabelle Maria Campos Vasconcelos. *Produto nº 03 – Relatório contendo análise sobre as comissões da verdade criadas nos países membros da RLAJT, seu mandato, forma de atuação, seus legados, produtos e consequências no país em questão*. Brasília: Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, maio de 2016.

HENCKAERTS, Jean Marie; BECK, Louise Doswald. *El derecho Internacional Humanitário consuetudinário*. Volumen I: Normas. Comité Internacional

de la Cruz Roja – CICR / Centro de Apoyo en Comunicación para América Latina y el Caribe. Argentina, 2007.

MINISTERIO PÚBLICO DE LA DEFENSA. *La ONU reiteró su preocupación con respecto a la falta de autonomía funcional y presupuestaria de la Defensoría Pública*. 25 de julio de 2016. Disponible em: < <http://www.sppdp.gob.ar/site/prensa-y-difusion/partes-de-prensa/2016/Parte%20de%20Prensa%2002-08-2016.pdf>> acceso em agosto de 2016.

NAÇÕES UNIDAS. *Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos*. Ficha Informativa N° 13. Rev. I. Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos / Gabinete de Documentação e Direito Comparado Procuradoria Geral da República. Edição portuguesa. Lisboa, 2002.

NAÇÕES UNIDAS. *Direitos Humanos – Desaparecimentos Forçados ou Involuntários*. Ficha Informativa N°6. Rev.2. Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem e Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos / Gabinete de Documentação e Direito Comparado Procuradoria Geral da República. Edição portuguesa. Lisboa, 2001.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA); COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. *Informe sobre la situación de los derechos humanos en Chile*. OEA/Ser.L/V/II.34. 25 de outubro de 1974. Disponível em <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Chile74sp/indice.htm> acesso em agosto de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU BRASIL). Comitê da ONU pede investigação sobre caso de desaparecimento forçado na Argentina. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/comite-da-onu-pede-investigacao-sobre-caso-de-desaparecimento-forcado-na-argentina/>> acesso em agosto de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Consejo de Derechos Humanos. Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias. *Comunicaciones, casos examinados, observaciones y otras actividades realizadas por el Grupo de Trabajo sobre las Desapariciones Forzadas o Involuntarias*. 108º período de sesiones (8 a 12 de febrero de 2016). Doc. A/HRC/WGEID/108/1. 15 de abril de 2016.

OSMO, Carla. *Judicialização da Justiça de Transição na América Latina/ Judicialización de la justicia transicional en América Latina*. Brasília,

Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016. Tradução para o espanhol: Nathaly Mancilla Órdenes.

PNUD – Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. *La Apuesta por la Paz y el Desarrollo* (Informe de resultados 2008-2015). Colombia, 2016.

UNIÓN INTERPARLAMENTARIA/CICR. Guía para los parlamentarios. Ginebra/Nueva York: Unión Interparlamentaria/Oficina del Observador Permanente de la UIP ante la ONU/Comité Internacional de la Cruz Roja, 2009.

Jurisprudência internacional

Sentenças e resoluções de supervisão de cumprimento de sentença da Corte IDH sobre o desaparecimento forçado para os países estudados.

Normativas

Convención contra la Tortura y Otros Tratos o Penas Crueles, Inhumanos o Degradantes. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CAT.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convención Internacional para la protección de todas las personas contra las desapariciones forzadas. <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ConventionCED.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convención sobre la imprescritibilidad de los crímenes de guerra y de los crímenes de lesa humanidad. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/WarCrimes.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convenio de Ginebra relativo al trato debido a los etodologias de guerra. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/TreatmentOfPrisonersOfWar.aspx> acesso em setembro de 2016.

Convenio de Ginebra relativo a la protección debida a las personas civiles en tiempo de guerra. <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtectionOfCivilianPersons.aspx> acesso em setembro de 2016.

Declaración sobre la protección de todas las personas contra las desapariciones forzadas de 18 de dezembro de 1992 (A/RES/47/133). Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N93/091/21/IMG/N9309121.pdf?OpenElement> acesso em setembro de 2016.

Declaración Universal de Derechos del Hombre. Disponível em: [http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217\(III\)&referer=http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/UDHRIndex.aspx&Lang=S](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/217(III)&referer=http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/UDHRIndex.aspx&Lang=S) acesso em setembro de 2016.

Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CCPR.aspx> acesso em setembro de 2016.

Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales y Culturales. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/CESCR.aspx> acesso em setembro de 2016.

Principios de cooperación internacional en la identificación, detención, extradición y castigo de los culpables de crímenes de guerra, o de crímenes de lesa humanidad. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/PersonsGuilty.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo Adicional a los Convenios de Ginebra del 12 de agosto de 1949 relativo a la Protección de las Víctimas de los Conflictos Armados Internacionales (Protocolo I). <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtocolI.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo adicional a los Convenios de Ginebra del 12 de agosto de 1949 relativo a la protección de las víctimas de los conflictos armados sin carácter internacional (Protocolo II). Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/ProtocolII.aspx> acesso em setembro de 2016.

Protocolo Facultativo del Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos. Disponível em: <http://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/OPCCPR1.aspx> acesso em setembro de 2016.

Entrevistas realizadas

AGÜERO, José Carlos; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista em Belo Horizonte – Brasil/Peru. 04 de outubro de 2016.

AGOSTINI, Vanina; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Argentina. 06 de outubro de 2016.

BARAYBAR, José Pablo; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Sri Lanka. 24 de agosto de 2016.

FLORES, Ely; CABALLERO, Arcinio Suiro; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/El Salvador. 24 de agosto de 2016.

GONZAGA, Eugênia Augusta; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 02 de julho de 2016.

GRABOIS, Victória Lavínia; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 22 de julho de 2016.

LERNER, Daniel Josef; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 04 julho de 2016.

LISBOA, Suzana Keniger; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada em Porto Alegre. 17 de setembro de 2016.

MÉNDEZ, Angela; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Guatemala. 13 de setembro de 2016.

FILHO, José Carlos Moreira da Silva; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada em Porto Alegre. 27 de junho de 2016.

SFERRAZZA, Pietro; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil/Chile. 1º de setembro de 2016.

WEICHERT, Marlon Alberto; VARGAS, Mariluci Cardoso de. Entrevista realizada por Skype – Brasil. 27 de julho de 2016.

[Volta ao Sumario]

ANEXOS I

CUESTIONARIO DESAPARICIÓN FORZADA: JUDICIALIZACIÓN

1. ¿Su país ha ratificado las principales convenciones internacionales sobre desaparición forzada?

Si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

Ejemplo de las convenciones: Declaración sobre la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas, de 1992 y la Convención Internacional para la Protección de Todas las Personas contra las Desapariciones Forzadas, del 2010, ambas de la ONU; Convención Interamericana sobre la Desaparición Forzada de Personas, de 1994; Estatuto de Roma del Tribunal Penal Internacional, de 1998

2. ¿Su país ha sido condenado por alguna sentencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos referente a los casos de desapariciones forzadas?

Si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

Si la respuesta de la cuestión 2 fue **SÍ**, contesta la cuestión 2.1

2.1 ¿La sentencia fue cumplida por su país?

Si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

3. ¿En su país existen procesos penales sobre crímenes de desaparición forzada?

Si tu respuesta ha sido SÍ indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

4. ¿Hay algún proceso penal en desarrollo contra los agentes públicos o grupos paramilitares que practicaron el delito de desaparición forzada?

Si tu respuesta ha sido SÍ indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

5. ¿Hay algún proceso penal en desarrollo contra agentes o grupos paramilitares extranjeros que practicaron el delito de desaparición forzada?

Si tu respuesta ha sido SÍ indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

5. ¿Hay algún proceso penal en desarrollo contra agentes nacionales en otros países, los que practicaron el delito de desaparición forzada más allá de las fronteras?

Si tu respuesta ha sido SÍ indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

7. ¿La desaparición forzada tiene una tipificación propia en la legislación penal de su país?

Si tu respuesta ha sido SÍ indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

Si ha contestado **SÍ** en la cuestión 7 conteste a las cuestiones 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4.

7.1 ¿La desaparición forzada empezó a ser un tipo penal hace aproximadamente cuánto tiempo?

- menos de 5 años
- menos de 10 años
- menos de 15 años
- menos de 20 años
- menos de 30 años
- No tengo información

7.2 Para los casos en los que la desaparición forzada sea un tipo penal, ¿le parece que la pena es proporcional a la gravedad del delito?

- la pena es proporcional a la gravedad
- la pena no es proporcional a la gravedad

7.3 ¿Hay algún debate en desarrollo entre juristas o grupos de derechos humanos sobre la proporcionalidad de la pena con la gravedad del delito o la discusión ya se ha superado? Si tu respuesta ha sido **SÍ** indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

7.4 ¿Si en su país ya ocurrieron condenas por desaparición forzada, la sentencia se dio exclusivamente por el tipo penal o en conjunto con otros delitos (como secuestro, tortura, ocultación de cadáver, etc.)?

- condena efectuada por el crimen de desaparición forzada exclusivamente
- condena efectuada por la desaparición forzada junto con otros crímenes
- No tengo información

si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

Si ha contestado **No** en la cuestión 7, conteste 7.1 y 7.2

7.1 ¿Está en desarrollo alguna propuesta de reforma de la legislación penal en la que se considere la desaparición forzada como tipo penal?

Si tu respuesta ha sido **SÍ** indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

7.2 ¿Hay condenas en su país en las que el condenado, aunque haya sido acusado por conducción de desaparición forzada, haya sido responsabilizado con base a otros tipos penales (como secuestro, tortura, ocultación de cadáver, etc.)?

Si tu respuesta ha sido **SÍ** indique el caso y, si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

8. ¿Desde hace cuánto los casos de desaparición forzada comenzaron a ser denunciados ampliamente?

desde el periodo de las dictaduras y conflictos armados

a partir de 5 años después de la transición

cerca de 10 años después de la transición

cerca de 15 años después de la transición

más de 15 años después del final de las dictaduras y conflictos

No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

9. ¿Las denuncias de crímenes de desaparición forzada partieron de grupos de derechos humanos?

Sí No Otros grupos No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

¿Existe reconocimiento gubernamental para las víctimas de desaparición forzada de crímenes ocurridos en la última dictadura o conflicto armado?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

10. ¿En su país hubo la constitución de comisiones de la verdad o de otro tipo para investigar los casos de desapariciones forzadas?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

11. ¿Cuál es el número de víctimas de desapariciones forzadas apuntadas por el Estado durante la última dictadura o conflicto armado?

de 1 a 500 personas

entre 500 y 1000 personas

entre 1000 y 5000 personas

más de 5000 personas

No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

12. ¿Hay conflicto entre los números reconocidos por el Estado y los números de organizaciones de los derechos humanos?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

13. ¿Cuál es el número de víctimas de desapariciones forzadas apuntadas por el Estado después de la última dictadura o el término de conflicto armado?

de 1 a 500 personas

- entre 500 y 1000 personas
- entre 1000 y 5000 personas
- más de 5000 personas
- No tengo información

14. ¿Existe en su país alguna legislación, proyecto o política pública de control de las desapariciones?

- Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

15. ¿Cuántos juicios sobre la desaparición forzada han ocurrido en su país?

- ninguno
- menos de 10
- entre 10 y 50
- más de 50
- No tengo información

Si posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

16. ¿Hay programas de protección para familiares de víctimas de la desaparición forzada?

- Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

17. ¿Hay programas de reparación (económica, psicológica o de cualquier tipo) para familiares de víctimas de desaparición forzada?

- Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

18. ¿Hay algún tipo de reparación o amnistía *post mortem* a las víctimas de desaparición forzada?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

19. ¿Hay memoriales o espacios de memoria dedicados a las víctimas de desaparición forzada?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

20. ¿Hay alguna legislación que obligue que la temática de la desaparición forzada sea trabajada en los currículos escolares?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

21. ¿Hay no en el calendario anual algún día de luto en homenaje a las víctimas de la desaparición forzada?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

22. ¿Hay proyectos de reformas institucionales para impedir los crímenes de desapariciones forzadas?

Sí No No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

Otras informaciones:

Si acaso usted tiene cualquier otra información que juzgue pertinente para complementar ese cuestionario, por favor, indique a continuación.

Espacio para indicaciones, enlaces o contactos sobre documentales, películas, acervos virtuales o personas que hayan participado activamente para el avance de la judicialización de casos de desaparición forzada.

¡Gracias por su atención!

[Volta ao Sumario]

ANEXO II

CUESTIONARIO DESAPARICIÓN FORZADA: ARCHIVOS

Cuestionario para recoger informaciones y datos para el informe “Desaparición Forzada: justicia y archivos” de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional, bajo la responsabilidad de la consultora Mariluci Vargas y la coordinación del profesor Emilio Meyer.

Identificación

Miembro de la Red Latinoamericana de Justicia Transicional:

Nombres de los representantes que contestan el cuestionario:

País representado:

1. La custodia de los archivos de gobierno (Ministerio de Defensa, Ministerio de Justicia, Ministerio de las Relaciones Exteriores etc.) y de las fuerzas armadas, producidas durante el periodo de la última dictadura o conflicto armado interno ¿están bajo la responsabilidad de un archivo nacional o público?

sí

no

No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

2. Caso su país haya tenido una Comisión de la Verdad o de investigación de los casos por desaparición forzada, ¿los documentos producidos y/o recogidos por la Comisión se encuentran a la disposición para acceso?

sí

no

No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? () sí () no

3. Caso su país haya tenido una Comisión de la Verdad o de investigación de los casos por desaparición forzada, ¿hubo recogida de testimonios?

() sí

() no

() No tengo información

¿Este acervo se encuentra a la disposición para el acceso?

() sí

() no

() No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? () sí () no

4. ¿Los archivos de policías estatales o de secretarías de seguridad pública del periodo dictatorial se encuentran bajo la guardia de archivos estatales?

() sí

() no

() No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? () sí () no

5. ¿Hay restricción para el acceso a los archivos de la represión?

() sí

() no

() No tengo información

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? () sí () no

6. ¿Hay algún programa del Estado para descalificación de informaciones consideradas sigilosas?

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

7. ¿Existen grupos y entidades de derechos humanos que trabajan en las búsquedas de archivos sobre desapariciones forzadas?

Sí No No tengo información

¿material adjunto? sí no

8. ¿Hay grupos y entidades de derechos humanos que trabajan en la constitución de archivos sobre desapariciones forzadas?

Si es posible, adjunte algún material o enlace sobre el asunto.

¿material adjunto? sí no

Mencione algunas estrategias de grupos de familiares de desaparecidos y de entidades de derechos humanos para el acceso a los documentos considerados sigilosos por el Estado.

Otras informaciones:

Si usted tiene cualquier otra información que juzgue pertinente para complementar a ese cuestionario, por favor, indique a continuación.

Espacio para indicaciones, enlaces, contactos, películas, acervos virtuales o personas que hayan participado activamente para el avance de la preservación y el acceso de archivos sobre los casos de desaparición forzada.

[Volta ao Sumario]

ANEXO III

GUIÓN BASE DE UNA DE LAS ENTREVISTAS BRASILEÑAS: VICTÓRIA GRABOIS

1. Me gustaría que usted hablara un poco de su trayectoria sobre las experiencias relacionadas con la desaparición forzada.
2. ¿Cómo se ha involucrado con el Grupo Tortura Nunca Más (GTNM) de Rio de Janeiro y cuál es la relación del GTNM con las denuncias para la judicialización de los crímenes de tortura en general y específicamente sobre las desapariciones forzadas?
¿Cómo fue el proceso del caso *Gomes Lund (guerrilla de Araguaia) vs. Brasil* hasta la Sentencia de la CIDH en el 2010? ¿Usted ve avances después de la condena de Brasil?
3. ¿Cómo evalúa usted la relación de las comisiones y proyectos de memoria y reparación del Estado brasileño a las víctimas de desaparición forzada y sus familiares?
4. ¿Cómo el informe de la Comisión Nacional de la Verdad puede aportar para la judicialización de las graves violaciones de los derechos humanos?
5. ¿Cuál es mayor obstáculo para la impunidad sobre los crímenes de desaparición forzada?
6. En mayo de este año la Presidenta Dilma aprobó el Decreto n° 8.766 que promulgó la Convención Interamericana sobre la Desaparición Forzada de Personas, firmada en Brasil en 1994. ¿Usted cree en efectos prácticos provenientes de esta acción, como reformas en la legislación penal para la tipificación de la desaparición forzada, por ejemplo?

Guión base de una de las entrevistas en español: José Pablo Baraybar

1. Los países estudiados por la RLAJT son: Argentina, Brasil, Chile, Colombia, El salvador, Guatemala, México, Perú y Uruguay. ¿En cuáles de los países presentados usted ha trabajado?

2. De los países presentados, cuál, en su opinión, tiene más inversiones para la identificación de las víctimas de la desaparición forzada?
 3. ¿Usted está de acuerdo de que las sentencias de la Corte Interamericana aceleran los procesos de justicia transicional en los países condenados por los casos de las desapariciones forzadas? Citar buenos ejemplos.
 4. ¿El Plan Nacional de Investigaciones Antropológico Forenses (PNIAF) ha aportado para los avances en la agenda de Perú?
 5. Mi investigación verifica los impactos de las condenaciones sobre los casos de desapariciones forzadas en los países que tienen organizaciones en la RLAJT. En este sentido, me gustaría preguntarle sobre su experiencia como testigo experto en los casos presentados ante la Corte Interamericana. ¿Los países de Latinoamérica están siguiendo los protocolos internacionales para las evaluaciones forenses?
 6. ¿De los casos de desapariciones forzadas presentados a la Corte IDH versus Perú, cuál se encuentra en una fase más avanzada para el cumplimiento de la sentencia? (caso Ernesto Rafael Castillo Páez)
 7. ¿Las instituciones forenses sociales de Equipo Peruana de Antropología Forense siguen estándares similares o tienen muchas diferencias en sus metodologías?
- ¿La base de los trabajos está en el derecho internacional humanitario?
8. ¿Cuáles son los principales retos para la identificación y la desaparición de las víctimas de retorno forzado en el 2016?
 9. Otras informaciones...

[Volta ao Sumario]

ANEXO IV

CUADRO DE RESOLUCIONES DE SUPERVISIÓN DE CUMPLIMIENTO DE SENTENCIA PARA LOS CASOS DE DESAPARICIONES FORZADAS JUZGADAS POR LA CORTE IDH DE LOS PAÍSES MIEMBROS DE LA RLAJT

País	Casos de desapariciones forzadas presentadas a la Corte IDH con destaque para la Supervisión de Cumplimiento de Sentencia*
Argentina	<p>Corte IDH. Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2004. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/garrido_17_11_04.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Garrido y Baigorria Vs. Argentina. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/garrido_27_11_07.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Torres Millacura y otros Vs. Argentina. Sentencia de 26 de agosto de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_229_esp.pdf</p>
Brasil	<p>Corte IDH. Caso Gomes Lund y otros (“Guerrilha do Araguaia”) Vs. Brasil. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de octubre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomes_17_10_14.pdf</p>
Chile	<p>Não há casos específicos de desaparecimentos forçados julgados pela Corte IDH</p>
Colômbia	<p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_11_02.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_11_03.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 de Diciembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_10_12_07.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 06 febrero de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_06_02_08.pdf</p>

Colômbia	<p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_17_11_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Caballero Delgado y Santana Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 27 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/caballero_27_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 07 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_07_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 22 de diciembre de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_22_12_10.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 28 de febrero de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_28_02_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/ituango_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de las Masacres de Ituango Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/masacres_21_05_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 2 de febrero de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_02_02_06.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_10_07_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_26_11_08.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 08 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_08_07_09.pdf</p>	

Colômbia	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia . Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 26 de junio de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/comerciantes_26_06_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso 19 Comerciantes Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 23 de junio de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/19comerciantes_23_06_16.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_26_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 09 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_09_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Pueblo Bello Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bello_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_26_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 08 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_08_07_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de febrero de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_08_02_12.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso de la Masacre de Mapiripán Vs. Colombia. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 23 de noviembre de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/mapiripan_23_11_12.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso Rodríguez Vera y otros (Desaparecidos del Palacio de Justicia) Vs. Colombia. Sentencia de 14 de noviembre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_287_esp.pdf</p>	

<p>El Salvador</p>	<p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 22 de septiembre de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_22_09_06.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 03 de julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_03_07_07.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 8 de diciembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_08_12_09.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 3 de febrero de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_03_02_10.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso de las Hermanas Serrano Cruz Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de septiembre de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/serrano_01_09_06.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Contreras y otros Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 14 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/contreras_14_05_13.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Contreras y otros Vs. El Salvador. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de septiembre de 2016. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/contreras_01_09_16.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Rochac Hernández y otros Vs. El Salvador. Sentencia de 14 de octubre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_285_esp.pdf</p>
<p>Guatemala</p>	<p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_27_11_02.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_%2027_11_03.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_27_11_07.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Blake Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 22 de enero de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/blake_%2022_01_09.pdf</p>

Guatemala	<p>de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_27_11_03.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 03 de marzo de 2005. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_03_03_05.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 4 de julio de 2006. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_04_07_06.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_10_07_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 13 de Diciembre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_13_12_2007.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 16 de enero de 2008. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_16_01_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Presidenta de la Corte Interamericana de Derechos humanos de 11 de noviembre de 2008. http://corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_11_11_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de enero de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Bamaca_27_01_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 18 de noviembre de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/bamaca_18_11_10.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Molina Theissen Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 10 de julio de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_10_07_07.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso Bámaca Velásquez Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias. Resolución de la Presidenta de Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de agosto de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_17_08_09.pdf</p>	

Guatemala	<p>Corte IDH. Caso Molina Theissen Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 16 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/molina_16_11_09.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Tiu Tojín Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 16 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/tiu_tojin_16_05_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Chitay Nech y otros Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 1 de diciembre de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/chitay_01_12_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Casos Masacres de Río Negro y Gudiel Álvarez y otros Vs. Guatemala. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de agosto de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/Rio_Negro_y_Gudiel_21_08_14.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso García y familiares Vs. Guatemala. Sentencia de 29 noviembre de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/serieC_258_esp.pdf</p> <p>Resolução geral. Corte IDH. 12 casos guatemaltecos. Supervisión de Cumplimiento de Sentencias respecto de la obligación de investigar, juzgar y, de ser el caso, sancionar a los responsables de las violaciones a los derechos humanos. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 24 de noviembre de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/12_casos_24_11_15.pdf</p>
México	<p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 19 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_19_05_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 1 de diciembre de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_01_12_11.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 28 de junio de 2012. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_28_06_12.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso Radilla Pacheco Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 14 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radillapacheco_14_05_13.pdf</p> <p>Corte IDH. Casos Radilla Pacheco, Fernández Ortega y otros, y Rosendo Cantú y otra Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de abril de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/radilla_17_04_15.pdf</p> <p>Corte IDH. Caso González y otras (“Campo Algodonero”) Vs. México. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de mayo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gonz%C3%A1lez_21_05_13.pdf</p>

Peru	<p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_27-11-02.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de noviembre de 2003. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_27_11_03.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Paéz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 17 de noviembre de 2004. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_17_11_04.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 3 de abril de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_03_04_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 19 de mayo de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_19_05_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Castillo Páez Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 26 de noviembre de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/castillo_26_11_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Durand y Ugarte Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 27 de Noviembre de 2002. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/durand_27_11_02.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Durand y Ugarte Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 05 de Agosto de 2008. http://corteidh.or.cr/docs/supervisiones/durand_05_08_08.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 18 de octubre de 2007. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_18_10_07.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 1 de julio de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_01_07_09.pdf</p>
<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución del Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos en ejercicio para el presente caso de 21 de diciembre de 2010. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_%2021_12_10.pdf</p>	
<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 05 de julio de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_05_07_11.pdf</p>	

Peru	<p>Corte IDH. Caso Gómez Palomino Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 13 de febrero de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gomez_13_02_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 28 de abril de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_28_04_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de septiembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_21_09_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Cantoral Huamaní y García Santa Cruz Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 22 de febrero de 2011. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantoral_22_02_11.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso La Cantuta Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 20 de noviembre de 2009. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/cantuta_20_11_09.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Anzualdo Castro Vs. Perú. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos de 21 de agosto de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/anzualdo_21_08_13.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Osorio Rivera y familiares Vs. Perú. Sentencia de 20 de noviembre de 2014. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_290_esp.pdf Sentencia de 26 de noviembre de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_274_esp.pdf</p>
	<p>Corte IDH. Caso Comunidad Campesina de Santa Bárbara Vs. Perú. Sentencia de 01 de septiembre de 2015. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_299_esp.pdf</p>
Uruguay	<p>Corte IDH. Caso Gelman Vs. Uruguay. Supervisión de Cumplimiento de Sentencia. Resolución de la Corte Interamericana de Derechos Humanos 20 de marzo de 2013. http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/gelman_20_03_13.pdf</p>

VARGAS, 2016.

*Tabela construída por la consultora con base en la información disponible en los cuestionarios y en el sitio de la Corte IDH – buscador de Jurisprudencia, disponible en: <http://www.corteidh.or.cr/cf/Jurisprudencia2/index.cfm?lang=es> acceso en 1/10/2016.

[Volta ao Sumario]



MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E CIDADANIA



REDE LATINO-AMERICANA DE
Justiça de Transição



UFMG

